

A ABORDAGEM CULTURALISTA E O ESTUDO DAS SUBJETIVIDADES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

SIMPÓSIO TEMÁTICO I

Coordenadores:

Leila Borges Dias dos Santos (UEG/UCG)

Euzébio Fernandes de Carvalho (IPEHBC/UCG/UFG)

MANUEL BANDEIRA E A ESCRITA NA LITERATURA: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES ANALISADAS POR UM VIÉS HISTORIOGRÁFICO

Aline Cristina Moura, UFU

alyneudi@yahoo.com.br

O trabalho ora proposto tem como objetivo principal a explicitação da construção de modos de ver e conviver com a cultura nos escritos de Manuel Bandeira, observando como se efetua essa escrita na literatura com base em dados do projeto de iniciação científica financiado pela FAPEMIG, realizado pela presente autora. Pautaremos nossas reflexões em acepções teóricas advindas da História Cultural. Observamos que suas obras representam um amplo terreno, capaz de nos mostrar o desenvolvimento da cultura brasileira na época do movimento modernista. Assim sendo buscaremos mostrar as marcas discursivas presentes em algumas de suas obras que explicitam o posicionamento deste autor. Nesta via de análise constatamos que essas marcas podem fornecer novos e relevantes ângulos deste período.

UM HOMEM EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE: OCTAVIO PAZ E O LABIRINTO DA SOLIDÃO

Anizio José do Carmo Júnior, UFG

magnizio@pop.com.br

Octavio Paz, grande pensador mexicano do século XX, destacou-se por uma grande obra intelectual que abrange ensaios de crítica literária e cultural, escritos políticos e importante produção poética. De sua obra, o que mais se destaca, pelo menos fora do México, são os seus ensaios – o mais conhecido é O labirinto da solidão – que suscitam interesse de antropólogos, sociólogos, críticos literários e historiadores. Em sua obra ensaística, a que nos interessa, são constantes os temas referentes à situação política da América Latina e México, bem como a discussão sobre a construção das identidades latino-americana e mexicana. Nosso objetivo é analisar os ensaios de Octavio Paz, em especial O labirinto da solidão, e sua trajetória intelectual, investigando como o autor estudou a construção da identidade nacional mexicana.

DIÁLOGO LATINO-AMERICANO: MANOEL BOMFIM E OS PRINCIPAIS DISCURSOS IDENTITÁRIOS LATINO-AMERICANOS

Cleiton Ricardo das Neves, UFG

cleitonintellectus@yahoo.com.br

Os principais discursos latino-americanos analisados aqui saíram da pena de Simón Bolívar, Domingo Sarmiento, José Martí, José Enrique Rodó e principalmente do brasileiro Manoel Bomfim. Tais discursos direta ou indiretamente construíram uma tradição de americanismo especificamente latino-americano, o permitiu que se transformassem em verdadeiras representações contradiscursivas contra as representações européias acerca da América Latina ao mesmo tempo em que se propunham estabelecer as bases de uma possível identidade latino-americana. No entanto, tal identidade necessita de uma construção, o que justifica que os discursos aqui analisados sejam considerados enquanto “projetos identitários”.

A HORA DOS RUMINANTES DE JOSÉ J. VEIGA: ENTRE A HISTÓRIA E FICÇÃO

Daniele de Fátima Oliveira Pereira, UEG

danielehistoriaueg@yahoo.com.br

O objetivo desta proposta é analisar a complexa relação entre história e literatura, através da obra a Hora dos Ruminantes, de Jose J. Veiga um romance alegórico sobre a ditadura militar no Brasil que seguiu a tradição de a Revolução dos Bichos (George Orwell) , A Peste de (Albert Camus) dentre outros. Existem vários estudos sobre a utilização da literatura pelos historiadores, mas há poucos trabalhos sobre a apropriação pela literatura de temas históricos. Teoricamente essa pesquisa utilizara as colocações de Hayden White sobre a relação entre história e literatura.

COM QUE ROUPA EU VOU? FORMAS E SUBJETIVIDADES NA PRODUÇÃO DO DISCURSO HISTÓRICO

Euzebio Carvalho, IPEHBC/UCG

euzebiocarvalho@yahoo.com

O enunciador do conhecimento histórico, ao nível do discurso, pode aparecer em três formas: primeira pessoa do singular (escrevo), primeira pessoa do plural (escrevemos) ou indeterminado (escreve-se). Discutiremos neste trabalho, no que diz respeito à enunciação do discurso histórico, orientado pelas reflexões de Roland Barthes, algumas possíveis implicações decorrentes dessas formas. Principalmente, em relação à objetividade almejada por esse conhecimento.

A DIMENSÃO TÉCNICA DA CULTURA, UMA LEITUR A DE JOSÉ ORTEGA Y GASSET

Glauber Fonseca Silveira, UFOP

glaubersilveira@hotmail.com

Costuma ser apontado que apenas em certo ambiente cultural é que se pode definir os significados presentes no discurso. Assim o potencial representativo das idéias depende inteiramente das restrições e aberturas do universo simbólico que é a cultura. Essa ordem de pensamento, normalmente apontada como culturalista, está sempre às portas do relativismo, pois, desautoriza sentidos e essências validas universalmente. A pesquisa pretende um maior esclarecimento de como a cultura pode projetar um mundo ao mesmo tempo específico e total. O trabalho procurará formar uma noção de cultura a partir da dimensão técnica da vida humana. Essa interpretação encontraremos-la no ensaio de José Ortega y Gasset, de 1939, Meditação da Técnica, em que o autor procura definir a técnica e a cultura como transformação da natureza primária tendo em vistas uma imagem de bem-estar e realização íntima. E porque essa imagem depende da valorização de certas demandas humanas em detrimento de outras que elas podem ser descritas como a realização de um programa inventado de um mundo possível.

ROBERTO PIVA E SUA TRANSGRESSÃO POÉTICA

Idila de Roure , UFG

idilars@gmail.com

O foco desta comunicação é Roberto Piva (1937), poeta brasileiro de uma intensidade incômoda e performática, com toques de escândalo e brutalidade. Representante da efervescente geração dos anos 60 mantém sua representatividade por suas obras despudoradas, num confronto com a sociedade brasileira “conservadora”. Piva é personagem de suas próprias obras, inventa a si mesmo com base nas próprias metáforas, alicerçando assim o suporte material de suas obras. Revolucionário por natureza e por hábitos, “vanguardista” em sua produção, transgressor em todos os sentidos. Transgressor dos

discursos literários dominantes, das éticas e políticas hegemônicas, dos comportamentos sexuais e dos usos do corpo socialmente admissíveis, dos padrões de normalidade psicológica. Assim o objetivo desta comunicação está em pensar Roberto Piva (1937) como ator histórico atuando na literatura brasileira, através de seus poemas inéditos em formato e conteúdo, com uma poética blasfematória, experimental e sua postura transgressora.

OS SENTIDOS DA HISTÓRIA: REFLEXÕES SOBRE A HISTORIOGRAFIA NA REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA (1951- 1973)

Johnny Roberto Rosa e Rodrigo Schlenker, Universidade Tuiuti do Paraná.

johnnyrobertorosa@hotmail.com

A Revista Brasileira de Filosofia (RBF) tem como marco a presença de uma constante reflexão acerca de temáticas vinculadas aos campos do pensamento e da escrita da história. Neste sentido buscamos reconstituir um momento significativo da produção intelectual brasileira, mapeando os artigos relacionados à História e à historiografia publicados na RBF de 1951 a 1973, reconhecendo as diferentes visões de história além da historicidade atinente a estas. Pretendeu-se reconhecer autores e obras, além de questões e temáticas, que ficaram alheias da Historiografia Brasileira. Ler os artigos de natureza histórica-historiográfica contidos na RBF permite que reflitamos sobre a própria produção filosófica contemporânea brasileira e sobre o olhar desta sobre o conhecimento histórico, suas diferentes representações e sentidos. Temas quase sempre preteridos pelas pesquisas realizadas sobre o pensamento intelectual no Brasil.

O DISCURSO MIDIÁTICO E AS RELAÇÕES DE PODER NA CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA

Kátia Menezes de Sousa, FL/UFG

km-sousa@uol.com.br

Este trabalho se centrará na constituição da família como instituição construída por práticas discursivas e não-discursivas dentro de relações de poder que se configuram numa sociedade soberana, passando por uma sociedade disciplinar e ganhando contornos mais sutis na sociedade de controle, conforme Foucault, com as tecnologias centradas na vida, o biopoder. Os discursos da mídia integram essas tecnologias, exercendo um controle contínuo da sociedade, logo da instituição família, e oferecendo uma comunicação instantânea. Assim, a linguagem torna-se essencial à sociedade de controle (Deleuze, 1992), e a produção das práticas tem uma afinidade especial com a linguagem nos processos de subjetivação e de irrupção dos acontecimentos.

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES VIVIDAS POR DOM FERNANDO GOMES DOS SANTOS NA CATEDRAL METROPOLITANA DO CONCÍLIO VATICANO II

Lázara Alzira de Freitas, UCG

lazaralzira@gmail.com

Este artigo levará seu leitor a conhecer as Práticas e Representações na Catedral Metropolitana do Concílio Vaticano II, conforme o imaginário Pós-moderno e a grande figura de Dom Fernando Gomes dos Santos, através de seu "Poemeto Sofrido". Onde se estampará o imaginário vivido e o fazer história, daquele que muito ativamente participou do Concílio Vaticano II, conduzido pelos Papas João XXIII e Papa Paulo VI, durante o período de 1961 a 1965; e verá os problemas enfrentados pela Igreja Católica, conforme a chegada da chamada pós-modernidade.

SUBJETIVIDADE DO CATOLICISMO POPULAR GOIANO, EM FINS DO SÉCULO XIX

Leila Borges Dias Santos, UEG

borges_leila@yahoo.com.br

A subjetividade dos adeptos do catolicismo popular é formada pelo catolicismo do padroado e imbuída da realidade cultural local, de influências indígenas e africanas. Tal religiosidade teria sido intencionalmente instituída pela coroa, uma vez que foram tolerados seus aspectos ritualísticos populares - mesmo que não sejam estes totalizantes -, mas os mesmos é que teriam agravado a indiferença social em relação à condição do outro, no caso, a aceitação do escravismo como prática banal. A magicização do catolicismo teria comprometido possíveis estímulos à formação de uma ética emanada pela doutrina católica no período colonial. Sendo assim, o catolicismo popular – goiano em específico, em fins do século XIX - teria sido constituído de elementos mágicos. Conceitos weberianos como revelação profética, ação social, e devoção piedosa ocasional, auxiliam na compreensão dessa subjetividade.

A REPRESENTAÇÃO DA LUTA ARMADA ATRAVÉS DO ROMANCE: PESSACH – A TRAVESSIA, DE CARLOS HEITOR CONY

Leonardo de Oliveira Souza, UFU

leoufg@hotmail.com

Nossa proposta da dissertação de mestrado pretende analisar o romance Pessach – A Travessia, de Carlos Heitor Cony. Laçado inicialmente em 1967 a obra aborda um dilema típico dos anos 60 e 70: o engajamento na luta armada contra a ditadura. Nesse sentido, detemos como objeto de pesquisa o próprio regime militar iniciado em 1964. Já as fontes levantadas perpassam por documentos que possibilitem o levantamento histórico do cenário político entorno do regime militar. Além de fontes que nos auxiliem na compreensão da relação entre o quadro político do país e a obra literária – Pessach. Dessa forma fundamentamos nossas perspectivas nos métodos da Nova história cultural, por compreender essa vertente como um vasto e rico campo que nos oferece contribuições para a relação proposta, buscando compor uma nova abordagem histórica.

A INTERSUBJETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PÚBLICA DO PRIMEIRO ARCEBISPO DE GOIÂNIA (1957-1985)

Lindsay Borges, UFG

lindsayb@terra.com.br

O presente trabalho tem por objetivo estudar a relação entre as ações intersubjetivas dos indivíduos e as visões de mundo das instituições por meio da construção da imagem de seus líderes. Como estudo de caso concreto visa analisar a atuação da Igreja Católica em Goiás, no período de 1957 a 1985, tendo como centro a imagem construída de um de seus principais expoentes, o Arcebispo de Goiânia Dom Fernando Gomes dos Santos. A proposta é estudar como se deu a construção da imagem pública desse arcebispo, a partir das teses de Goffman.

DA MISTIÇAGEM AO MULTICULTURALISMO: O BRASIL NO CONTEXTO DA AMÉRICA LATINA

Lorena Rodrigues da Silva, UFG

loreninha_gospel@yahoo.com.br

Esse trabalho pesquisa o caminho trilhado durante o século XX nos estudos sobre a questão da “mistura”, miscigenação tanto na América Latina como no Brasil. José Vasconcelos, intelectual mexicano do século XX, ao falar da “raça cósmica” ou quinta raça, afirma que a missão do branco, que tem um espírito imigrador é a de servir de ponte para a miscigenação que produzirá, na América, uma quinta raça universal. A independência fragmentou a América Latina, com o desenvolvimento da nacionalidade. No Brasil, intelectuais como

Joaquim Nabuco, no fim do XIX, Nina Rodrigues, no início do século XX e Gilberto Freyre até a metade do século XX selaram o discurso da Miscigenação. Mas no fim do século o discurso que de fato ganhou força foi o do multiculturalismo quando a afirmação das diferenças passou a ser a tônica da maioria dos discursos dos intelectuais.

FICÇÃO E MEDO NO ESCURO DO CINEMA – DÉCADA DE 1950

Lucas Lopes Miranda, UFU

lucaslopes.dicult@hotmail.com

Busco em minha pesquisa refletir sobre como o medo generalizado na sociedade ocidental, na década de 1950, em relação à diversos fatores do panorama histórico do momento, como a corrida armamentista e a possibilidade real de um embate nuclear entre União Soviética e Estado Unidos, a iminente corrida espacial, a idéia de exploração do espaço sideral, e os efeitos da radiação das bombas atômicas atiradas em Hiroxima e Nagasaki; influenciaram na produção cinematográfica deste período, focando o trabalho na fusão dos gêneros de horror e ficção científica. O objetivo é mostrar que o cinema (e a arte em geral) não se reduz ao registro ou imitação da natureza, o cinema é o conflito entre a representação de um fenômeno e a compreensão e o sentimento que temos do fenômeno representado.

OS TEXTOS INTEGRALISTAS – ENTRE DISFARCES E VESTÍGIOS – A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE BRASILEIRA SOB O PRISMA DA SÍNTESE TOTALITÁRIA

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro, Instituto Superior de Ciências Sociais Anísio Teixeira

marciarrcarneiro@hotmail.com

A Ação Integralista Brasileira, importante movimento de massa da década de 1930, caracterizou-se pela defesa de idéias que buscavam, pela anulação de qualquer contradição, compor a síntese de uma identidade brasileira única, inquestionável. Busco, na análise das idéias integralistas, apreender a constituição do movimento, a partir dos discursos produzidos por seus intelectuais contrapondo-os com as re-construções de memórias da militância de base capturadas em depoimentos orais. Ideologia e cultura, construções, consonâncias e contradições no discurso integralista são analisados a partir, principalmente, das perspectivas de Antonio Gramsci e Mikhail Bakhtin, entendendo que, a produção de idéias não escapa às múltiplas determinações contextuais e conjunturais – infra e superestrutura - de quaisquer tempos e que os homens produzem a História no constante diálogo com os outros homens.

GOIANIDADE: (DES) CONSTRUÇÃO DE UM CONCEITO IDENTITÁRIO (1980 – 2000)

Marco Túlio Ramos Coelho, UCG

tuliocoelho@hotmail.com

Goiás tem-se valorizado a imagem do típico ser goiano, ligado aquilo que seriam suas raízes mais remotas, buscando na memória, na culinária, na música e outras tantas esferas da vida cotidiana legitimar tal atitude. A pesquisa consiste em historiar o conceito Goianidade, caracterizando-o como um discurso identitário, para assim evidenciar as relações de poder presentes na elaboração de tal conceito.

REPENSANDO AS MUDANÇAS NAS PRÁTICAS CULTURAIS DE UM POVO: OS KALUNGA SOB UM NOVO OLHAR

Marilene Rodrigues Loureiro, UCG/UFG

marilenerodrigues73@ig.com.br

Repensando as mudanças nas práticas culturais de um povo: os kalunga sob um novo olhar. A proposta deste trabalho é analisar as mudanças nas práticas culturais do povo kalunga,

enfocando o comportamento dos grupos remanescentes a partir do contato com outras civilizações urbanas. Pretende-se refletir sobre os fatores que contribuíram para a incorporação na cultura dos remanescentes e as formas como os grupos se vêem. Especificamente, o desenrolar dessa pesquisa pretende a articulação de uma nova forma de pensar a cultura kalunga. Dessa forma objetiva-se a construção de uma nova interpretação histórica, sob a perspectiva de um novo olhar.

A SUBJETIVIDADE NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: OS ÓCULOS DE NABUCO

Mayara Paiva de Souza, UFG
mayaratapajos@hotmail.com

Debruçar-se sobre a análise da obra O Abolicionismo de Joaquim Nabuco, sob uma perspectiva teórico-metodológica que acolhe os vínculos entre história, memória, cultura e política enuncia como a trajetória do autor se fundiu com a biografia da nação, esclarecendo seu lugar na criação de uma cultura política entrelaçada a uma concepção de Brasil moderno e mestiço. O texto procura refletir sobre a construção da memória da escravidão e o papel que alguns “porta-vozes” tiveram na mistificação e ideologização de um período histórico cujas fontes, isto é, as vivências traumáticas dos escravos, foram relegadas a um segundo plano. A obra do abolicionista Joaquim Nabuco, um desses “porta-vozes”, é significativa por dois fatores: primeiro, contribui com a historiografia da Abolição da escravidão e auxilia a compreender uma face dos atuais movimentos de ação afirmativa; segundo, revela a utopia que circundou o projeto abolicionista de inclusão.

IMAGINÁRIO TÉCNICO CONTEMPORÂNEO: PÓS-MODERNIDADE E CULTURA CYBERPUNK

Mônica Ramalho de Albuquerque, UFPB.
mônica_ramalho@yahoo.co.uk

Este trabalho busca compreender o surgimento de novos sujeitos e elementos de identificação que compõem o panorama da sociedade contemporânea a partir do impacto das novas tecnologias da informação e comunicação nas relações sociais. O descentramento do sujeito cartesiano e a discussão sobre o fim da modernidade fazem parte das vigas de sustentação destas novas configurações. A cultura cyberpunk é um desdobramento deste cenário. Emergiu como uma vertente da literatura de ficção científica, expandindo para diferentes mídias, suportes e formatos. Suas obras descrevem o lado niilista e underground da sociedade digital, através de uma visão cínica e distópica da realidade. Propomo-nos a discutir alguns pontos acerca do desenvolvimento da pós-modernidade e a instrumentalização técnica na era da informação, bem como a constituição do sujeito, contrapondo-o aos ideais da cultura cyberpunk.

UM JESUÍTA PRODUZINDO CONHECIMENTO HISTÓRICO: A (DES)CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS HISTORIOGRÁFICAS DE LUIS PALACÍN

Rogério Chaves da Silva, UFG
rcmc26@bol.com.br

Nesse trabalho, busco analisar como a formação jesuítica de Luis Palacín Gomez o influenciou em sua prática como historiador, seja na escolha dos objetos, ou das fontes de pesquisa e, sobretudo, na forma como representou narrativamente o passado humano. Em diversos textos historiográficos, o jesuíta Palacín emergiu na seleção dos sujeitos históricos, nos recortes temporais, por meio da indignação ou defesa dos menos privilegiados e injustiçados ou no enaltecimento das dificuldades da vida missionária. A partir desse ponto de vista, procuro demonstrar que, para a compreensão do conhecimento histórico produzido por

Luis Palacín, é preciso considerar o espaço de tensão existente entre seu ofício sacerdotal e o de historiador.

HISTORIOGRAFIA, EDUCAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Valdir Aparecido de Souza, Universidade Federal de Rondônia

valdir@unir.br

A historiografia rondoniense escrita pelas suas elites intelectuais foram amplamente “divulgadas” principalmente junto à Rede Estadual de Ensino. A história e a literatura são repassadas como a verdade absoluta sobre o passado e a experiência coletiva construindo a identidade local. Porém, essa memória não é coletiva, apesar de se colocar como tal. Esta é o resultado da visão de uma reduzida elite que “esquece” os seringueiros, os povos indígenas, os ribeirinhos e principalmente os conflitos entre estes e as classes dominantes. Este trabalho visa justamente propor questões sobre a identidade a partir de uma perspectiva crítica.

A CULTURA CINEMATOGRÁFICA SUBJETIVA DO CINEMA NOVO COMO EXPONENTE SOCIAL

Vichelson Mandu, UFG

vichelson@yahoo.com.br

A cinematografia do Cinema Novo foi profundamente marcada pelos temas sociais e políticos, numa perspectiva de denúncia e engajamento em busca de uma identidade e estética que traduzisse a realidade nacional. Tudo isso permeado pela subjetividade do diretor e do espectador das obras. O objetivo é analisar o cinema enquanto “agente histórico e como documento historiográfico”, e para isso devemos ter uma abordagem interdisciplinar. É importante trazer luz sobre como trabalhar os limites e possibilidades de uma historiografia que adota a cinematografia como fonte documental apesar de sua subjetividade; além de analisar até que ponto o contexto repressor do período (1964 - 1968) interferiu no movimento cinematográfico e como podemos identificar essas interferências. Tendo em vista que os movimentos artísticos são engrenagens pertinentes à conjuntura histórica da realidade à qual está inserida, pretende-se refletir sobre como pensar o cinema como produtor do conhecimento histórico, até que ponto essa ferramenta pode ser tomada como representativa da realidade social (subjetiva) do brasileiro no período repressor.

DESFRAGMENTAÇÃO URBANA: CONHECIMENTO SUBJETIVO A RESPEITO DA CIDADE CAÓTICA

Wilton Medeiros, UFG

wilton_68@hotmail.com ou wilton@ueg.br

Grande parte do caos urbano que podemos vivenciar em contextos metropolitanos resulta da primazia que foi dada ao conhecimento urbanístico conceitual e objetivo, o qual, por desconsiderar diversas outras formas de escritas urbanas, enclausurou-se em conceitos que corroboraram muito mais com a fragmentação, chegando mesmo a seu excesso, em que o que era para ser característica de uma parte passa a caracterizar o todo caótico e fragmentado. A iniciação urbanística que propomos aqui, deverá se dar a partir do conhecimento das vivências do espaço urbano (Mapas de Memórias), com isso acessando o conhecimento subjetivo a respeito da cidade. Tal iniciação urbanística deverá articular conceitos de espaço e categorias de vivências, à qual denominaremos “desfragmentação urbana”, um modo de conhecimento subjetivo a respeito da cidade, um caminho introdutório de iniciação urbanística, um modo de construção de conhecimento inicial sobre contextos e caos metropolitanos.

A TEORIA DA HISTÓRIA E O ESTUDO DAS SUBJETIVIDADES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

SIMPÓSIO TEMÁTICO II

Coordenadores:

Luiz Sérgio Duarte da Silva (UFG)

Carlos Oiti Berbert Júnior (UFG)

A CONCEPÇÃO DIALÓGICA BAKHTINIANA E A NARRATIVA HISTÓRICA DA PÓS-MODERNIDADE

Ana Beatriz Carvalho Baiocchi, UFG

biabaiocchi@msn.com

A proposta desta comunicação é identificar a importância e a atualidade das contribuições de Mikhail Bakhtin, dentro do que vem a ser o discurso sobre o pós-modernismo, e de como esse mesmo discurso incorpora conceitos como a polifonia e o dialogismo desenvolvidos pelo autor, na intenção de melhor fundamentar e contextualizar a narrativa histórica, em torno da pós-modernidade. O que nos interessa é explorar a importância específica do pensamento de Bakhtin para a crítica cultural de esquerda. Propor uma apropriação parcial de seus pensamentos para os fins estratégicos de uma hermenêutica radical dos meios de comunicação de massa. Bakhtin oferece à análise cultural, uma visão unitária e transdisciplinar das ciências humanas e da vida cultural, baseada na natureza textual comum de seus materiais.

LITERATURA E HISTÓRIA: ENTRE A VERDADE E A VEROSSIMILHANÇA

ANA PAULA DAMASCENO, UFG

anpaula81@yahoo.com.br

Esse texto tem como objetivo propor uma discussão a partir da Teoria da História, em que a literatura e a história, ou o “ficcional” e o “real”, muitas vezes contraditórios, são apresentados através da narrativa como dois campos próximos e semelhantes. Abordar a narrativa histórica é referir às problemáticas relacionadas ao estatuto da história e toda uma reflexão epistemológica ou mesmo metodológica sobre a pesquisa em história. Por outro lado, a narrativa ficcional com a aproximação da verossimilhança através do romance realista, também precisou refletir sobre os seus novos paradigmas.

TEMPO E MEMÓRIA EM CEM ANOS DE SOLIDÃO

Ana Paula de Sousa Alves, UFG

anapauladesousa@hotmail.com

O Realismo Maravilhoso foi a tentativa de criar uma literatura própria, que abarcasse a realidade latino-americana, ou seja, uma realidade que não pode ser dissociada dos elementos mágicos que contribuem de forma decisiva na formação do seu imaginário. García Márquez, retrata essa realidade, complexa, subjetiva, através de uma concepção não cronológica e multitemporal do tempo. Tempo este que sofre profundas mudanças à medida que os milagres da modernidade vão sendo incorporados à vida de Macondo, convertendo-se paulatinamente, em um tempo de derrocada inevitável. Tal trabalho é uma tentativa de compreensão da obra “Cem Anos de Solidão”, analisando elementos fundamentais como a Memória e visão de História implícita na obra.

LITERATURA: TEMPORALIDADE, VEROSSIMILHANÇA E HISTÓRIA

Anderson Batista de Melo, UnB

batista@dinatos.com.br

As possibilidades de análise da produção literária e sua aplicabilidade ao estudo da história são ferramentas importantes para composição de quadro analítico no trabalho historiográfico. A percepção de temporalidade e momento histórico na literatura são elementos fundantes das orientações deste trabalho, estabelecido como baliza e padrão conceitual para a verificação da constatação na obra literária das noções de tempo histórico imanente ao trabalho de um autor, como impressão de seu momento vivido.

Assim como na literatura, a representação do conhecimento em história está inscrita no paradigma do saber, as duas concernem seus trabalhos em orientação idiográfica como expressão dos requerentes etológicos manifestos na existência e percepção humana; ao contrário da linearidade funcional pergunta-conferência-resposta dos estudos nomotéticos, a perspectiva da especificidade e singularização presentes na análise idiográfica deixam margem à conexão de argumentos que refletem o tempo vivido: assim como a história é filha de seu tempo, a literatura também o é.

CARAVAGGIO, VELAZQUEZ E A NARRATIVA: A EXPLICAÇÃO DA OBRA DE ARTE EM “HISTÓRIA DA ARTE” DE GOMBRICH

Anna Maria Dias Vreeswijk, UFG

annamdv@hotmail.com

Este trabalho problematiza a narratividade na explicação de fenômenos artísticos, estabelecendo um intercâmbio entre a teoria da história e a história da arte. No formalismo, o historiador explica uma obra ou um estilo descrevendo uma combinação de elementos formais. Já na iconologia, o historiador explica a arte interpretando seus símbolos e reconstituindo um quadro geral da cultura. Em comum, ambos paradigmas rejeitam a narrativa. Destacam-se, desse quadro, as análises de Gombrich nas quais há a influência da psicologia na investigação da intenção do artista. A explicação histórica da obra de arte deixa de ser uma codificação de seus símbolos ou a descrição de sua forma e passa a ser uma trama, tal como entendida por Paul Veyne. Essa trama articula, numa disposição temporal, os precedentes, o arbítrio do artista e as consequências. Assim, Gombrich usa estruturas narrativas tratando a obra de arte como um acontecimento no seu caráter singular, explicando como foi que aconteceu tal obra.

TROMPE L’OEIL: PARADOXO SEMÂNTICO

Atila Regiani Instituição, UDESC

atila.r.r@gmail.com

Em nossa análise, o que torna o *trompe l’oeil* diferente das demais representações é sua semântica permeada por intervalos, sua significação que incorpora e invade o espaço ao seu redor e uma ausência que é lançada ao espectador a partir de um deslocamento do olhar. Sua incoerência não vem de fora, mas de seu âmago, uma interrupção a partir de sua própria origem. Uma imagem paradoxal, que por um instante é imagem, noutro já não o é, localiza-se no exato limite entre o ‘ser’ e o ‘não ser’. Dentro do tempo insignificante em que acontece o *deslocamento*, a imagem passa a não existir, pois não pode configurar-se como tal. Nesse tempo ínfimo não há significação. *Trompe l’oeil* muito mais que um ‘engano dos olhos’ é um engano do sentido (semântico).

A PROSA ANTIESCRAVAGISTA DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO: “AS VÍTIMAS-ALGOZES: QUADROS DA ESCRAVIDÃO”.

Caroline Ferreira dos Santos, UNESP
carolinefsantos@gmail.com

A prosa antiescravagista de Joaquim Manuel de Macedo: “As vítimas-algozes: quadros da escravidão”, trata da questão escravagista durante o Segundo Reinado, mais especificamente entre 1850, com o fim do tráfico negreiro, ao início da década de 70, que deteve as preocupações primordiais para o fim da escravidão. Utilizou-se como metodologia à história cultural e como fonte à obra “As vítimas-algozes: quadros da escravidão”; pertencente ao escritor que tão bem representou o papel do literato oitocentista na sociedade brasileira. Macedo em sua obra “As vítimas-algozes: quadros da escravidão”; pretende moralizar os seus leitores, representando o negro escravo como mácula da barbárie, indo de contra aos princípios de uma sociedade que se pretendia civilizada, como a brasileira do século XIX.

A HISTÓRIA NO TERRENO DO PROVÁVEL

Cláudio Fernandes Ribeiro, UFG
claferib@yahoo.com.br

O presente trabalho pretende expor reflexões sobre a tensão existente na relação entre retórica e prova (discurso histórico e documentação) na historiografia contemporânea. Partiremos de uma análise das teses do historiador Carlo Ginzburg que se sustentam na retórica aristotélica de caráter dialético diretamente associada à prova. É sabido que a posição de Ginzburg contrapõe as, nomeadas por ele, “teses céticas”, as quais, apoiando-se nas concepções nietzscheanas sobre retórica, desvinculam a mesma do conceito de prova. Seguindo as trilhas deixadas por Ginzburg, sobretudo com suas pesquisas sobre o *paradigma indiciário*, procuraremos discutir alguns conceitos como: “fontes documentais” (tratadas como vestígios, indícios), “argumento entimemático”, “abdução” (ou “inferência hipotética”), dentre outros não menos importantes.

FRONTEIRA E IDENTIDADE NA OBRA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Clodoaldo do Nascimento Bastos, UEG
clodoaldobastos@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar e compreender a relação entre a idéia de fronteira presente na obra de S.B.H. (*Monções e Caminhos e Fronteiras*) e a identidade nacional. Nesta comunicação partirei da análise crítico literária de Hayden White procurando descrever o estilo historiográfico de Sérgio Buarque (argumentação formal, elaboração de enredo e implicação ideológica) e do conceito de identidade como uma tentativa do homem não se perder na transformação temporal e se orientar no tempo (RÜSEN, Razão Histórica).

DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA

Débora El-Jaick Andrade, UFF
deb-eljaick@uol.com.br

O presente artigo visa estabelecer a relação entre história e literatura no século XIX, quando ainda não estava afetivada a delimitação das fronteiras entre as disciplinas, bem como a evolução desta relação no século XX. Abordaremos questões como a constituição de seus respectivos objetos de estudo, o método de abordagem do real, a relação da ficção e verdade, a conceituação das disciplinas na visão de escritores e críticos dos séculos XIX e XX. Por fim descreveremos como a literatura e a história se reaproximaram no contexto atual frente aos deslocamentos e interdisciplinaridade da história e a ascensão do paradigma pós-moderno.

HISTORY AND THEORY: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVA PARA A CIÊNCIA DA HISTÓRIA.

Elaine Maria da Silva, UFG
elainefchf@hotmail.com

Esta comunicação pretende apresentar reflexões de uma pesquisa inicial em Teoria da História. O intuito do trabalho é analisar o debate da narrativa, tendo como fonte principal artigos da revista History and Theory entre os anos de 1976-1986. Objetivamos encaminhar o estudo tendo em vista, análise dos artigos e a discussão sobre a narrativa enquanto estratégia lingüística utilizada na produção do conhecimento histórico, ressaltando elementos semelhantes e díspares que constituem o narrar histórico e o narrar literário.

THEODOR ADORNO VERSUS THOMAS KUHN: INDÚSTRIA CULTURAL, MITOS, PARADIGMAS E CIENTIFICIDADE.

Fábio Freire Maciel de Carvalho, Universidade Federal de Pernambuco
fabiofmc86@yahoo.com.br

Theodor Adorno implantou dúvidas nas mentes científicas do século XX, ao levantar a hipótese, juntamente com Horkheimer, do Mito do Esclarecimento, ou seja, idéia de que substituímos os mitos religiosos pelo mito da Ciência. No entanto, o próprio Adorno formulou, também, a teoria da Indústria Cultural, ou Cultura de Massa, criando um conceito artístico que denunciava as manipulações, e criticava a Arte pelo dinheiro e fama. No entanto, mergulhando no mundo dos Paradigmas de Kuhn, pode-se perceber que Adorno criou outro Mito, um Paradigma que redefiniria a maneira de trabalhar as Ciências Humanas. Thomas Kuhn buscou mostrar como os Paradigmas construíram a verdade científica, este trabalho busca mostrar como Adorno e a História formaram seus próprios Paradigmas.

AS “FRESTAS” DO TEMPO: SOBRE A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA EM WALTER BENJAMIN

Gerson Luís Trombetta, Universidade de Passo Fundo-RS
gersont@upf.br

O trabalho explora a produtividade da concepção de história em Walter Benjamin presente no conjunto de sua obra e, principalmente, nas teses “Sobre o conceito de história”. O conteúdo das “Teses” não se constitui apenas como especulação sobre o “devir histórico” ou como um conjunto de análises pessimistas ou otimistas sobre acontecimentos passados. É, antes de tudo, uma reflexão crítica sobre nosso discurso (escrita) a respeito da história (das histórias) o que remete às questões mais amplas da própria atividade da narração. Objetivando atribuir um caráter emancipatório à tarefa da narrativa historiográfica, o trabalho apresenta e articula as noções benjaminianas de tempo, aura e memória confrontando-as com noção tradicional de progresso.

JÜRGEN HABERMAS E A MODERNIDADE: DESDOBRAMENTOS PRELIMINARES PARA UMA FILOSOFIA DA HISTÓRIA.

Gustavo Lourenço de Carvalho, UFG
gustavuslourenco@gmail.com

Essa comunicação visa claramente encontrar um conceito de modernidade como conceito de história na obra do filósofo e sociólogo Jürgen Habermas. Tal busca direcionada serve como etapa de um projeto maior que mapeará uma filosofia da história, partindo da mudança do conceito de razão deste autor, que culmina com o conceito de razão comunicativa, até contemplar uma epistemologia histórica. Para tal propósito, uma teoria da modernidade tem lugar preliminar como espaço de crítica onde se desenvolverá sua obra de epistemologia e uma filosofia da história. Por fim, na abordagem deste conceito, acabarei por reconstruir

parcialmente algumas leituras de pensadores clássicos feitas por Habermas e revisitarei algumas posições do debate sobre modernidade,

A FOTOGRAFIA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM GOIÁS: O CASO DA REVISTA A INFORMAÇÃO GOYANA (1917-1935)

Ivaldo Gomes da Silva, FESG / FAFICH

ivaldogs@yahoo.com.br

O artigo tem como objetivo explorar as potencialidades da fotografia como fonte para a pesquisa em História e, particularmente, em História da Educação em Goiás. Assim, analisa a atuação da Revista A Informação Goyana na construção e veiculação das práticas educacionais no Estado. Focalizando os aspectos formais e de conteúdos das imagens, discutir-se-á as principais referências teóricas no campo da fotografia e da história bem como apresentar uma proposta de estudo no campo da História da Educação.

RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA NOS ESTUDOS DE “ANTROPOLOGIA DA CIVILIZAÇÃO” DE DARCY RIBEIRO

João Paulo Aprígio Morerira, UFG

absencejp@hotmail.com

A história enquanto ciência e enquanto objeto pode apresentar caminhos proveitosos na comparação das diferentes temporalidades inerentes aos “Estudos de Antropologia da Civilização” a partir de reflexões acerca de como a história é tratada nas diversas disciplinas envolvidas. Este ensaio trata de como é feita uma história dos processos civilizatórios e a partir daí convidamos os leitores a refletir sobre questões específicas da disciplina histórica e antropológica nos estudos de “Antropologia da Civilização” de Darcy Ribeiro pelo viés de uma perspectiva interdisciplinar.

HISTÓRIA MUNDIAL DO SOFRIMENTO: TEORIA DO CONHECIMENTO E FILOSOFIA DA HISTÓRIA EM WALTER BENJAMIN.

Josias J. Freire Jr., UFG

josias_freire@hotmail.com

A partir da idéia de história apresentada por Walter Benjamin em seu livro sobre o Drama Barroco discutirei neste trabalho sua teoria do conhecimento e algumas possibilidades de utilização dessas reflexões hoje, dentro da teoria da história. No primeiro momento trabalharei questões ‘internas’ do pensamento benjaminiano acerca de sua teoria do conhecimento para criticá-las, no intuito de trazer estas questões para um debate contemporâneo. Na segunda parte apresentarei, através das considerações teóricas extraídas do pensamento do autor alemão, de que maneira aquelas idéias constituem ainda um aparato teórico válido para discussões atuais no território da teoria da história.

HEIDEGGER FENOMENÓLOGO

Kaio Bruno Alves Rabelo, UFG

kaiohistoriador@yahoo.com.br

A presente comunicação tem por objetivo explicitar as linhas gerais do método fenomenológico de Heidegger em Ser e Tempo, através do conceito de ser-no-mundo. Existência e facticidade só se tornam compreensíveis quando explicitarmos suficientemente este conceito-guia como aquele que obriga o *lebenswelt* husserliano – e com ele a própria fenomenologia – a assentar-se sobre um novo solo que lhe exige a reflexão sobre a diferença entre ser e ente. Toda compreensão do ente é uma transcendência ao ser: universalidade e totalidade ganham um novo conteúdo de sentido que movimenta-se no âmbito da diferença. A comparação entre ser-no-mundo e *lebenswelt* tornar-se, com isto, uma comparação das

possibilidades abertas pelo Dasein e pelo Eu transcendental. A pergunta que tentamos responder é pelas possibilidades que a fenomenologia abre para a filosofia, para a ciência e, por conseguinte, para a ciência histórica. Tendo Heidegger como seu principal expoente e buscando situa-lo em relação a Husserl.

A ESCRITA DA HISTÓRIA E O OFÍCIO DO HISTORIADOR: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO HISTÓRIA/MEMÓRIA

Kamilly Barros de Abreu Silva, UFG
kbabreu@hotmail.com

A preocupação expressa com os fundamentos da escrita histórica, supondo-os elemento central para pensar o conhecimento produzido e suas conseqüências, é dever fundamental do historiador e submete sua prática a um comprometimento ético-político. Quando se relaciona história e memória, assumir um posicionamento político torna-se ainda mais relevante. Desnudar o lugar desta escrita que envolve elementos tão poderosos e refazer seu percurso impõe-se como condição para devolver à história sua capacidade crítica como conhecimento. Trata-se de assumir a escrita como uma operação, que aciona procedimentos e procede a escolhas, pondo em disputa visões e significações para o passado. Reconhecer as tensões entre memória e história torna-se, assim, forma de auto-reflexão sobre a própria história

A FÁBULA DE UM ARQUEÓLOGO

Leandro Mendanha e Silva, UnB
leandromendanha@gmail.com

A questão aqui é tentar entender o que significa afirmar junto com Deleuze que o que Foucault faz é fábulas – intensa poesia do que é dito –, nas quais faz aparecer realidades, mas não o real. Parafraseando Deleuze: o que Foucault fez não passa de ficções, no sentido de que os enunciados são tais como sonhos que mudam em um caleidoscópio. Por outro lado, continua Deleuze, Foucault não escreveu nada que não tivesse realidade, que não contivesse realidade, uma vez que no enunciado a realidade se manifesta. A partir dessa questão podem-se problematizar algumas relações possíveis de se tramar entre Foucault e a linha chamada pós-moderna. Na verdade, pode-se mesmo mostrar que deles difere e, assim, expor no que Foucault é singular e o que traz de positivo essa singularidade.

DAR NÃO DÓI, O QUE DÓI É RESISTIR DO GRUPO TÁ NA RUA: A DITADURA MILITAR ENTRA EM CENA

Lígia Gomes Perini, UFU
ligiaperini@yahoo.com.br

Nas décadas de 1960 e 1970 as manifestações artísticas (teatro, cinema, música, artes plásticas) tiveram um importante papel para o debate político, social e cultural no Brasil, contribuindo com uma postura crítica perante os acontecimentos da época. Nesse ínterim, em 1980 surge no Rio de Janeiro, o grupo de teatro *Tá na Rua*, o qual, juntamente com outros grupos naquele momento, constituiu os chamados teatros populares, independentes, de rua, desenvolvendo uma intensa militância com a população afastada dos grandes centro.

Sendo assim, pretendo apresentar algumas reflexões acerca da obra teatral *Dar não dói, o que dói é resistir* (2004) do grupo *Tá na Rua* para compreender como as temáticas abordadas ao longo da obra – acontecimentos no que tange à política, cultura e arte no Brasil no pós-64 – dialogam com a conjuntura política e social do Brasil sob a ditadura militar.

O CINEMA DOCUMENTÁRIO NA REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA

Lorena Maria e Silva, UFG

lorenamarias@gmail.com

No contexto atual, em que as imagens imperam como ícones de representação, o Cinema estabelece com a História uma relação profícua. A historiografia abre suas possibilidades de elaboração, enquanto o Cinema, principalmente o cinema documentário, toma para si as temáticas do mundo histórico. Neste trabalho, essa relação será pontuada a partir do documentário brasileiro do diretor Vladimir Carvalho, *Conterrâneos Velhos de Guerra*. O filme retoma o episódio da construção da cidade de Brasília e propõe uma representação do fato. Por meio do estudo do gênero em questão, será analisada a relação dos mecanismos cinematográficos com novas vertentes das Ciências Históricas, propostas por teóricos como Peter Burke e Marc Ferro, a fim de apontar as intersecções entre os dois campos e as implicações advindas dessa relação.

A ESPECIFICIDADE DO CONCEITO DE SENTIDO HISTÓRICO EM HERDER E DROYSEN.

Luiz Carlos Bento, UEG

luizc.bento@yahoo.com.br

Esta comunicação pretende refletir sobre a especificidade do conceito de sentido histórico na perspectiva de Herder e Droysen chamando atenção para a atualidade e a importância das reflexões históricas destes dois pensadores para a construção de uma teoria da história consciente de sua própria historicidade. Em linhas gerais, pretendo analisar a descoberta herderiana da *contingencialidade* humana e as reflexões de Droysen sobre o sentido *ético* da história no contexto das ciências, visando confrontar estes conceitos com algumas interpretações deturpadas do historicismo alemão que atribui uma noção de sentido histórico a este período que a meu ver não é a mais apropriada para se pensar as contribuições da Escola Histórica Alemã e o historicismo humanista de Herder.

O RELÓGIO DESPEDAÇADO: EXPERIÊNCIA E HISTÓRIA EM WALTER BENJAMIN.

Manoel Gustavo de Souza Neto, UFG

mundosdevidro@hotmail.com

A presente comunicação pretende apresentar os resultados parciais de uma pesquisa acerca do conceito de experiência na filosofia da história de Walter Benjamin. A escolha do recorte advém da hipótese de que este consiste num dos principais eixos que ligam sua filosofia da história a sua teoria geral do conhecimento. Primeiramente buscaremos examinar o conceito de experiência mapeando seu papel na primeira fase da obra de Benjamin – a chamada “fase teológica”, na qual se articula com a filosofia da linguagem romântica e com a mística judaica - e, posteriormente, na chamada “fase marxista”, na qual ocupa lugar central nas reflexões acerca das relações entre memória e narrativa..

JÖRN RÜSEN E A TEORIA NARRATIVISTA DA PESQUISA HISTÓRICA: CONSIDERAÇÕES.

Márcio Alencar Teles, UFG

marcio.alenkar@gmail.com

Segundo Jörn Rüsen, é possível conciliar a pretensão de racionalidade (objetividade) presente no pensamento histórico e sua estrutura narrativista, mesmo se tratando de conceitos marcados por caracterizações aparentemente contraditórias; a narrativa que aproxima os estudos históricos da literatura e seus procedimentos lingüísticos e a objetividade ou regulação metódica dos procedimentos da pesquisa. O presente trabalho tem como objetivo aproximar-se das análises de Rüsen a cerca da objetividade e da narratividade presentes no

pensamento histórico e suas representações cognitivas, o autor não vê paradoxo e/ou descontinuidades, mas uma conciliação, destacando que “a objetividade histórica pode ser resgatada,

O PROBLEMA FILOSÓFICO DO “ABSURDO” EM ALBERT CAMUS

Nathália Gomes de Campos Pinheiro, UFG

nathaliagomespinheiro@gmail.com

Proponho uma análise do livro – O Mito de Sísifo (1942), de Albert Camus (1913-1960), no sentido de explorar alguns dos termos históricos presentes na cultura europeia do imediato pós-segunda Guerra Mundial, enfatizando a temática do “absurdo” como problema filosófico. O esforço de análise será mediado metodologicamente pela perspectiva historiográfica de Lucien Goldman. Em suma, a comunicação propõe a filosofia como documento e problema historiográfico.

DROYSEN, ALUNO DE HEGEL: AFINIDADES ELETIVAS ENTRE A TEORIA E A FILOSOFIA DA HISTÓRIA.

Pedro Spinola Pereira Caldas, UFU

pedro.caldas@gmail.com

Johann Gustav Droysen foi um dos mais importantes autores de uma teoria sistemática da história e da historiografia. Aluno de Hegel na Universidade de Berlim, Droysen foi parcialmente influenciado pelo autor da “Fenomenologia do Espírito”. Esta comunicação tratará da importância do pensamento hegeliano para a criação da “Historik”, sem, porém, deixar de salientar as diferenças decisivas entre o aluno e o discípulo, diferenças que serão fundamentais para que possamos marcar a fronteira entre a teoria da história e a filosofia da história no ambiente intelectual alemão do século XIX.

A EPOPÉIA DIONISÍACA DO POEMA(A TEORIA E A FILOSOFIA DA HISTORIA NA OBRA MENSAGEM DE FERNANDO PESSOA).

Rafael Nunes Botelho, UFG

detodosetodos@yahoo.com.br

Tendo por base a cultura assim como weber à história “ciência da cultura” me apego aqui neste seminário às expressões culturais. Fernando Pessoa foi e é mundialmente um dos poetas mais complexos e profundos do ocidente, por logo pretendo analisar o poemeto épico Mensagem que constitui o ponto de passagem entre o passado lírico português e a modernidade Europeia. O resgate da tradição poética portuguesa nos remota a idade média em uma narrativa mitológica envolta de ocultismo. Pessoa abraça o mito do “Sebastianismo” e o “Quinto império”. Sua filosofia da historia é captada em três partes de Mensagem: Brasão, Mar Português e o Encoberto que correspondem ao passado, o presente e o futuro de Portugal no transcorrer do tempo.É um projeto romântico, Pessoa molda uma identidade e uma memória, pautado em realidades históricas. Sua idéia é progressista: a Antiguidade, a Roma clássica, o Cristianismo, a Europa e Portugal.

GENEALOGIA, VERDADE E HISTÓRIA EM NIETZSCHE E FOUCAULT E A DESMISTIFICAÇÃO DA VONTADE DE PODER.

Renata Cesar Torres, UFG

renatacesartorres@yahoo.com.br

O Objetivo deste ensaio é evidenciar a crítica feita por Nietzsche à verdade e ao pensamento racional do século XIX como problema e efetivação de valores para o conhecimento e para a vida. Nietzsche atribui à genealogia a condição de quebra e desmistificação de verdades, e a

possibilidade de se pensar o homem, através da vontade de verdade e vontade de poder. O pensamento histórico se torna dominação quando deixa de ouvir e permitir vozes, vontades e memórias múltiplas. Nietzsche e Foucault concebem uma genealogia do conhecimento para que constantemente sejam revistas as valorações e concepções de verdade, e propõem para o pensamento histórico uma espécie de esquecimento, uma contramemória, que levaria o fazer histórico a uma transformação.

POR UMA FILOSOFIA CRÍTICA DA HISTÓRIA: WILHELM DILTHEY E A FUNDAMENTAÇÃO DAS CIÊNCIAS DO ESPÍRITO.

Rodrigo Fernandes da Silva, UFG

rodrigothp@gmail.com

O presente texto tem como objetivo esboçar algumas percepções iniciais acerca da teoria da história de Wilhelm Dilthey, frutos de uma pesquisa de iniciação científica. Tais percepções são, no entanto, conseqüências mais de uma análise bibliográfica que da imersão na obra de Dilthey (o que se pretende fazer no transcorrer da pesquisa). Todavia, o texto quer analisar já de início algumas das relações entre Dilthey e Kant na formulação de uma epistemologia própria das ciências do espírito (Geisteswissenschaften), uma vez que seus intérpretes o posicionam como neo-kantiano e ao mesmo tempo como um teórico que o quer superar.

Elementos da teoria da história diltheyana serão trazidos a lume, tais como a posição da psicologia na fundamentação das ciências do espírito, o conceito de mundo histórico, o significado de espírito objetivo e finalmente o método próprio das ciências morais, a saber, o método hermenêutico. Elementos esses discutidos no contexto de um embate altamente produtivo com as teorias e aportes filosóficos acerca do objeto e método específicos das ciências naturais.

CONFIGURAÇÃO, NARRATIVA, SENTIDO: ESCRITA LOCAL E RETORNO AO PROBLEMA DA HISTÓRIA-MEMÓRI

Rodrigo Tavares Godoi, Universidade Federal da Grande Dourados

htrtgodoi@yahoo.com.br

A questão da história e memória é um problema teoricamente superado na escrita da história. Levando em consideração as palavras dos anos de 1940 um francês chamado Marc Bloch discutia essa questão em seu livro editado no Brasil sob o título *Apologia da história ou ofício do historiador* enfatizando a importância da memória para a história. Como matéria-prima, na sua ausência, a história não teria sentido. Anos posteriores precisamente na edição dos anos de 1990 numa obra dirigida por Pierre Nora, segundo esse mesmo autor o aparente conflito existente entre história e memória está resolvido sob um texto publicado com o título *Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux* tendo como primeiro tópico para discussão *La fin de l'histoire-mémoire*. Na mesma linha de raciocínio dois norte-americanos debateram sobre *Memória social* sob nomes de James Fentress e Chris Wickham. Teoricamente há uma solução da problemática história e memória, mas que dizer da prática da pesquisa histórica? Essa proposta de discussão (re)faz uma observação sobre as obras do *historiador* de Barra do Garças Valdon Varjão por (re) colocar em discussão os lugares de história e memória.

O TEMA DO REPUBLICANISMO CÍVICO NOS OITOCENTOS BRASILEIRO VISTO DA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA CONCEITUAL (BEGRIFFSGESCHICHTE)

Sandra Vieira da Silva, Faculdades Projeção-Brasília

sandra.vieira.maximiano@gmail.com

A historiografia brasileira tem reafirmado, em seus estudos, a presença de um projeto político republicano no Brasil oitocentista. Pesquisas, antigas e recentes, têm sustentado que o estabelecimento da Confederação do Equador (1824), por exemplo, ocorreu sob bases de um

projeto político republicano. Contudo, o vocábulo republicano, nesses estudos, comporta distintos significados que, por vezes, tendem mais a confundir do que esclarecer este referido projeto. Assim, no sentido de resolver esta aporia, que conjuga vários significados num só vocábulo, é que temos recorrido aos apontamentos feitos pela incipiente proposta reflexiva da história conceitual alemã. Defende-se nesta abordagem que os conteúdos significativos destes conceitos devem ser desvelados mediante o estudo do campo vivido e experienciado (singularmente) pelos atores daquele momento.

OS HISTORIADORES E OS “FAZEDORES DE HISTÓRIA”: LUGARES E FAZERES NA PRODUÇÃO DA MEMÓRIA E DO CONHECIMENTO HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO - UMA REFLEXÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA.

Sônia Maria de Meneses Silva, UFF
sonia.meneses@gmail.com

Esse trabalho visa analisar a construção do conhecimento histórico, a partir da produção midiática, destacando a elaboração desse conhecimento fora dos domínios dos historiadores por aqueles que aqui chamamos “fazedores de história”. Investigamos que tipos e formas de história são colocados em relevo nessa produção e como ela pode ajudar a construir ou evidenciar regimes de historicidade na sociedade contemporânea. Sua atuação será vista a partir de dois aspectos essenciais: a produção de eventos no cotidiano e seu papel na transformação dos mesmos em acontecimentos emblemáticos e memoriais para a história de um país, nesse caso, tomaremos como exemplo a produção do Golpe de 64 e sua transformação de evento midiático em acontecimento memorável e fato histórico.

O LUGAR DA ARTE ENGAJADA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: O TEATRO DE ANTONIO FAGUNDES ANALISADO POR MEIO DE “SETE MINUTOS”

Talitta Tatiane Martins Freitas
talittatmf@gmail.com

O objetivo desse trabalho é, a partir do texto *Sete Minutos* (escrito e protagonizado por Antonio Fagundes em 2002), compreender de que forma Antonio Fagundes reflete sobre o seu público e sobre a sociedade contemporânea, percebendo como a conjuntura reelabora e modifica as concepções desse ator. Juntamente a isso, observar porque a crítica o rótula como comercial, apesar da sua trajetória pautada pelo engajamento. Quais as evidências dessa taxação na obra *Sete Minutos*? O quê é ser comercial nesse começo de século XXI? O que esperamos de um teatro engajado, ou, será que esperamos que o teatro seja realmente engajado ou somente de entretenimento? Há como associar os dois? Há como desassociar um do outro para que se tornem “formas puras”?

A HISTÓRIA E O HISTORIADOR NA PÓS-MODERNIDADE EM FINS DO SÉCULO XX

Wilson Silva Duarte, UCG
uilson.duarte@gmail.com

A partir de Foucault, Maffesoli e Jenkins, pretendemos discutir as humanidades, especificamente os campos da escrita da história. Utilizaremos os escritos em defesa da razão histórica e os escritos acusados de desrazão histórica para debatermos a produção do texto de história dentro da pós-modernidade e que não há uma, mas várias manifestações de pós-modernidade. Trabalharemos com os campos de conflito entre a razão e a desrazão para identificarmos as fronteiras da modernidade (metanarrativas) e da pós-modernidade (migalhas) nos campos da história.

EPISTEMOLOGIA NA OBRA DE WEBER: O CONCEITO SOB A PERSPECTIVA DO INDIVIDUAL.

Ulisses do Valle, UFG

ulisses_valle@hotmail.com

O trabalho concentra-se não numa discussão a respeito dos leques de importância do conceito para as ciências culturais, nem na vã tentativa de prescrever limites fixos para a distinção de conceitos segundo a qualidade dos objetos a que se referem: trata-se de entender como a abordagem do conceito, à luz de demais elementos da epistemologia weberiana, adquire um significado que redimensiona a historiografia.

INDIVÍDUO E O PROJETO ONTO-HISTÓRICO EM SARTRE

Valnides Araújo Da Costa, UEG

vacvincit@yahoo.com.br

Historicamente vários sistemas de pensamento tentaram formular uma ontologia-histórica do ser humano. O pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre, através de um método heurístico (progressivo-regressivo), expresso em *Questões de método* e *Crítica da Razão Dialética* trabalha o conceito de “projeto” como superação e possibilidade histórica da existência. Para Sartre a existência humana é uma realidade condicionada. Superá-la através de uma escolha necessária, como ato de liberdade do indivíduo, em projeto individual, possibilita a ação histórica. Há, portanto, uma relação social conflituosa entre os projetos individuais. Assim, a História origina-se como “criatividade” humana, como mediação dos projetos existenciais. Neste sentido propomos analisar a Filosofia da História sartriana.

“CIÊNCIA, VERDADE E RACIONALIDADE EM NIETZSCHE. UMA RELEITURA EM TORNO DO PARADIGMA PÓS-MODERNO DA HISTÓRIA”

Vitor Henriques, USP

dialeticamente@yahoo.com.br

De uma maneira geral, Nietzsche sempre apareceu de forma previsível nos debates historiográficos, nacionais ou não, e decerto que ocupando o mesmo espaço epistêmico. Segundo François Dosse, Roger Chartier, Carlo Ginzburg e Ciro Flamarion Cardoso, Nietzsche é o grande patrono da teoria pós-moderna da história. É justamente esse espaço, por ele previamente habitado, que se faz pertinente uma intervenção e uma revisão. Esta é, acreditamos, a contribuição original da nossa pesquisa. Existem, como vamos poder ver, passagens contundentes de um Nietzsche que trabalha (positivamente) com conceitos como ciência, verdade e razão, porém, ainda que não uma ciência positivista, tampouco uma verdade metafísica e uma razão socrática. Nietzsche, em vários momentos de sua obra, o que reforça nossas premissas, se dizia herdeiro da tradição iluminista; seu diálogo com Voltaire é revelador para tal. Portanto, vamos demonstrar, nos baseando em filósofos importantes como Luc Ferry e Rüdiger Safranski, que há um culto da razão em Nietzsche, e, a partir disso, pretende-se traçar as implicações que este novo olhar traz para a teoria da história.

A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA ATRAVÉS DO DOCUMENTO-CANÇÃO: EM BUSCA DE UMA PERSPECTIVA CONJUNTURALISTA.

Vitor Hugo Abranche de Oliveira, UFG

vitor.hugo@latinoamericana.edu.br

Este trabalho é baseado na investigação das metodologias de pesquisa de autores que procuraram no documento canção a reconstrução do passado histórico. O trabalho procura identificar as categorias de análise de cada autor, articular os procedimentos e sistematizar uma metodologia de trabalho que aborde o documento-canção levando em consideração suas especificidades. O objetivo da pesquisa, ao relacionar diversos autores e como fundamentam

BIOGRAFIA E MICRO-HISTÓRIA: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DOS ESTUDOS DE CASO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

SIMPÓSIO TEMÁTICO III

Coordenadores:

Rodrigo Ribeiro Paziani (Faculdade Dom Bosco/CEMUMC)

Humberto Perinelli Neto (CEUBM/FEF/UNESP/CEMUMC)

ENTRE FRAQUEZAS, COAÇÕES E PROMESSAS: CONCISO APONTAMENTO DE DELITOS SEXUAIS - RIBEIRÃO PRETO (1878-1914)

Angela Pires Martori Chichitostti, CEUBM

angelmart_2@yahoo.com.br

Conhecer o espaço (seja ele rural ou urbano) em que o homem viveu e vive, é de fundamental importância para compreendermos o presente. Crimes sexuais, principalmente, contra as mulheres, ocorrem ainda nos dias atuais. Os motivos e como a sociedade os vê, reflete em determinados aspectos, o organismo social no qual vivemos. Compreender e traçar uma análise a partir dos discursos constantes nos Inquéritos e Processos Criminais, acerca de delitos sexuais, ocorridos na (hoje) cidade de Ribeirão Preto, nos permitirá estudar o processo de construção de papéis sociais, as normas jurídicas daquele período e como a sociedade encarava determinadas práticas.

ENTRE A RAZÃO E A LOUCURA: O HOSPITAL SANTA TERESA EM RIBEIRÃO PRETO (1944-1980)

Antonio Bento Detofoli Filho, CEUBM

bentodetofoli@yahoo.com.br

Ao tratar a figura do louco e seu lugar – o Hospital Psiquiátrico Santa Tereza – pretende-se perceber a maneira a qual as representações sociais da loucura foram construídas durante meados do século XX em Ribeirão Preto. Com as alterações urbanas advindas da riqueza do café, a cidade foi moldada segundo preceitos médicos-sanitaristas que isolavam estes personagens históricos da cidade moderna. Entre loucura e práticas de exclusão, alguns relatos e poucos documentos nos permitem recuperar uma trajetória histórica de certos personagens que viveram as conseqüências do progresso e da civilização.

O OBSERVADOR: COTIDIANO DE MARIANA NA VISÃO DE FORTUNATO RAFAEL ARCANJO DA FONSECA

Bruno Assaf Bernardes de Araújo e Pedro Eduardo Andrade Carvalho, UFOP

brunoassaf@yahoo.fr e pedroeddu@yahoo.com.br

O presente trabalho tem como foco de sua análise o cotidiano de Mariana nos inícios do século XIX. Para tanto, lança mão de uma micro-abordagem sobre uma figura bastante relevante para a administração daquela região, Fortunato Rafael Arcanjo da Fonseca. Este tabelião do segundo ofício, mais tarde, Tenente Coronel, Cavalheiro da Ordem de Cristo e Presidente da Câmara Municipal de Mariana nos deixa traços de parte de sua história, que se confunde em diversos pontos com a da própria cidade. Fazendo uso dos documentos presentes na Casa Setecentista de Mariana-IPHAN, Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana e Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana, podemos delinear parte do contexto vivido por este ilustre, observador de seu tempo.

O PERFIL DA MULHER QUE ABANDONA SEUS FILHOS NO RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX

Claudia Alves d`Almeida, USS

claudiaalvesdalmeida@yahoo.com.br

O trabalho visa especificamente traçar um perfil da mulher da sociedade do Rio de Janeiro no século XIX que abandonava seus filhos na Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia ou na casa de parentes, para com isso voltar sem empecilhos ao mercado matrimonial.

Utilizamos para traçar esse perfil bilhetes deixados junto às crianças na Roda dos Expostos, explicitando o motivo do abandono, bem como escrituras de perfilhação onde para legitimar um filho abandonado a mãe declarava que o abandonou para não ter sua imagem maculada pela sociedade, moldada sobre pilares católicos, onde uma fragilidade humana poderia manchar para sempre sua imagem e prejudicar o seu futuro.

ABILIO CÉSAR BORGES: O BARÃO DA INSTRUÇÃO (1856-1891)

Diane Valdez, SMG

dianevaldez@terra.com.br

Esta comunicação faz parte da tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas na linha de História da Educação. Investiguei a representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abilio Cesar Borges, o barão de Macahubas, médico baiano que na segunda metade do século XIX ocupou um lugar representativo na instrução do Império brasileiro. Entre outras, foi autor de livros escolares, sendo pioneiro na publicação de obras para a infância brasileira com uma série de cinco livros de leitura. Conhecer sua origem familiar, sua formação intelectual, seu círculo de relações sociais, políticas e religiosas, assim como outros aspectos de sua vida, me permitiu identificar que lugar o autor ocupava na sociedade da época. Procurei apresentar esses dados, inserindo-os no contexto político e social do período, pois são indicações importantes para identificar e compreender suas propostas para a instrução e a educação da infância no Brasil oitocentista.

IMPERIALISMO CULTURAL: A VISÃO DA GUERRA DO VIETNÃ NO CINEMA ESTADUNIDENSE.

Éder Mendes de Paula, UEG

mendesdepaula@yahoo.com.br

Tendo como cenário a guerra fria, o conflito do Vietnã não representou apenas um acontecimento isolado, mas consolidou um combate hegemônico em que o mundo capitalista se preocupou com as zonas de influência perdidas para o mundo socialista. Com base neste clima, os Estados Unidos invadem o Vietnã para impedir o avanço comunista pelo leste asiático. Essa guerra é demonstrada no cinema norte-americano de uma maneira deturpada, onde se enfatizam as batalhas vencidas pelos estadunidenses, ou o sofrimento dos seus soldados como se a guerra fosse sentida apenas por eles. O Presente trabalho visa analisar obras cinematográficas que venham a comprovar a utilização do cinema como um veículo de manipulação ideológica através desta temática: o conflito no Vietnã.

DE APRENDIZ A DOUTOR: CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE A PEDRO NAVA.

Greyce Kely Piovesan, UFSC

greycek2002@yahoo.com.br

Pedro Nava foi um médico e um memorialista interessado nas questões culturais brasileiras. Deixou seis livros de Memórias e trabalhos sobre história da medicina, além de um arquivo fabuloso. A relação de Nava com os modernistas foi intensa. Enquanto cursava a faculdade de medicina mantinha contato constante com Mário de Andrade através de cartas. Este trabalho se concentra nas cartas enviadas a Nava por Mário, que se estendem por quase vinte anos e

que foram publicadas em 1982. Pretendemos discutir a influência de Mário de Andrade na obra de Pedro Nava, percebendo de que forma o médico-memorialista se construiu como modernista através do discurso marioandradiano.

MICRO-HISTÓRIA: CARACTERIZAÇÕES DE UMA PRÁTICA HISTORIOGRÁFICA

Humberto Perinelli Neto, CEUBM/FEF/UNESP/CEMUMC

perinellineto@yahoo.com.br

Nossa comunicação será baseada na tese de que a micro-história é uma problemática que faz parte da pauta no momento. A importância dos estudos de micro-história teve início nos anos de 1970, quando os historiadores passaram a abandonar o emprego dos “métodos quantitativos, interessados na vida de milhões de pessoas e concentrado na análise das tendências gerais” e – seguindo os antropólogos sociais – investiram em análises mais recortadas, que possibilitassem perceber a “vida humana mais de perto”. Nesse período, o sucesso e as virtudes constatadas em obras como *Montaillou* (1975) e *Os queijos e os vermes* (1976), produzidas, respectivamente, por Emanuel Le Roy Ladurie e Carlo Ginzburg, contribuíram para a divulgação de uma abordagem que vem, desde então, conquistando notoriedade e espaço no meio acadêmico.

OS “PRESOS” E A ESCRITA DE SI: REFLEXÕES SOBRE O SISTEMA DE CONTENÇÃO PENAL.

José Gustavo Bononi, UDESC

gustavobononi@hotmail.com

Este trabalho tem como proposta uma análise sobre a vida e condição dos internos sobrepostos aos métodos punitivos moderno-contemporâneos, aplicados pela sociedade atual, a partir de memórias relatadas em redações escolares no ano de 2004 no Complexo Compacto Penitenciário de Serra Azul SP. A estrutura do trabalho se baseia na história oral, dialogando com outros campos de estudo como a Antropologia e a Sociologia. Este será sintetizado partindo da visão analítica de Foucault da “escrita de si” e serão selecionadas diversas redações onde os internos compartilham a vivência no internato e compactuam de forma *etopoiética*, ou melhor, uma função estética e política da criação de si, expondo a subsistência no internato, as relações sociais, a hierarquia no sistema de contenção e as expectativas de egresso à liberdade.

A FIGURA FEMININA E SUA INDUMENTÁRIA NA BELLE ÉPOQUE PARISIENSE E SEUS REFLEXOS NAS TERRAS BRASILEIRAS E NA CAPITAL DO CAFÉ - 1890/1930

Letícia Ricci Aparício, CEUBM

leth_ricci@hotmail.com

Este artigo trabalha o papel da mulher na Belle Époque e como isso refletia em sua vestimenta. Primeiramente, será destacada a figura feminina da Belle Époque parisiense (comportamento, indumentária) e o intercâmbio desse “modelo de mulher” ao Brasil, sua aceitação durante a Primeira República no Rio de Janeiro e em Ribeirão Preto (cidade considerada a capital do café no interior de São Paulo).

O ESTUDO DO MEIO AMBIENTE NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA

Lilian Maria Moser, UNIR

lilianmaria_moser@yahoo.com.br

A História, em sua tradição se ocupava dos “grandes construtores” e fatos considerados imprescindíveis para a formação do processo civilizatório das sociedades. Sua abordagem, desvinculada do contexto sócio-político e econômico, não contemplava o ser humano inserido nesse ambiente bio-diverso. Hoje o olhar da História está articulado com o meio ambiente,

ecologia, e desenvolvimento sustentável na interdisciplinaridade, focada na geografia humana e nas ciências sociais. O historiador - entre a geografia e outras ciências relacionadas ao meio-ambiente - procura identificar o conjunto de meios, estratégias que o homem ou grupos sociais possam aplicar para que sua vida adquira qualidade e sustentabilidade. (Linhares 1994). Na região amazônica é urgente a História iniciar essa reflexão, pois sua biodiversidade já justifica seu estudo e pesquisa. É preciso pensar a História a partir da Amazônia!

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E A HISTORIOGRAFIA DA CULTURA

Luciano dos Santos, CEFET

professorlucianosantos@yahoo.com.br

Por mais que as biografias tenham invadido as prateleiras das livrarias e alcançado um verdadeiro sucesso editorial nas últimas décadas, este domínio da história pouco embalou interesses dos historiadores de ofício até os anos 1980-90. Todavia, com o desenvolver da História Cultural e, sobretudo, da afirmação da micro-história, como também da História Intelectual, este domínio da história têm alcançado cada vez mais espaço dentro da oficina do historiador. Em nosso trabalho não analisaremos indivíduos anônimos, aqui concentrar-nos-emos em um intelectual, isto é, pretendemos analisar as contribuições de Sérgio Buarque de Holanda à historiografia brasileira da cultura, como também a partir dele compreender o universo histórico-cultural-social do Brasil dos anos 1930-60.

RECONSTRUINDO IDENTIDADES: UM ESTUDO DE CASO SOBRE EXILADOS POLÍTICOS MINEIROS (1964/2004)

Marcelina Silveira de Queiroz, UFJF

marcelasqrangel@terra.com.br

Este estudo busca compreender e problematizar aspectos ligados à ditadura militar no Brasil, implantada em 1964, e seus desdobramentos, focando principalmente a trajetória de alguns exilados, a volta do exílio, bem como a inserção sócio-política e identitária de exilados políticos mineiros no contexto da redemocratização brasileira (1979-1989). Sua relevância é marcada pelo fato de envolver as histórias de homens e mulheres que foram punidos por denunciar ou combater a opressão do regime civil-militar, sofreram cortes e rupturas irreparáveis, ou até mesmo, perdas definitivas e ainda não completaram seu trabalho de luto, já que muitos estão em processo de luta por reparações morais, financeiras e até mesmo históricas. Portanto, é através do relato e registro dessas experiências que se buscou apreender a história e a memória, de luta e de luto, desses sujeitos históricos.

PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE CACHOEIRINHA-TO: MEMÓRIAS DE UMA CIDADE E DE UMA EXPERIÊNCIA.

Napoleão Araújo de Aquino, NEUCIDADES/UFT

napoleao@uft.edu.br

Cachoeirinha-T0 localiza-se na região conhecida como Bico do Papagaio, extremo norte do Tocantins. Refere-se ao trecho de transição entre o cerrado e o adensamento da floresta amazônica, tendo recebido bastante influência histórico-cultural dos estados do Maranhão e Pará. Conhecida como “Cidade de três ruas”, Cachoeirinha, com menos de três mil habitantes, teve a louvável iniciativa de elaborar seu Plano Diretor Participativo, com suporte técnico do Grupo Neucidades/UFT. Instrumento este, obrigatório apenas para municípios acima de vinte mil habitantes. A presente comunicação revela aspectos das memórias da própria cidade sobre si mesma, através de falas de alguns de seus moradores, e memórias da experiência de elaboração do referido instrumento legal.

D. PEDRO DE BRAGANÇA: UM ESTUDO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO

Poliene Soares dos Santos Bicalho, UnB/UEG

poliene.soares@hotmail.com

A vida e a atuação política de D. Pedro de Bragança é o objetivo maior deste artigo. Com base em um estudo histórico-biográfico, busca-se fazer uma análise crítica deste político de personalidade dualista (entre o liberalismo e o absolutismo) e de vida pessoal um tanto curiosa. Diante disso, na perspectiva dos atuais estudos biográficos que buscam pensar o indivíduo no contexto maior de sua atuação política, far-se-á uma estudo da trajetória de vida do sujeito político, no espaço de atuação do mesmo nas principais decisões da Nação Brasileira, então em formação nas primeiras décadas do século XIX.

A CAIPIRA PARIS NO NORDESTE PAULISTA: UM BREVE OLHAR SOBRE AS MULHERES DE RIBEIRÃO PRETO NA MODERNIDADE CAFEIEIRA (1883-1929)

Rafael Cardoso de Mello, UNESP

profrcmello@yahoo.com.br

Pesquisar o nordeste paulista durante a transição do século XIX ao XX é estar preparado para uma condição específica: a Modernidade. Fruto desta aventura moderna financiada pelo capital cafeeiro, homens e mulheres destes centros urbanos vivenciaram uma modernização do espaço urbano envolvida pela chamada “Belle Époque Caipira”. Esta comunicação existe na tentativa de ilustrar uma faceta específica da modernidade – as mulheres. Por meio das representações sociais femininas, esperamos compreender a tensão existente entre o local e o global, no caso, entre Ribeirão Preto e o mundo moderno, ou mais especificamente, entre as mulheres ribeirãopretanas e esta modernidade em que “tudo que é sólido desmancha no ar”.

ENTRE O CAFÉ E O AÇÚCAR: O HOMEM DO CAMPO E SUAS EXPERIÊNCIAS NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO/SP – 1940/1970

Rodrigo de Andrade Calsani, CEUBM

rcalsani@yahoo.com.br

O trabalho tem a intenção de dar voz às pessoas comuns, do espaço rural, que participaram diretamente na construção do processo histórico na transição da cultura cafeeira para canavieira na região de Ribeirão Preto/SP, entre 1940/1970. Tendo como método a história oral (Thompson), podemos adentrar ao universo caipira com seus costumes, crenças e fé. Por meio de um estudo em escala micro (Levi), o homem do campo, podemos entender as circularidades (Ginzburg), os contextos e suas experiências (E. P. Thompson).

BIOGRAFIA: POSSIBILIDADES EPISTEMOLÓGICAS EM DISCUSSÃO

Rodrigo Ribeiro Paziani, Faculdade Dom Bosco/CEMUMC

rpaziani@yahoo.com.br

A biografia vem se constituindo num ponto nevrálgico das mudanças paradigmáticas sofridas por Clio nas últimas décadas numa senda de crítica ao método quantitativo, às mentalidades e à voga estruturalista que dominou os círculos historiográficos franceses. Ela representa ainda uma guinada metodológica em direção dos estudos culturais graças ao intenso diálogo com a antropologia. Por outro lado, o gênero biográfico consolidou-se a partir da década de 1980, na convergência das perspectivas historiográficas abertas pela “nova história cultural”, cujas vertentes francesa, italiana e norte-americana voltaram-se decididamente para os valores de grupos particulares, em locais e períodos bem circunscritos, justificando assim a necessidade do “retorno” da análise de “trajetórias” por meio das técnicas de narração, de estudos de caso, do cotidiano e da revisão da história política. Nosso trabalho pretende realizar uma discussão em torno da valorização do eixo biográfico.

JOSÉ DA SILVA BUENO: MEDIAÇÕES DE PODER E CULTURA NA ERA DO RÁDIO EM RIBEIRÃO PRETO

Tiago S. Giorgiani, CEUBM

tsgbr@yahoo.com

Nosso trabalho propõe uma reflexão sobre a complexa trama de mediações que a relação comunicação/ política/ cultura articularam em Ribeirão Preto na Era de Ouro do Rádio (1925 a 1950). Adentraremos a esse sistema de modernização, poder, valores e normas pela figura do professor José da Silva Bueno. Administrando a Rádio PRA-7 Bueno se tornou um astuto mediador político e cultural. Soube se aproveitar do nexos simbólico que sustenta o rádio e as formas como ele se ampara na memória, nos ritmos, nas formas e nos cenários de interação e repetição. Usou da ritualidade que foi – e que ainda é – escutar o rádio para racionalizar o espaço e o tempo da vida cotidiana. Assim, criou certas capacidades para impor regras aos jogos de significação e situação. Essas estratégias permitiram a ele - José da Silva Bueno - ser um dos mais influentes homens do interior paulista.

CLIO E AS MUSAS: DESAFIOS E MÉTODOS NA HISTORIOGRAFIA E HISTÓRIA DAS ARTES E DAS LINGUAGENS, ESTUDOS COMPARADOS E INTERSEMIOTICIDADE, RELAÇÕES CULTURAIS E INTERARTÍSTICAS

SIMPÓSIO TEMÁTICO IV

Coordenadores:

Márcio Pizarro Noronha (EMAC / UFG)

Rosemary Fritsch Brum (UFRGS)

EXPLORANDO CONCEITOS E IMAGENS: DESLOCAMENTOS NA HISTÓRIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA

Adair Marques Filho, UEG-Trindade

adair@ueg.br

As representações de nus masculinos na história da arte são correntes tanto no Ocidente quanto no Oriente, neste último com maior desembaraço. No entanto, a maioria dos trabalhos artísticos dessa natureza produzidos até a bem pouco tempo, eram clandestinos quando tratava de representar as relações entre pessoas do mesmo sexo, criando um agravamento quando essas pessoas eram do sexo masculino. Para entender um pouco da trajetória da arte homoerótica no oriente e, principalmente no ocidente, faz-se necessário recorrer à história da sexualidade de Foucault. Ele faz uma oposição entre dois conceitos fundamentais: o de *ars erótica* e o da *scientia sexualis*. Nesse sentido, procuro problematizar a produção e reflexão sobre as imagens homoeróticas na Arte Contemporânea através das fotografias de Robert Mapplethorpe e Alair Gomes.

HISTÓRIA DA ARTE E PATRIMÔNIO: QUESTÕES METODOLÓGICAS

Adriana Sanajotti Nakamuta, USP

anakamuta@yahoo.com.br

A abordagem do presente artigo destina-se a compreender a sistematização das pesquisas de história da arte nos primeiros anos de atuação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Sphan, hoje Iphan, sobretudo os estudos publicados na sua revista.

Criado em 1937, com a promulgação do Decreto-Lei nº. 25 de 30 de novembro de 1937, o Sphan é parte integrante do projeto de modernidade do país, sob a orientação do Estado Novo, logo, responsável pela identificação “construção” de uma identidade cultural nacional.

Sob essa perspectiva, a Revista do Sphan tornou-se um periódico prioritariamente dedicado aos estudos de história da arte e da arquitetura. Traçamos como recorte de análise os números 01 (1937) à 18 (1978) integrantes do primeiro projeto gráfico.

A OBRA PLÁSTICA DE WIFREDO LAM E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NACIONAL CUBANA

Aline Mocó Silva Miklos, USP

alinemiklos@hotmail.com

Wifredo Lam, artista plástico cubano, regressa da Europa no início da década de 40 e vai procurar nos elementos da cultura popular cubana, em especial a de origem africana, uma das fontes para o seu trabalho. Teve forte influência do surrealismo francês e de sua corrente primitivista, como também teve uma forte influência de todo o debate que estava em voga entre os artistas cubanos da primeira vanguarda (a revalorização da cultura popular, da figura do guajiro (camponês) e de paisagens cubanas, em busca de um identidade nacional). Mesmo

passando a maior parte de sua vida fora do país, Lam não se desvencilhou das questões políticas em Cuba, apoiou a Revolução Cubana até sua morte em 1982 e por sua vez foi considerado pelo governo de Fidel Castro - que tinha como um dos seus objetivos revalorizar a cultura cubana e suas raízes africanas - como o maior artista plástico cubano de toda história.

CLUBE DA OBJETIVA (1970-1989) – UM FOTOCLUBE NO CENTRAL DO BRASIL

Ana Rita Vidica, UFG

anavidica@yahoo.com.br

O artigo *Clube da Objetiva (1970-1989): Um fotoclube no central do Brasil* é resultado da recuperação da história do fotoclube de Goiânia, o Clube da Objetiva, nas décadas de 70 e 80, se constituindo em parte do percurso fotográfico do Estado de Goiás. Para isso, buscou-se compreender em que medida o mesmo incorpora as práticas institucionais do movimento fotoclubista. Este entendimento foi feito através do cruzamento de documentos textuais, orais e visuais, como recortes de revistas, jornais e boletins informativos recebidos de outros fotoclubes e que fazem parte do acervo do Clube da Objetiva, além de conversas com alguns de seus integrantes.

BEATRIZ MILHAZES E JULIO GHIORZI: POÉTICAS, ICONOGRAFIAS & NARRATIVAS. UM ESTUDO DE CASO NA PRODUÇÃO PICTÓRICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. (REFLETINDO TEMAS DO NEOBARROCO)

Camila Rodrigues Viana Ferreira, UFG

camilavrodrigues@hotmail.com

O trabalho trata de um estudo em História da Arte, cujo objeto de reflexão é especificamente a pintura brasileira do tempo recente, através da obra dos artistas Beatriz Milhazes e Julio Ghiozi, observando as relações destas obras com o campo da reflexão estética neobarroca. Com base em procedimentos clássicos da abordagem formal, o tema é explorado a partir da idéia de uma atualidade do barroco enquanto forma e estilo (Wolfflin; Calabrese) e enquanto mecanismo psíquico (Lacan). As formas serão analisadas em termos técnicos, do senso decorativo e dos recursos historicistas utilizados (do tipo paródico), permitindo a definição de um campo estilístico referido a cada um dos artistas estudados, na caracterização de uma época histórico-artística.

RELAÇÕES PALAVRA E IMAGEM NA OBRA DE PAULO BRUSCKY: ELEMENTOS PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS E INTERCULTURAIS NUMA HISTÓRIA BIOGRÁFICA DO ARTISTA

Cíntia Guimaraes Santos Sousa, UFG

cguimaraes16@gmail.com

Este artigo discute um primeiro grau de relações interartísticas entre a linguagem visual - Artes Plásticas e Visuais - e a linguagem escrita - poesia e comunicação - tendo como alvo a produção do artista brasileiro Paulo Bruscky e sua trajetória na arte postal (arte correio), performance etc. O estudo parte da Teoria Interartes e dos Estudos da Estética Comparada, envolvendo o projeto de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em História (FCHF / UFG). A perspectiva adotada é a da nova história biográfica, com o desenvolvimento de uma biografia de artista - e as relações entre obra e vida. Bruscky é um artista de fundamental importância neste tipo de estudo interartístico e nas relações entre arte e comunicação, pois sua trajetória apresenta-se quase sempre através de relações explícitas entre imagem e palavra - a palavra enquanto imagem e o que podemos nomear como sendo um texto visual.

A IMAGEM NA(DA) REVISTA DO PATRIMÔNIO

Cíntia Mayume de Carli Silva, IPHAN/PUC-Rio

cintiacarli@gmail.com

A “construção” de uma identidade nacional, resultado sobretudo dos anseios modernistas pró-salvaguarda de monumentos e objetos de arte, tem sido alvo do interesse de inúmeros pesquisadores em diversas áreas de conhecimento. Nesta comunicação, pretendemos apresentar parte da investigação que vem sendo realizada no Programa de Especialização em Patrimônio Iphan/UNESCO desde 2006. Nosso interesse ancora-se na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, a principal publicação do órgão federal de proteção ao patrimônio desde sua criação, em 1937, divulgando debates e estudos realizados pelo Iphan. O recorte investigativo desta explanação são os primeiros cinquenta anos da *Revista* (1937 a 1987), que abrange 22 números, com especial atenção em seu conteúdo visual (fotografias, gravuras etc.) e sua interlocução com os textos.

SOPHIE CALLE POR “LAS CALLES” DE PARIS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E ALTERIDADE

Cláudia Maria França Silva Gozzer, Unicamp/UFU

claudiamfsg@yahoo.com.br

O projeto poético da artista contemporânea francesa Sophie Calle evoca uma relação muito peculiar entre subjetividade e alteridade. Em “A sombra”, de 1981, a artista percorre Paris, orientada por sua memória afetiva. Um detetive a segue pelas ruas da cidade, emitindo relatórios imparciais à sua mãe, contrastantes com a quase-deriva da artista. Seus trabalhos suscitam reflexões sobre a dialética realidade/ficção na construção da memória e da identidade. Acreditamos que seja possível “ler” alguns trabalhos de Calle pelo viés da História e da Antropologia por meio da “Micro-História” de Carlo Ginzburg - que traz o sujeito e seus vestígios para a superfície, indicando a abertura interpretativa desses vestígios e conectando o particular com o universal -, assim como o conceito de “confiança” abordado por Anthony Giddens, para compreender as relações sociais típicas da “modernidade tardia”.

MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO: ESPAÇO, TEMPO, MOVIMENTO E MATERIA

Eline Maria Moura Pereira Caixeta, ETSAB/UPC-Espanha

elinecaixeta@yahoo.com.br

Em 1952, o “Manifesto Ruptura” trazia consigo os novos paradigmas da década de cinquenta no campo das artes plásticas, a chamada “década construtiva” brasileira, que, no plano político, coincidiu com o projeto “desenvolvimentista” de Juscelino Kubitschek. O edifício do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1953-1968), de Affonso Eduardo Reidy — primeira obra, no Brasil, a explorar expressivamente o uso do concreto aparente— tem seu projeto imbuído deste contexto ideológico. Este trabalho tem como objetivo confrontar o discurso presente no projeto arquitetônico do Museu com aquele proferido pelos artistas ligados ao concretismo brasileiro, a fim de demonstrar as contaminações figurativas existentes entre os dois campos artísticos.

A EVOLUÇÃO DA LITERATURA DA PRÉ-HISTÓRIA À ERA DIGITAL: A ABORDAGEM DA SEMIÓTICA EVOLUTIVA DA CULTURA

Edgar Roberto Kirchof, Universidade Luterana do Brasil

ekirchof@uol.com.br

O artigo apresenta a teoria do semiótico alemão Walter A. Koch, fundador da Semiótica Evolutiva da Cultura, que sistematiza evolução histórica da literatura a partir de 10 grandes revoluções semióticas, dentre os quais se destacam os seguintes períodos: a eiconogênese,

relativa às manifestações das gravuras no paleolítico, mas também aos sistemas ideográficos e pictográficos que antecederam a escrita, cuja principal marca é o predomínio da iconicidade; a grafogênese, equivalente ao surgimento de um sistema escrito realmente digital, há aproximadamente 5.000 anos atrás, em que predominam características simbólicas; a tipografogênese, relativa ao surgimento da imprensa, através da qual ocorreu uma intensificação extraordinária quanto à possibilidade de ampliação e circulação dos signos literários. A mediogênese, relativa às novas tecnologias de comunicação, desde a televisão até os meios mais modernos. Após uma abordagem sucinta de todos os períodos da evolução literária, de acordo com o sistema de Koch, o artigo focaliza os principais impactos da cibercultura sobre a literatura contemporânea.

A NOMEAÇÃO DA OBRA ARTÍSTICO - MUSICAL: UMA CONVERSA INSTAURADA ENTRE FORMA E IMAGINAÇÃO

Eduardo Barbaresco Filho, UFG
universoed@hotmail.com

O ato de dar nome a algo é uma temática discutida desde as categorias aristotélicas ao estruturalismo moderno. Seja a atribuição de uma qualidade ou expressão qualquer, a nomeação situa-se num espaço das representações e perpassa caminhos da significação de um dado fenômeno. Nessa perspectiva dois aspectos são marcantes: a forma - estrutura e a força imaginativa. Para Derrida (1973) o diálogo entre tais termos permite uma abertura ao pensar histórico, e a possível construção de um sentido. A proposta aqui é a de investigar essa figuração na linguagem musical, sobretudo, na relação título, obra e intérprete, com destaque a exemplos musicais do classicismo e do romantismo. Assim, o título é potencialmente portador de especificidade histórica revelada por mundos interagidos e distintos no universo musical.

O GRANDE VIDRO: QUANDO CERTEAU DIALOGOU COM DUCHAMP

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira, UnB
emerdione@uol.com.br

Nosso trabalho visou compreender a leitura realizada pelo historiador e antropólogo Michel De Certeau sobre o projeto artístico mais ambicioso de Marcel Duchamp – O Grande Vidro. Na realização da pesquisa buscamos entender como o pensador localizou a obra de arte dentro de suas discussões teóricas e, mais, qual a relação do *Grande Vidro* com os conceitos de arte predominantes em seus escritos e sua interface com uma teoria da História. Na mesma direção, optamos por confrontar essa leitura com clássicas interpretações produzidas por Octavio Paz, Pierre Cannabe, Thierry de Duve e Paulo Venâncio Filho, além das considerações do próprio artista.

REFLEXÕES SOBRE O ACERVO DE UM MUSEU DE ARTE NA CIDADE DE UBERLÂNDIA

Fabiana Carvalho de Oliveira, UFU
Thiago Destro Rosa Ferreira, UFU
fabi.co23@gmail.com

Esta comunicação se propõe a apresentar o projeto de pesquisa *MunA: História de um acervo*, que vem sendo desenvolvido a partir de um caráter interdisciplinar entre as áreas de Artes Visuais e História, da Universidade Federal de Uberlândia. Este projeto, que foi aprovado pelo Edital universal FAPEMIG/2006, tem por objetivo analisar os dispositivos de constituição do acervo do Muna – Museu Universitário de Arte, suas políticas de aquisição, as doações recebidas, a quantidade, a qualidade e a tipologia das obras que o compõem. Procura compreender o papel do Museu e sua coleção em relação ao imaginário social pertinente à

cidade de Uberlândia, os espaços de sociabilidade, as instituições culturais e educacionais e as conexões com o meio universitário, do qual faz parte.

A POSIÇÃO DO ARTISTA FACE À INCAPACIDADE DE PRODUÇÃO: RETRATOS EM ERICO VERÍSSIMO E OSCAR WILDE

Ivan Marcos Ribeiro, UFU
imribeiro@terra.com.br

O presente trabalho objetiva o trato com duas obras significativas da literatura inglesa e brasileira: *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e *O retrato*, de Erico Veríssimo. Nas duas obras, analisar-se-á a posição do artista frente a suas mais importantes obras-primas; após um período de criação mediana, os artistas que figuram nos dois livros encontram-se diante de uma execução singular: o retrato de seus admiráveis amigos, os quais em seguida vão se distanciando afetivamente por razões diversas. Percebe-se que o artista é um ser carente do afeto de seus modelos, e o distanciamento os coloca num ostracismo e decadência, tanto pessoal quanto artística. Portanto, quer-se buscar a trajetória desse artista que, quando chega ao ápice, não consegue manter seu talento e sente-se absorvido pelas circunstâncias geralmente trágicas da vida.

O HARLEM ESPANHOL COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DA NOVA LATINIDADE EM *CHANGO'S FIRE*, DE ERNESTO QUIÑONEZ

Jane Thompson Brodbeck, ULBRA
j.tb@cpovo.net

A produção literária da mais nova geração de autores latinos situa-se numa América fragilizada pelas distorções decorrentes da economia da era Clinton e pela xenofobia pós 11/9. Por sua vez, a influência da economia globalizada ocasiona mudanças nos diversos extratos sociais estadunidenses, em especial àqueles concernentes aos grupos étnicos. As relações entre caucasianos de origem puritana e moradores do Harlem espanhol, sinalizam conflitos que indicam uma resistência da parte dos latinos, através de seus costumes, crenças religiosas e estilos de vida. Além disso, os imigrantes latinos se deparam com a ameaça de um outro tipo de colonialismo pós-moderno representado pelas grandes redes de lojas que invadem o espaço mítico de *El Barrio* e pela presença dos brancos pertencentes à classe média. Ao focalizar a tensão entre o local (Harlem espanhol) e o global (a cidade de Nova Iorque), pretendo discutir novas formas de se pensar a identidade latina, sob a perspectiva de um autor nascido no Harlem, mas descendente de pai equatoriano e mãe porto-riquenha.

TEATRO, ENGAJAMENTO E POLÍTICA NO BRASIL PÓS-1964

Kátia Rodrigues Paranhos, UFU
akparanhos@triang.com.br

Teatro social e teatro engajado são duas denominações, entre outras, que ganharam corpo em meio a um vivo debate que atravessou o final do século XIX e se consolidou no século XX. Seu ponto de convergência estava na tessitura das relações entre teatro e política ou mesmo entre teatro e propaganda. Para o crítico inglês Eric Bentley, o teatro político se refere tanto ao texto teatral como a quando, onde e como ele é representado. Esta comunicação aborda a questão do engajamento, de um modo geral, e o perfil do teatro militante no Brasil no pós-1964, em particular, pondo em destaque grupos teatrais que atuavam na periferia de grandes cidades.

A LITERATURA NO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL DE CABO VERDE

Kellen Millene Camargos Resende, Secretaria Estadual de Educação
kellenmil@gmail.com

Neste trabalho, será abordada a importância dos escritores caboverdianos no processo de independência da colonização portuguesa. A literatura foi uma forte aliada dos intelectuais envolvidos na luta de emancipação nacional, pois mostrou que os artistas não estavam alheios aos descasos governamentais que ocorriam no país. Será analisada a obra *Os flagelados do vento leste*, do escritor Manuel Lopes, para indicar que a repressão sofrida pelos personagens reflete, na verdade, a repressão sofrida pelos ilhéus. Assim, de forma silenciosa, os escritores, sem poder criticar declaradamente o descaso do governo, criaram personagens que retrataram os sofrimentos reais de um povo que só conseguiu reagir, após séculos de exploração, quando as ideologias, que já vinham sendo produzidas em Portugal, com preocupações voltadas ao homem dominado, voltaram-se ao contexto de Cabo Verde.

DANÇA, HISTÓRIA E MEMÓRIA: PROBLEMATIZAÇÕES EM TORNO DAS OBRAS BIOGRÁFICAS DE DANÇA

Luciana Gomes Ribeiro, UFG/UEG
cianaribeiro@gmail.com

Este trabalho, integrando as reflexões para o desenvolvimento de uma tese de doutoramento em História e Arte, no campo da pesquisa da dança, trata de investigar aspectos da dança relacionados ao uso das histórias de vida na construção de obras coreográficas, aproximando a noção de biografia à de coreografia. Este movimento tem como marco os trabalhos coletivos do Judson Church e seus desdobramentos nas produções contemporâneas, seja enquanto procedimento investigativo-constutivo-expressivo ou enquanto forma espetacularizada (obra em seu acabamento). Quais os possíveis sentidos das memórias e das histórias de vida enquanto novos modos de organização do universo cultural e histórico da arte da dança e quais as relações possíveis entre estes eventos e as formas tradicionais (cultura do balé; balé de repertório)? enquanto poiesis e da dança enquanto fenômeno espetacular.

A CHEGADA COMO PONTO DE PARTIDA: A TRANSFORMAÇÃO DE UMA POÉTICA ATRAVÉS DA VIVÊNCIA DO PLANO PILOTO DE BRASÍLIA.

Manoela dos Anjos Afonso, UFG
afonso.manoela@gmail.com

Desde o primeiro contato com a gravura, que se deu no ano de 1998, na cidade de Curitiba, a figuração esteve presente em minha pesquisa gráfica. Tal fato se deve, principalmente, à profunda admiração que desenvolvi pela visualidade dramática do Expressionismo nas artes plásticas, sobretudo na gravura. Em 2003, com a mudança para a cidade de Brasília, algumas características do seu espaço urbano atípico foram incorporadas às gravuras desenvolvidas a partir desse momento: a horizontalidade, a repetição, o módulo e as formas simplificadas tornaram-se elementos basilares dessa nova produção. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a chegada como ponto de partida: como a vivência de uma nova configuração espacial de cidade se reflete não só no produto artístico – que são as gravuras da série “Brasília Gravada” – mas também nos seus processos de produção?

PEQUENA DISCUSSÃO SOBRE A DEFINIÇÃO DE MÚSICA, OU SOBRE A SURDEZ DO HISTORIADOR

Marcelo Miguel de Souza, UFG
marcelobrass@hotmail.com

A incorporação de novas linguagens tem sido uma característica dos últimos movimentos historiográficos. Mediante a expansão, ou anexação de áreas afins do conhecimento, o historiador tem-se deparado, dentre outras coisas, com a multiplicidade. Essa Multiplicidade, que pode ser de temas, objetos e abordagens, amplia o horizonte e a permeabilidade ao novo desse historiador, que passa agora a ter de possuir sensibilidades antes exigidas somente de outros profissionais como músicos, pintores, cineastas, escultores etc. O que me proponho nesta comunicação, é o debate sobre o conceito de música, que aparece como uma idéia generalista, ambígua, polissêmica, pertencente a uma classe de palavras pouco definíveis, diria até “universais” (universalizantes). Esse tipo de abordagem teórica causa diversos problemas de tipificação, caracterização e compreensão do fenômeno musical enquanto objeto de estudo científico.

ARTE E HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DO PAINEL INCONFIDÊNCIA MINEIRA, DE JOÃO CÂMARA FILHO, NO PANTEÃO DOS HERÓIS DA PÁTRIA EM BRASÍLIA

Maria Madalena Gomes da Silva, UFU
gomesartes@yahoo.com.br

O objetivo do presente trabalho é, a partir da análise do painel *Inconfidência Mineira*, de João Câmara Filho; realizado, na década de 1980, para o Panteão dos Heróis da Pátria, em Brasília; pensar na sobrevivência do chamado ‘gênero histórico’ na arte moderna e contemporânea brasileira, - sobrevivência esta relacionada à uma intermitente recorrência, na arte internacional do século XX, da figuração narrativa de cunho político.

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES: PRESERVANDO ARQUIVOS VIVOS DE ANGOLA PELA LITERATURA

Marilúcia Mendes Ramos, UFG
marilucia_ramos@uol.com.br

A política de Portugal para suas colônias foi assimilacionista, podendo o “indígena” alcançar o grau de “assimilado” pela adoção paulatina da cultura de seu dominador. Assim, quanto mais abandonasse suas crenças, tradições, religião, língua, hábitos e adotasse a língua e a religião do colonizador menos sofreria. Nesse processo assimilacionista, muitos angolanos foram se afastando de suas raízes culturais, porém, como resistência e (re)construção da identidade, intelectuais propuseram-se a recuperar na escrita estórias contadas pelo povo e histórias que os griotes, arquivos vivos da África, preservaram dentro dos rigores da tradição oral. Discutiremos o papel da literatura para a preservação da memória angolana, transformando o objeto em sujeito de sua própria história.

FRANS KRAJCBERB E WALMOR CORRÊA: RELAÇÕES CLÁSSICO - (pós-) MODERNO E ROMÂNTICO - MODERNO NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA BRASILEIRA DO TEMPO RECENTE

Marcio Pizarro Noronha e Miguel Luiz Ambrizzi, UFG
miguelambrizzi@bol.com.br

Trata-se de um estudo da obra de dois artistas brasileiros (Frans Krajcberg e Walmor Côrrea) e as relações formais com o campo dos conceitos de clássico e romântico e suas diferentes inflexões para o moderno / modernidade. Ambos os artistas investigam o mundo natural e suas aparições no cenário artístico contemporâneo, seja através de formas clássicas (modelos topográficos de pensamento em Walmor Côrrea) ou através de formas romântico-modernas

(as topologias de Krajcberg). Em Cômrea, tratamos de investigar os modos como o classicismo oscila entre raciocínios modernos e pós-modernos, fazendo uso de recursos narrativos e traçando formas do tipo irônico e do tipo paródico.

SANTO AGOSTINHO, JORGE LUIZ BORGES E O TEMPO

Milton Pereira da Costa Filho, UFG
mylton1202@hotmail.com

Este trabalho pretende apresentar o Tempo na visão de santo Agostinho e Jorge Luis Borges. Fazendo uma relação entre os dois acerca do tema. Santo Agostinho discute o Tempo como sendo seu grande enigma a ser decifrado, para Jorge Luis Borges o Tempo é considerado o problema essencial da metafísica. Com isso buscaremos mostrar a análise feita por ambos sobre a temporalidade, tendo como base alguns capítulos do Livro XI das Confissões e algumas obras de Borges.

A LEITURA DE IMAGENS EM ACERVOS FOTOGRÁFICOS: ENTRE A MEMÓRIA REGISTRADA E A HISTORIOGRAFIA

Miriam Paula Manini, UnB
mpmanini@uol.com.br

Este trabalho discute o exercício de leitura de imagens fotográficas feito por historiadores em acervos de instituições coletoras e detentoras de cultura, tais como arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação e de informação. Aborda o tratamento dado à informação imagética pelos profissionais de acervos, a relação desta pré-análise com os interesses e necessidades de informação do pesquisador e os usos que o historiador faz da fotografia. O objetivo é observar em que medida a leitura do profissional da informação prepara a leitura do pesquisador e elencar os tipos de uso que o historiador faz de fotografias históricas quando seu interesse recai sobre registros imagéticos de memória.

GRAVURA COMO METÁFORA DO CORPO E DA MEMÓRIA: ALGUNS PARADIGMAS DE UMA VELHA TECNOLOGIA

Nancy Melo Batista Pereira, UFG
nancydemelo@yahoo.com.br

Desde a Idade Média encontramos a gravura cumprindo seu papel de difusora de imagens, participando do surgimento da imprensa, e, tornando-se, no renascimento, um veículo do virtuosismo de alguns artistas, como Dürer; no barroco com Rembrant e Goya no romantismo, e neste último o caráter denúncia em sua série “Desastres da Guerra”, relato visual de horrores como torturas, assassinatos, mutilações. Hoje podemos relacionar todas as significações que a ação de gravar suscita como também, sobre as diversas maneiras com que gravamos algo sobre alguma superfície - mesmo que de maneira aleatória; como se gravar fosse constantemente uma performance, uma ação repetida tantas vezes e por tantos, que se torna assim, inerente a qualquer ser humano, atos aleatórios, expressos, artísticos ou não, parafraseando Georges Didi-Huberman.

O PROFISSIONAL DAS ARTES VISUAIS E OS MEIOS DE VISIBILIDADE CONTEMPORÂNEOS

Nei Vargas da Rosa, UFRGS
nvargasr@terra.com.br

O trabalho propõe revelar a maneira pela qual se dá inserção e afirmação da carreira de artista plástico contemporâneo, a partir de dispositivos específicos de legitimação no sistema das artes brasileiro. Nesse sentido, coloca em evidência a política de democratização e acesso aos bens culturais implementada pelo governo federal, por meio da Lei Rouanet, bem como a

forma que o sistema financeiro se vale dessa idéia para fazer circular bens simbólicos e seus produtores. O Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro e Itaú Cultural de São Paulo são escolhidos para análise, pois podem ser considerados os principais modelos de atuação no quadro institucional corporativo no Brasil. O fenômeno que faz surgir esses espaços deve ser entendido na perspectiva da economia neoliberal, que ativa o mercado cultural e influência de forma decisiva na construção da História da Arte no Brasil e no mundo contemporâneo.

A HISTÓRIA NA PENA DE PEDRO AMÉRICO

Raquel Machado Gonçalves Campos, UFG

raquelmcampos@uol.com.br

Durante vários anos objeto de pouco interesse no campo das artes - marcado pelo veto modernista que a condenou em bloco - a pintura brasileira do século XIX não deixou de despertar a atenção dos historiadores. Estes a interrogaram sobretudo no que concerne à sua relação com a formação da nacionalidade - o que os conduziu a dirigir seu olhar especialmente para a pintura histórica e seus dois maiores representantes: Vítor Meirelles e Pedro Américo. Aqui, também trata-se de discutir história e um pintor de pintura histórica. Entretanto, ao focalizar os escritos de Pedro Américo em torno de suas pinturas históricas, o que se busca compreender não é a construção oitocentista da memória histórica nacional, mas o debate, intenso naquele momento, acerca do que é - e, conseqüentemente, do que não é - história e arte.

DÉCIO STUART: A TRAJETÓRIA DE UM BAILARINO NA BAIXADA SANTISTA

Rejane Bonomi Schifino, UFG

rejanebonomi@hotmail.com

Em 2003, a doação de um acervo sobre o bailarino Décio Stuart ao Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas possibilitou a realização de algumas análises sobre a trajetória da dança na Baixada Santista, especialmente em Santos. Tais análises procuraram relacionar a trajetória de Décio, tanto como bailarino quanto como professor de dança, à cidade de Santos, que se transformou em um campo de possibilidades para o desenvolvimento da dança.

A TRAJETÓRIA DO PROFESSOR-ARTISTA FERNANDO PALUAN E A EDUCAÇÃO MUSICAL NO MUNICÍPIO DE BAURU – SP

Rosa Maria Araújo Simões, UNESP

Helerson De Almeida Balderramas, USC

rosinha@faac.unesp.br

hbalderramas@uol.com.br

Em busca de compreender e refletir sobre a questão da educação musical brasileira, a partir de um contexto específico atrelado à formação do professor de música, foi realizada uma etnografia no “Conservatório Musical Pio XII” da Universidade do Sagrado Coração – USC - na cidade de Bauru/SP onde são ministrados os Cursos de Graduação em Educação Musical (Licenciatura) e em Instrumento (Bacharelado). Na convivência com alunos e professores desta instituição foi possível obter depoimentos que destacavam a importância do professor-artista (pianista e regente de coro) João Fernando Paluan para o cenário da educação musical de Bauru e região. Ao entrevistarmos tal professor, enfocando seus dados biográficos e a relação com a educação musical, pudemos apontar algumas convergências estabelecidas (a questão do canto coral, o ensino de piano) entre a história da educação musical local com o contexto mais amplo.

OBJETO E APROPRIAÇÃO NA OBRA DE PAULO FOGAÇA

Rosane Andrade de Carvalho, UFG

rosanedecarvalho@gmail.com

Esta proposta pretende apresentar uma análise do conjunto de trabalhos do artista goiano Paulo Fogaça denominado *Totens*, realizado em meados dos anos 1970. Enxadas, picaretas, enxós e foices, ferramentas de trabalhadores do campo, são apropriadas e agenciadas pelo artista compondo tridimensionais que expressam a relação entre o sujeito e sua cultura, remetendo às questões temporais e geográficas. As ferramentas rurais são tomadas por Fogaça como índices das tensões sociais geradoras de violência, de diferenças sociais e de supressão da liberdade de expressão, especialmente se pensadas no contexto no qual foram gerados, o da ditadura militar instaurada no país a partir de 1964. Agindo no campo da apropriação, os trabalhos de Fogaça rememoram as práticas dadaístas e *duchampianas* do início do século XX, questões que também serão abordadas e discutidas nesta proposta.

NATUREZA MORTA, DA HISTÓRIA DAS ACADEMIAS AOS PROCEDIMENTOS CONTEMPORÂNEOS

Rosângela Miranda Cherem, CEART/UDESC

rosangela@fastlane.com.br

Agostinho José da Motta foi um dos primeiros pintores brasileiros a se dedicar ao gênero pictórico da natureza morta, gramática considerada de menor importância na tipologia acadêmica, embora possa se reconhecer aí um conjunto de procedimentos e noções operatórias bastante relevantes para a contemporaneidade. Entre elas podemos destacar montagem e contigüidade, constituição de séries e constelações, condensação e desvio. Assim, encontra-se na leitura das obras deste artista questões que ultrapassam o academicismo, afetam diretamente as proposições modernistas e chegam à atualidade problematizando a sobrevivência póstuma do irrelevante e interrogando a persistência do anacrônico.

MEMÓRIA, ORALIDADE E IMAGEM

Rosemary Fritsch Brum, UFRGS

rosebrum90@gmail.com

O objetivo desse trabalho é demonstrar que os artistas visuais e performáticos trabalham com meios (formas de expressão e mídias) que ultrapassam a linguagem. Sugerimos que os problemas da biografia que se utiliza da técnica da história oral sobre movimentos culturais decorrem da utilização de modelos que inserem várias formas expressivas em um circuito de comunicação múltiplo, (cinema, vídeo-documentário, etc.) A história oral, a coleta de narrativas e a produção de fontes orais recolocam o problema: em que medida a extensão do ato comunicativo que depende da performance da voz, do gesto, pode ser posta à serviço da relação das palavras com tais circuitos de significados, uma vez que compreendem novas ações e novos objetos relativos à memória.

UMA VIAGEM DE CONFLUÊNCIAS POÉTICAS ENTRE OS BRASILEIROS JOÃO CABRAL DE MELO NETO, MANOEL DE BARROS E O AFRICANO CORSINO FORTES.

Rosidelma Fraga - UFG

rosidelmapoeta@uol.com.br

Neste artigo o objetivo fulcral é pontuar, através de uma análise global das linhas mestras da teoria intertextual de Kristeva e seus desdobramentos conceituais, algumas confluências poéticas entre os brasileiros João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros e o africano Corsino Fortes. Em suma, o trabalho enfocará os temas recorrentes, a saber: como o sujeito

lírico se manifesta nos poemas, a imagem, a metalinguagem, bem como a relação do mito. A proposta consiste ainda no debruçar de indagações críticas e teóricas sobre a lírica contemporânea.

FOTOGRAFIA E MEMÓRIA: A IMAGEM VISUAL COMO ESTÍMULO AO ATO DE REMEMORAR

Saulo Germano Sales Dallago, UFG

sauloator@uol.com.br

Este estudo tem por objetivo levantar discussões acerca do poder da fotografia como elemento catalisador de memórias num trabalho de história oral. Com base em um trecho da entrevista em vídeo concedida pelo dramaturgo goianiense Hugo Zorzetti (dissertação de Mestrado em História intitulada “A Palavra e o Ato: Memórias Teatrais em Goiânia”), o trabalho investiga o uso de fotografias como agentes estimulantes do ato de rememorar (memória e narrativa). O texto traça relações com as vertentes do pensamento e arte modernos, enfocando as abordagens de Noronha (2006; 2007) acerca das relações entre sensação e composição e das leituras de Benjamin e Deleuze / Guattari nos temas da memória voluntária e involuntária.

O CURADOR E O ARTISTA: AUTORIAS EM CONTEXTOS INTERARTÍSTICOS.

Suely Lima de Assis Pinto – UFG/CAJ

suelylimajatai@yahoo.com.br

Este trabalho integra as reflexões iniciais de um estudo das relações entre a figura do curador e a figura do artista nos projetos da arte do tempo recente (anos 80 e 90, do século XX). Neste momento, o texto trata de compreender a maneira como os curadores integram um circuito complexo de produção artística e, por vezes, assumem a dimensão da autoria em relação a um vasto universo de obras, processos e relações interartísticas. O curador não somente funciona como atribuidor de valores e conceitos nos espaços institucionais, mas pode ser, ele próprio, o autor de uma obra que resulta do seu percurso de leitura e dos diferentes modos como as encenações curatoriais constituem-se em modelo expositivo. Neste momento, o trabalho investiga catálogos e projetos curatoriais.

JOSÉ DE ALENCAR E KARL MARX: UM DIÁLOGO POSSIVEL?

Valdeci Rezende Borges, UFG-Catalão

valdecirborges@terra.com.br

José de Alencar dialogou com vários autores e campos de saberes ao produzir seus romances. Ele estabeleceu relações intertextuais com diversos tipos de linguagem, dentre elas a literária e a filosófica, a exemplo das intersecções com Rosseau e Kant, na produção de um imaginário sobre a dimensão social urbana em transformação centrada na cidade do Rio de Janeiro de meados do século XIX. Em *A Pata da Gazela*, ao que parece, recorreu às reflexões de Karl Marx sobre “A Mercadoria” presentes n’*O Capital*, delas apropriando, para tratar da questão do fetiche que via emergir na nova cidade e sociedade em edificação, nas quais os objetos pareciam adquirir vida própria enquanto as pessoas tornavam coisas. Na busca de explicitar tal prática de leitura recorremos aos indícios presentes no romance comparando-o com o texto marxiano, partindo de instrumentais da nova história cultural, interdisciplinar por constituição.

A (RE)CONSTRUÇÃO VERBAL DA IMAGEM: SARAMAGO LÊ DÜRER

Wilton Divino da Silva Júnior, UFG

tom_educar@hotmail.com

Neste estudo procuro analisar a partir do referencial teórico da semiótica greimasiana, cujo ponto central apregoa o estudo do discurso considerando que todo texto manifesta uma estrutura narrativa, como se processa a (re)construção do texto imagético no texto verbal a fim de viabilizar determinada ótica para a narrativa. Para isso, tenho como objetos o primeiro capítulo (pp.13-20) da polêmica obra “O Evangelho segundo Jesus Cristo” (1992) do autor português José Saramago e, conseqüentemente, a gravura do artista renascentista Albrecht Dürer, uma das três estampas da série ‘O Grande Calvário’, descrita por Saramago no primeiro capítulo da obra literária supra-citada. O ponto nevrálgico desta discussão refere-se ao seguinte aspecto: a gravura do artista renascentista Albrecht Dürer como releitura do mito cristão corroborando, portanto, ao empreendimento saramagueano de (re)construção dos evangelhos canônicos.

CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DO PASSADO: UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA CULTURAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

SIMPÓSIO TEMÁTICO V

Coordenadores:

Heloísa Selma Fernandes Capel (UCG)

Antônio Luiz de Souza (UCG)

HISTÓRIA CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA

Antônio Luiz de Souza, UCG

Heloisa Selma Fernandes Capel, UCG

alsouza1956@uol.com.br / hcapel@persogo.com.br

A presente comunicação levanta questões que envolvem os princípios da história cultural e sua aplicação a diversas situações no ensino de história. Considera a desconstrução do objeto de estudo como uma necessidade do historiador e a construção do passado como exercício historiográfico. A partir de possibilidades advindas dos Estudos Culturais, podem ser discutidas: a insuficiência no uso das metanarrativas, a necessidade de estabelecer interfaces interdisciplinares e a importância da utilização do documento/fonte, em sua ampla acepção no ensino-pesquisa. A comunicação enfatiza alguns caminhos traçados por práticas educativas reflexivas no campo da história cultural. Apresenta dados sobre a adoção de novos objetos temáticos, a valorização dos estudos sobre a linguagem e as representações, bem como a substituição da história factual pelo ensino historiográfico.

HISTÓRIA LOCAL: UMA DIDÁTICA A SER TRABALHADA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Carlos Gilberto Barroso Maia, Universidade Católica Dom Bosco

gilbert_mm@hotmail.com

Pesquisa realizada na cidade de Fortaleza, desenvolvido em uma escola da rede estadual de ensino nas séries do ensino fundamental de 6^o ao 9^o ano. O estudo proposto analisa o ensino de história com uma proposta pedagógica diferente, na qual, tenta, desvincular a disciplina “História” daqueles antigos estereótipos de “matéria sem importância”, ou “por que vou estudar coisas do passado?”. O artigo vai tratar das questões legais do ensino de história dentro dos PCN’S, a criação dos PCN’S, a temática História Local no Ensino de História. Para finalizar, iremos abordar questões reais de como é possível utilizar outras técnicas de ensino-aprendizado nas séries iniciais utilizando propostas significativas.

O JOGO CULTURAL COMO PRÁTICA EDUCATIVA

Cristhianne Lopes do Nascimento, UFG

kricalopes@gmail.com

Tratar o jogo como instrumento para o aperfeiçoamento da comunicação dos futuros profissionais das várias áreas do ensino superior. O jogo como função da vida; como forma significativa, forma específica de atividade, ou seja, função social. Reportando ao puro e simples jogo que constitui uma das principais bases da civilização. Uma atividade voluntária e livre que, segundo Huizinga (2004), o jogo é capaz de satisfazer a necessidade humana de viver em beleza e, isto, pode ser confirmado com vários rituais e manifestações primitivas. Sendo, portanto, a grande atividade arquetípica da sociedade humana inteiramente marcada pelo jogo.

ENSINO DE HISTÓRIA, TECNOLOGIAS E PERSPECTIVAS PARA A *NET-GENERATION*

Eduardo José Reinato, UCG

reinatto@uol.com.br

O trabalho com a questão do conhecimento histórico no ensino médio é um tema recorrente em qualquer discussão sobre a função da história para a educação. O objetivo maior dessa comunicação é observar a relação entre a produção da pesquisa histórica e historiográfica com o ensino de história. Dois problemas nos incomodam: Qual vai ser o papel do conhecimento histórico no contexto desse novo século e, em que medida nossa prática como professores de história conseguirá adaptar-se aos avanços proporcionados pelas novas tecnologias e mídias?

O TEATRO DO PODER

Eli Braz da Silva Júnior, UCG

eli_braz@yahoo.com

A presente comunicação trabalha com as representações da autoridade no homem público, principalmente no político profissional. Trabalhamos com História Cultural e investigamos as práticas sociais dentro do espaço público. Na cultura contemporânea, acreditamos, há intrínseca dependência entre o que é oferecido ao público e o que o público espera. Acreditamos que haja uma educação dos sentidos na prática da política como espetáculo. Os gestos, as ações bruscas, o gesto estudado e lento, o alterar da voz, os silêncios e o corpo como um espetáculo da linguagem. Por parte do público, o esperar, o respirar, o grito e o aplauso como retribuição. Todos representam personagens dentro de um teatro da política como prática histórico-social.

OS AFRODESCENDENTES NA CONSTRUÇÃO DA HISTORIOGRAFIA DO PROCESSO SÓCIO-EDUCACIONAL BRASILEIRO

Elias Pascoal, UCG

eliaspascoal@ibest.com.br

O presente artigo situa-se no campo da Educação e, mais especificamente nas interligações/relações educação – historiografia da educação brasileira, Pretende-se visualizar, à luz das tensões históricas e dos desafios da sociedade contemporânea, o processo de educação/escolarização dos afro-descendentes no Brasil, contemplando a teia sociocultural que o envolveu, na tentativa de estabelecer relações entre o processo histórico educacional dos grupos atingidos pelo tráfico negreiro e que não se perderam na história, e as novas configurações que os elementos étnico-históricos tomaram dentro do processo educacional desenvolvido no Brasil. Nesse sentido, contribuem as comunidades quilombolas e os movimentos representativos dos afro-descendentes, bem como outros estudos que procuram situar-se na problemática contemporânea de modo a “darem respostas” a problemas de legitimidade social aos segmentos não reconhecidos historicamente na sociedade brasileira e contemplados na Lei n. 10.639/2003 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

HISTÓRIA, BIOGRAFIA E ENSINO

Fernando Carvalho de Assis Araújo, UCG

fernando_historia@hotmail.com

Pretendo comunicar pesquisa sobre as possibilidades da biografia na sala de aula, no ensino de história. Antigamente, a biografia foi utilizada na perspectiva da história que chamarei de tradicional, para dar exemplos de vida, educar a partir dos atos dos grandes homens.

Atualmente, com inúmeros novos campos de escrita da história, podemos explorar a biografia a partir da História Cultural, ampliando as possibilidades de ensino e aprendizagem. Com a biografia, podemos utilizar as escalas e ir do macro ao micro e do micro ao macro, rompendo com a meta-narrativa dos livros tradicionais. Queremos crer, a História Cultural permitirá o despertar da consciência do educando para a seguinte hipótese: todos somos sujeitos no processo histórico.

A HISTÓRIA ORAL, NARRADORES DE JAVÉ E A SALA DE AULA

Frederico de Oliveira Rosenthal, UCG

fredrosenthal@gmail.com

Pretendo apresentar uma breve investigação sobre a história oral a partir da linguagem cinematográfica nacional dos últimos anos, usando como base de análise o filme "Narradores de Javé". Buscarei entender a forma que esta obra interpreta a narrativa popular e a história formal, utilizando como sustentação teórica as últimas discussões sobre o imaginário. E como se utilizar um recurso cinematográfico em um colégio de ensino médio. Em torno de um drama social o filme consegue expor problemas que envolvem os estudos acadêmicos sobre a história oral de maneira descontraída o que atrai o interesse dos alunos, e este é o tema central do meu estudo.

TRANSFORMAÇÕES NOS PADRÕES DA FAMÍLIA GOIANA E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO.

Heliane Prudente Nunes, UCG

helianen@terra.com.br

Serão apresentados os resultados preliminares de uma pesquisa que está sendo realizada sobre as transformações ocorridas nos padrões da família goiana, de 1950/2000. Por meio de 100 questionários aplicados em 5 bairros de Goiânia, verificou-se que os pais estão ocupados em tempo integral em suas atividades profissionais. Em consequência, os filhos perderam não só o apoio efetivo e a presença dos pais, como também um estímulo às suas atividades escolares. Esse novo modelo de família requer uma forma de apoio aos filhos, de forma a garantir uma interação maior entre a família e a escola.

A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE LATINO-AMERICANA EM "OS PASSOS PERDIDOS" DE ALEJO CARPENTIER

Hudson de Oliveira e Silva, UCG

hudsonhistorian@gmail.com

O objetivo dessa comunicação é relacionar história e o ensino de história com a literatura, buscando na obra Os Passos Perdidos, de Alejo Carpentier, um espaço de representação de identidade latino-americana. Ao percorrer os caminhos do Orinoco, a personagem central da obra, fornece elementos para se discutir identidade latino-americana, através das representações do passado da América e projeções do desejo de se construir o (latino-americano). Ao se aventurar no Orinoco busca-se o fim de uma existência ficcional daqueles que na América se encontram. A escrita da história, e sua forma narrativa, pode usufruir da narrativa literária, buscando identificar no tempo e espaço da escrita da obra e da narrativa, a imagem e o imaginado. A História ao buscar respostas na literatura, pode fornecer um leque instrumental maior para se construir cotidianamente a prática do ensino de história.

A LITERATURA COMO OBJETO

Java Marcondes, UFG

javaisvi@gmail.com

Comunico andamento de pesquisa que tem como problema questões relativas à apropriação da literatura como documento histórico, objeto de pesquisa. Partindo da obra do filósofo francês Jacques Rancière, especialmente seu *La Parole Muette: essais sur les contradictions de la littérature*, estudo a emergência do modo de inteligibilidade que funda um regime específico de identificação, apreciação e produção poética. A literatura surge num momento histórico preciso, sobre as ruínas do velho sistema representativo de origem aristotélica. A identificação e consideração dos problemas que envolvem a produção de obra de arte escrita após o fim da poética clássica deve, então, necessariamente, estar presente em todo exercício de pensamento que motiva-se a propósito da literatura.

CULTURA E IDENTIDADE EM ARIADNE

José Carlos Avelino da Silva, UCG

avelino3@uol.com.br

A comunicação examina o enfrentamento (que ocorreu no interior da Creta minóica) entre o simbolismo ctônio e feminino e o simbolismo celeste e masculino, trazido pelos indo-europeus. A oposição entre Ariadne e o Minotauro reflete o conflito entre a forma tradicional da cultura minóica (quando a deusa Mãe era exclusiva) e a forma sincrética, resultado da adaptação aos valores masculinos e aos imperativos de concorrência, quando emergem expressões masculinas da deusa Mãe, como foram o Touro, o Minotauro e mesmo Minos. Ariadne, legítima representante da pureza da deusa Mãe, perdeu sua identidade, tal como o minóico que perdeu os valores referenciais.

DOM FERNANDO: BIOGRAFIA E HISTÓRIA

Lazara Alzira de Freitas, UCG

lazaralzira@gmail.com

Todo professor deve ter definido seu projeto político-pedagógico, tendo claro, interesses de classe, valores, ética, prática e articulações deste projeto em sala e com a sociedade. Tendo como eixo temático a constatação, a interpretação, a comparação e a explicação da realidade social complexa e contraditória. Vários caminhos deverão ser percorridos e construídos, produzindo cultura. A própria linguagem, e as práticas discursivas da vida social, interconectam-se diretamente com a História do Imaginário, sintonizam-se com a História das Idéias, podendo se preocupar com estudo de objetos culturais, sujeitos, sistemas e processos. "Deus esta no Detalhe", sendo assim, trabalharei às particularidades públicas de um homem que enriqueceu nossa história – Dom Fernando Gomes dos Santos e sua forma de ensinar, questionando o objeto e colocando em destaque sua função social e dimensão da realidade e não da totalidade.

AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES PROFESSORAS NO SÉCULO XIX

Maria das Graças Cunha Prudente, UCG

mgprudente@uol.com.br

As mudanças político, econômica e social, no século XIX, abrem as possibilidades de inserção das mulheres na educação, através da construção de uma imagem idealizada de professora. Diante dessa representação – a de professorinha como um dom feminino – as mulheres se apropriam dessa imagem e passam a construir outras possibilidades. Assim, vislumbram no magistério, um espaço profissional remunerado e um futuro com mais independência e menos opressão, pela oportunidade de exercerem poder, na esfera pública, via o magistério. Como um desdobramento do exercício destes espaços de poder, as mulheres professoras do século XIX, além de apropriarem-se de uma imagem criada para elas, constroem em suas práticas cotidianas, ao longo daquele século, uma outra representação – a

de mulheres com direitos profissionais e pessoais – que os registros elaborados na época silenciaram.

HISTÓRIA, ENSINO E LINGUAGEM MUSICAL: UMA ANÁLISE DO CHORO

Marley Regina Costa Leite, UCG

mcostaleite@gmail.com

O trabalho examina as possibilidades educacionais presentes na linguagem artístico- musical. Avalia os princípios da história cultural e suas ressonâncias no ensino de história, considerando a potencialidade de ensino e pesquisa em torno do chorinho enquanto objeto de análise sócio-histórica. Por meio desta linguagem musical, elementos da identidade carioca e da construção da brasilidade, questões raciais e de gênero, bem como a oposição entre a cultura erudita e a cultura popular, podem ser assinaladas e investigadas.

AUTORIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: DO CONCEITO À ACEPTÃO

Maridulce Ferreira Lustosa, UCG

m.lust@hotmail.com

A comunicação pretende explorar a temática da autoridade em sua compreensão histórica. Nosso objetivo é trabalhar os discursos de autoridade no ensino de história, suas formas de produção e legitimação. Investigo a partir dos domínios da História Cultural e utilizo a produção de Michel Maffesoli para ler a sociedade pós-moderna em suas relações de poder, força e autoridade. Supostamente, na cultura pós-moderna a autoridade teria desaparecido e os saberes seriam aceitos como artefatos livremente produzidos. Queremos comunicar os resultados de uma pesquisa em andamento e nossas conclusões iniciais de que a autoridade é fruto da experiência cultural, inclusive na sociedade onde os laços sociais são afrouxados em nível da Família, dos saberes transmitidos na Escola e do Estado.

A CAVERNA: ESTUDOS DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA NA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

Rodrigo de Oliveira Soares, UNB

teachershistoria@hotmail.com

Na perspectiva da Nova História Cultural, foram abertas as fronteiras, epistemológicas para estudo da história, e uma das principais foi à utilização da narrativa literária, como fonte ou relato histórico, por outro lado contribuiu também para novas abordagens teóricas, acerca da própria ciência histórica, na questão da narrativa, ou como a história é escrita, na perspectiva da representação, ou as leituras feitas pelos sujeitos de seu tempo e de suas relações, e a própria questão relativa à verdade histórica. Esse trabalho também enfoca as possibilidades abertas por essa relação, para o ensino da História em sala de aula, e os benefícios da interdisciplinaridade para o trabalho do professor e sua interação com o aluno.

A ENERGIA QUE MOVE O SÉC. XX: REFLEXÕES SOBRE O AQUECIMENTO GLOBAL E AS CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA NA OITAVA SÉRIE FUNDAMENTAL

Sandra Cristina Donner, Escola Técnica Frederico Guilherme Schmidt

scdonner@yahoo.com

Esta comunicação pretende contar a experiência de um projeto realizado em uma oitava série do ensino fundamental, em que foram trabalhados os diversos tipos de energia utilizados ao longo do século XX (vapor, derivados do petróleo, eletricidade, energia nuclear, etc) com o contexto histórico envolvido e também, exercitando uma reflexão acerca dos problemas ambientais atuais. Esta turma desenvolveu uma extensa pesquisa, com saídas de campo e culminando na sua apresentação na Feira de Conhecimentos da Escola. Por ter sido

desenvolvido em uma escola montessoriana, o próprio método apresenta contribuições para o ensino de História de modo amplo.

O ESTUDO DAS IDENTIDADES COMO FERRAMENTA DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO SOCIAL: UMA PEDAGOGIA DA IDENTIDADE E DIFERENÇA

Sandra Mara D'ávila Sandri, UCG
sandri@cultura.com.br

Apresenta o cenário atual da Globalização que acirrou identidades, em um processo de construção/reconstrução das mesmas, que enquanto enfraqueceu o Estado-nação, fortaleceu o global e o local provocando surgimento de novas identidades e ampliando conflitos. Faz uma análise conceitual de Identidades e Diferenças, além de trabalhar sua formação e origens. Aborda a prática educacional como um caminho para desenvolver tolerância entre os multiculturalismos, a partir do conhecimento e problematização da questão da Identidade e Diferença no contexto educacional, através de uma Pedagogia da Identidade e da Diferença.

CINEMA E EDUCAÇÃO COMO PRÁTICAS SOCIAIS

Sávia Barros Diniz, UCG
Walquênia de Souza Morgado, UCG
arquivowq@uol.com.br

Nossa comunicação pretende discutir material informativo sobre cinema publicado na cidade de Goiás. O material foi produzido e veiculado pelo Jornal Correio Oficial, publicado pelo Estado de Goiás, na cidade de Goiás, durante a década de 30. O material informa sobre o filme que será exibido, elabora uma crítica e orienta como assistir ao filme e quem poderia e quem não poderia assistir. Os cronistas tentam produzir um público cinéfilo através de ações didáticas uniformizadoras. Vemos, no material, excelente fonte para uma história da sociedade contemporânea de massas. Completando o missão educadora do veículo de comunicação, os cronistas elaboram um painel da recepção da fita. Assim sendo, pretendemos problematizar as crônicas a partir da Estética da Recepção.

A HISTÓRIA CULTURAL E O FAZER DO HISTORIADOR

Teresinha Aparecida Mendes Marra, UCG
familiamarra@cultura.com.br

Neste trabalho, pretendemos enunciar algumas questões importantes dentre aquelas com que se defronta o historiador na atualidade, especialmente se estiver voltado para estudos e pesquisas no campo da História Cultural. Talvez esse historiador seja capaz de perceber com maior clareza os problemas presentes, tanto ao redor quanto no interior do campo historiográfico de sua preferência. O atual prestígio da História Cultural é um fato relativamente recente. É novo o processo, ainda em curso, de redefinição dessa História. Lynn Hunt afirma que a História Cultural é uma nova forma de o historiador trabalhar a cultura. Não se trata de uma história do pensamento ou de uma história intelectual. Trata-se de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelas pessoas para explicar o mundo. E é a partir desses pressupostos que pensamos refletir sobre a necessidade de mudança no ensino da História.

O ENSINO DE HISTÓRIA ATRAVÉS DA MÚSICA E DO CINEMA NA DÉCADA DE 1950.

Vichelson Mandu, UFG
vichelson@yahoo.com.br

Este trabalho trata das perspectivas que a licenciatura possibilita ao historiador, e da articulação entre a teoria e a prática metodológica com o uso do cinema e da música em sala

de aula. Elementos culturais importantes e recorrentes à realidade do ensino público e privado tomados como formas narrativas. Essa iniciativa se deu a partir do estágio na segunda fase do ensino fundamental do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. O objetivo é um intercâmbio entre as experiências dos professores de história com o uso desses instrumentos aliados ao ensino. Entretanto o que deve ser considerado é a forma de uso dessas mídias, até que ponto são ferramentas e até que ponto são limitadas. A história pensada através de uma linguagem diferenciada, dinâmica e envolvente que deve ser trabalhada aliada à história temática. Muito mais que tentar estabelecer um modelo a intenção é pensar a licenciatura convergindo com manifestações culturais extremamente ricas e reveladoras.

CULTURA PEDAGÓGICA E DISPOSITIVO ESTRATÉGICO: O PAPEL DA COLEÇÃO “BIBLIOTECA DA EDUCAÇÃO NA PEDAGOGIA NOVA NO BRASIL”

Virgínia Sales Gebrim, UCG
virginiagebrim@uol.com.br

Este trabalho tem o objetivo de analisar e investigar um projeto editorial pioneiro, voltado para a formação do professorado brasileiro, a Coleção “Bibliotheca de Educação, organizada e dirigida por Lourenço Filho. Com isso, espera-se conhecer mais profundamente um dos dispositivos estratégicos que visavam à formação de uma “nova” cultura pedagógica, nas décadas de 1920 e 1930 no Brasil: O livro. Se a divulgação da pedagogia da escola nova para o professorado era o objetivo a ser atingido, a estratégia adotada pelos educadores reformadores pretendia assegurar que o impresso editado funcionasse como um dispositivo de conformação para as novas práticas pedagógicas, fornecendo um “novo” sustentáculo teórico para os professores.

MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: A REFORMA DO ENSINO DE HISTÓRIA NA REDE MUNICIPAL DE GOIÂNIA(1983-1992)

Warlúcia Pereira Guimarães, Secretaria Municipal da Educação
warluciag@terra.com.br

A pesquisa “Memória e ensino de História: a reforma do ensino de História na rede municipal de Goiânia (1983-1992)” é fruto do trabalho desenvolvido no curso de Mestrado em Educação, realizado na Universidade Católica de Goiás. O trabalho registra a memória daqueles que compartilharam o período da reforma do ensino de História, empreendida na rede municipal de ensino de Goiânia, nos anos de 1983 a 1992. Numa perspectiva de transformar em História a memória da reforma do ensino de História, antes que os grupos, que a guardavam e a mantinham viva, desaparecessem. Com a pesquisa buscou-se compreender como os sujeitos deram voz e vez à identidade regional do ensino de História naquele período. Identificar e analisar como se constituíram os jogos de poder naquele momento e que concepções teóricas subsidiaram a construção do currículo de História no município de Goiânia.

XADREZ, ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA

Wesley Rodrigues Rocha, UCG
wrr@cultura.com.br

Este trabalho tem por objetivo discutir o jogo como elemento da cultura e como meio de ensino em história, focalizando o xadrez no seu processo de origem e evolução no contexto histórico. Sendo assim, essa investigação poderá contribuir para entender o xadrez como uma cultura internacional fomentar o seu estudo e prática, além de colaborar na compreensão da relação entre as culturas oriental e ocidental.

CULTURA E IDENTIDADES NO MUNDO ANTIGO

SIMPÓSIO TEMÁTICO VI

Coordenadores:

Ana Teresa Marques Gonçalves (FCHF/UFG)

Dominique Vieira Coelho dos Santos (FCHF/UFG)

AS TROIANAS – A DESSACRALIZAÇÃO DO MITO E O APOGEU DA FILOSOFIA ESTÓICA

Alessandra David dos Santos, UFG
modestoleao@hotmail.com

Esse estudo tem a pretensão de fazer uma comparação entre “*As Troianas*”, de Eurípides e as “*As Troianas*” de Sêneca ambas pertencentes à tragédia Grega. Procurando traçar um paralelo entre as principais semelhanças e as principais diferenças entre essas obras para alcançar o objetivo de demonstrar a dessacralização dos mitos na literatura grega do século V a.C. e o apogeu da filosofia emergente de fundo estóico, embutidas nas tragédias desses dramaturgos da antiguidade.

A ORDEM EQÜESTRE E ORDEM SENATORIAL (SÉCULO II A.C.): FRONTEIRAS IDENTITÁRIAS

Alice Maria de Souza, UFG
asspqr@gmail.com

As fronteiras Identitárias entre a Ordem Eqüestre e a Ordem Senatorial eram, desde a monarquia, muito tênues. Porém, na época de Caio Graco (final do século II a. C.) as duas Ordens começaram a delinear seus limites de forma mais clara. Trataremos, nesta ocasião, deste processo de definição das identidades das duas Ordens, além do construirmos um breve panorama da relação entre cavaleiros e senadores até então.

AS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DE CORPO E GUERRA DO IMPERADOR TRAJANO SEGUNDO O PANEGÍRICO DE PLÍNIO

Américo Henrique Marquez do Couto, UFG
americouto@yahoo.com.br

Plínio, o Jovem, amigo de Imperadores, e em particular de Trajano, foi nomeado cônsul e obteve o governo da Bitínia. Escreveu sua principal obra, o *Panegyricus Trajani* (*Panegírico de Trajano*), única peça oratória que se conservou dele. Em suas cartas também ao Imperador Trajano se refere a elementos simpáticos e assuntos políticos com o Imperador. O Imperador Trajano teve um dos governos mais importantes da História Romana e, com uma política expansionista efetivou uma série de conquistas elevando os limites do Império ao máximo e utilizando de construções do cotidiano também possibilitou o desenvolvimento de inúmeras atividades artísticas. Assim, procuraremos construir um texto enfocando os principais elementos sobre o corpo e a guerra nestas obras em compreensão do Governo do Imperador Trajano.

CICLOS FESTIVOS E FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE IMPERIAL ROMANA

Ana Teresa Marques Gonçalves, UFG

anteresa@terra.com.br

As Festas passaram a ser encaradas como objetos históricos a partir da ampliação de temas a serem abarcados pelas análises históricas com o advento da chamada História Cultural. Com a percepção de que nos contextos festivos se formavam interações sociais capazes de organizar hierarquias e posicionamentos sociais específicos, passou-se a encarar as cerimônias e os rituais como partes integrantes de uma análise histórica. Nesta comunicação, pretendemos analisar os ciclos festivos romanos, buscando-se perceber como a realização destas cerimônias concorreu para a formação de uma identidade imperial romana e possibilitou um cenário para a representação do governante e de suas ações favoráveis como figura chave para a manutenção do poder imperial.

JÚLIO CÉSAR – AS RELAÇÕES ENTRE A BIOGRAFIA DE PLUTARCO E A CONSTRUÇÃO TEATRAL DE WILLIAM SHAKESPEARE.

Daniela Barbosa da Silva, UFU

danielabarbosas@gmail.com

Este trabalho busca repensar a utilização da escrita biográfica da Antigüidade Clássica, tendo como foco a obra de Plutarco *Vidas Paralelas – Alexandre e César*, e a sua relação com as obras literárias, das quais pegamos como foco a peça teatral *Julio César* de William Shakespeare. E, seguindo a idéia de que as obras históricas desta época seguem o parâmetro de história exemplar, no qual o discurso referente à moral e a virtude imperam, trataremos também uma breve análise de Sêneca e Cícero, sendo que é em Cícero que aparece a expressão *Historia Magistra Vitae* (História como Mestra da Vida). Ainda dentro da questão da história como exemplo, analisaremos a obra de Shakespeare dentro dos aspectos morais e exemplares que ele traz de Plutarco.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SEPTÍMIO SEVERO E CARACALA NA OBRA DE DION CASSIUS

Danielle do Carmo, UFG

dellcarmo@hotmail.com

Em Roma, principalmente em um período de crises sucessórias e guerras civis, a imagem do Imperador era tão importante para mantê-lo no poder quanto as doações aos pretorianos e o apoio ao senado. A partir da obra de *Dio's Roman History* escrita por Dion Cassius, um senador romano que vivenciou o período severiano, pretendemos analisar a construção das imagens de Septímio Severo e Caracala.

AS REPRESENTAÇÕES DA CRISTIANIZAÇÃO DA IRLANDA CELTA: UMA ANÁLISE DAS CARTAS DE SÃO PATRÍCIO (V SÉC. D.C.).

Dominique Vieira Coelho dos Santos, UFG

srodomeniko@yahoo.com.br

Nesta comunicação apresentamos reflexões sobre as representações feitas por São Patrício em suas cartas acerca de algumas vivências significativas que ele teve durante sua vida. Nosso objetivo é mostrar, por meio da análise da Confissão e de sua Carta aos soldados de Coroticus, como Patrício construiu por meio destas representações uma imagem da cristianização da Irlanda celta do século V. Nossa exposição leva em consideração três pontos: 1) reflexões acerca do conceito de representação; 2) Uma possível história dos referentes no que diz respeito a Patrício entre a Bretanha e a Irlanda do século V; e 3) A análise das cartas de Patrício.

CONTRIBUIÇÃO CULTURAL DOS POVOS DO MAR ÀS SOCIEDADES CLÁSSICAS.

Edicarlos Gomes dos Santos, UFG

musgru@gmail.com

Segundo os manuais de História da Antiguidade por volta do século XIII a.C., as civilizações banhadas pelo mar Mediterrâneo sofreram invasões de povos os quais denominamos “povos do mar”. Os povos do mar invadiram, destruíram e implantaram impérios nas civilizações mediterrâneas. Algumas semelhanças culturais entre as sociedades clássicas estão também registradas nos manuais. A proposta desse trabalho é apresentar as influências nas culturas das civilizações mediterrâneas pelos invasores guerrilheiros.

O REGIME DE MEMÓRIA ROMANO: ARTE DE MEMÓRIA E PODER NA OBRA DE LUCIANO DE SAMÓSATA

Edson Arantes Junior, UFG

arantesmega@hotmail.com

Maurice Halbwachs partiu de um aporte teórico e epistemológico influenciado pelo positivismo metodológico durkheiminiano, para discutir o conceito de memória coletiva. O sentido do conceito de memória, que propomos, pressupõe uma postura mais construtivista, no sentido de entender como os vários elementos são articulados para formar uma memória social e identidade. Nossa postura diante do conceito de memória encaminha a discussão para as maneiras como ocorre a gestão da memória e do esquecimento. Portanto, as culturas apresentam regimes de memória distintos. Objetivamos nesta comunicação definir, contextualizar e encaminhar elementos para a caracterização do regime de memória estabelecido no século II d. C.. Para exemplificar o alcance deste aporte teórico vamos analisar como Luciano de Samósata apresenta o herói Hércules em alguns trechos de sua obra, e a relação desta imagem com o poder imperial.

TERTULIANO: UMA ANÁLISE DO MARTÍRIO NOS PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO.

Eduardo Soares de Oliveira, UFG

historiadoreduardo@yahoo.com.br

O Martírio é com certeza um dos acontecimentos mais relevantes da história do cristianismo. Vários apologistas destacaram-se dentro do cristianismo, mas poucos da envergadura de Tertuliano. Este Teólogo-Filósofo-Historiador é responsável por toda uma perspectiva sobre o cristianismo que marcou indelevelmente a história do ocidente cristão. Não só no terceiro século, mas todos os pensadores cristãos posteriores são devedores, ao menos parcialmente, de sua perspicácia e capacidade analítica sobre o cristianismo e em especial a sua análise do martírio e sua função dentro da teologia cristã.

UMA DISCUSSÃO SOBRE A MORAL ESTÓICA ROMANA PRESENTE NAS CARTAS CONSOLATÓRIAS DE LUCIO ANEU SÊNECA NO SÉC. I D.C.

Fabício Dias Gusmão Di Mesquita, UFG

fabício-mesquita@hotmail.com

O estoicismo romano deixou importantes contribuições para o estudo a respeito da moral humana na História. As Cartas Consolatórias de Lucio Aneu Sêneca escritas no primeiro século da era cristã, fornecem valiosas informações sobre o exercício das virtudes que homem deveria buscar ao usar a própria razão. O cosmos é ordenado segundo a razão encontrando-se nas leis da natureza que servia de espelho para se alcançar uma vida virtuosa. A consolação senequiana é um discurso persuasivo que busca direcionar o homem a superar suas dores internas, as catástrofes do destino, exemplificando grandes personagens da História de Roma que através da razão e do conhecimento dos costumes, conseguiram suportar os infortúnios da

vida. O debate que propomos visa dessa forma apresentar o conjunto de fatores que configuram a moral estóica na escrita de Sêneca.

CIDADE DE DEUS E CIDADE TERRENA, JERUSALÉM E BABILÔNIA: A TEORIA DAS DUAS CIDADES, DE SANTO AGOSTINHO, E SUA FUNÇÃO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO CRISTIANISMO DO FINAL DO SÉCULO IV E INÍCIO DO V.

Fabrcio Santos Barbacena, UnB
fabriciofabriciosantos@gmail.com

Desde os primeiros anos após sua conversão ao cristianismo, Santo Agostinho (354-430) concebia o gênero humano como dividido em dois grupos, um composto pelos bons, amantes de Deus, e o outro pelos maus, adoradores do seu amor próprio. Mais tarde, cada um desses grupos foi chamado de “cidade”, surgindo assim os conceitos de “cidade de Deus” e “cidade terrena”, comparadas com “Jerusalém” e “Babilônia”, respectivamente. A presente comunicação propõe-se fazer a análise do modo como o autor, ao destacar os pecados e a miséria da cidade terrena e ao descrever as qualidades da cidade de Deus, busca fazer com que seus ouvintes/leitores se identifiquem com esta última, a qual ele procura apresentar, através de diversas estratégias discursivas, como modelo identitário e meta espiritual-escológica aos católicos de sua época.

AS REPRESENTAÇÕES DO AMOR MASCULINO E AS RELAÇÕES DE PODER NA PRÁTICA SEXUAL ENTRE HOMENS NA ROMA ANTIGA

Helton Gomes chaves, UFG
heltonchaves@yahoo.com.br

Esta comunicação pretende apresentar estudos e análises sobre as relações afetivo-sexuais entre homens no Império Romano. A partir dessa análise, pretendemos entender como o cidadão livre observava e concebia o prazer amoroso entre homens e suas normas morais e sociais acerca da virilidade e da relação de poder nas práticas do amor masculino naquele contexto histórico.

LIMITES ENUNCIATIVOS DO MODELO OCIDENTAL DE GUERRA

Henrique Modanez de Sant'Anna, UFG
henriquemodanez@gmail.com

Esta comunicação trata dos limites enunciativos do modelo ocidental de guerra. Encaminhamos uma crítica à postura desdobrada da aceitação da noção de ocidente que atua na defesa dessa unidade de valores (ocidentais) por meio de intervenções militares. A utilização do combate grego (guerra *hoplítica*) como elemento de sustentação às políticas militaristas é percebida como problemática na medida em que compreendida como discurso.

A PERSPECTIVA DE RESSURREIÇÃO NAS CONCEPÇÕES DOS PADRES APOLOGISTAS: ATENÁGORAS DE ATENAS E TEÓFILO DE ANTIOQUIA

Heverton Rodrigues de Oliveira, UFG
heverton.de@bol.com.br

Nesta comunicação pretendemos analisar a perspectiva da ressurreição dos mortos com ênfase nas obras de dois padres apologistas, homens que se preocuparam em defender o cristianismo das acusações feitas pelos pagãos, sendo eles Atenágoras de Atenas e Teófilo de Antioquia. Ambos apologistas produziram suas obras no II século d.C. período o qual os cristãos foram perseguidos por um Império de fé pagã.

MĀYĀ: A MANIFESTAÇÃO DAS FORMAS E CONFUSÃO DO EU

Iasminy de Paula Berquó, UFG

iasminy_pb@yahoo.com.br

A filosofia indiana em sua complexidade de conceitos possui pilares que a estruturam, sendo o conceito de Māyā um destes conceitos base. Desta maneira, pretende-se analisar os poderes exercidos por Māyā na vida individual, e mais especificamente no cotidiano de uma brāmane que já alcançou um alto nível de consciência espiritual. A partir do épico indiano Mahabharata, será analisado aqui a teia ilusória criada por Māyā e a sua implicação na vida de um sábio.

HERÓDOTO NO EGITO

Isaias Lobão Pereira Júnior, Faculdade Evangélica de Brasília

isaiaslobao@uol.com.br

O contato com o Egito é um dos temas mais persistentes na historiografia grega. Este longo e intenso contato resultou numa extensa literatura que descreve a civilização egípcia, sua religião, política, seus costumes, hábitos peculiares e busca entender as características mais exóticas da cultura da terra dos faraós. Por muito tempo o mundo ocidental dependeu da visão clássica para entender o Egito. Mas, no século XIX a língua egípcia foi decifrada e os conseqüentes progressos da moderna egiptologia reduziram a importância da visão clássica como fonte de entendimento da cultura egípcia. Hoje se pode dizer que temos dados para uma análise profunda desta rica história. Porém, o grande valor da visão clássica é entender a percepção dos intelectuais gregos no seu encontro com o Egito. O consenso moderno é que ao estudar a visão clássica sobre o Egito, estuda-se não o Egito, mas os gregos.

RELIGIÃO NA OBRA DE JÂMBLICO: DEUSES, MITOS E MISTÉRIOS

Ivan Vieira Neto, UFG

vieira_ivanneto@yahoo.com

O neoplatônico Jâmblico de Cálcis foi quem, sob o pseudônimo Abamôn, escreveu a obra “De Mysteriis Ægyptiorum” (Sobre os Mistérios Egípcios), um discurso filosófico em resposta às críticas do seu mestre Porfírio, com o qual discordava em algumas questões sobre a Teurgia. Como o sacerdote egípcio Abamôn, Jâmblico discorre sobre a natureza essencial das divindades e os mistérios que envolvem a sua existência transcendente. Assim como os ensinamentos secretos conhecidos apenas pelos iniciados em cultos de mistérios, a realidade divina pode ser mais uma verdade velada, cujo entendimento só torna-se possível para aqueles que se dedicam a decifrar seu enigma e dissipar as brumas do mito.

UMA ANÁLISE DAS IMAGENS DE DÍDIO JULIANO, PESCÊNIO NIGRO, SEPTÍMIO SEVERO E CLÓDIO ALBINO NA OBRA DE HERODIANO (SÉC. III D.C.)

Jamine de Almeida Geraldino Melo, UFG

jaminemelo@yahoo.com.br

Após matarem o então Imperador Pertinax, em 193 a.C., os pretorianos escondidos no interior de seu acampamento por cima de seus muros anunciavam que o Império Romano estava à venda. Observamos que Herodiano, autor do III século d.C., em sua obra *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, constrói uma imagem para cada um dos quatro imperadores que são aclamados neste período: Dídio Juliano, Pescênio Nigro, Septímio Severo e Clódio Albino. Objetivamos analisar suas respectivas imagens, contrapondo-as.

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO DIVINO EM PLUTARCO: O REVIVIFICAR DA RELIGIÃO E DA MORAL.

Juliana Gomes da Silva, UFG

julysgomes@hotmail.com

Durante os governos dos Antoninos, verificou-se uma profunda apatia tanto religiosa quanto moral. Esta situação incômoda acabou por suscitar uma busca desesperada por soluções emocionais de credulidade e superstição que haviam se tornado sedutoras. Não podendo deixar por isso, de se impressionar por esta confusão espiritual, os filósofos se voltaram contra estas crendices vãs e supersticiosas, despojadas de qualquer fundamentação racional, que no seu entender acabavam por afastar as pessoas da verdadeira essência do divino, encaminhando-as para o mais puro ateísmo descomedido. É inserido neste contexto que procuramos compreender as reflexões filosóficas do grego Plutarco, que em suas divagações teológicas almejou uma visão direta da divindade sanando assim os problemas que afligiam seus contemporâneos e que também lhe pareciam inquietantes.

O NÚCLEO TEMÁTICO DE MEDÉIA

Keila Maria de Faria, UFG

fmkeila@bol.com.br

A tragédia *Medéia*, que tanta aversão causou nos contemporâneos de Eurípedes no concurso de 431 a. C obteve reconhecimento póstumo e influenciou diversos autores ao longo do tempo. A Medéia que temos em nosso imaginário é aquela delineada pelos versos eurípidianos: mulher bárbara e sanguinária, feiticeira poderosa que usa a magia como instrumento de vingança contra seus inimigos, filicida cruel que elimina os próprios filhos para vingar a traição do marido. No intuito de desvendar os vários crimes da heroína e compreender o seu estado de abandono e as razões de sua vingança na peça de Eurípedes analisamos alguns mitos gregos: *Frixo*, *As Filhas de Pélias* e *Jasão e os argonautas*, que denominamos como núcleo temático de Medéia, pois estão diretamente correlacionados com a tragédia Medéia e explicam a origem do amor trágico entre Jasão e a feiticeira colquidense.

SOBRE A BREVIDADE DA VIDA: COMENTÁRIOS SOBRE SÊNECA

Larissa Alcântara Venâncio, UFU

e-mail: larissa_venancio@yahoo.com.br

Neste trabalho, pretendo fazer uma análise de "Sobre a brevidade da vida", de Sêneca, o bem viver e sua idéia de virtude. Será trabalhado como a vida de homem de Estado do filósofo influenciou na sua produção literária. Argumentarei, a busca de Sêneca para compreender as grandezas e misérias da história do homem, sendo que assim irá propor ensinamentos na vida desse homem conturbado. A escola que ele se concebe seguidor é o estoicismo, e seria relevante a exploração desse argumento para entender o seu pensamento, já que para ele o estoicismo seria a maior virtude. Será dito que Sêneca afirma que para o pensamento estóico seria necessário que o homem se libertasse de suas paixões e das agitações externas, reforçamos a importância do homem seguir a natureza. E, por fim, será observado que para o filósofo o indivíduo só encontrará a tranquilidade se estiver liberto de suas paixões e orientado pela razão.

OS RITOS RELIGIOSOS E A REPRESENTAÇÃO DO PÊNIS: DEVOÇÃO E SEXUALIDADE NA GRÉCIA CLÁSSICA

Leandro Mendonça Barbosa, UFMS

leandromemorialista@gmail.com

Na contemporaneidade a sexualidade se tornou um tabu – sobretudo pelo apelo religioso. Este trabalho visa a especulação de dois pontos: primeiramente a investigação de como o conceito

de sexualidade era tratado na Grécia Clássica – através da obra *As Bacantes*, do teatrólogo Eurípidés – e posteriormente por que e em qual momento a religião se desprende deste caráter sexual, embora a representação do pênis no ritual não atingisse um caráter puramente sexual. A obra já citada relata um ritual em honra a Dioniso realizado em Tebas. Através de bibliografia especializada traçar um panorama deste culto juntamente com a cidade de Atenas, em que falos alados eram levados em procissão religiosa oficial. Pretende-se por fim elucidar as relações de poder entre a religião e a realeza, e de que forma este poder real usava do imaginário religioso em seu próprio benefício.

ARTE DIONISIÁCA, DISCURSO DO AMOR E REFLEXÕES HISTÓRICO-FILOSÓFICAS.

Leandro Alves Martins de Menezes, UFG
leandromenezes7@hotmail.com

As reflexões e objetivos deste trabalho sobre o tema *Arte dionisiaca, discurso do amor e reflexões histórico-filosóficas*, visam elucidar a maneira como os gregos do período clássico pensavam as relações com o sexo: as formas de percepção e experiência do amor, dos desejos e prazeres, representados nas narrativas lendárias e escritos literários da época. Não me proponho apresentar uma história do amor ou da sexualidade, mas analisar como as noções de amor e sexualidade foram construídas pelo pensamento grego, sob que sistema de regras e relações de poder. O enfoque desloca-se para as representações do amor e da sexualidade na arte grega, principalmente as produções artísticas dionisiacas. Nesse ponto, a análise incide sobre documentos primários, como poesias e iconografias da época, e se apóia também nas reflexões de Friedrich Nietzsche e Michel Foucault.

REFLEXÕES ACERCA DA PEDERASTIA EM ATENAS DURANTE O PERÍODO CLÁSSICO: IMAGINÁRIO E IDENTIDADES.

Luana Neres de Sousa, UFG
neresluana@yahoo.com.br

Os conceitos de “imaginário” e “identidades” têm sido amplamente discutidos pela historiografia a partir das últimas duas décadas do século XX. Nosso objetivo nesta comunicação é apresentar parte desta discussão e aplicá-la no estudo da pederastia ateniense durante o período clássico.

PROCÓPIO E OS ASPECTOS POLÍTICOS E CULTURAIS DO IMPÉRIO BIZANTINO NO VI SÉCULO D.C.

Lyvia Vasconcelos Baptista, UFG
lyviasvasconcelos@gmail.com

Procópio de Cesárea nasceu entre os anos de 490 d.C. e 507 d.C., em Cesárea, na Palestina. Como historiador, compôs três obras: *História das Guerras*, *História Secreta* e *Sobre os Edifícios*. Abordado pela historiografia como a principal fonte do governo de Justiniano (527-565), seus escritos se destacam pelo conteúdo rico e variado que apresentam, fornecendo informações políticas, religiosas e culturais do Império Bizantino no VI século d.C., sob diferentes perspectivas.

OS ASPECTOS MUSICAIS DA OBRA DE HOMERO: MÉTRICA, RITMO E PERFORMANCE.

Marcelo Miguel de Souza, UFG
marcelobrass@hotmail.com

Os textos homéricos, respectivamente a *Ilíada* e a *Odisséia*, constituem um dos testemunhos mais antigos sobre a forma como os gregos se relacionavam com a Música de seu tempo.

Afora os testemunhos arqueológicos, cuja iconografia tem nos fornecido valiosas informações, vestígios como sua métrica característica, organização interna, e o que nos fornece o próprio texto, permite compor, ainda que palidamente, uma imagem dessa *Mousiké* Homérica. O que me proponho nesta comunicação é discutir, mesmo superficialmente, aspectos dessa musicalidade, chamando a atenção para o fato das obras não se resumirem a simples poemas, pois que são obras musicais, e delas podemos inferir uma complexidade performática que é, em várias de suas faces, especificamente musical.

GUERRA CATILINÁRIA E GUERRA JUGURTINA: A HONRA NA REPÚBLICA ROMANA.

Munik Vieira de Alvarenga, UFG
munikalvarenga@hotmail.com

Nessa comunicação analisarei as obras “*Guerra Catilinária*” e “*Guerra Jugurtina*”, escritas no período da República Romana pelo escritor-historiador Salústio. Nestas duas obras podemos perceber que a sociedade romana apoiava as guerras externas de conquista de novos territórios, engrandecendo os cidadãos e enaltecendo sua honra, ao passo que condenavam veementemente os cidadãos que participavam de guerras civis considerando-os a escoria da sociedade.

REFLEXÃO SOBRE A SEGUNDA LINHAGEM NUMINOSA NA TEOGONIA DE HESÍODO

Neyller Pereira Garcia
neyllerpgracia@hotmail.com

A seguinte comunicação tem por objetivo discutir o caráter funcionalista acerca do panteão grego. O estudo parte da obra Teogonia de Hesíodo (séculos VIII-VII a.C.), no intuito de compreender a formação da primeira linhagem numinosa e suas implicações representativas. A abordagem se propõe a verificar as relações intrínsecas no que intitulamos de quadrilátero categorizado por noções identitárias, organizado nos quadros simbólicos próprios às divindades presentes. O nosso esforço é levantar elementos inseridos na obra em questão, a fim de mapear as estruturas que integram a composição das entidades teofânicas e, desta forma, analisá-las e compará-las. Assim sendo, o trabalho caminha no sentido do reconhecimento da projeção cultural sobre a formação dos deuses da primeira linhagem.

HÉRACLES DA TRANSGRESSÃO À APOTEOSE

Poliane da Paixão Gonçalves Pinto, UFG
polianedapaixao@yahoo.com.br

Na seguinte comunicação propomo-nos a apresentar o mito de Hércules e sua importância na formação do ideal de herói grego no período clássico. Pretendemos analisar as diferenças nas representações da imagem de Hércules nas obras: “*As Traquínias*” de Sófocles e “*Hércules*” de Eurípedes.

INTERAÇÕES CONCEITUAIS ENTRE *LIBERTAS*, *AUCTORITAS* E *LIBERALITAS*: UMA ANÁLISE DO PRINCIPADO DE TIBÉRIO A PARTIR DOS *ANAIS* DE TÁCITO

Rafael da Costa Campos, UFG
rafaeldacostacampos@hotmail.com

O objetivo neste artigo é fazer uma análise sucinta das modificações conceituais dos ideais de *libertas*, *auctoritas* e *liberalitas*, termos fundamentais para a compreensão da organização política na sociedade romana durante a República e o início do Principado. Tal intento se dá por meio de uma observação das críticas feitas por Públio Cornélio Tácito ao governo do Imperador Tibério em seus *Anais*.

ESTRATAGEMAS DE POLIEONO: ASTÚCIA OU ENGANO?

Raul Vitor Rodrigues Peixoto, UFG

soliduspetrus@gmail.com

Polieno foi um autor macedônio que viveu na cidade de Roma por volta da segunda metade do século II d.C. Ele exerceu a função de advogado por grande parte de sua vida e só na velhice, como ele mesmo declarou, decidiu escrever compêndios que tratavam de assuntos militares. A série de oito compêndios que escreveu Polieno deu o nome de “Estratagemas” e os dedicou todos, primeiramente aos então Imperadores Lucio Vero e Marco Aurélio e em segundo lugar a todos aqueles que possuíssem uma cargo de comando na guerra. Essa comunicação tem como objetivo analisar o papel que os conceitos de “Astúcia” e “Engano” cumprem na obra deste autor.

APOLÔNIO DE TIANA: REFLEXÕES ACERCA DE “UM HOMEM SANTO” A PARTIR DA BIOGRAFIA DE FLÁVIO FILÓSTRATO DE LEMNOS

Rayane Helena Araújo Mendes de Carvalho, UFG

rayanehelena.ufg@gmail.com

A *Vida de Apolônio de Tiana* é uma obra de autoria de Flávio Filóstrato de Lemnos, um sofista que pertencia ao círculo de filósofos da Imperatriz de Roma, a esposa de Septímio Severo no século II d.C., Júlia Domna. Pretendemos com esta comunicação, além de iniciar uma pesquisa que toma corpo por agora, estudar a vida e a figura deste homem, que teve o mérito de receber uma biografia vinda de dentro da corte palaciana imperial romana. O aspecto que abordaremos de sua pessoa, dentre os inúmeros expressos por sua figura, será o seu caráter místico, religioso e santo, durante todas as suas andanças pelos domínios do Império Romano, no século I d.C., registradas por Filóstrato.

ARTIFÍCIOS DE MEMÓRIAS: CONSTRUÇÕES DA(S) IMAGEM(NS) DE CONSTANTINO EM ZÓSIMO E EUSÉBIO DE CESAREIA

Rosane Dias de Alencar, UFG

rosanealencar@terra.com.br

A proposta deste trabalho é analisar as representações do Imperador Constantino em Zósimo e Eusébio de Cesaréia considerando o lugar de quem profere o discursos e a instrumentalização da memória enquanto elementos importantes para compreensão deste processo.

HELENA DE TRÓIA: ENTRE A PAIXÃO E O DESTINO

Tatielly Fernandes Silva, UFG

fernandes.tatielly@gmail.com

Este trabalho objetiva analisar a tragédia “Helena” de Eurípedes, encenada em 412 a.c. em Atenas, na qual a protagonista – que nomeia a obra – é envolvida em um conflito que tem por consequência maior a Guerra de Tróia. Ora tida por inocente ora por culpada, Helena, como as demais heroínas euripedianas, não é movida pela força incontestável do destino, das Moiras, mas por suas próprias contradições humanas. Abordaremos as semelhanças e contradições entre a rainha de Esparta e outras duas personagens euripedianas, Hécuba e Andrômaca, e as possíveis aproximações das três com as definições de tragédia e herói trágico de Aristóteles.

O CERCO DE JERUSALÉM

Valdenira Alves da Silva, Universidade Católica Dom Bosco
val_50docemel@yahoo.com.br

No ano 70 da nossa era, o general Tito a mando de seu pai o então imperador Vespasiano, invadiu e destruiu Jerusalém. Durante o período deste cerco o historiador Flávio Josefo esteve ao lado de Tito, servindo muitas vezes de intermediário nas tentativas de negociações entre judeus e romanos. A relevância da obra de Flávio Josefo é inquestionável uma vez que é a maior fonte de pesquisa da história do povo judeu, depois da Bíblia. Sendo assim, a proposta é uma investigação histórica com base nesta fonte primária, bem como em outras, para uma visão mais crítica da postura de Josefo frente ao cerco, já que ele foi acusado de traição à nação judaica, tendo como agravante o fato de ter recebido cidadania romana e honrarias posteriormente.

O PODER DA PROPAGANDA NA ANTIGUIDADE: O ESTUDO DA REPRESENTAÇÃO DAS IMAGENS COMPLEMENTARES E CONCORRENTES DE IMPERADORES ROMANOS COM BASE NA ANÁLISE DA DOCUMENTAÇÃO DA *HISTÓRIA AUGUSTA* (SÉC. IV d.C.).

Wanessa Batista Freire, UFG
wanessa_bfreire@yahoo.com.br

O estudo das biografias de Septímio Severo, Dídio Juliano, Pescênio Nigro, Clódio Albino e Caracala, contidas na *História Augusta*, uma documentação pagã do IV séc. d.C., nos permite observar que a propaganda estabeleceu-se como o meio de legitimação do poder imperial. Junto a outros elementos, a propaganda fundamentava a figura do Imperador, apto ao governo de Roma, por meio do prestígio do mesmo perante as legiões e os segmentos sociais. No Alto Império Romano, a representação imagética idealizada de um grande Imperador era bastante significativa para garantir a escolha ou permanência deste no poder, uma vez que o embate imagético foi intenso entre os opositores, e foi empreendido como estratégia de poder.

FLÁVIO JOSEFO E AS CAUSAS DA QUEDA DE JERUSALÉM (66-70 D. C.): A DIVISÃO INTERNA ENTRE OS JUDEUS

Ygor Klain Belchior, UFOP
ygorklain@gmail.com

A grande revolta que irrompe na província da Judéia no fim do principado de Nero marca o declínio do judaísmo palestinese, e demonstra igualmente as divisões latentes dos judeus. Uma das principais realizações do império romano na província da Judéia no século I d.C. foi a sua missão “civilizadora”, efetivada graças a uma política muito diferenciada. Para esta província, o governo romano, garantiu o surgimento e a manutenção de uma elite política judaica atuante no Sinidério e na hierarquia sacerdotal, o que proporcionou o apoio de grupos a favor da helenização: os Saduceus e os Herodianos. Contudo, a ortodoxia de grupos judaicos como, os Fariseus, “que tinham fama de interpretar as leis com vigor” (Lc. 18:10-12), confrontava diversos aspectos da dominação romana, e de grupos judaicos simpatizantes à romanização e à helenização. A proposta deste trabalho é estudar o conflito entre judeus e romanos entre os anos de 66 e 70 d.C, através da análise das diferentes identidades e mentalidades religiosas dos grupos dessa sociedade, como um conflito interno entre as classes judaicas divergentes.

CULTURA POPULAR E HISTÓRIA

SIMPÓSIO TEMÁTICO VII

Coordenadores:
Newton Dângelo (UFU)
Cléria Botelho (UnB)

DO PASSADO AO PRESENTE E DO PRESENTE AO FUTURO: NOSSAS MATRIZES DE FORMAÇÃO LATINO-AMERICANA E BRASILEIRA (INDÍGENA, AFRO E EUROPÉIA): SUSTENTABILIDADE E COSMICIDADE EM FESTAS

Ângela Maria Pimenta, Prolam/USP/CESA/APD

angeluspbr@hotmail.com

Nossas culturas originárias estão re-ascendidas principalmente nos sete anos do início do novo milênio. Há um clamor que ressoa nas matas, há um ressonante pedido de convivibilidade, de aproximação, de respeito pela história viva que compõe cada uma das etnias, que compõe nossa matriz de formação, conjuntamente, ressurgem nossa matriz afro que busca a expansão na mostra do que é, e sua sustentabilidade que se manteve, apesar da opressão e usurpação, assim como a dos indígenas, que pelos últimos cinco séculos se mantém, tradicionalmente vivas, formando nossa cultura popular, nosso patrimônio material e imaterial, salvaguarda dos nossos biomas e suas biodiversidades.

FUTEBOL E A CONSTRUÇÃO DO NACIONALISMO NA ERA VARGAS (1930-1945)

Camilla Alves Batista, UEG

camicamia@yahoo.com.br

A minha proposta de comunicação é sobre a relação entre o futebol e a identidade nacional, feita durante o Estado Novo. Este período foi marcado por reestruturações nas questões políticas, econômicas, sociais e culturais do país. Na questão da cultura, este é o período, o qual marca a ascensão do futebol como elemento essencial para uma nova concepção de identidade nacional. Isto ocorreu porque, para o novo governo, a construção da nação e da nacionalidade brasileira era prioridade sempre presente, que incentivava e justificava todas as ações do Estado.

PREVENÇÃO DE DANOS OU DIVERTIMENTO POPULAR: O CONTROLE SOBRE O CURURU E O SIRIRI E SUA RESISTÊNCIA NA CUIABÁ DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Cleber Alves Pereira Júnior, UFMT

clebercuiaba@gmail.com

O tema desta comunicação versa sobre o Cururu e o Siriri, duas práticas culturais populares bastante difundidas na região denominada Baixada Cuiabana. Ambos constituem-se num sincretismo marcado pela mistura de dança, música e, quase sempre, devoção religiosa. De maneira mais específica, interessa-nos perscrutar a seguinte questão: quais os significados adquiridos pelo Cururu e pelo Siriri para seus diversos praticantes na cidade de Cuiabá durante a segunda metade do século XIX? Para alguns, manifestações de divertimento e momentos de reafirmação de laços de solidariedade. Para outros, lugares de transgressão da

ordem social, práticas bárbaras e perigosas que deveriam ser proibidas. Assim, avaliamos que o estudo da cultura popular pode contribuir para o desenvolvimento da problemática proposta, bem como para o aprofundamento epistemológico do conceito.

WALTER HUGO KHOURI, UM EXISTENCIALISTA NOS TRÓPICOS

Daniel Nolasco de Souza, UFU

1kubrick5@bol.com.br

O objetivo deste é fazer uma análise do filme *Noite Vazia* (1964), roteirizado e dirigido por Walter Hugo Khouri. Afastando-se do movimento cinematográfico do Cinema Novo, que em 1964 estava no seu auge com lançamento de várias obras, Khouri foi alvo de diversas críticas desse grupo por fazer filmes que dialogavam com o cinema europeu e que tratava de temas ligado existencialismo: como a solidão do homem citadino e a sua busca por emoções transcendentais que acabassem com a sua angústia. *Noite Vazia* é um dos filmes do diretor em que mais se percebe essas inquietações e também a sua obra de maior sucesso, chegando a concorrer no Festival de Cannes. Devido ao fato de se distanciar das propostas cinema-novistas foi acusado de ser alienado e não compreender a realidade do Brasil, e de que seus filmes não passavam de pastiche e de imitação do cinema de Michelangelo Antonioni e Ingmar Bergman.

“SAUDADE DE MINHA TERRA”: A TRAJETÓRIA DE UM COMPOSITOR NO MEIO ARTÍSTICO SERTANEJO

Diogo de Souza Brito, UFU

diogobritodb@yahoo.com.br

Esta comunicação pretende trazer para o diálogo no campo da interface entre cultura popular e história, as questões parciais de minha pesquisa sobre a trajetória artística do cantor e compositor de música sertaneja Gerson Coutinho da Silva, conhecido artisticamente pelo nome Goiá. Dono de um rico repertório, considerado clássico do gênero em questão, acompanhar sua obra e trajetória permite não só percorrer os bastidores do meio artístico sertanejo da época, como também compreendermos as relações estabelecidas entre artista e público nas décadas de 1960 e 1970.

FOLIA DE REIS DE BELA VISTA DE GOIÁS: O PROCESSO DE DESENCANTAMENTO DA FOLIA NO SÉCULO XXI.

Emerson Nogueira de Carvalho, UCG

sosnogueira75@hotmail.com

Meu trabalho procura compreender as transformações na Folia de Reis de Bela Vista de Goiás, que está completando 59 anos. A principal transformação que pretendo comunicar passa pela progressiva desmontagem da festa por causa da falta de foliões. Nos últimos anos, os foliões têm abandonado os festejos porque se converteram às igrejas evangélicas, onde a Folia de Reis é representada como idolatria. O “giro” da folia demanda tempo e dedicação dos foliões, especialmente dos mais antigos, aqueles que guardam as tradições. Atualmente, jovens têm se responsabilizado pela tarefas da folia.

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO: CAMINHOS PERCORRIDOS E IDENTIDADES RECONSTRUÍDAS

Eudirce Silva Almeida, UnB.

tortugadf6@gmail.com

O presente trabalho enfoca a produção artística de Arthur Bispo do Rosário ícone da cultura popular brasileira enquanto parte constitutiva do discurso histórico e artístico, no qual a sua obra se posiciona pela matéria do fazer historiográfico e pelas representações de imagens

feitas por meio da prática cultural do bordar. Nesse contexto, a narrativa escrita se insere em forma de linguagem artística, a palavra passa a ter um outro significado fazendo parte do imaginário do artista. Ao questionarmos o poder de criação de Arthur Bispo do Rosário somos remetidos à tecedura de seu inesgotável poder de transformação, pela sua plasticidade e pelo fluxo no qual a palavra envolve todas as suas produções inclusive nós mesmos.

NEGROS EM CENA: PRÁTICAS POLÍTICAS E CULTURAIS EM UBERLÂNDIA (1983-2000)

Fernanda Ferreira Cardoso, UFU

fernandaferrera@yahoocom.br

A pesquisa que ora desenvolvo versa sobre o movimento negro em Uberlândia e a sua relação com as práticas culturais afro-brasileiras presentes nesta cidade, tais como o carnaval, a congada, a religiosidade afro, entre outras.

Nesse sentido, a minha preocupação está em perceber as formas que a população negra uberlandense utiliza para o enfrentamento de conflitos sociais vividos cotidianamente por esses grupos, que são historicamente marcados pela segregação social e racial nessa cidade. Assim, são fontes importantes para este trabalho, o jornal impresso, atas da Câmara Municipal, atas e estatutos de grupos e associações formados por negros, fotografias, e as narrativas orais, que possibilitam colocar outras versões no debate historiográfico desta cidade.

NA EMBRIAGUEZ DA CACHAÇA: SOCIABILIDADES, IMAGINÁRIO, PRODUÇÃO E PUBLICIDADE (1950-2000)

Floriana Rosa da Silva, UFU

flordahistoria@yahoocom.br

Este trabalho busca descrever a trajetória da cachaça ao longo da História do Brasil e seus diferentes usos e percepções no cotidiano dos diferentes sujeitos sociais. Pretende-se ainda, investigar a industrialização da sua produção na segunda metade do século XX as transformações ocorridas nestes processos e suas repercussões no mercado de consumo. Assim, serão analisadas as leis e decretos que institucionalizaram o produto, favorecendo o surgimento de associações, feiras e exposições especializadas na bebida e os condicionantes que levaram a caracterização da cachaça como símbolo de nacionalidade e identidade brasileira por determinados grupos sociais. Estarão em evidência as tradições, incorporações, significados atribuídos à invenção e reinvenção da cachaça e a transformação de valores e mentalidades dos diferentes sujeitos sociais envolvidos nesta trajetória, bem como sua adequação aos novos padrões de produção e às novas necessidades de consumo no mundo contemporâneo.

CULTURA POPULAR E NOVAS TECNOLOGIAS NO RECIFE CONTEMPORÂNEO-1980/2007

Getúlio Ribeiro, UFU

outrolugar@yahoocom.br

A interface com as mídias modernas configura atualmente um dos caminhos mais promissores dentro das diversas dimensões pelas quais se tem buscado compreender o problema das culturas populares históricas na América Latina. Desejamos nesta comunicação, investigar a implantação e a disseminação das chamadas novas tecnologias - internet, parabólicas, tv a cabo - na cidade do Recife e as questões culturais a elas conectadas. Tratar-se-á de levantar e discutir, a partir da documentação adotada, questões envolvendo temas como cidade, cultura e política; cultura e tecnologia; cultura e linguagem, tendo como objetos o movimento de música *pop* Mangue-beat e a agremiação de maracatu Leão Coroado - que edita seu próprio

web-site e promove cursos de informática em sua comunidade - , e analisando as formas de incorporação e exercício do popular na contemporaneidade que tais processos nos revelam.

CULTURA E ALTERIDADE NO ALTO SÃO FRANCISCO (1769-1819)

Gilberto Marcos Martins, Fac. Filos. Ciências e Letras do Alto São Francisco

beto@catedralnet.com.br

O artigo mostra como se deu o processo de colonização da região do Alto São Francisco. Que representações e visões de mundo tinham os colonizadores e como se relacionavam com o desconhecido, com a alteridade. Mostra como o colonizador ia se tornando colono e sendo tragado pelo espaço do desconhecido através do isolamento em que acabava vivendo, o que o levava a criar um universo bem particular, mas que não lhe tirava a condição de súdito fiel. Universo esse que é retratado e confirmado por August de Saint-Hilaire em uma de suas viagens a Minas Gerais, e que confirma como o sertão foi se transformando em um o espaço de criação de hábitos e representações bem peculiares. Era a alteridade se mostrando mais forte que o colonizador.

MÚSICA CAIPIRA: EXPRESSÃO DO SENTIMENTO DO SERTANEJO FRENTE ÀS PROPOSTAS DA MODERNIDADE

Jaqueline Souza Gutemberg, UFU

higjac@yahoo.com.br

Esse trabalho tem o propósito de analisar a temática do progresso nas canções caipiras entre os anos 1940 e meados da década de 1960, época em que o país se propõe à modernização. Nessa perspectiva, propomos trabalhar o sentimento do sertanejo frente às novas práticas sociais que se instauram com discurso do progresso e como tal sensibilidade se expressa pela manutenção dos modos de viver da população rural. Para isso, propomos a análise de algumas letras de Zé Fortuna e Pitangueira - compositores reconhecidos nacionalmente no gênero sertanejo – vistas como possibilidade de resistências às mudanças empreendidas, que chegam a mais de 2000, algumas interpretadas por ícones de música popular brasileira, como: Caetano Veloso, Gal Costa, Roberto Carlos e outros. Dentre essas, selecionamos aquelas que pela sua poética permitem perceber a dimensão que o desenvolvimentismo assume.

ORALIDADE: INSTRUMENTO GARANTIDOR DAS CONGADAS

Kelly Cristina Rodrigues Silva, UFG

kellyrodrigues07@hotmail.com

No universo popular a voz funciona como instrumento mais legítimo de comunicação. Mais que isso, ela é o grande arquivo dessa grande maioria, essa visão é defendida por autores como Zumthor Bakhitin e Ecléia Bossi. Um caminho alternativo e precioso quando os sujeitos não têm acesso às formas de discursos legitimadores. Isso é claramente perceptível nas congadas do sudoeste goiano, onde é na vivência familiar, escutando os causos e histórias dos mais velhos que os mais jovens iniciam sua vida como dançador. Sábria, a palavra penetra nas frestas do tempo e encontra seus veios na atualidade, com superação constante, encontra nas novas tecnologias outras possibilidades de alcance dando proporções maiores às culturas orais.

SOCIABILIDADE NO INTERIOR DAS GERAIS: ESTUDO DE VIDA E OBRA DA DUPLA CAIPIRA PENA BRANCA E XAVANTINHO

Marcos Vinícius de Freitas Reis, UFU

marcosvinicius5@yahoo.com.br

Este trabalho pretende analisar a vida e obra da dupla Pena Branca e Xavantinho dentro do seu contexto histórico. Sua relação com o mercado fonográfico (MPB. Música caipira e

folclórica), a relação da dupla com a cidade de Uberlândia, apresentações nos diversos veículos de comunicação.

Analisar ainda o conteúdo das suas canções que revela hábitos, costumes, e toda uma nostalgia da vida no campestre no Triângulo Mineiro a partir da segunda metade do século XX.

OS GUARDIÕES DA MEMÓRIA NA FESTA RELIGIOSA DO MOLEQUE DA COMUNIDADE NEGRA KALUNGA, MUNICÍPIO DE CAVALCANTE-GO

Maria Vilma Mendes Neves, UCG

coelhospulando@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o significado da participação dos mais velhos na festividade religiosa do Moleque da comunidade negra kalunga / área rural, do município de Cavalcante-GO. Na pesquisa apresento uma abordagem sobre a memória, os costumes e as tradições religiosas e culturais da comunidade local, destacando especialmente a relação que estes guardiões têm com a festa, visto que são eles que impulsionam as cerimônias da festividade, se dedicam às rezas, às novenas e adoram as imagens dos santos. Além de serem os responsáveis por várias atividades no interior da festa.

HISTÓRIA, MÍDIA E PODER NA CONTEMPORANEIDADE

Marluce Scaloppe, UFMT

marluce.ufmt@terra.com.br

Na sociedade globalizada, em que vivemos atualmente, a mídia, em especial, os veículos eletrônicos, exercem o papel de um poderoso instrumento de comunicação, informação e compreensão de mundo na vida das pessoas. Dessa forma, o processo de descrever e interpretar fatos históricos, assumido pela imprensa, interfere concretamente na construção da realidade e conseqüentemente no exercício da cidadania. A compreensão que as pessoas têm, do presente e do passado, está relacionada, em grande parte por uma “historicidade mediada”. Portanto, à medida que a mídia é utilizada como fonte por historiadores, torna-se necessário conhecer o processo de produção da informação jornalística, bem como o discurso adotado pela imprensa, a partir de uma perspectiva da prática jornalística como prática cultural.

DA SENZALA À ACADEMIA: PRÁTICAS DISCURSIVAS NA CONSTRUÇÃO DA CAPOEIRA

Natália Rodrigues de Souza, UFG

arima_nrs@hotmail.com

Este trabalho discutirá diferentes práticas discursivas que atuam na construção e reconstrução da capoeira ao longo de sua trajetória histórica. Destacando os discursos que a interpretam como manifestação folclórica, vinculada a proposição de uma origem africana; produção afro-brasileira, fruto da resistência ao sistema escravista ou na forma de uma modalidade esportiva institucionalizada. Investiga-se os discursos na produção bibliográfica de estudiosos sobre o tema, folcloristas e praticantes de capoeira.

O RÁDIO E A “MÚSICA NACIONAL CANTADA” NO BRASIL NAS DÉCADAS DE 1920-40

Newton Dângelo, UFU

ndangelo@bol.com.br

Esta pesquisa busca analisar as principais atividades e projetos culturais empreendidos no Brasil, tanto na órbita estatal quanto por entidades e associações de intelectuais, a fim de estabelecer perfis, classificar e instituir parâmetros estéticos para a música popular brasileira, nas décadas de 1920-40. Neste movimento, acompanhamos processos de homogeneização cultural em curso no Brasil, em diálogos com a Itália e a Alemanha, fincados em princípios

civilizatórios e nacionalistas, os quais, ao contrário da efetividade almejada, desnudaram uma rica e complexa rede de musicalidades populares afirmando-se no meio radiofônico e discográfico da época. Buscamos, nesse sentido, a falta de sintonia, transgressões, conflitos internos no governo Vargas e experiências musicais populares instalando-se nas estações de rádio do interior do país.

INVISÍVEIS ASAS DAS ONDAS ZYQ-3: SOCIABILIDADE, CULTURA E COTIDIANO EM TERESINA (1948-1962)

Nilsângela Cardoso Lima, UFPI
nilcardoso@gmail.com

Em Teresina (PI), os serviços radiofônicos que “sobrevooaram” os céus levando notícias e transmitindo mensagens à população, chegou em 1948, com a instalação da Rádio Difusora de Teresina (RDT). Com suas asas invisíveis, prefixadas de ZYQ-3, levava aos piauienses os mais diferentes programas radiofônicos, permanecendo com exclusividade durante toda a década de 1950. Considerada símbolo do progresso, a emissora se transformou em um “ícone da modernidade”, da capital, naquela década, interferindo diretamente no cotidiano de uma cidade que ainda mantinha características provincianas. Através de referências bibliográficas, fontes hemerográficas e do emprego do método/técnica da História Oral, este trabalho faz um estudo sobre a Rádio Difusora de Teresina, de 1948 a 1962, analisando algumas mudanças este veículo provocou não só em termos de tecnologia, como também na alteração dos costumes, ao oferecer uma “cultura de consumo”, a partir do momento em que alguns programas ganharam atenção especial por parte do ouvinte.

PEGA AQUI E MISTURA ALI: OS PRIMEIROS INDÍCIOS DA DANÇA DE RUA EM UBERLÂNDIA – 1970/1980

Rafael Guarato, UFU
rafael_guarato@yahoo.com.br

A proposta para este simpósio é tornar público alguns resultados da pesquisa acerca da dança de rua na cidade de Uberlândia, tendo como corte cronológico o período compreendido entre as décadas de 1970 e 1980. Dentre os objetivos, investigo os antecedentes da dança de rua em âmbito local, suas imbricações com outros ritmos e gêneros musicais nacionais e estrangeiros, a atuação artística e a experiência de integrantes dessa prática cultural, bem como sua relação com os veículos de comunicação da cidade, acompanhando as tensões e conflitos envolvendo o processo de construção da cultura, valores e comportamentos urbanos. Enfatizando os primeiros indícios da dança de rua na cidade de Uberlândia. Para tanto, utilizo-me de artigos de jornais e Atas da Câmara Municipal de Uberlândia localizadas no Arquivo Público Municipal desta cidade, acervos particulares, fitas de vídeo VHS, pela utilização da história oral enquanto memória e pelo diálogo com a bibliografia em torno da dança, da indústria cultural, cultura popular, cultura de massa, hip hop, apropriações e incorporações.

AMADEU AMARAL: ENTRE “LÍRICAS POPULARES” E “POLÍTICAS PARA OS POPULARES”, 1920-1925.

Ricardo Vidal Golovaty, UFU.
rgolovaty@ig.com.br

Minha comunicação *objetiva* debater parte da vida e da obra do “ilustre desconhecido” Amadeu Amaral (1875-1929), intelectual das décadas de 1900-1920. O *método* utilizado consiste no cruzamento dos seus escritos políticos e folclóricos, para a compreensão da convivência entre interesses científicos e interesses políticos no seu pensamento. Em plano mais amplo, tomando Amaral como personagem e a cidade de São Paulo como cenário, tais relações entre estudos de folclore e projetos políticos para a República desdobram algumas

das tramas entre histórias dos estudos de cultura popular e projetos políticos para o Brasil dos anos 1920.

ANÁLISE CULTURAL DE JOÃOZINHO E MARIAZINHA: A IMAGEM DA CRIANÇA NOS CONTOS DE FADA

Rozimeire Agüero Barrios, UEMS
rosi_barrios@hotmail.com

Este texto pretende analisar o contexto histórico cultural em que é construída a imagem da criança nos contos de fadas, utilizando-se do conto Joãozinho e Mariazinha dos Irmãos Grimm. Assim na história citada, no momento onde a madrasta convence o pai das crianças a abandoná-las à própria sorte na floresta, pode-se visualizar o que Philippe Áries chama de infanticídio tolerado, severamente punido no Antigo Regime mas que era cometido em segredo, sob a forma de um acidente, ou seja, a criança era ignorada. Neste ponto Darton aponta um outro contexto, a dura realidade dos camponeses, a proliferação de madrastas, devido o auto índice de mortes de mulheres durante ou após o parto. Portanto, segundo Darton os contos de fadas, oriundos dos contos populares, são documentos históricos, que retratam a cultura popular, e não devem ser ignorados por não poderem ser datados com precisão, ou porque fazem parte da tradição oral, devem é ser analisados historicamente, sendo a principal proposta desta pesquisa.

PRÁTICAS EM TORNO DO UMBIGO DOS RECÉM-NASCIDOS EM CONTEXTOS DE MIGRAÇÃO

Sariza Oliveira Caetano Venâncio, UFG
sarizacaetano@gmail.com

As mães - e os pais – costumam, em Goiás e outros lugares do Brasil e do mundo (Colômbia, Nigéria, Senegal, e etc.) enterrar ou, às vezes, guardar os umbigos dos recém-nascidos. O que coloca tal prática dentro do chamado atlântico negro e da diáspora africana na América. Nas entrevistas que realizamos em Goiânia com migrantes campo-cidade e em Madri entre imigrantes nigerianos Ibos foi possível perceber a riqueza significativa que envolve tal prática. Esta comunicação pretende analisar as narrativas de dois destes entrevistados. Okechukwu Christopher Umegbolu em Madrid e Mariza Peixoto de Oliveira em Goiânia. Em ambos casos, pode-se perceber como em contextos de migração sujeitos sociais são levados a negociar (Bhabha) e a re-significar (Sahlins) as suas práticas culturais que eles crêem ancestrais.

CATIRA: ENTRE MÚSICA E DANÇA, A POESIA DO SERTÃO

Wagner César Rédua, UFU
wagner.redua@terra.com.br

Catira ou cateretê é um conjunto de expressão humana que aparece no início do século XX principalmente no interior dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás. Numa sincronia peculiar entre música, dança e poesia, o catira reflete o cotidiano do sertanejo em suas múltiplas formas de experiência vivida.

Nas apresentações, através das músicas, entre palmas e sapateados, encontra-se um sentido perceptível e comum aos protagonistas e coadjuvantes, que se revela nas poesias musicadas dos catireiros. Dessa forma, desenvolvemos essa pesquisa com o fim de apresentar aspectos dessa cultura popular em seu cotidiano rural através de suas próprias canções. Para isso, utilizamos filmes, fotografias, artigos em jornais, músicas, letras e entrevistas com catireiros.

AS REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO CRISTÃO: DEBATE ACERCA DA INTERPRETAÇÃO CRISTÃ SOBRE O “BANCO DO CAPETA” EM SANTA FÉ DE GOIÁS DE 1970 A 1980

Wilson de Souza Gomes, UEG – (Jussara –GO)

berimbau2005@hotmail.com

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizado no município de Santa Fé de Goiás, onde nos propomos analisar e debater as construções imaginárias cristãs que compõem a cultura popular desse município e região. Assim, em nosso recorte espacial e temporal, discutimos as representações que envolvem a criação do popular “Banco do Capeta” no município de Santa Fé de Goiás, na Serra do Tira Pressa, nos anos de 1970 a 1980. Através da historiografia, realizamos um diálogo/debate com as fontes orais (entrevistas), isso para compreendermos as relações de conflito que existiam naquele local e época, e todo o contexto de estórias, crendices e ficção presentes na mentalidade das pessoas desse município e região.

ARTE POPULAR COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NA METROPOLIZAÇÃO

Wilton Medeiros, UFG

wilton_68@hotmail.com

O que se pretende é uma reflexão sobre a inserção da arte popular como possibilidade de construção do conhecimento, visada para se entever a multiplicidade inerente aos complexos processos de metropolização que se desenvolvem durante a segunda metade do século XX em diante, sustentando que, com o avanço da metropolização, ocorre um *plus* simbiótico de cultura erudita e popular. Por meio da cultura de massa, formas diversas de cultura e arte popular, são superpostas em novas camadas de palimpsesto metropolitanos, nos quais é possível identificarmos elementos de vivências coletivas e cotidianas, além de uma questionável “popularização da arte”.

CULTURAS E LINGUAGENS NAS DIMENSÕES DA VIDA SOCIAL

SIMPÓSIO TEMÁTICO VIII

Coordenadores:

Heloisa Helena Pacheco Cardoso (UFU)

Sheille Soares de Freitas (UFU)

A CIDADE INVISÍVEL DE MARABÁ

Airton dos Reis Pereira, Comissão Pastoral da Terra de Marabá
airtonper@yahoo.com.br

Este artigo, diferentemente de grande parte da literatura sobre a cidade de Marabá que é centrada na figura do pioneiro, do bravo desbravador de terras novas, que enfrentou e venceu todo tipo de adversidade e trouxe o “desenvolvimento” e o “progresso” para o município, procura demonstrar que há uma cidade invisível em Marabá, sobretudo, os bairros, de casas, às vezes precárias, sem água encanada e esgoto, formada por pobres, migrantes, trabalhadores itinerantes, de vida marcada pela provisoriedade e mobilidade, e de mão-de-obra polivalente que lutam cotidianamente pela sobrevivência, que gera e movimenta a cidade. São estes sujeitos sociais que fizeram e fazem alargar a cidade e as políticas públicas.

A INTELLECTUALIDADE DA MULHER NEGRA E O LETRAMENTO COMO MEIO DE SOBREVIVÊNCIA

Carlianne Paiva Gonçalves, UFG
carliannepaiva@yahoo.com.br

Neste trabalho busco entender como a identidade da mulher negra letrada foi reprimida/criada e qual a consequência disso no processo de sobrevivência e resistência por meio da escrita. Para fundamentar o que digo, me apoio no movimento feminista, em autoras negras tais como Sueli Carneiro e bell hooks e no letramento como prática social de escrita enquanto sistema simbólico com contextos e objetivos específicos. Depois de séculos de escravidão, as mulheres negras, no imaginário social, continuam como resquícios de uma senzala maior, esta posição estereotipada as imobiliza, cabendo a elas as figuras da mãe preta ou da hipersexualizada “mulata”. Para as mulheres negras letradas, sobreviver é possível graças ao rompimento do silêncio manifestado em textos e livros divulgados, embora timidamente, pelas editoras.

CIDADE, PATRIMÔNIOS URBANOS E CIDADANIA CULTURAL.

Célia Rocha Calvo, UFU
celia@triang.com.br

Esta comunicação pretende discutir questões vinculadas à temática: cidade, patrimônios urbanos e cidadania cultural. O foco da apresentação estará em trabalhar algumas narrativas, de trabalhadores urbanos, refletindo a maneira como compõem suas memórias nas teias das relações vividas na cidade, sobretudo, a maneira como exprimem as suas interpretações sobre o tempo de mudanças na vida social, trazendo como referência as experiências dos seus viveres na cidade. Por esse caminho reflito a maneira como no processo de lembrar suas práticas e modos de viver socialmente, acabam refletindo as mudanças nos modos de

sentirem-se pertencentes à cidade, colocando - se como sujeitos sociais na construção simbólica e material da cidade. Reflito suas narrativas como práticas de organizar e atribuir sentidos ao tempo histórico, trazendo a tona dimensões silenciadas no processo de construção de uma memória hegemônica. Dimensões que se explicitam por meio do que considero como outras memórias e histórias sobre a cidade, já que identificam os espaços da cidade no entrelaçamento de seus viveres e saberes, isto é, de suas culturas e experiências que os tornam sujeitos. Uma outra questão que procurarei abordar a partir desse suposto teórico é sobre a necessidade de refletirmos sobre a valorização dessas memórias e outras histórias no social, quer no que tange ao nosso trabalho individual de pesquisa, em nossa prática profissional e acadêmica, quer em meio as possibilidades na produção de projetos políticos de patrimônio cultural apontando horizontes de intervenção em meio as disputas sociais e ainda pelos direitos à cidadania cultural.

CULTURA E CIDADE: EXPERIÊNCIAS SOCIAIS NA CONSTITUIÇÃO URBANA DE UBERLÂNDIA.

Geovanna de Lourdes Alves Ramos, UFU
geovanna_gigia@yahoo.com.br

Este trabalho investiga as trajetórias, marcas, memórias e experiências dos moradores da cidade de Uberlândia/MG, fazendo análise das maneiras de viver a/cidade, com a disputa de espaços e territórios. Trata-se de uma discussão sobre a retirada da Estação Ferroviária da Companhia Mogiana da área central na década de 1970 e da construção da Avenida João Naves de Ávila no antigo leito dessa ferrovia, além de outras mudanças ocorridas nesse espaço social. Analiso o processo de reordenação do espaço urbano após a demolição da estação, especificamente, no entorno dos trilhos férreos, a partir das experiências narradas e vividas por moradores da cidade. Busco apontar algumas possibilidades de novos recortes temáticos e a emergência de outros sujeitos na leitura dessas intervenções e, dessa maneira, dialogar com as leituras até então realizadas.

PARA ALÉM DA IDÉIA DE SERTÃO X LITORAL: AS DISPUTAS PELA CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO NA IMPRENSA LOCAL DO OESTE DE MINAS GERAIS, NOS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA

Gilberto César de Noronha, UFU
noronha.gilberto@gmail.com

Pela análise de jornais produzidos e que circularam no oeste de Minas Gerais nos primeiros anos da República, pretende-se discutir as possibilidades de se romper com o modelo dicotômico de análise dos espaços interioranos do Brasil, contrapostos ao litoral, predominante na historiografia. Nesse período não havia ainda uma “grande imprensa” e os pequenos jornais eram meios importantes para a disputa política, quando ainda não estava consolidada uma imagem totalizante sobre interior do Brasil. Os jornais produzidos nessa região específica registravam ações e conflitos que nos sugerem elementos para questionar as imagens do sertão comumente assumidas pela historiografia. Pretende-se portanto, analisar as práticas sociais dos sujeitos que produziam esses registros, pelos quais disputavam esse espaço e a configuração de um território.

CIDADES: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS NA MODERNIDADE BRASILEIRA

Heloisa Helena Pacheco Cardoso, UFU
hhpcardoso@bol.com.br

As grandes cidades brasileiras, apresentadas nas reportagens das revistas nacionais de grande circulação, dão visibilidade à vocação de modernidade supostamente almejada pelo país e que se concretizaria em planos e projetos de reorganização urbana, como opções do Estado

brasileiro para efetivar sua política de desenvolvimento. Nos anos 50, Brasília, a meta-síntese, aparece nas páginas de *O Cruzeiro* como projeto revolucionário como a anular o passado, inaugurando uma nova era. Nos anos 20 e 30, São Paulo e Rio de Janeiro eram as cidades brasileiras que simbolizavam o desenvolvimento na República. Nesse período, o Rio de Janeiro conhece uma proposta de reestruturação urbana com o projeto de Alfred Agache, que visava uma cidade remodelada nas possibilidades de progresso do Brasil. Publicadas em tempos diferentes, essas matérias possuem um eixo condutor: a noção de progresso a valorizar o presente e a projetar o futuro, construindo para o país um processo que se pauta na continuidade e que caminha sempre anunciando o novo. Refletir sobre essa construção significa colocar esse processo em questionamento.

EXPERIÊNCIA FEMININA NO SETOR BANCÁRIO: ESPAÇO DE LUTA E PODER

Harley de Araújo, UFU

harleyaraujo@hotmail.com

A presença da mulher nos diversos setores da economia é visível. Concomitantemente ao crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, cresce também a exploração com a dupla jornada de trabalho: em casa cuidando dos filhos, do marido e dos afazeres domésticos, contribuindo para a reprodução da força de trabalho, e no trabalho remunerado fora, com salário menor que dos homens e não sendo oferecidas a elas as mesmas oportunidades para ocupar cargos de maior responsabilidade na empresa. Esse trabalho faz uma análise da automação bancária em Uberlândia na década de 1990 e a crescente inserção da mulher no setor e como essas trabalhadoras estabelecem estratégias para garantir seu espaço e lutar por seus direitos no interior da instituição em que trabalha e como percebem sua própria inserção no mundo do trabalho.

TRAVESSIAS E FRONTEIRAS: OS SERTÕES MARANHENSES NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX.

Irisnete Santos De Melo, UFMA

irissmelo@yahoo.com.br

Este trabalho pretende fazer uma análise sobre os sertões maranhenses, durante as primeiras décadas do século XX. Temática pouco explorada pela historiografia maranhense, que voltada para os estudos que tinham como cenário a cidade de São Luís, relegaram ao esquecimento os estudos sobre o interior maranhense e a multiplicidade de discursos, vozes e cores que o compõem. Os sertões maranhenses adentraram o século XX ainda com grandes dificuldades de transporte e comunicação, com a capital do Estado, o que fortaleceu as trocas comerciais e culturais com outros Estados brasileiros como: o Norte de Goiás (atual Tocantins), Piauí e Pará. Pretendemos tecer uma cartografia dos sertões tendo como partida a permeabilidade dessas zonas fronteiriças e as relações sociais ali desenvolvidas, além das representações produzidas pela intelectualidade local.

A (DES) CONSTRUÇÃO DA PRAÇA XV EM PRATA/MG

Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira, UFU

ivanildaj@yahoo.com.br

No ano de 1967, a Praça Fernando Terra em Prata/MG, passa por um projeto de remodelação total de seu espaço. No lugar onde antes os flamboyants floridos e os caramanchões serviam de fundo para as poses fotográficas, surge uma paisagem totalmente nova, apresentando um estilo arquitetônico voltado para o modernismo que estava em voga na época. O discurso que se instaura para justificar a des-construção da Praça é calcada nos ideais do desenvolvimentismo. Destruindo para construir. Destruindo o passado representado pela elite política rural, para construir as bases do presente representado por alguns profissionais

urbanos. Essa comunicação procura compreender a reação da comunidade perante este discurso.

A CONSOLIDAÇÃO DA VIDA NA CIDADE: TRAJETÓRIAS DE MOTORISTAS E COBRADORES DO TRANSPORTE COLETIVO URBANO DE UBERLÂNDIA

Janaína Ferreira Silva, UFU
silvaferreira@bol.com.br

A pesquisa em questão aborda os processos históricos vividos por pessoas que se tornaram motoristas e cobradores na cidade de Uberlândia. As narrativas orais utilizadas para a pesquisa, sobre o trabalho no transporte, mostram que estes trabalhadores deixaram condições de vida para a busca de melhores formas de vida na cidade de Uberlândia. Essa cidade surge, nas narrativas orais, como um local de oportunidades de trabalho e conquistas, mas a vida, muitas vezes não foi se consolidando com facilidade. Obstáculos e dificuldades foram vividas por sujeitos históricos que foram levados ao trabalho no transporte urbano, e construindo através dessa forma de transporte relações complexas e subjetivas com a cidade, foram da sobretudo por pessoas. Para o desenvolvimento da pesquisa foram utilizadas: reportagens de jornais locais (Correio de Uberlândia e Primeira Hora) e narrativas orais de motoristas e cobradores do transporte da cidade.

TRABALHADORES DO CAFÉ: UMA ANÁLISE CULTURAL

Janaina Jácome dos Santos, UFU
janainajds@click21.com.br

A pesquisa tem por objetivo analisar culturalmente os panhadores de café no município de Patrocínio em Minas Gerais. Compreendendo como cultura todas as relações que os sujeitos instauram dentro da sociedade. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica com várias idéias de diversos pesquisadores sobre o tema, onde as principais conclusões mostraram que a cultura esta em todos os sentidos e que esta deve ser interpretada com muito cuidado. Nessa perspectiva percebemos que o trabalhador rural ainda se sente desprezado e excluído da sociedade que pertence, mas compreendemos que inicia um processo de auto valorização, que está aos poucos transformando a vida desses trabalhadores.

CIDADE E TRABALHO: TRAJETÓRIAS E VIVERES DE TRABALHADORES EM CENTRALINÓPOLIS/MG

Jheneffen Suênia Silva, UFU
jheneffensuenia@yahoo.com.br

O presente artigo tem como objetivo discutir e evidenciar as problemáticas que se colocam a em torno das trajetórias e viveres de trabalhadores do comércio, nas proximidades da BR 153, no quilometro 34, na comunidade de Centralinópolis/ MG. No âmbito da pesquisa, enfatizamos que o cotidiano de trabalhadores se configura como espaço do conflito e que as lutas travadas diariamente pela sobrevivência expressam e informam sobre os desafios colocados pelo trabalho na sociedade contemporânea.

CULTURAS EM DIÁLOGO: SENTIMENTOS, MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES DA ATIVIDADE DE EXTRAÇÃO DE RESINAS EM TAPUIRAMA, UBERLÂNDIA/MG, 1993-2007

Juliana Lemes Inácio, UFU
julianalesinacio@yahoo.com.br

Trabalhadores residentes no Distrito de Tapuirama, Uberlândia/MG, têm expressado, nos seus modos de ser e de viver, uma multiplicidade de sentimentos e percepções de cidade por meio de suas narrativas e de suas atitudes. Estas pessoas se mudam do município de Jacobina/BA

para Tapuïrama movidos por experiências diversas e por expectativas que giram em torno do trabalhar e do viver com dignidade. No diálogo com estes sujeitos históricos, percebo as maneiras como tencionam o lugar social que escolheram para morar e trabalhar. Através de suas narrativas, estes trabalhadores reconstróem, reelaboram esse vivido, elegem outras memórias e histórias sobre os modos como se relacionam com os “do lugar”, os significados para o “migrar” e distintos sentidos para as relações de trabalho experimentadas, sendo este o objetivo desta comunicação.

CULTURA LETRADA E MEMÓRIAS POPULARES

Laura Antunes Maciel, UFF

lauramaciel@uol.com.br

Entre as razões ou dificuldades apontadas por historiadores para “ouvir o discurso dos sem voz”, da gente “normal”, “simples” e “despolitizada”, destaca-se o fato de que povo brasileiro é “pouco afeito ao mundo letrado” e, por essa razão, em seu cotidiano quase nunca produz registros ou testemunhos de suas experiências históricas. Poderia-se supor que contornado o problema da ausência de registros, os limites e entraves à produção do conhecimento histórico sobre as experiências e ações populares estariam superados. No entanto, apesar da incorporação pelos historiadores de outras fontes e linguagens ter alterado, em parte, os critérios de fidedignidade e veracidade da escrita, ela não foi acompanhada pela “quebra do monopólio da fabricação de versões socialmente verossímeis” e legitimadas pela memória institucionalizada. Nesta comunicação procuro refletir sobre estas questões a partir de indícios e referências sobre o processo de difusão da cultura letrada em nossa sociedade procurando reconhecer a presença pública da memória popular – como falas alternativas e dissidentes – na dinâmica social da conjuntura pesquisada e, ao mesmo tempo, produzir uma historiografia que sirva para garantir e afirmar direitos, fortalecer lutas e utopias comprometidas com a transformação do presente.

DO CANTO HEROÍCO SOBRE A CONQUISTA DA AMÉRICA À UTOPIA DO CONTATO PACIFICO: UMA LEITURA DOS CANTOS XXXV E XXXVI DA OBRA “LA ARAUCANA”

Leandro José Nunes, UFU

ljnunes@ufu.br

A resistência indígena à conquista do Chile obrigou à redefinição dos projetos coloniais e foi tema de uma vasta produção narrativa que procurou descrever e significar os acontecimentos, permitindo ao historiador, hoje, investigar as tensões, conflitos e mudanças de significados que a empresa ultramarinha foi assumindo ao longo do tempo. Neste trabalho, analisamos os cantos XXXV e XXXVI da “La Araucana”, obra de Alonso de Ercilla, onde o autor, após cantar o heroísmo de espanhóis e indígenas nas guerras Araucanas, narra os episódios da expedição às terras austrais e discute, mais uma vez, a questão da justiça da guerra. Na leitura que propomos, o objetivo é discutir a dimensão utópica que a narrativa assume, constituindo-se num discurso que é, ao mesmo tempo, um lamento sobre a conquista e seus métodos, e a utopia do que poderia ter sido caso fosse conduzida com objetivos éticos e morais elevados.

CULTURAS, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS DE TRABALHADORES LATINO-AMERICANOS EM UBERLÂNDIA-MG (1993-2006)

Maria Gisele Peres, UFU

mariagiseleperes@yahoo.com.br

Esta apresentação tem como objetivo expor o trabalho de pesquisa que vem sendo realizado no curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Uberlândia. Tenho como foco a proposta de problematizar os significados sociais, as tensões presentes nas relações

estabelecidas pelos trabalhadores latino-americanos (não brasileiros) em suas trajetórias, memórias e culturas, o que para mim significa também a possibilidade de refletir sobre a América Latina como um terreno comum de experiências resguardando é claro as especificidades de cada país. Por intermédio das narrativas dos trabalhadores latinos, de jornais e de fotografias e partindo da perspectiva da história social busco problematizar a dinâmica social vivida por esses sujeitos na cidade de Uberlândia, suas lutas pelo direito a pertencer à sociedade brasileira como cidadãos; o trabalho que realizam e as estratégias que são criadas nas relações sociais para permanecer no país.

HISTÓRIA E LITERATURA: CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM *OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE* DE JORGE AMADO

Maria Marciária Martins Bezerra, UnB
marciariabezerra@yahoo.com.br

O diálogo entre *história e literatura* encontra-se presente na contemporaneidade. É comum diferenciar a história da literatura no sentido em que a história percorre o mundo do fato, enquanto a literatura se produz no mundo da ficção. O historiador não pode criar seus fatos, ao contrário do escritor, nisso o segundo goza de maior liberdade para explorar narrativas. Neste sentido, a obra *Os subterrâneos da liberdade*, de Jorge Amado, nos indica um percurso multifacetado da literatura para um diálogo com a história, uma vez que a obra nos permite analisar como Jorge Amado tratou a resistência comunista durante o Estado Novo. É possível em *Os subterrâneos* encontrar reflexões que focalizam os laços histórico e conceituais que ligam os universos da *História* e da *Literatura*.

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: *OS BENS TOMBADOS NA CIDADE DE UBERLÂNDIA*

Mariane Maria Bahia Almeida, UFU
mariane.ufu@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar os bens institucionalizados como Patrimônio Histórico na cidade de Uberlândia. Para tanto, foram analisados os dossiês e os processos de tombamento desde a década de 1980. Atualmente são 18 imóveis tombados, sendo 17 a nível municipal e 1 a nível estadual. O foco principal desse trabalho é análise do processo de tombamento de bens materiais e a relevância que esse status confere aos edifícios regulamentados como patrimônio. Nesse processo, a opinião popular assume um importante papel no diálogo estabelecido entre o público e o privado e as disputas estabelecidas entre essas duas maneiras distintas de entender o mundo. Na maioria dos dossiês, verificamos que normalmente os tombamentos são justificados pela estrutura e beleza arquitetônica dos imóveis para que estes sirvam de modelo para posteridade e não como uma construção histórica determinada pelas relações humanas em contradição com a modernidade.

HISTÓRIA E FOTOJORNALISMO

Marta Emisia Jacinto Barbosa, UFU
martaemisia@bol.com.br

A presente pesquisa busca investigar como historicamente foi produzido o fotojornalismo no Brasil associado a uma rede de linguagens e comunicações. No século XX, a imprensa brasileira viveu um período de importantes experiências no âmbito da produção e articulação de novas linguagens, quando se forjou um tipo de jornalismo que relacionou texto escrito e texto visual, dinamizando as formas de fazer e ler notícias, acontecimentos. Nesta perspectiva, interessa discutir os significados daquilo que Barbosa Sobrinho chamou de “industrialismo” na imprensa no século XX, pensar a relação entre fotografia e reportagem para problematizar a relação entre fotojornalismo e produção de memória.

A NARRATIVA VISUAL: A CONSTRUÇÃO DO TEXTO PELA IMAGEM

Najla Fouad Saghié, UFG
najlasaghie@yahoo.com.br

Braidotti (2000), traz um exemplo da construção de uma narrativa escrita a partir de uma imagem, a recriar a história de um lugar e de pessoas mesclando a pesquisa histórica com as memórias de infância e a intuição imaginativa da autora. O proposto é o exercício de narrar as imagens, e o estudo das visualidades a partir do uso dos códigos de narratividades da imagem fixa propostos por Jaques Aumont (2005). A partir de uma representação formada na mente, ao se narrar uma imagem, podemos indicar o tempo e o espaço diegéticos da imagem na construção do imaginário, bem como a criação de enunciados ideológicos e culturais, e desse modo descobrir a identidade dos sujeitos neste processo de elaboração da narrativa visual, a partir da imagem e da subjetividade expressos pela linguagem.

TRABALHO E CULTURA: MODO DE VIDA E RESISTÊNCIA DOS SERTANEJOS POBRES DO EXTREMO-NORTE DE GOIÁS – 1860 A 1920

Olívia Macedo Miranda Cormineiro, UFT
oliviamedeiros@brturbo.com.br

Esta comunicação tem por objetivo apresentar problemas e hipóteses acerca dos modos de viver e trabalhar dos homens, mulheres e crianças pobres que habitaram os extremos da região setentrional da província/Estado de Goiás entre as décadas de 1860 e 1920. Nesse sentido, por meio da abordagem “The history from below”, buscar-se-á problematizar experiências indicativa da capacidade destes pobres do sertão em sofisticar, manter e reformular costumes, tradições e padrões culturais constituidores de estratégias que, por meio da busca em conservar a integralidade de interesses culturais e materiais, viabilizava resistir às práticas de disciplinarização de seu modo de vida pelos grupos dominantes e possibilitava a construção de alternativas de autonomia.

MEMÓRIA, INSTRUMENTO DE DISPUTA POR HEGEMONIA?

Orlanda Rodrigues Fernandes, UFU
landardanuy@yahoo.com.br

Esse trabalho é parte da dissertação de mestrado em andamento na Universidade Federal de Uberlândia que problematiza a luta por hegemonia da imprensa por meio da análise do jornal Correio de Uberlândia na década de 1960. Tenho como objetivo compreender como a imprensa se constitui enquanto prática social na cidade de Uberlândia refletindo sobre a memória enquanto instrumento de hegemonia. Discuto a construção deste veículo enquanto fonte de pesquisa, visto que a imprensa organiza, articula e constrói interesses. Analiso o periódico enquanto parte da cidade para entender como este intervém na sociedade. Questiono quem são os sujeitos que constroem essa intervenção, uma vez que os projetos das diversas forças sociais são articulados pela imprensa segundo os interesses de seus proprietários, financiadores e grupos os quais representa, influenciando diretamente a produção da memória por esta.

A DIALÉTICA DA CONSTRUÇÃO DO CAMPO NAS MEMÓRIAS E VIVÊNCIA DOS TRABALHADORES

Paulo César Inácio, UFG – (Catalão - GO)
paulocesarinaci@uol.com.br

A comunicação apresenta parte da pesquisa em andamento no doutorado em História Social na Universidade Federal de Uberlândia-MG. As relações de trabalho no campo sofreram profundas transformações na segunda metade do século XX, dentre essas mudanças destacamos a entrada em uma economia monetarizada, e as pressões para alteração de formas

de produção e consumo dos trabalhadores. No diálogo com a documentação entrevistadas, processos crimes, relatórios da Estrada de Ferro Goiás, temos indagado significados que estas transformações representaram para parte desses trabalhadores, como vivenciaram, impuseram limites a essas pressões, deixando suas marcas no interior do processo, inclusive pelas maneiras em que recompõem naquele momento os marcos significativos das memórias e das experiências.

MUITAS MEMÓRIAS, OUTRAS HISTÓRIAS: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E O APRENDIZADO COM FONTES ORAIS

Paulo Roberto de Almeida, UFU

almeidap@triang.com.br

Trabalhando com temáticas como movimentos sociais, trabalho e trabalhadores, culturas e religiosidades, campo e cidade temos procurado enfrentar o debate sobre a produção de memórias, os diversos atributos das experiências, da consciência social, e das várias tensões que emergem nas formas de narrar e nas linguagens presentes na produção das fontes orais.

Os trabalhos de pesquisa e orientações de outros pesquisadores têm permitido trazer à tona outras histórias da realidade social, desconstruir periodizações consagradas em arranjos oficiais de uma história carregada de padrões e valores, que procuram sempre uniformizar contextos históricos. Nesse sentido a história oral tem sido um instrumento metodológico que nos coloca frente a outros sujeitos que reclamam outras possibilidades de interpretação, permitindo reflexões sobre os significados das linguagens e da narrativa na história e na historiografia

GEOGRAFIAS DO SERTÃO: ESPAÇO E MEMÓRIA EM CONTAÇÕES DE HISTÓRIA.

Regina Ilka Vieira Vasconcelos, UFU

reginailka@bol.com.br

Este trabalho compreende algumas reflexões desenvolvidas na pesquisa *Narradores do sertão: história e cultura nas histórias de assombração de sertanejos cearenses*. A partir de narrativas de sertanejos cearenses registradas pelo cruzamento dos caminhos da História Oral e do vídeo, o objetivo desta pesquisa foi compreender o processo de construção dos sujeitos sertanejos como contadores de história, lidar com diferentes processos de construção de memória, incorporar seus pontos de vista, e tentar entender os sentidos construídos por eles para as transformações vivenciadas nas matas de caatinga do sertão norte cearense. Ao estabelecer um diálogo em torno do cotidiano de trabalho na agricultura e na caça, busquei compreender como as relações entre assombrações e paisagem nas contações de história constituem memórias a partir de uma certa gramática da imaginação, sinalizando para múltiplas experiências de construção do espaço do sertão.

“SEMANÁRIO INDEPENDENTE, LITERÁRIO E NOTICIOSO”: O SERTÃO ERA ASSIM...

Rejane Meireles Amaral Rodrigues, UFU

meirelesamaral@hotmail.com

O presente texto tem por objetivo analisar algumas manchetes do jornal “Montes Claros”, que permite-nos entender como foi forjada uma memória sobre “sertão”. De vinculação local na cidade de Montes Claros- Norte de Minas, alguns exemplares deste jornal permite-nos debater práticas sociais e políticas ali retratadas, além de possibilitar o entendimento da vida de pessoas da cidade de Montes Claros. As reportagens selecionadas são de meses diferentes o que nos auxilia a entender como gradativamente este jornal tornou-se um “porta voz” de uma sociedade “fechada” e como este contribuiu para a “formação de uma memória velada”. Utilizaremos como fonte manchetes dos meses de julho, outubro, novembro e dezembro.

O PAPEL DO BOATO NA HISTÓRIA: A HERMENÉUTICA DE CADA DIA

Renata Franco Saavedra, UNIRIO

refsaavedra@gmail.com

O presente trabalho se propõe a pensar o efeito dos boatos em movimentos sociais, julgando que a historicização de tal fenômeno, deslegitimando em seu contexto produtor e também pela tradição historiográfica, é instrumento fundamental na tentativa de compreensão de grupos sociais passados e suas dinâmicas. Tendo como arcabouço teórico de partida a chamada *teoria do rumor*, aliada a uma análise da sociedade pernambucana oitocentista, pretende-se demonstrar, a partir de um estudo de caso – a Guerra dos Marimbondos – , a pertinência da relação entre boato, atuação/pensamentos social e manifestação político/cultural, além da importância de tais ligações no dialético processo de construção da cidadania brasileira (principalmente no que diz respeito à função social do Estado) e reprodução do pacto social que marca o século XIX.

TRABALHADORES E TRABALHO NO OESTE DO PARANÁ: PERSPECTIVA DE INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL

Rinaldo José Varussa , UNIOESTE

angri@certto.com.br

Esta comunicação visa apresentar e discutir alguns elementos e perspectivas de investigação, tendo em conta um conjunto de pesquisas implementadas a partir do Laboratório “Trabalho e Movimentos Sociais” da UNIOESTE, as quais vem buscando interpretar e analisar diversas dinâmicas de vida e de trabalho experimentadas e pautadas pelos trabalhadores, na região Oeste do Paraná, os quais assumem uma plêiade de ocupações e profissões, tais como catadores de papel, jardineiros, vendedores ambulantes, sacoleiros, genericamente identificados pela historiografia como “informais”. Nestas pesquisas, a história oral vem assumindo um papel estratégico, não só por se constituir, por vezes, na única forma de acessos e diálogo com aqueles sujeitos, mas também por possibilitar perceber e interpretar os processos históricos vividos, a partir dos sentidos e significados forjados pelos trabalhadores.

OLHARES SOBRE A CIDADE: OS FIÉIS DA IGREJA UNIVERSAL.

Rodrigo Barbosa Lopes, UFU

lopesrb@yahoo.com

Essa comunicação será o resultado de uma pesquisa, feita por dois anos em Uberlândia sobre os fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. Trata-se de problematizar como a memória é disputada dentro do espaço religioso e de como a fala destes sujeitos se apresenta influenciada, mas não determinada pela Igreja Universal. O sujeito utiliza do discurso religioso para justificar e determinar o quanto ela é importante para si como um amparo. Para isso, desenvolvem um diálogo, articulando as disputas sociais e as superações destes mesmos problemas, como *batalhas espirituais*, que necessitam do apoio constante da fé e da religiosidade. A opção para investigarmos as relações de disputa não foi a fala da igreja, mas sim a do próprio fiel. São os discursos daqueles trabalhadores – em sua maioria, gente simples que lotam as cadeiras de ostentosos templos – que motivou esta investigação a problematizar o crescimento da religiosidade junto ao aumento dos problemas sociais causados pelo capitalismo selvagem, desenvolvido no Brasil nas últimas décadas.

NARRATIVAS DE EMPOBRECIMENTO VIDA URBANA E POBREZA NA CIDADE DE UBERLÂNDIA (1990-2004)

Sérgio Paulo Morais, UFU (FACIP- Campus do Pontal)

moraissp@yahoo.com.br

A proposta de comunicação, aqui apresentada, visa expor algumas reflexões elaboradas através da pesquisa “Empobrecimento e ‘Inclusão Social’: vida urbana e pobreza na cidade de Uberlândia/ MG (1980-2004)”, a qual trata de modos de vida, trabalho e cultura nas relações constituídas entre beneficiários de programas sociais, poder público e entre outros trabalhadores, na cidade. Nesta, por meio das narrativas orais, busquei compreender como os beneficiários de bolsas e programas sociais viveram, experimentaram e elaboraram consciências sobre as tensões e relações firmadas com religiosos, doadores e agentes do serviço público, conflitos estes que foram traduzidas em modos de comportamento e em expectativas sobre o futuro.

UBERLÂNDIA: PRODUZINDO E DISPUTANDO MEMÓRIAS

Sheille Soares de Freitas, UFU

sfsheille@gmail.com

A proposição desta comunicação faz-se com o intuito de estabelecer um debate sobre a cidade de Uberlândia/MG e a disputa de memórias que se promove, por diversos meios sociais, nesta cidade. Em particular, reflito neste trabalho sobre como as produções da imprensa jornalística local, principalmente a partir da década de 1980, recolocam traços das memórias uberlandenses em diálogo com o vivido na atualidade. Para isso, penso os referenciais utilizados de memória, cultura, e história. Essas linguagens permitem problematizar noções e práticas cotidianas, entendendo, no plural, como uma investigação sobre memórias, culturas e histórias. O caminho de reflexão proposto indaga as redes de comunicação, interpretações e experiências dos moradores construídas no processo de co-relação de forças que se têm na sociedade. Partindo dessa perspectiva, entendo que há diferentes interesses e usos que se entrecruzam no partilhar a cidade e, com isso, a dinâmica social compõem-se de tensões e desigualdades construídas, afirmadas e transformadas constantemente. Torna-se pertinente então, questionar o como se faz as tramas e disputas cotidianas torna-se um instigante estímulo para essa pesquisa.

A MEDIAÇÃO DA IMPRENSA NA PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS: A FIGURA DO ARTISTA E COMPOSITOR GRANDE OTELO

Tadeu Pereira dos Santos, UFU

tadeupspopulis@yahoo.com.br

O trabalho tem como propósito divulgar resultado de uma pesquisa que analisa a produção de memória na cidade de Uberlândia-MG, em torno da figura do artista e compositor Grande Otelo, na imprensa local. Neste sentido, faz-se necessário explicitar quais são os procedimentos desta pesquisa, pois à medida que elucidamos como estamos problematizando esses veículos de comunicação (Jornal Correio de Uberlândia), transparecemos os nossos caminhos e suporte teórico na compreensão de uma dada realidade. O referido jornal traz aspectos da vida de Grande Otelo em notícias carregadas de significados, que constroem, em alguns momentos, uma visão negativa do personagem e, em outros, valorizam o ator e compositor como filho da terra.

MEMÓRIAS CONSTRUINDO HISTÓRIAS: O LEVANTE COMUNISTA DE 1949 EM FERNANDÓPOLIS, SP

Vagner José Moreira, UFU

vagnerjmoreira@terra.com.br

As Histórias e Memórias sobre o movimento de trabalhadores ocorrido em Fernandópolis em 1949 constituem parte significativa da pesquisa em desenvolvimento sobre as culturas, memórias e experiências comunistas no noroeste do Estado de São Paulo, 1945-1955. Privilegiando a multiplicidade e pluralidade de modos de vida a problemática da pesquisa são as memórias que constroem histórias sobre o levante comunista de 1949 e os significados que adquiriram para os trabalhadores os projetos de “revolução agrária” e “comunista” na cidade e sua relação com significados práticos e valores hegemônicos. Os processos sociais de construção de memórias sobre as experiências de luta e militância política levou-me a identificar a memória como um lugar de disputa pela hegemonia na cidade e o movimento de 1949 como um ambiente de confluências de conflitos e culturas de classe.

DEMOCRACIA, OPINIÃO PÚBLICA E MERCADO: A VISÃO DOS BRASILEIROS

SIMPÓSIO TEMÁTICO IX

Coordenadores:
Denise Paiva (UFG)
Heloísa Dias Bezerra (UFG)

ENTRE A ESTABILIDADE INSTITUCIONAL E A DESIGUALDADE SOCIAL: POTENCIALIDADES E LIMITES DA ATUAL DEMOCRACIA BRASILEIRA

Antonio de Almeida, UFU
antonioa@ufu.br

Após 1985, com o fim da ditadura militar, o Brasil vem enfrentando uma gama variada de problemas, os quais têm colocado à prova o potencial do Estado e da Sociedade civil brasileira quanto à consolidação do regime democrático. Para o fortalecimento da democracia no país, soma positivamente o fato de que graves acontecimentos que tiveram lugar nas duas últimas décadas, como impeachment de um Presidente da República e as várias denúncias de corrupção envolvendo o legislativo e o executivo federal, não afetaram o funcionamento regular do Estado e do Congresso Nacional, condição indispensável para as regras democráticas. Não obstante esta constatação, os indicadores revelam um quadro com profundas carências vivenciadas pela maioria da população brasileira, o que instiga o questionamento sobre as potencialidades e limites de uma efetiva democracia no Brasil, no contexto de economia globalizada.

DESENVOLVIMENTO: OUTRAS IDÉIAS

Danielli S. Borges Reis, UFG
daniellibreis@hotmail.com

A noção de dependência e subdesenvolvimento da América Latina em comparação aos pólos hegemônicos do sistema capitalista mundial torna-se simplista demais frente aos conceitos de “nova dependência” e “desenvolvimento dependente-associado” descritos na obra *DEPENDÊNCIA E DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA* pelos sociólogos Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto. A divisão entre centro e periferia, desenvolvimento e subdesenvolvimento dos países tornou-se menos útil a partir da globalização, dado que a interconexão mercantil saltou as fronteiras nacionais.

O objetivo desta comunicação, fundamentada na denominada obra de Fernando Henrique Cardoso, é compartilhar estes conceitos através de uma análise econômica, social e histórica da América Latina, na qual as especificidades e peculiaridades, por vezes, são desconsideradas em benefício de uma análise universal e, conseqüentemente, de uma equívoca compreensão da situação dos países latino americanos em relação ao seu desenvolvimento.

O PAPEL DO CONTROLE SOCIAL NA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL EM GOIÂNIA:1996-2006

Dilma Pio de Santana, UFG
dilmapiro@terra.com.br

Este estudo foi motivado pela preocupação com as novas modalidades participativas institucionalizadas, que foram introduzidas desde o ano de 1988, no Brasil, com a promulgação da Constituição Federal e com a regulamentação efetivada pela Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS). A proposta central deste trabalho é a de analisar o papel do controle social exercido pelo Conselho Municipal de Assistência Social em Goiânia (CMASGyn). Para tal, desenvolveu-se esta pesquisa que abrangeu o período de 1996 a 2006, isto é, desde a criação do CMASGyn.. Desse modo, esta pesquisa se filia a uma tradição de estudos que busca compreender e analisar os desafios e limites da democracia.

SOCIEDADE DO CONTROLE: PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO DO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

Fernanda S. Borges, UFG
fsilvaborges@hotmail.com

O presente trabalho apresenta uma análise preliminar sobre as práticas de subjetivação do corpo em sua passagem da Modernidade à Contemporaneidade, na medida em que o capitalismo se apropria do corpo como objeto de saber e poder. Nessa passagem da disciplina para o controle, reinventam-se as estratégias de biopoder e os modos de intervenção sobre o corpo, partindo-se de um discurso médico-científico que responsabiliza o indivíduo por sua saúde, uma vez que cuidar do corpo significa cuidar de si mesmo. Segundo Foucault, o controle da sociedade se faz pelo corpo e com o corpo, sendo a tecno-ciência o saber que produz poder. Nesse sentido, por meio das práticas discursivas, podemos entender formas específicas de subjetividade e novas estratégias de poder e de produção de verdades.

OPINIÃO PÚBLICA E APOIO À DEMOCRACIA: A LITERATURA INTERNACIONAL VISTA DO BRASIL

Luis Felipe Miguel, UnB
lfelipe@unb.br

Há uma vasta literatura internacional, baseada em dados como comparecimento eleitoral, lealdade popular aos partidos e pesquisas de opinião pública, que atesta a emergência daquilo que Pippa Norris chamou de “cidadãos críticos”: pessoas que aceitam os valores da democracia política, mas desconfiam das instituições representativas projetadas para realizá-los.

O paper visa analisar essa literatura, quase toda produzida na América do Norte e Europa Ocidental, à luz da experiência brasileira. Nossa experiência democrática é mais recente, nossas instituições são menos consolidadas e a influência da mídia eletrônica na constituição de nossa opinião pública é maior. Assim, o modelo dos “cidadãos críticos” pode ajudar a iluminar alguns aspectos da relação dos brasileiros com a democracia eleitoral, mas é insuficiente para entendê-la cabalmente.

O PROFISSIONAL DAS ARTES VISUAIS E OS MEIOS DE VISIBILIDADE CONTEMPORÂNEOS

Nei Vargas da Rosa, UFRGS
nvargasr@terra.com.br

O trabalho propõe revelar a maneira pela qual se dá inserção e afirmação da carreira de artista plástico contemporâneo, a partir de dispositivos específicos de legitimação no sistema das artes brasileiro. Nesse sentido, coloca em evidência a política de democratização e acesso aos

bens culturais implementada pelo governo federal, por meio da Lei Rouanet, bem como a forma que o sistema financeiro se vale dessa idéia para fazer circular bens simbólicos e seus produtores. O Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro e Itaú Cultural de São Paulo são escolhidos para análise, pois podem ser considerados os principais modelos de atuação no quadro institucional corporativo no Brasil. O fenômeno que faz surgir esses espaços deve ser entendido na perspectiva da economia neoliberal, que ativa o mercado cultural e influência de forma decisiva na construção da História da Arte no Brasil e no mundo contemporâneo.

DA POLITICA AO ESTATUTO: A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA REFERENTE À PESSOA IDOSA

Rildo Bento de Souza, UFG

bentorildo@hotmail.com

A política nacional do idoso de 1994 foi o primeiro instrumento elaborado pelo estado brasileiro com o intuito de privilegiar o segmento da sociedade com mais de 60 anos. População esta, que naquela época, já necessitava de um aparato legal, mas abrangente e eficiente, que levasse em conta suas singularidades. A partir de então, houve uma retilínea e crescente preocupação das autoridades com os problemas enfrentados pelas pessoa idosa. O apogeu de todo esse processo se deu em 2003, quando foi sancionado o Estatuto do Idoso. Nosso objetivo portanto, é analisar os fatores sociais e políticos presente na elaboração dessas leis, concomitantemente inseriremos na discussão o advento de uma nova forma de se fazer cidadania, pautada no pelo dialogo entre o Estado e a Sociedade.

PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NOS CONSELHOS GESTORES DE TRABALHO, EMPREGO E RENDA: A DEMOCRACIA EM CONSTRUÇÃO.

Silvana Krause, UFG

Natalina Ribeiro, PUC-SP

krausesilvana@yahoo.com.br

Este trabalho pretende fazer uma reflexão advinda de uma experiência específica dos conselhos estaduais e municipais responsáveis pela elaboração e fiscalização da política pública de trabalho, emprego e renda do país. A experiência de trabalho com o curso de formação de conselheiros e a oportunidade de um convívio intenso e sistemático com os conselheiros participantes, nos forneceu uma rica oportunidade de observação de campo. Neste sentido este trabalho se baseia fundamentalmente nas observações e reflexões dos professores e nas opiniões e depoimentos dos conselheiros que participaram do Curso de Formação de Conselheiros, promovido pelo MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) e realizado pela Unitrabalho nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste, em 2006. Serão apresentadas especialmente as dimensões da participação e representação política que revelam por um lado fragilidades da administração pública, inserida em um contexto de democracias contemporâneas que são desafiadas constantemente por demandas crescentemente técnicas e especializadas. Por outro também expõem a potencialidade destes canais de participação em superar os limites do exercício de representação e representatividade política fundamentada em princípios patrimonialistas, desconectados das demandas e necessidades dos segmentos sociais definidos como prioritários para as políticas públicas, em conflito e contraposição às formas autônomas de defesa dos direitos universais de cidadania.

A REPRESENTAÇÃO DE GOVERNANTE IDEAL NA OBRA DE JK: COMO NASCE UMA ESTRELA, DE CARLOS HEITOR CONY.

Sônia Leonor de Castro, UEG.

soninhacastro10@yahoo.com.br

Em 2006, Carlos Heitor Cony publica JK: Como nasce uma estrela, obra que apresenta uma preocupação com a memória nacional, construindo em Juscelino Kubitschek a imagem do governante ideal. Neste trabalho analisaremos a representação de JK presente na obra. Objetivamos compreender as características apresentadas na narrativa deste autor e a vinculação destas a construção de um imaginário político. Inicialmente discutiremos o conceito de representação, debatido por Roger Chartier, em seu livro *A beira da falésia* (2002). Para este autor a representação é o ‘instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma imagem capaz de trazê-lo a memória’ (Chartier, 2002: 74). Cony apresenta o modelo de um governante, pedagogicamente ensina o eleitorado a escolher seus governantes.

ENSINO DE HISTÓRIA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PESQUISAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM DISCUSSÃO

SIMPÓSIO TEMÁTICO X

Coordenadores:

Maria da Conceição Silva (UFG)

Andréa Ferreira Delgado (CEPAE/UFG)

ENSINO DE HISTÓRIA E AS TRADIÇÕES AFRO-BRASILEIRAS NA COMUNIDADE DOS ALMEIDA

Ana Carolina Borges Aguiar, UFG

aninha_amp@hotmail.com

O Brasil é o país com maior contingente de afro-descendentes do mundo, cerca de 44% da nossa população se define como “preta” ou “parda”. A lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003 inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira” que deveria ser ministrada nas aulas de Educação Artística, Literatura e História Brasileira, com a sugestão de eliminar a invisibilidade da participação da cultura negra na formação social brasileira. Propõem-se práticas pedagógicas que se associem à elevação da cultura local e as tradições do cerrado dentro da experiência na Escola Quilombo, localizada às margens da GO-010, Km 17, em Silvânia-Goiás.

PATRIMÔNIO E MEMÓRIA NA CIDADE DE GOIÁS: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Andréa Ferreira Delgado, CEPAE/UFG

Ilse Leone Borges Chaves de Oliveira, CEPAE/UFG

andreadelgado@uol.com.br

A partir das propostas de ensino das Subáreas de História e Português do CEPAE, desenvolvemos uma experiência de educação patrimonial com alunos da sétima série em 2006. Por meio da apresentação de uma série de textos e atividades que elaboramos para abordar o patrimônio material e imaterial da cidade de Goiás, gostaríamos de discutir alguns eixos teóricos que consideramos fundamentais para a educação patrimonial: a abordagem interdisciplinar, a incorporação da experiência social dos alunos, a problematização do conceito de patrimônio, a historicização da intervenção do IPHAN no processo de construção do patrimônio nacional e o debate acerca das inter-relações entre o campo do patrimônio e o turismo. A memória foi o conceito privilegiado, seja aquela instituída pelo conjunto dos bens tombados, seja a delineada pela escrita de Cora Coralina.

HISTÓRIA LOCAL: UMA DIDÁTICA A SER TRABALHADA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Carlos Gilberto Barroso Maia, Universidade Católica Dom Bosco

gilbert_mm@hotmail.com

Pesquisa realizada na cidade de Fortaleza, desenvolvida em uma escola da rede estadual de ensino nas séries do ensino fundamental de 6^o ao 9^o ano. O estudo proposto analisa o ensino de história com uma proposta pedagógica diferente, na qual, tenta, desvincular a disciplina

História daqueles antigos estereótipo de “matéria sem importância”, ou “por que vou estudar coisas do passado”. O artigo em si vai tratar das questões legais do ensino de história dentro dos PCN’S, a criação dos PCN’S, à temática História Local no Ensino de História. Para finalizar iremos abordar questões reais de como é possível utilizar outras técnicas de ensino-aprendizado nas séries iniciais utilizando propostas significativas.

O ENSINO EM HISTÓRIA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE ESTUDANTES DE SORBONNE, AMSTERDÃ E CAMBRIDGE, UM ESTUDO DE CASO

Cendrine Paul-Guers, Liceu Philippe Girard, Avignon./França
cendrineguers@yahoo.com

A presente pesquisa trata da natureza do saber em história enquanto disciplina que pode ou não servir como instrumento de inserção no mercado de trabalho e, ainda, como pode influenciar na formação profissional. Analisou-se o percurso de estudantes em história, as modalidades de aprendizagem e a procura de emprego consecutiva à sua formação. Aos alunos do Liceu da França foi feita a seguinte questão: "para que serve a história?" – questão norteadora de nossa pesquisa. Qual a legitimidade do saber histórico na construção do presente de uma determinada sociedade? Mostrar a "utilidade" dos estudos em história na França, Países Baixos e Inglaterra compõe os objetivos deste estudo. Partindo do caso de estudantes inscritos na Sorbonne no período de 1991-1992, comparou-se o percurso de dois grupos de universitários de Universiteit van Amsterdam, Cambridge e ex-estudantes de história do Paris1-Panthéon-Sorbonne (1996). Na França o mercado é mais restritivo, em Amsterdã e Cambridge a inserção profissional é mais variada, onde menos de 20% se destinam ao ensino. Há um paradoxo na situação francesa, onde a situação dominante do Estado no domínio da memória ensinada – domina as memórias coletivas e vincula-se o sentimento nacional à memória oficial – parece limitar ou fazer concorrência com o saber histórico.

NA EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1930 E 1990

Cristiane Souza Borzuk, UFG (Jataí -GO)
cborzuk@yahoo.com.br

Este trabalho insere-se nas interfaces entre a Psicologia Social, a História e a Educação Escolar. Seu objetivo principal é verificar se os princípios e fundamentos norteadores das propostas educacionais implementadas no Brasil no século XX favoreceram ou não o surgimento de relações baseadas em princípios de autoridade e submissão, fortalecendo a aptidão para o comportamento autoritário. O que está proposto é a realização de um estudo comparativo entre a década de 1930 e a década de 1990. Para a análise documental utilizaremos as legislações educacionais dos dois períodos mencionados, as quais nos indicarão os seus objetivos, a quem se destina, e o caráter de obrigatoriedade ou não. Também utilizaremos projetos e relatórios de implementação. O referencial teórico-metodológico adotado é a Teoria Crítica da Sociedade. Pretende-se que os resultados sejam compreendidos como processos que não estejam circunscritos ao espaço escolar, mas que o transcende, representando uma tendência mais geral do capitalismo administrado

RECEPÇÃO DOS MANUAIS ESCOLARES DE HISTÓRIA NO GRUPO ESCOLAR DE MARIANA

Elvis Hahn Rodrigues, UFOP
Rosana Areal de Carvalho Carlos, UFOP
elvishahn@yahoo.com.br

Esta comunicação se propõe a apresentar resultados parciais sobre a recepção dos manuais escolares de história no Grupo Escolar de Mariana. Este trabalho se caracteriza pela

investigação de qual o propósito pedagógicos destes manuais. Para tal pesquisa utilizamos o inventário do dito Grupo Escolar datado de 1911. Leituras preliminares apontam um propósito nacionalista no ensino de história, o que também pode ser percebida nos programas da reforma educacional ocorrida em Minas Gerais em 1906, chamado Reforma João Pinheiro, sendo este então, o Governo do Estado. A pesquisa se justifica pela investigação do ensino de história na Primeira República.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS: A CRIAÇÃO DOS CFPPs EM GOIÁS

Fátima Pacheco de Santana Inácio, Unicamp

fpinacio@uol.com.br

A comunicação publiciza parte da pesquisa, em andamento, na Faculdade de Educação da Unicamp. Na investigação construímos, provisoriamente, indagações em relação às transformação escolares ocorridas em Goiás durante o período de 1961 a 1980, focando, principalmente, a relação dessas mudanças com a política de formação de professores, implantando no estado, provenientes dos acordos estabelecidos entre o MEC, UNICEF e a UNESCO.

No trabalho investigativo evidenciou-se que a implementação desta política educacional, somente em Goiás e em Manaus, conduziu à criação dos chamados Centros de Formação de Professores Primários. As fontes possibilitam, dentre outras análises, investigarem o processo de formulação e implementação do projeto.

AS AMÉRICAS NO PCN DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Getúlio Nascentes da Cunha, UFG (Catalão -GO)

getulionascentes@uol.com.br

Os últimos anos têm presenciado um aumento da discussão em torno da necessidade do ensino da História da África nos ensinos Fundamental e Médio. Entretanto, o ensino de história da América continua a ser negligenciado. Esse fato pode ser constatado no próprio PCN de História, onde são poucas as menções à América. O presente texto se propõe a discutir as razões desse pouco interesse e forma como a América foi colocada no PCN, tendo como argumentação central a idéia de que o norte do PCN foi dado pela questão da identidade e que essa identidade se constitui a partir de relações raciais e não tanto históricas, o que levaria a valorização atual da história da África e o esquecimento da história da América.

O ENSINO DE HISTÓRIA NOS REFERENCIAIS CURRICULARES NACIONAIS PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS (RCNEI): QUE HISTÓRIA É ESSA?

Giovani José da Silva, UFG/UFMS(Três Lagoas –MS)

giovanijsilva@hotmail.com

Em 1998 foi lançado, pelo Ministério da Educação e do Desporto, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI). Recebido com entusiasmo no meio dos profissionais da Educação Escolar Indígena no Brasil, o RCNEI, como ficou conhecido popularmente o documento, de início apresentava dois problemas: o fato de se referir às escolas indígenas apenas como escolas de 1ª a 4ª séries e o protagonismo indígena em sua elaboração. Embora no próprio texto constem os nomes de inúmeros colaboradores indígenas de diversas regiões do país, é patente a quase completa ausência de nativos de Mato Grosso do Sul, por exemplo. Além disso, o documento não rompia com a idéia de conteúdos escolares estanques, divididos em áreas tradicionalmente consagradas no meio escolar. Problematicar o Ensino de História no RCNEI é, pois, o objetivo principal da comunicação proposta.

ENSINO DE HISTÓRIA NA CAPITAL DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL

Gislaine N. Gomes, Universidade Católica Dom Bosco

gislaineng@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo analisar o ensino de História na capital do estado de Mato Grosso do Sul, tendo o professor como foco da questão, analisando se as ações municipais e estaduais tem contemplado este profissional, visando ainda identificar as características do espaço em que o docente desenvolve seu trabalho. Esta é uma pesquisa documental e bibliográfica em que se analisa os autores que trabalham com a temática do ensino de História, as ações do governo estadual e município, através dos documentos. O visão do professor de História sobre o como ele vê a situação da sua categoria profissional também esta contemplada nessa análise, através das entrevistas com os mesmos.

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DO HISTORIADOR NA SALA DE AULA

Guilherme U. Barbosa, UnB

guilhermeubarbosa@yahoo.com.br

Nesta comunicação, busca-se refletir sobre as possibilidades de atuação do profissional de história nos Ensinos Fundamental e Médio. O que ensinar, quais abordagens privilegiar, a relação com os jovens estudantes em sala de aula são temas acerca dos quais as reflexões devem progredir, especialmente passadas duas décadas de experiência democrática na vida política do Brasil. Hoje, superada está a fase de discussão acerca das diferenças entre o pesquisador e o professor no processo de formação do historiador. Mais importante é o desafio de incorporar e adequar o notável avanço da produção historiográfica nos últimos anos às condições específicas da educação básica. Os historiadores, independente das inclinações pela pesquisa ou pelo ensino, não podem se furtar a essa discussão.

O QUE OS PROFESSORES TEM PARA NOS CONTAR! EXPERIÊNCIAS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS BEM SUCEDIDAS

Julieno Lopes Vergara, UFOP

Célia Maria Fernandes Nunes, UFOP

lopesvergara@yahoo.com.br

A literatura na área educacional há muito tem destacado a importância de se repensar a formação e a prática dos professores, sem perder de vista o contexto sócio-histórico em que elas estão inseridas. Assim pesquisas têm sido desenvolvidas, na direção de priorizar o papel do sujeito na sua formação considerando que esta ocorre a partir da apropriação de sua própria trajetória. A aproximação com relatos biográficos sobre memórias e histórias de professores tem possibilitado (des) construir imagens e estereótipos que se materializaram no professor ao longo de sua formação e de sua prática. A pesquisa está sendo desenvolvida através de relatos biográficos (memória/ história de vida) de ex-professoras que buscam analisar as suas trajetórias profissionais. As narrativas biográficas podem ser percebidas como “biografias educativas” (JOSSO, Marie-Christine,2002) pois permitem refletir sobre o passado para propor novas ações tanto no tempo presente, quanto no tempo futuro. O processo de formar e tornar-se professor passa assim a ser compreendido a partir das significações apresentadas nos relatos de trajetórias profissionais dos professores.

A INTERNET COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EXPERIÊNCIA DE DOCENTES E GRADUANDOS DE HISTÓRIA NA UFG CAMPUS CATALÃO

Julio Bentivoglio, UFG- Catalão
juliobentivoglio@gmail.com

A presente comunicação sintetiza dois anos de estudos financiados pelo Programa de Licenciaturas da Universidade Federal de Goiás, que discutiram as relações entre Ensino de História e Internet. Ela apresenta dois momentos da pesquisa: a) o levantamento sobre a existência e a utilização da internet e dos laboratórios de informática pelos alunos das escolas de Catalão-GO e b) a análise das entrevistas sobre a utilização e conhecimento de sites relacionados à História por professores e graduandos do curso de História da UFG-Catalão. Os dados obtidos traçaram um diagnóstico e um panorama que sinaliza a necessidade de um amplo debate sobre o uso e o conteúdo de História existente na rede, tanto nas escolas como na universidade.

VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UM MAL-ESTAR SOCIAL

Liberalina Teodoro de Rezende Arantes, SEE-GO
liberezende@prionet.com.br

Dentre os vários fenômenos sociais, a violência nas escolas é hoje o mais complexo e difícil de se compreender, afeta de forma geral a sociedade, atingindo diretamente as crianças, os adolescentes e o processo ensino-aprendizagem. Está presente em todas as escolas do país, quicá do mundo. É um resultante de vários fatores externos e internos à escola e se caracteriza pelas diversas formas de interações sociais que se apresenta: familiares, educativas e sociais. Nos propomos a apresentar, de forma sintetizada, os vários fatores que determinam as possíveis causas do comportamento violento e hostil nas escolas, que geram esse mal-estar social que compõem o cenário e se desenvolvem no palco escolar.

EXPERIÊNCIAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PORTO VELHO, NO ENSINO DE HISTÓRIA, DOS ALUNOS ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

Lilian Maria Moser, Universidade Federal de Rondônia – UNIR
lilianmaria_moser@yahoo.com.br

O ensino de História tem sido arrolado em vários debates, simpósios e congressos como tema central devido sua representação em sala de aula, em que desafia o aluno e o professor. O desafio é travado na complexidade do entender o que é História e sua construção de tempo e espaço em que são buscadas novas estratégias e metodologias. A História, concebida como ciência que estuda o passado dos diversos povos, nos mais diversos aspectos, nem sempre se torna atrativa para os alunos adolescentes, em que a os velhos paradigmas da História são substituídos pela modernidade, onde o espaço se torna cada vez menor, o tempo cada vez mais veloz e as relações sociais mais vulneráveis. Portanto, ensinar história hoje é construir junto com os alunos a própria história para que esta se aproxime mais do seu universo. Na visita às escolas públicas de ensino Fundamental e Médio, e no acompanhamento dos estagiários do Curso de História, nos deparamos com uma série de desafios que exigem do professor de História *novos objetos, novas abordagens e novas práticas*. Soraia Dutra (UFMG) afirma que é necessário proporcionar ao aluno o contato com vários documentos para possibilitar a compreensão da História como construção e não algo dado, a ser lido e memorizado pelo aluno. O professor de História, já com vários anos de experiência nem sempre consegue acompanhar o ritmo acelerado do adolescente em que sua vida é construída no imediatismo, no prático e no virtual. Por outro lado, nem sempre as escolas oferecem a

modernidade da tecnologia e da multimídia em que os alunos poderiam “navegar e viajar” pelo fantástico mundo criado pela História.

O CURRÍCULO DE HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Liliane Tosta Costa, FCHF/UFG

lilianetc@yahoo.com.br

A educação formal acontece de forma sistematizada nas instituições de ensino e fundamenta-se em conceitos referentes à sociedade, cultura e ao indivíduo. Isto significa que as práticas educativas, que acontecem no interior da escola, partem desses pressupostos, nos quais estará definido, a priori, qual indivíduo pretende-se formar, a partir de qual cultura e para qual sociedade, desvelando-se, também, uma preocupação com a formação de identidades. O campo das identidades surge a partir da preocupação científica e política com a diferença. Essas diferenças são marcadas por meios simbólicos; assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e a redescoberta do passado é parte desse processo de construção. A educação, enquanto uma forma de ajustamento das novas gerações, torna-se instrumento de manutenção ou construção de novas identidades. Nessa perspectiva, o currículo de história não é neutro e a forma como esse passado é recontado interfere diretamente na formação de identidades. Assim, procuramos compreender nessa pesquisa que tipo de identidade está configurado nos documentos oficiais.

O ENSINO DE HISTÓRIA NO SUDESTE GOIANO: REFLEXÕES E PRÁTICAS

Luzia Márcia Resende Silva, UFG/CAC

luzia.marcia@uol.com.br

Este trabalho vem sendo desenvolvido desde o ano de 2005. Num primeiro momento, buscamos mapear as concepções de história ensinadas e aprendidas por alunos e professores das escolas públicas da cidade de Catalão e região. Num segundo momento, buscamos trabalhar o modo como os professores da rede pública estadual de Catalão compreendem e lidam com a relação entre ensino e pesquisa nos níveis fundamental e médio. Atualmente, estamos buscando estabelecer um estudo comparativo entre concepções e práticas desenvolvidas nas redes pública e particular de ensino nos níveis fundamental e médio.

FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS COM LABORATÓRIOS DE ENSINO

Maria da Conceição Silva, UFG

Sônia Maria de Magalhães (PRODOC-UFG)

mariacsgo@yahoo.com.br / soniademagalhaes@yahoo.com.br

O exercício da docência consiste no domínio, transmissão e produção de um conjunto de saberes e valores por meio de processos educativos desenvolvidos no interior do sistema de educação escolar. Este saber é, de acordo com a literatura da área, um saber plural, heterogêneo, construído ao longo da história de vida do sujeito. Os projetos de formação docente devem priorizar trocas de experiências que ultrapassem os limites e as possibilidades vigentes nos cursos de graduação no Brasil. Pretende-se, dessa forma, analisar a construção do saber docente por meio de experiências desenvolvidas em laboratórios de ensino, entendendo que eles são espaços importantes de preparação para o exercício docente ao proporcionarem reflexões positivas na escola.

OUTRAS HISTÓRIAS: HISTÓRIAS DE VIDA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

Oswaldo Mariotto Cerezer, UNEMAT
omcerezer@hotmail.com

O presente texto faz parte de análises resultantes de uma pesquisa realizada no Curso de História da Universidade do Estado de Mato Grosso, dentro da Disciplina de Didática do Ensino de História. A pesquisa foi realizada pelos acadêmicos do 5º Semestre, utilizando-se de entrevistas orais com professores de História, com o objetivo de compreender, através de suas histórias de vida, as experiências de formação acadêmica, dando ênfase à Didática, e as influências desta na carreira profissional dos mesmos. Ao mesmo tempo, foi analisada a importância da Didática para esses professores e as transformações didático-pedagógicas operadas por eles em suas trajetórias profissionais. O trabalho realizado possibilitou uma análise relevante sobre as transformações ocorridas na educação brasileira, e em particular, do papel da Didática dentro dos cursos de formação de professores de História, possibilitando com isso um novo olhar dos acadêmicos em formação sobre a mesma.

O ENSINO DA HISTÓRIA DA AFRICA: UMA PROPOSTA PRARA UMA ABORDAGEM DA HISTORIA AFRICANA NA SALA DE AULA

Patrícia da Silva Soares , CEPAE / UFG
pdss@ibest.com.br

Esta apresentação tem como objetivo relatar a minha experiência no estagio de docência que foi realizado no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE – UFG) na 6ª série do ensino fundamental. O eixo temático das aulas foi “os impérios africanos do século V ao XV” que tem como objetivo o ensino da história da África nas escolas de ensino fundamental e médio, como prevê a lei 10639/03. A proposta apresentada pelo estagio visou analisar o continente africano inserido no mundo neste período tentando romper com a tese de território isolado, mostrar os vários contatos e trocas estabelecidas entre este continente com vários povos do mundo. Também analisou o continente com a sua grande diversidade e culturas complexas, para isso foram selecionados três grandes impérios africanos – Gana, Mali, Songai – enfatizando a cultura tradicional dos africanos dessa região, os intercâmbios culturais que eles estabeleceram com os islâmicos e a reelaboração cultural resultante desses intercâmbios.

OS MAPAS E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Ruth de Fátima Oliveira Tavares, UEG
ruthdfatima@yahoo.com.br

O presente trabalho discute o uso dos mapas nas aulas de história e parte do pressuposto que as ações do homem para serem percebidas em sua totalidade têm que ser representadas pelos mapas : instrumentos de comunicação visual, necessários para levantar questões, problematizar a história.

DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURAS AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – SITUAÇÃO ATUAL E PERSPECTIVAS

Sandra Valéria Limonta Rosa, UEG
Regina Kersten Silveira, UEG
sandravlr@terra.com.br

Esta comunicação apresenta uma pesquisa sobre a prática pedagógica de professores das séries iniciais a partir das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Culturas Afro-Brasileira e Africana. Os objetivos são

investigar o nível de conhecimento dos professores das séries iniciais de uma escola municipal da cidade de Anápolis sobre as diretrizes; compreender como os professores as relacionam com a prática pedagógica cotidiana e apontar algumas perspectivas didático-metodológicas para o trabalho pedagógico. A pesquisa está em desenvolvimento no curso de Pedagogia da UEG – UnUCSEH – Anápolis. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevista semi-estruturada. A pesquisa encontra-se na fase de elaboração do referencial teórico a partir do levantamento bibliográfico, já realizado.

OS CURSOS DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS: UM OLHAR HISTÓRICO

Simone Aparecida Borges, UFG - Jataí

A pesquisa teve por objetivo reconstituir a trajetória dos cursos de História da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás, desde a criação até o ano 2000. Procurou-se delinear, a partir de documentos escritos e da memória dos pioneiros, o percurso histórico dos referidos Cursos, com enfoque para os contextos político, social e econômico do Brasil e do Estado de Goiás e suas implicações nas mudanças ocorridas no interior das duas Universidades, bem como nos seus cursos de História, objetos desse estudo.

SOBRE O DISCURSO OFICIAL QUE REVELA A “FALTA” DE CONDIÇÕES MATERIAIS PARA O EXERCÍCIO DOCENTE NO SÉCULO XIX EM GOIÁS: SINAIS DE UM PROJETO EDUCACIONAL

Valdeniza Maria Lopes da Barra, UEG

dabarra@yahoo.com.br

Ao se deparar com a fala oficial das autoridades goianas da educação na atualidade, nota-se a minimização das condições materiais, o enaltecimento do capital humano e a diminuição de custos, uma equação que dá visibilidade a um projeto que revela intimidade com os pressupostos neoliberais. Esta constatação fertiliza o propósito de explicitar nas condições materiais de funcionamento das escolas do século XIX, as pegadas de um suposto projeto educacional em curso na Província de Goiás. Desta maneira, o estudo que aqui se apresenta parte das condições materiais de exercício do magistério em Goiás (espaços de funcionamento, mobiliário e utensílios de uso escolar), apreendidas na fala oficial de autoridades da instrução goiana do século XIX, como possibilidade de interpretação de um suposto projeto educacional oitocentista.

PESQUISA COM PROFESSORES DE HISTÓRIA DO ENSINO BÁSICO: DA FORMAÇÃO DE UMA IDÉIA À PRÁTICA

Zelinda Rosa Scotti, UFPR

zelindars@terra.com.br

Iniciei em 2006, pesquisa que tem por base questionários aplicados junto a professores de História do ensino fundamental (5ª a 8ª), da rede pública municipal em cidades que tiveram imigração alemã em sua origem. Uma vez que o foco dos questionários gira em torno da temática de imigração/colonização alemã, foram escolhidas as cidade de Blumenau e Pomerode em SC, e Novo Hamburgo e São Leopoldo no RS. Para uma compreensão da pesquisa que está sendo realizada pretendo: explicar resumidamente o fio condutor teórico da mesma, apresentar e explicar a confecção do questionário, e relatar resultados quanto à abordagem junto Às escolas e professores

ENSINO DE HISTÓRIA: OBJETO DO HISTORIADOR

SIMPÓSIO TEMÁTICO XI

Coordenadores:

Giovani José da Silva (UFMS)

Miriam Bianca Amaral Ribeiro (FE/UFG)

OLHARES E SILÊNCIOS SOBRE AS ÁFRICAS

Adriana Hassin Silva, UFRJ

ahassin@gmail.com

O presente trabalho visa refletir a imagem da África no imaginário de alunos de Ensino Médio. Considerando-se a implementação da Lei nº10.639, a discussão se faz premente na busca de estratégias de trabalho e metodologias de formação cidadã do olhar sobre o continente.

Pesquisas realizadas apontam um imaginário de África assentado em um olhar que revela miséria social, desordem política e epidemias, para além das guerras civis. A imprensa figura como fonte geradora destes olhares cegos à existência de *outras Áfricas* e, neste sentido, cumpre-nos desenvolver compromissos e estratégias para o ensino de História que vão além da denúncia de uma África degenerada e vitimizada; cumpre-nos buscar estratégias que venham conferir existência às *outras Áfricas*, cujas vozes, caladas, demandam estudos e novos olhares.

O LIVRO DIDÁTICO COMO MERCADORIA

Dario Alberto de Andrade Filho, UnB

darioalberto@uol.com.br

A participação do livro didático é cada vez mais importante em um mercado editorial que se encontra em retração, ocupando ao longo da década de 1990, em média, dois terços das vendas. As editoras, assim, e diante das demandas do Estado, partiram para um agressivo processo de profissionalização tanto de suas estruturas administrativas, quanto daquelas responsáveis pela elaboração do próprio conteúdo da obra didática. Tornou-se indispensável, ao abordar as obras didáticas, percebê-las, ao lado de aspectos ideológicos ou de conteúdo, como mercadorias que se modificam de acordo com as demandas dos compradores, que, no caso brasileiro, o principal vem a ser o Governo Federal.

A DISCIPLINA DE HISTÓRIA NO PERÍODO MILITAR (1964-1985)

José Ferreira da Silva, UEG

joseferreirajus@hotmail.com

Esta comunicação pretende discutir as transformações ocorridas na disciplina de História no Período Militar, ou seja, com a Lei 5692/71, onde foi oficializado o ensino de Estudos Sociais nas escolas brasileiras, ficando os conteúdos específicos a História, destinados somente aos alunos do antigo segundo grau. A concepção e o conteúdo da História continuavam atrelados a concepções tradicionais. Ao avaliar o decreto-lei nº 869 de 12 de Setembro de 1969, temos a inclusão de moral e cívica como disciplina obrigatória nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no país. A intenção era inserir suas finalidades em todas

as atividades escolares, inclusive no que diz respeito ao desenvolvimento dos atos cívicos, valorizando na prática educativa. As relações entre os valores humanos considerados superiores e a educação permitiriam que os cidadãos fossem integrados na sociedade, dela participantes como se fossem produtos culturais, como ilustração no culto à nação, na identificação com a família e na dignidade do trabalho.

A HISTÓRIA NA SALA DE AULA A PARTIR DE DOCUMENTOS VISUAIS

Juliana Muylaert Mager, UFU

jumuylaert@gmail.com

O presente trabalho se vincula ao projeto “A História na sala de aula a partir dos documentos visuais”, em desenvolvimento na Universidade Federal de Uberlândia sob coordenação da professora Kátia Paranhos e participação dos professores Adalberto Paranhos e Luciene Lehmkühl, docentes permanentes do Programa de Pós-graduação em História Social (INHIS/UFU).

Pretendo aqui divulgar o trabalho que vem sendo realizado pelo grupo, bem como minha participação no mesmo, desde maio deste ano, como bolsista do PIBEG (Programa Institucional de Bolsas do Ensino de Graduação-UFU).

Em linhas gerais, pretendo discutir o papel da imagem no ensino de História, suas possibilidades pedagógicas e seu uso no processo de construção do conhecimento.

ENSINO DE HISTÓRIA E PESQUISA HISTÓRICA: PONTOS DE CONVERGÊNCIA

Karinne Machado Silva, FACER

histka@hotmail.com

A presente comunicação tem como objetivo discutir a possibilidade teórico-metodológica de se trabalhar o ensino de história numa perspectiva de pesquisa histórica. A relação entre o saber disciplinar e saber acadêmico é uma alternativa profícua na prática pedagógica do professor de história. Nesse sentido, a comunicação busca ampliar o debate relativo a transposição didática

ANÁLISE PÓS-COLONIALISTA DA HISTÓRIA PÓS-COLONIAL DO BRASIL POR PORTUGAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

Kênia Hilda Moreira, UNESP

keniahildamoreira@yahoo.com.br

Nesta comunicação queremos discutir nossa investigação de pesquisa de doutorado que objetiva, por sua vez, analisar comparativamente a temática acerca do processo de colonização do Brasil por Portugal a partir do século XVI nos Livros Didáticos de História utilizados hoje no Brasil e em Portugal, à luz da teoria pós-colonial, na linha desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos e pelo Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra. Para tal, o projeto de pesquisa que apresentamos, está ancorado na Análise de Discursos (AD) como referencial teórico metodológico, especialmente em Michel Foucault.

PESQUISAS ACADÊMICAS SOBRE O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA ENTRE 1980 E 2005: UM PANORAMA

Kênia Hilda Moreira, UNESP

keniahildamoreira@yahoo.com.br

Nesta comunicação, apresentaremos um panorama das 46 obras (teses e dissertações) produzidas no Brasil entre 1980 e 2005 sobre o Livro Didático de História. Estabeleceremos a localização geográfica e institucional, as teses de doutorado e as dissertações de mestrado, a área de conhecimento e a abrangência temporal das produções. Em seguida faremos uma análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) das 18 obras produzidas na região Sudeste do país até

o ano 2000 evidenciando as tendências de pesquisa por nós percebidas durante o trabalho de investigação. A localização das obras foi essencialmente eletrônica através da *web* e o principal site utilizado foi o Banco de Teses da Capes. Pretendemos, desse modo, colaborar para amenizar a falta de trabalhos de síntese sobre livros didáticos, apontada por Choppin (2004).

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: IDENTIDADES E DIFERENÇAS

Leila Aparecida dos Santos, UFG

leilokaasantos@hotmail.com

Para atender os adolescentes, jovens e adultos de forma adequada, é de fundamental importância que se incorpore o tema EJA (Educação de Jovens e Adultos) aos currículos dos cursos de licenciatura; que se institua a cultura da formação continuada e permanente entre todos os trabalhadores da educação; que se adapte o espaço físico às necessidades do educando; que se criem espaços esportivo-culturais adequados; que se viabilize a criação e a aquisição de material didático adequado etc. Com isso, torna-se indispensável respeitar, problematizar e efetivar práticas sociais que atendam as diferenças da raça humana, a individualidade e a identidade de cada um, contribuindo para uma inclusão. As políticas educacionais atuais contribuem para a formação de professores críticos e reflexivos, para atuarem numa escola democrática da EJA.

ENSINO DE HISTÓRIA REGIONAL: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO

Miriam Bianca Amaral Ribeiro, FE/UFG

mbianca@pop.com.br

Este trabalho apresenta uma proposta de material didático de história regional, considerando as ciências humanas como área, numa intervenção interdisciplinar, que se fundamenta na construção conceitual dos objetos da história, da sociologia, da antropologia, da ciência política e da geografia. Este material está em uso em várias escolas a partir deste ano, publicado pela editora FTD, após 13 anos de tentativa de publicação pela UFG. O material utiliza vários recursos como música, literatura, jornal, fotografia na perspectiva do trato ao local numa abordagem não localista, ou seja, considerado então como ‘um feixe de múltiplas determinações’. A proposta pretende ser uma alternativa ao trato ufanista, marcado pelos resquícios do mandonismo local ainda presente nas relações de poder em todo o país e à concepção positivista ainda hegemônica nas salas de aula de ensino de história, mesmo que travestidas de modernidade, como faz o PCN de História do MEC.

LIMITES E POSSIBILIDADES DO ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES DA ESCOLA PÚBLICA DE BELO HORIZONTE

Regina Mendes de Araújo, UFJF

rearaujo33@yahoo.com.br

Diante do cotidiano escolar, da realidade social e da condição do ensino, pretende-se discutir a situação do ensino de História. Para tal, partira-se do estudo feito com os professores de Belo Horizonte que pertencem à rede estadual de ensino.

Pretende-se analisar a interação entre os fatores objetivos e subjetivos que conduzem as aulas de história, considerando que diante das dificuldades e situações cotidianas o professor é levado a modificar e/ou resignificar os conteúdos escolares.

Portanto, lançando luz sobre as experiências profissionais e pessoais, a presente proposta busca apresentar um panorama do Ensino de História, buscando dialogar com as práticas de ensino na educação dos dias atuais.

PATRIMÔNIO E ESCOLA: HISTÓRIA, COTIDIANO E CULTURA

Sirlaine Paiva Fonseca, UFG

sirlainefonseca@yahoo.com.br

Esta comunicação tem por objetivo apresentar um projeto desenvolvido com alunos do Ensino Fundamental em uma cooperativa educacional, no município de Viçosa-MG. O projeto, de título homônimo a esta apresentação, foi realizado no ano de 2005, no qual os alunos foram orientados a entender o patrimônio cultural como categoria de pensamento. Para desenvolver o senso de preservação da memória coletiva, e trazer à tona algumas problemáticas relacionadas ao sentimento de perda do passado, ou, melhor, o “presente contínuo”. A proposta que extrapolou a “pedra e a cal” [o quadro e o giz], conciliou os objetivos propostos para o Ensino Fundamental à responsabilidade da escola enquanto multiplicadora da produção do conhecimento e mediadora das trocas culturais. A Educação Patrimonial ampliou a noção de tempo histórico dos alunos e os fez sentir como sujeitos históricos.

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Warlúcia Pereira Guimarães, SME/Goiânia

warluciag@terra.com.br

O projeto “produção do conhecimento histórico” foi desenvolvido em uma turma de Ciclo III, equivalente a 6ª série do ensino fundamental. Teve como objetivo propiciar aos alunos momentos para pesquisa, estudo e reflexão sobre o ofício do historiador e como objeto de pesquisa, a história da escola. O tema possibilitou aos alunos conhecer, sistematizar e registrar a história da escola por meio da história oral. Para esse fim foram realizadas entrevistas, análises de dados e elaboração de relatórios. A metodologia adotada proporcionou aos alunos vivências a respeito do ofício do historiador assim como, condições para que pudessem conhecer e valorizar a escola.

MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: A REFORMA DO ENSINO DE HISTÓRIA NA REDE MUNICIPAL DE GOIÂNIA (1983-1992)

Warlúcia Pereira Guimarães, SME/Goiânia

warluciag@terra.com.br

A pesquisa “Memória e ensino de história: a reforma de ensino de história na Rede Municipal de Goiânia (1983- 1992) é fruto do trabalho desenvolvido no curso de Mestrado em Educação, realizado na UCG. O trabalho registra a memória daqueles que compartilharam o período de reforma do ensino de história empreendida pela SME/ Goiânia, entre 1983 e 1992. Numa perspectiva de transformar em história a memória da reforma, antes que os grupos que a mantinham viva, desaparecessem. Com a pesquisa buscou-se compreender como os sujeitos deram voz à identidade regional do ensino de história naquele período. Identificar e analisar como se construíram os jogos de poder naquele momento e que concepções teóricas subsidiaram a construção do currículo de história no município de Goiânia.

ESTUDOS POLÍTICOS E MILITARES CONTEMPORÂNEOS

SIMPÓSIO TEMÁTICO XII

Coordenadores:

José Miguel Arias Neto (UEL)

Francisco César Alves Ferraz (UEL)

RELEMBRANDO O INDIZÍVEL: MEMÓRIA DE MILITARES SOBRE A REPRESSÃO NO BRASIL (1964-1985)

Aline Prado Atassio, UFSCar
alineatassio@yahoo.com.br

Este trabalho tem por objetivo analisar as memórias de militares do exército sobre a repressão entre os anos 1964-1985, através da Coleção História Oral do Exército, organizada e publicada pela Bibliex. Nesta publicação, que conta com 250 entrevistas divididas em 15 tomos, os oficiais que se encontravam dentro do Exército no período do regime militar expõem a forma como perceberam, entre outras coisas, a repressão no período ditatorial. Este texto procura, com o auxílio da história oral e estudos de memória, demonstrar também aspectos internos à instituição que contribuíram para a criação de uma memória homogênea entre os militares sobre o período e que difere substancialmente daquela conhecida pela sociedade civil.

EXPEDIÇÕES MILITARES NA FRONTEIRA OESTE DO IMPÉRIO: A GUERRA DO PARAGUAI EM MATO GROSSO (1864-1870)

Aluísio Gonçalves de Farias, UFMT
danielfarias835@gmail.com

O presente trabalho tem como temática central a Guerra do Paraguai (1865-1870). Enfoca os estudos sobre o Exército brasileiro e o Império, objetivando analisar formação, organização e atuação do Exército Imperial no citado conflito na Província de Mato Grosso, analisando também o momento posterior ao conflito (1870-1920), especificamente na região sul da Província. Utilizamos para a realização desta pesquisa, documentos oficiais pertencentes ao Arquivo Público de Mato Grosso (APMT), como correspondências do Comando das Armas da Província, ofícios de Acampamentos militares, Relatório de Presidente de Província e bibliografia referente ao período.

O BRASIL VAI À GUERRA: UMA ANÁLISE DE DUAS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO E SUAS REPERCUSSÕES NA ATUALIDADE

Amanda Pinheiro Mancuso, UFSCar
mancuso_amanda@yahoo.com.br

Esta proposta de trabalho visa apresentar os resultados de pesquisa de mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, defendida em março de 2003, que consistiu num estudo comparado das duas principais experiências de combate do Exército brasileiro no século XX: a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Campanha da Itália (1944-45) durante a II Guerra Mundial e a repressão à Guerrilha do Araguaia (1972-75) ocorrida no regime militar. Seu

objetivo foi entender a contemporaneidade desses dois acontecimentos, definida como influência doutrinária ou como valorização simbólica dos episódios, partindo da constatação de que o primeiro é valorizado como capítulo heróico da história militar brasileira enquanto o segundo é por ela pouco mencionado, sendo, porém, referência prática de ação do Exército nos dias atuais.

INDUSTRIALISMO E CONSTITUINTE DE 1964 – OS INDUSTRIAIS PAULISTAS FRENTE AO PROCESSO DE READEQUAÇÃO POLÍTICA APÓS A ERA VARGAS

Caius Vinicius de Oliveira Gomes, UFG
caiusviniciusog@yahoo.com.br

Em meio ao quadro de crise política instaurada com a queda do Estado Novo, faz-se necessário entender o meio pelo qual o grupo industrial paulista se portou mediante a revisão das estruturas políticas e econômicas do Estado brasileiro. Compreender o papel desse grupo no redirecionamento do industrialismo nacional é o principal objetivo do presente estudo. Para tanto, entendemos ser a Constituinte de 1946 um importante objeto de análise historiográfico capaz de elucidar os diversos debates que permearam as instituições políticas e econômicas da época e quais conseqüências os mesmos trouxeram para a política econômica do país.

ENTRE MEMÓRIAS E PRÁTICAS: O COTIDIANO DO 25º B.C E DA 26ª C.R EM TEMPOS DE SEGUNDA GUERRA

Clarice Helena Santiago Lira, UESPI/UFPI
claricelira@yahoo.com.br

De acordo com o Boletim Interno nº. 21, de 03 de janeiro de 1945 (CRP) mais de 100 praças piauienses, com procedência do 25º Batalhão de Caçadores, foram encaminhados ao Rio de Janeiro para se integrarem à FEB. Outros oficiais e praças, também procedentes da mesma Guarnição, foram transferidos anteriormente, no ano de 1944, para o Depósito de Pessoal da Força Expedicionária Brasileira. Dessa forma, pretendeu-se nesse artigo, discutir o cotidiano do 25º B.C e da 26ª C.R (Circunscrição de Recrutamento) em tempos de Segunda Guerra, tendo como objetivo principal, analisar os tipos de soldados que eram formados nessas instituições, problematizando a memória heróica do exército brasileiro através das práticas vivenciadas por aqueles, dentro dos quartéis. Utilizou-se como fontes principais de pesquisa os Boletins Internos do 25º B.C e 26ª C.R como também entrevistas orais com ex-combatentes.

ARAGUAYA – A CONSPIRAÇÃO DO SILÊNCIO: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E IMAGENS

Fabiana de Paula Guerra, UFU
fabihist2006@yahoo.com.br

O presente trabalho tem o intuito de discorrer sobre o modo como as imagens foram incorporadas à pesquisa histórica e como os historiadores vêm buscando respaldo na interdisciplinaridade, para construir novas metodologias de análise que lhes auxiliem na investigação de objetos (áudio) visuais. Vale ressaltar que o diálogo aqui estabelecido se volta de forma mais específica para as imagens em movimento, a partir da análise do filme Araguaya: a conspiração do silêncio (2005) de Ronaldo Duque, que retrata aspectos da luta armada contra a ditadura militar implantada no Brasil em 1964, por meio da representação do movimento de resistência que ficou conhecido como guerrilha do Araguaia.

TODOS JUNTOS VAMOS CONSTRUIR A MAIOR AVENTURA DA FACE DA TERRA

Fernando Dominience Menezes, UnB

fernando.dominience@gmail.com

O presente trabalho tem como foco a construção da rodovia Transamazônica, realizada durante o regime militar, no governo Médici (1969-1974). Entretanto, não se trata de uma crônica da construção da estrada, mas sim de uma problematização da repercussão da obra em duas das principais revistas de circulação nacional do período: O Cruzeiro e Manchete. Discutiremos a constelação simbólica que envolve construção da Transamazônica, circunscrita pelo tema da aventura e do “Brasil grande”, na forma daquilo que definimos como “mito da grande aventura nacional”. Discutiremos como a construção da Transamazônica foi apropriada como uma estratégia política do regime com vistas à sua legitimidade por meio da busca de mobilização social de afetos e de adesão em torno de um objetivo instituído com comum e desejado por todos.

PORTUGAL NA HISTÓRIA POLÍTICA E CULTURAL DO INTEGRALISMO

Giselda Brito Silva, UFRPE

gibrs@uol.com.br

Com tantos olhares pelo campo da História Política do Integralismo direcionados para a Alemanha e a Itália, procuramos em nosso estágio atual de estudo do integralismo no Brasil mostrar que houve forte influência de Portugal, via intelectuais católicos, nas movências deste movimento político e cultural dos anos 1930-40. Em nossa pesquisa, reorganizamos nosso olhar mudando o enfoque de abordagem e documentação, vindo a trazer novas informações sobre este movimento político e cultural da Segunda República. Conforme tentaremos mostrar, a introdução de leituras e análises da fonte oral, biográfica e memorialistas evidenciam novas pistas sobre a história do integralismo no Brasil, propondo pensar novas problemáticas para a ampliação do conhecimento dessa história política e cultural do integralismo que liga também o Brasil a Portugal, não apenas à Alemanha e Itália.

O PROCESSO ELEITORAL DE 1933 EM GOIÁS E O MUDANCISMO CONDICIONADO

Jales Guedes Coelho Mendonça, UFG

jalesgcm@bol.com.br

O artigo tem por objetivo analisar o processo político da reconstitucionalização da década de 30 em Goiás, focalizando a fundação do partido situacionista (Partido Social Republicano), a rearticulação do Partido Democrata, examinando enfim a arregimentação eleitoral rumo ao pleito de maio de 1933 que escolheria os representantes goianos à Assembléia Nacional Constituinte. O tema da mudança da capital é abordado, apresentando-se uma leitura ainda não observada pela historiografia regional, apegada à velha dicotomia dos grupos mudancista e antimudancistas, registrando a formação de uma esquecida terceira corrente de opinião que denominamos “mudancismo condicionado”, fruto de um compromisso político estabelecido para compatibilizar dois interesses: abrandar a resistência da antiga capital e resguardá-la da iminente decadência.

ENTRE O ELDORADO E O INFERNO: REPRESENTAÇÕES DO RIO AMAZONAS NA POLÍTICA EXTERNA DO IMPÉRIO DO BRASIL

Jose Miguel Arias Neto, UEL

jneto@uel.br

Analisar-se-á aqui as representações do Rio Amazonas na política externa do Império do Brasil em meados do século XIX, isto é, no momento de definição das nacionalidades e, portanto, das fronteiras nacionais. Procurar-se-á demonstrar os significados que o Rio Amazonas adquiriu no imaginário dos estadistas do século XIX, bem como as implicações

políticas de tais significações. Visando atingir tal objetivo, far-se-á a exposição e análise de um conflito que se delineou a partir dos anos cinquenta do século XIX entre o Império do Brasil e várias nações acerca da navegação fluvial nos rios tidos como fronteiriços, como é o caso do Paraná e do Paraguai e nos rios cujos cursos iam além das fronteiras tidas como nacionais, como é o caso do Amazonas. O estudo deste conflito permite melhor compreender a política externa do Império, as ações do estado na definição de uma “política nacional” e as ações de estadistas e intelectuais monarquistas na operação de invenção da memória do regime como construtor da nacionalidade brasileira, marco civilizatório nas Américas em oposição aos regimes republicanos.

A REVOLUÇÃO CUBANA E A RESISTÊNCIA ARMADA NO BRASIL

Joyci Viegas de Freitas Silva, UFG

jvfs16@yahoo.com.br

A presente pesquisa trata de um paralelo entre Brasil e Cuba, no período de 1959 a 1971, na perspectiva de relacionar dois países que vivem momentos distintos em períodos próximos. O estudo da influência da Revolução Cubana na esquerda brasileira, se refere sobretudo a um resgate da tradição de luta de libertação popular latino americano. Retomar na história a interação desses elementos para se repensar um novo modelo de América Latina é o objetivo global dessa pesquisa. Problematizando um modelo econômico alternativo ao capitalismo imposto a todo o continente, ou seja, o modelo revolucionário cubano e resgatando importantes movimentos de libertação nacional no Brasil. Tendo como o centro desse debate, a construção de uma América Latina onde a autonomia dos povos seja respeitada, e o desenvolvimento de cada país se relacione com a libertação dos povos por séculos oprimidos.

GUERRA E POLÍTICA: PERSPECTIVAS COMPARADAS

Lauriani Porto Albertini, UFSCar

lalicso@gmail.com

Este trabalho visa realizar uma discussão sobre o vínculo entre a guerra e a política. A literatura aqui estudada sobre o tema abriu um leque diferenciado sobre as ligações entre guerra e política que vão aparecer na “guerra como política continuada por outros meios” pré-anunciada por N. Maquiavel (1982 e 1999) e mais tarde postulada por Clausewitz (1996); na “guerra como elemento definidor da política” de Carl Schmitt (1992); no “surgimento da guerra (como violência) na ausência da política” em H. Arendt (1985); na “política como continuação da guerra” de M. Foucault (1987 e 1999) e na “guerra como estado global, constante e interminável” de M. Hardt e A. Negri. De maneira geral, a idéia é mostrar como as questões aqui levantadas de alguma maneira estão presas à problemas de longa duração, como a relação entre guerra e política e a emergência do Estado enquanto instituição reguladora da guerra.

RELAÇÕES INTER-REGIONAIS ENTRE BRASIL, PARAGUAI E BOLÍVIA NO TRANSCURSO DA GUERRA GRANDE (1865-1868)

Leonam Lauro Nunes da Silva, UFMT

eonam10@yahoo.com.br

O trabalho desenvolvido tem o seu objeto situado na tríplice fronteira (Brasil, Paraguai e Bolívia), no século XIX, mais precisamente durante a ocupação do exército paraguaio na então província de Mato-Grosso, entre os anos de 1865-1868. Dentre as fontes consultadas, estão manuscritos auferidos junto ao Arquivo Nacional de Assunção (ANA) e Arquivo Público do Estado de Mato-Grosso (APMT). A proposta da presente comunicação é a de apresentar um viés pouco explorado da Guerra com o Paraguai, trazendo à baila aspectos das relações mantidas entre populações fronteiriças, que vão ao encontro de uma História Política

e Militar renovadas, com holofotes voltados para o social e o cultural. Aqui, pretendemos discutir os discursos adotados pelos Estados durante o conflito e as ações práticas que se desenrolaram ao longo de aproximadamente 4 anos.

HISTÓRIA E MEMÓRIA: A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL CONTADA PELOS EX-COMBATENTES DA FEB

Michele Viviane Godinho Correa, PUC-MG

miaustrais@yahoo.com.br

Através da discussão existente entre história oral e memória, discutimos a memória que os ex-combatentes guardam da Segunda Guerra Mundial. Suas visões, suas impressões, seus relatos daquele que foi um dos grandes marcos históricos da contemporaneidade sendo revistos pelo prisma da historiografia e dos estudos acerca da memória.

O RACISMO E A INTOLERÂNCIA NA PROPOSTA SOCIAL E POLÍTICA DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA

Natália dos Reis Cruz, UNIVERSO

ndrc@globo.com

O presente trabalho analisa a Ação Integralista Brasileira (AIB), no que diz respeito ao racismo e à intolerância, aspectos presentes na ideologia política do movimento. Será levando em conta o seu posicionamento em relação ao debate sobre a questão racial travado pelos principais teóricos da década de 30, época em que o problema das raças era uma das preocupações centrais daqueles que pensavam o futuro do Brasil enquanto nação. Abordo como o racismo integralista é construído, os princípios que defende, a relação destes princípios com o projeto de nação em perspectiva e os fatores que condicionam a construção deste racismo específico. Será dada atenção também à forma como os neo-integralistas constroem a memória sobre a AIB nas questões referentes ao racismo e às relações entre o integralismo e o fascismo.

CAPITALISMO E GESTORES NAS OBRAS 1984 E ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Thiago Oliveira Martins, UFG

th_goethe@hotmail.com

Pretendo nesta comunicação fazer um contraponto entre dois autores contemporâneos, Aldous Huxley e George Orwell. Para tanto utilizarei os conceitos Visão de Mundo e Máximo de Consciência possível de Lucien Goldmann, com o intuito de resguardar a originalidade oriunda do momento, local e possibilidade de produção de cada autor.

RELAÇÕES IMPLÍCITAS: O SESQUICENTENÁRIO E A GUERRILHA DO ARAGUAIA

Virgínia Lages, UFG

virginvich@gmail.com

No ano de 1972 o Brasil comemorou 150 anos de independência, neste mesmo ano, as tropas do governo militar locomovem-se para a região do Rio Araguaia, o encontro entre soldados e militantes contrários ao regime ficou conhecido como Guerrilha do Araguaia. Procuo nesta comunicação relacionar: Sesquicentenário de Independência e Guerrilha do Araguaia, demonstrando como o governo militar ao utilizar-se de uma verdadeira empreitada visual, especialmente as campanhas publicitárias que veiculavam em empresas de comunicação de massa, procurava construir novos sujeitos político-culturais, tranquilizar os novos e futuros investidores de Goiás, e, ao mesmo tempo, contrapor o homem objetivado pelos militares com a grande movimentação de sujeitos considerados subversivos em Goiás.

MILITARES E AS DISPUTAS POLÍTICAS NO PARÁ- (1887-1893)

William Gaia Farias, UFPa

williamgaia@bol.com.br

A pesquisa versa sobre a atuação dos militares do Corpo de Polícia, do Corpo de Bombeiros, do Exército e da Armada em disputas político-partidárias na transição do século XIX ao XX, priorizando os casos de maiores repercussões na sociedade paraense. Considera-se que estas corporações eram formadas por sujeitos que participavam ativamente dos jogos políticos que envolviam partidos e governantes, não se constituindo quadros homogêneos e prontos ao cumprimento das ordens dos governos. Trata-se instituições formadas por homens envolvidos em relações sociais com dimensões que extrapolavam as definidas pela caserna, a hierarquia e a disciplina militar. Embora fizessem parte de uma estrutura que os submetiam à autoridade dos governos, levavam para as casernas muitas experiências de vida, de acordo com sua vivência em sociedade, mesmo porque não estavam apartados das relações com os civis.

EXPERIÊNCIAS DE PESQUISA A PARTIR DA RENOVAÇÃO DA HISTÓRIA POLÍTICA: CRUZAMENTOS ENTRE CULTURA POLÍTICA, IDENTIDADES E MEMÓRIA

SIMPÓSIO TEMÁTICO XIII

Coordenadores:

Fabiana de Souza Fredrigo (UFG)

Fabiane Costa Oliveira (UCG)

“SARMIENTO E BILBAO, DA BARBÁRIE À UTOPIA: CONFORMAÇÃO E IDENTIDADES SUL-AMERICANAS NO SÉCULO XIX”

Alex D. Vasconcelos, UFG

advasconcelos@ig.com.br

Partindo do que M^a Ligia Prado chamou de ‘perspectivas tradicionais’, buscamos, analisando as obras *Civilização e Barbárie* (1845) e *Conflicto y armonias de las razas en América* (1883), de Domingo Faustino Sarmiento e *La América en Peligro* (1862) e *Evangelio Americano* (1864) de Francisco Bilbao Barquín, localizar, no período grosso modo compreendido entre a publicação da primeira e a última dessas obras (1845-1883), os primeiros sinais e/ou matizes identitárias e conformativas das frágeis e conturbadas ‘nações’ latino-americanas., recém saídas de um longo processo de colonização e de um conturbado movimento de emancipação, demonstrando ao mesmo tempo que, o que se observara até ali nas teses lascasianas e/ou buffon-depaunianas era, antes de tudo, uma desesperada busca de afirmação de uma nova identidade europeia sobre a imagem do outro latino-americano.

TROPEIROS, BOIADEIROS E COLETORES: UMA ABORDAGEM POLITICA

Ana Claudia A.A.Garcia, UFG

historiana_65@hotmail.com

Pesquisa que é parte do projeto provisoriamente intitulado “Atravessando o sertão: O encontro de coletores, tropeiros e boiaqueiros nos portos do sul e sudeste goiano (1830-1909), e que tem como objetivo compreender, por meio de documentação _ registros de coletores situados em alguns postos de arrecadação _ a atuação dos mesmos e as recorrentes tensões ligando-os à tropeiros e boiaqueiros transeuntes. Avançando um pouco mais , procura verificar as atividades de contrabando e corrupção que “possam” ter se estabelecido na região . As reflexões terão por base os conceitos e propostas da “nova historia política” .Tal abordagem não centra-se apenas nos acontecimentos eleitorais ou partidários, disputas de poder ou conflitos de classe, mas abrange também a cultura , a maneira de viver e de pensar de um povo. Ali estão todas as relações sociais, humanas e institucionais que constroem, além da própria política , as bases da cidadania.

IMIGRANTES GALEGOS EM CUBA: O CASO GALEGO

Ana Maria Ferreira dos Santos, Secretaria de Educação do Estado de Goiás

vale-lua@hotmail.com

O interesse pela história dos povos latino-americanos, principalmente do Caribe, tem despertado pesquisas que favorecem conhecer as relações sócio-econômica e políticas dos latino-americanos. Percebemos que é de fundamental importância uma aproximação entre o Brasil e as nações que tem um passado comum de colonização e encobrimento (Naranjo e Dussel). Pretendo contribuir para um maior conhecimento da historiografia cubana e galega,

fazendo uma abordagem histórica, buscando valorizar as relações inter-étnicas, e/ no processo de construção de identidades culturais. A imigração galega reforça os debates acerca do tema imigração para América e sua importância nos espaços de discussão acadêmica ,dando continuidade aos debates sobre a importância da diversidade étnica na formação da região histórica que expressa a especificidade do Caribe e sobretudo de Cuba, no contexto das sociedades latino-americanas, que buscam qualificar-se como uma região física e mentalmente americana, Latina por iniciativa própria e não por que “outros” assim a conceituam.

VISÕES HISTÓRICAS NA PROSA POLÍTICA DE FERNANDO PESSOA

Bruno Bonfá, UFG

brunobonfa@yahoo.com.br

Notável pela sua obra poética, Fernando Pessoa dedicou-se ainda a desenvolver análises sobre política, parte dessa produção fora publicada por revistas com as quais colaborava em sua época. O presente estudo aborda a prosa política de Fernando Pessoa com o objetivo de identificar três questões: Quais as perspectivas teórico-filosóficas subjacentes às suas diferenciadas posturas na análise sociológica. O que poderíamos considerar, diante de suas diferenciadas opiniões, uma trajetória pela qual pudéssemos constatar o que seria “O Pensamento Político de Fernando Pessoa”. Essa mesma questão, por outro lado, vai permitir identificar se há a possibilidade de extrair uma visão em conjunto dos fragmentados e heterogêneos escritos políticos de Fernando Pessoa. Observaremos ainda se Fernando Pessoa se apropria de critérios históricos, e qual sua avaliação ao analisar as condições de Portugal com o advento da modernidade.

A BANCADA PAULISTA NAS CONSTITUIÇÕES DE 1934 E 1946: HISTÓRIA, MEMÓRIA E RESSENTIMENTO.

Carolina Soares Sousa, UFG

carolina_soaressousa@hotmail.com

A derrota da Revolução de 32 deu ao Governo Provisório a oportunidade de ver-se livre dos seus opositores paulistas, em boa parte exilados, e criou as condições para impor sua vontade - por meio de uma complexa rede de exclusões propostas nas regras eleitorais - ao processo político-jurídico da constitucionalização, causando um ressentimento nos derrotados. Sendo assim, pretendemos recompor essa trajetória política e entender o ressentimento que move a bancada paulista nas constituições de 1934 e 1946. Entendendo também como alguns fatos sociais se mantêm de forma sólida enquanto outros caem no esquecimento. A elaboração das constituintes parece ser, para esses silenciados, o momento de se tornarem perceptíveis e exporem seu descontentamento com Getúlio Vargas.

ANTIGO REGIME PORTUGUÊS: ALGUMAS *OUTRAS* ABORDAGENS

Claudia Cristina Azeredo Atallah, UFF

claudiaatallah@click21.com.br

O objetivo da presente comunicação seria propor uma discussão acerca do caráter do Antigo Regime português, dentro da perspectiva teórica e historiográfica da nova história política. Cada vez mais, nesse universo renovado de pesquisa, estudos sobre as características peculiares que perpassam as diversas áreas ultramarinas que compunham o vasto império português têm se aprofundado, sugerindo uma interdependência entre diversas redes comerciais, sociais e políticas que amarravam Ásia, África, América e o reino. Deste modo, procuraremos discutir os aspectos que envolveram toda a dinâmica do Antigo Regime em Portugal, enfatizando suas conexões ultramarinas com a América portuguesa via alguns

agentes oficiais da justiça e contemplando uma historiografia que privilegia as pesquisas relativas ao poder a partir da reatualização dos métodos e objetivos de estudo.

IDENTIDADES EM CONFLITO NA CONSTITUIÇÃO DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

Cristiane de Assis Portela, UnB
ciseportela@yahoo.com.br

Definida por muitos como uma “instituição em crise permanente”, entendo que a Fundação Nacional do Índio se estabeleceu no intermédio entre discursos e práticas, em meio a um conflito constitutivo apresentado a seus funcionários: representar o Estado e ao mesmo tempo, agir contra ele em defesa dos interesses indígenas. De maneira diferente da que seria tratada em uma abordagem política tradicional, busco perceber a história da política indigenista brasileira, contrapondo os documentos oficiais relativos à FUNAI aos relatos orais dos indigenistas e lideranças indígenas de representatividade nacional, recorrendo à memória de suas histórias de vida para problematizar o discurso oficial do órgão indigenista. A apresentação de concepções diferenciadas pelas lideranças indígenas e pelos indigenistas é elucidativa para que se compreenda o teor das relações que permeiam a política indigenista no Brasil. Viso localizar os acontecimentos que foram significativos para a construção da identidade do órgão indigenista, relacionando os acontecimentos internos e externos de maneira a demonstrar a complexidade da “situação histórica” em que a FUNAI se CONSTITUI.

COLEÇÃO BRASÍLIA: UM ESTUDO SOBRE AS FORMAS DE MOBILIZAÇÃO DO TEMPO HISTÓRICO

Cristiano Alencar Arrais, UFG/UFMG
alencar.arrais@bol.com.br

O presente trabalho é parte integrante de um estudo sobre as formas de mobilização do tempo histórico em ambientes de mudança sócio-cultural. Tomo como objeto de análise um movimento de reconstrução do passado brasileiro via narrativa historiográfica realizado pelo Itamaraty, em 1960, como parte dos festejos comemorativos de inauguração da nova Capital Federal, chamada “Coleção Brasília”. Para além de seu objetivo declarado é possível localizar um projeto de memória empreendido por parte de seus organizadores sob a sombra dos interesses do Poder Executivo que estava explicitamente direcionado para o futuro. Neste caso, seus organizadores procuravam cristalizar o seu sentido para a “interpretação correta”, através da facilitação do trabalho de pesquisa documental. Em sua narrativa, composta por 16 tomos, é possível localizar três formas distintas de mobilização do tempo histórico: como *preparação*, como *realização* e como *reflexão*, iniciando assim o seu processo de cristalização dentro da história nacional.

POLÍTICA E TERRA NO BRASIL: TRABALHADOR RURAL E A QUESTÃO DA REFORMA AGRÁRIA NO GOVERNO JOÃO GOULART

Cristine de Souza Coutinho, UERJ/FFP
cristine.coutinho@yahoo.com.br

Analisaremos o êxodo do trabalhador do campo para a cidade durante o período do governo de João Goulart (1961-1964), tomando como ponto de partida o Congresso Camponês reunido em Belo Horizonte dois meses após a sua posse e considerando a inserção gradual dessa categoria nos movimentos de reivindicações então operante no meio urbano. Consideramos de grande importância a afirmação do historiador Jean-Pierre Rioux sobre algumas organizações que exercem pressão sobre a opinião e os poderes públicos, mesmo não concorrendo para o exercício direto do poder e que, deste modo, adquirem acesso e ajudam a

estruturar o “sistema político”. Nessa perspectiva, pretendemos elaborar um panorama da trajetória do trabalhador rural durante o chamado período populista (1946-1964), considerando o governo Jango como ambiente de consolidação dessa categoria, principalmente a partir do projeto de reforma agrária.

NAS LINHAS DA OPOSIÇÃO: POLÍTICA E IDEOLOGIA ATRAVÉS DA IMPRENSA

Daniel Trevisan Samways, UFPR

dts_irati@yahoo.com.br

Pretende-se abordar a história política, enquanto referencial teórico possível para se analisar a ditadura militar, mais especificamente a censura à imprensa nesse período, que compreende os anos de 1964 até 1985. Período esse, que foi marcado por um controle aos meios de comunicação, ao teatro e ao cinema, além da repressão cometida contra aqueles que se levantaram contra o regime de exceção. Pretende-se aqui, demonstrar a validade da história política, pois a mesma foi criticada e afastada do meio acadêmico até meados dos anos 80 e 90. Considerada elitista e apegada ao superficial, foi substituída por modelos teóricos que privilegiavam o social e o econômico. Dessa forma, torna-se necessário uma análise de como a história política retorna ao meio acadêmico, agora renovada e com novos métodos de análise.

LIGAÇÕES ENTRE A POLÍTICA E A LITERATURA REGIONALISTA: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE O POVO E O TERRITÓRIO NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Danyllo Di Giorgio Martins da Mota, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

dandigiorgio@bol.com.br

Nosso objetivo com a elaboração desse trabalho é debater algumas questões sobre identidade e território que têm inquietado historiadores e cientistas sociais nos últimos tempos.

Buscamos alguns pontos relacionados aos debates sobre a consolidação de uma identidade nacional no início do século XX situando a importância da questão territorial para a consolidação dessa identidade. Para isso, analisamos através da obra de Monteiro Lobato, algumas questões que estiveram no centro dos debates intelectuais e políticos desse período, sobretudo em São Paulo. Nessa análise privilegamos a forte relação entre a atividade intelectual e a atuação política que tornou-se características dos homens de Letras brasileiros nesse período, buscando estabelecer a relação entre a literatura e a política regionalista.

BOLÍVAR E O PODER MORAL

Eduardo José Reinato, UCG

reinatto@uol.com.br

Os historiadores das idéias analisam que o pensamento bolivariano se sustenta sobre quatro bases: a liberdade, a igualdade, a justiça e a Moral. Os estudiosos do século XIX deparam-se com um elemento que na atualidade tem sido retomado junto ao pensamento bolivariano, qual seja, a proposta de um Poder Moral. Este pequeno estudo tem por objetivo, procurar entender em que consistiu a proposta de poder Moral, feita por Bolívar. Visa também destacar como na atualidade o presidente da Venezuela Hugo Chávez, apropriando-se do discurso bolivariano, recria a perspectiva de um poder Moral.

GUERRA, GLÓRIA E HONRA: ATOS E VALORES DA ELITE CRIOLLA

Fabiana de Souza Fredrigo, UFG

fabianafredrigo@yahoo.com.br

Produzido entre os anos de 1799 e 1830, o epistolário de Simon Bolívar permite vincular a escrita de cartas, a memória e a historiografia. Esta exposição pretende alcançar dois

objetivos: 1) expor o projeto narrativo epistolar, considerando os vínculos citados; 2) avaliar as práticas sociais que possibilitaram, simultaneamente, a formação de uma comunidade afetiva entre oficiais, a partilha de um código de elite e a construção de uma memória para as nascentes repúblicas sul-americanas.

SOCIAL-DEMOCRACIA DO PSDB: MERA “GRIFFE” OU PROJETO POLÍTICO? – DEBATES E EMBATES DA CULTURA POLÍTICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Fabiane Costa Oliveira, UCG

fabianecosta@yahoo.com.br

Fundado em 1988, o PSDB reivindicou uma identidade social-democrática. A literatura que tem por objeto este partido afirma ser esta identidade uma mera “griffe”, anunciada por suas lideranças políticas com fins a justificar a criação de um novo partido, “inventado” para resguardar seus acessos às posições de poder. A presente proposta de comunicação pretende alcançar dois objetivos: 1) trazer à discussão o significado de social-democracia para o PSDB; 2) avaliar a idéia de “griffe” apresentada pela literatura especializada associada à cultura política brasileira.

DIFERENTES SENTIDOS PARA O NIILISMO SOCIAL: SOCIALISTAS RUSSOS E ANARQUISTAS-TERRORISTAS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Fabício Pinto Monteiro, UFU

fabriciomonteiro@bol.com.br

Esta pesquisa procura problematizar o niilismo em seus aspectos sociais e políticos, através de diferentes sentidos construídos no imaginário social europeu da segunda metade do século XIX. A contestação radical a valores e instituições tradicionais, a aparente atitude de “amoralidade” em suas ações e uma perigosa despreocupação com o futuro seria apenas o mais comum dos sentidos elaborados naquele momento para tentar compreender pensamentos, sentimentos e atos de revolucionários socialistas russos e, mais tarde, anarquistas ocidentais. Tratam-se, porém, de sentidos imaginários instituídos a partir de locais sociais específicos, onde os interesses políticos faziam-nos destoar dos sentidos construídos por estes próprios revolucionários para si e suas ações. A análise de suas próprias palavras, gestos e sensibilidade permite deparar-nos com outros objetivos, cultura e moralidade, que compunham outros “niilismos”.

ENTRE A CRUZ E A FOICE: O DISCURSO ANTICOMUNISTA NO PERIÓDICO CATÓLICO MINEIRO *O DIÁRIO* – DA RENÚNCIA DE JÂNIO (1961) À QUEDA DE JANGO (1964).

Farley da Conceição Bertolino, PUC-MG

farleyhistoriapuc@yahoo.com.br

A proposta tem como premissa maior analisar o discurso anticomunista presente no periódico católico mineiro *O Diário*, identificando os acontecimentos que culminaram no golpe civil-militar em 1964. Foi necessário estudar inicialmente o aspecto ideológico anticomunista, propagado a partir de meados da década de 1930, sobretudo pela Igreja Católica, assim como se tornou fundamental entender a crise do populismo a partir do panorama político, econômico e social que antecedeu ao Golpe de 1964. Procedemos à análise do papel atribuído à classe média e à Igreja Católica em apoio ao bloco conservador e oposicionista ao governo João Goulart. Para nossa análise, tomamos como referência os conceitos de Imaginário Anticomunista e Golpe Civil-Militar de 1964. No caso o conceito refere-se também ao acontecimento, que levou os militares ao poder em 31 de março daquele ano.

PROPAGANDA POLÍTICA NA REVISTA ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA (1935-1944)

Geanne Paula de Oliveira Silva, UFU

geannesilva@gmail.com

A proposta desse trabalho é apresentar o desenvolvimento do segundo ano de uma pesquisa de Iniciação Científica / FAPEMIG que tem como fonte principal a coleção da revista Ilustração Brasileira de maio de 1935 a janeiro de 1944, que integra o acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia. O foco deste segundo ano de pesquisa está sobre a propaganda política do Estado Novo veiculada na revista Ilustração Brasileira que, enquanto mais um meio de comunicação em circulação, não escapou ao caráter autoritário dessa propaganda. Buscando estabelecer diálogos entre cultura e política, o objetivo é, então, explorar a propaganda política presente na revista Ilustração Brasileira e investigar como a ideologia estadonovista se construiu textual e visualmente nesse meio impresso.

O PROJETO DE COLONIZAÇÃO DO INTERIOR DO BRASIL NO CONTEXTO DO ESTADO NOVO

George Leonardo Seabra Coelho, UFG

george.coelho@hotmail.com

A presente comunicação tem o intuito de desenvolver um debate sobre como a política de colonização do interior do Brasil – patrocinada pelo Estado Novo – possibilitou a reinterpretação do que vem a ser o “sertão” brasileiro. Esse trabalho procura através da Análise do Discurso propor uma releitura do período a luz da nova História Política, onde se procura destacar a construção da identidade e da memória da região Centro-Oeste. Neste sentido, a questão do poder e como ele através de sua ação pode edificar uma reconstrução simbólica de determinados lugares é o ponto central deste trabalho.

EXPERIÊNCIAS DEMOCRÁTICAS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS: O PAPEL DA CULTURA POLÍTICA

Gisele dos Reis Cruz, UFF/Universo

giselereis@globo.com

A sociedade brasileira vem experimentando um novo espaço público, onde demandas sociais são discutidas, possibilitando a construção e o fortalecimento de identidades sociais. Este trabalho aborda o Fórum de Desenvolvimento Local de Paraty no Estado do Rio de Janeiro, discutindo o real potencial dessas experiências na democratização das relações sociais e de poder. A construção de novas relações sociais depara-se com fatores culturais, históricos e cognitivos, definindo seus resultados. A adesão ou não às ações coletivas é influenciada pela cultura política presente, definida a partir do conceito de eficácia política, expressa sob dois aspectos: a forma como o indivíduo se percebe enquanto ator político, capaz ou não de tomar decisões e fortalecer sua identidade social; e a forma como vê o sistema político, passível ou não de ser mudado através do envolvimento direto nos assuntos públicos.

LA PEREGRINACIÓN DE BAYOÁN: A METÁFORA ANTILHANISTA DO PORTO-RIQUENHO EUGENIO MARIA DE HOSTOS

Giselle Garcia de Oliveira, UFG

ggoliveira07@hotmail.com

O presente trabalho aborda o pensamento e obra de um dos mais expressivos intelectuais porto-riquenhos do século XIX, Eugenio Maria de Hostos. Seu romance, *La Peregrinación de Bayoán* (1863), demonstra a forma como se envolveu nos acontecimentos históricos de seu país bem como nos de Cuba e da República Dominicana, as Antilhas que considerou como sua pátria. O romance hostosiano apresenta uma trama que reúne três personagens que, com

seus respectivos nomes indígenas, representam Porto Rico, Cuba e República Dominicana no contexto histórico do século XIX, marcado pelo colonialismo espanhol na região. Através de seus personagens Hostos estabelece a relação entre as Antilhas, a relação das mesmas com a Espanha, denuncia as mazelas do sistema colonial e propõe a construção de novas relações. Tal obra inaugurou o pensamento antilhanista hostosiano o qual perdurou até o ano de 1903, ocasião de sua morte.

A REPRESENTAÇÃO DA LUTA COMUNISTA NA OBRA *OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE* DE JORGE AMADO

Jaqueline Peixoto Vieira da Silva, UFU

vida_jaqueline@yahoo.com.br

Esse trabalho teve início na Iniciação Científica orientado pelo professor Dr. Eduardo Tollendal do Instituto de Letras e Linguística/UFU. E em diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura procuramos pensar e interpretar a obra *Os Subterrâneos da Liberdade* de Jorge Amado buscando as representações do movimento comunista no Brasil entre as décadas de 1930 à 1940, período apresentado na narrativa. A obra descreve o Brasil na década de 1930 e as lutas e mobilizações comunistas por todo o país. Apresenta diversos movimentos sociais, tais como: as mobilizações dos trabalhadores/as nas fábricas paulistas, paralisação do Porto de Santos pela greve, manifestações indígenas na Bahia e a guerrilha camponesa no Vale do Rio Salgado, no Mato Grosso e juntamente com esses movimentos estão as articulações dos militantes comunistas que seguem orientações do PCB e informes internacionais. Ela também é um relato ficcional da própria memória do autor, que vivenciou os debates políticos naquela época e a militância comunista.

SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA EM JACQUES RANCIÈRE

Javã Isvi Pinheiro Marcondes, UFG

javaisvi@gmail.com

Política no pensamento de Jacques Rancière não designa o simples gerenciamento de instituições governamentais, nem tampouco se identifica à ação de todo grupo social reivindicante. Antes, o filósofo francês a entende como instauração de uma cena específica onde necessariamente há um questionamento da divisão do comum a sociedade, questionamento da “partilha do sensível”, da participação dos elementos no conjunto comum e, inversamente, da distribuição das partes exclusivas. O questionamento da partilha do sensível ocorre mediante um erro de contagem, um erro fundamental, aquele em que os “sem-parcela”, os que não têm lugar na contagem corrente, identificam-se ao todo da comunidade, instaurado a *an-arquia* que é o governo do *demós*. Nesse sentido, a presente comunicação busca explorar a idéia de subjetivação política na obra de Rancière: posicionamento frente a prática política contemporânea; de como em seu pensamento um questionamento da “partilha do sensível” passa pela obstrução da lógica das identidades; de como seu conceito de política permite estudar a fusão entre o “social” e o “político” no interior das ciências humanas.

CULTURA POLÍTICA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA NO BRASIL: O DEBATE HISTORIOGRÁFICO SOBRE A FORMAÇÃO DOS PARTIDOS POLÍTICOS NO IMPÉRIO

Julio Bentivoglio, UFG

juliobentivoglio@gmail.com

Nesta comunicação pretende-se discutir a relação entre a cultura política – da independência brasileira até a *hegemonia* conservadora em 1850 – e o surgimento de uma nova consciência histórica, tomando como eixo de análise o processo de formação dos partidos políticos no Império, problematizando as imagens construídas pela historiografia. Ela visa ainda propor

uma leitura alternativa sobre a cartografia das forças políticas existentes, a gênese das agremiações políticas e sua relação com a consolidação do Estado.

A ADOÇÃO DA BIOÉTICA PRINCIPIALISTA COMO FUNDAMENTO PARA AS POLÍTICAS DE SAÚDE BRASILEIRAS: MORAL ANGLO-AMERICANA "TIPO EXPORTAÇÃO"

Laura de Oliveira, UFG

historilaura@yahoo.com.br

A penetração do Principialismo no Brasil no início dos anos 90 pode ser pensada a partir dos fenômenos globais e integradores que já marcavam o mundo ocidental naquele momento. Essa corrente bioética é aqui entendida como um conjunto de valores humanos e sociais que, a exemplo do “sucesso econômico da empreitada norte-americana”, está sendo transplantado nas demais nações ocidentais e interferindo nas diretrizes políticas dos governos. Esses princípios se apresentam como valores inquestionáveis, justos e adequados ao progresso da humanidade. É objetivo deste trabalho discutir a recepção dessas idéias no Brasil, bem como sua subsequente incorporação nas políticas públicas voltadas para a saúde, a partir dos textos publicados na Revista Bioética, do Conselho Federal de Medicina (1993-2005). Pretende-se avaliar de que maneira o referencial estadunidense tem sido tratado frente às críticas ao seu caráter universalista e homogeneizador e às efervescentes discussões sobre identidades.

IDENTIDADE NACIONAL E AS COMEMORAÇÕES DO BICENTENÁRIO DAS INDEPENDÊNCIAS NA AMÉRICA ESPANHOLA

Libertad Borges Bittencourt, UFG

libertadborges@yahoo.com.br

Pretende-se refletir sobre as perspectivas ora pessimistas, ora valorizadoras da novidade das independências americanas, que permearam as reflexões sobre as identidades nacionais ao longo desses dois séculos. Essa perspectiva é importante, particularmente no momento em que nos aproximamos do período das comemorações do bicentenário, em 2010, bem como nos avizinhamos do que Guerra (2000), referindo-se aos anos de 1808 e 1809, destaca como anos decisivos, período chave, tanto na referência ao trânsito para a Modernidade, quanto para a gestação da Independência. O objetivo é vincular essas reflexões às festas comemorativas (2010) para se destacar as representações do passado compartilhadas por determinados grupos e, sobretudo, para compreender a construção de novas visões sobre o passado.

PRETENÇÕES IDENTITÁRIAS: AS IMAGENS MARACÁ E CUNANI COMO IDENTIDADE INSTITUCIONAL PARA O AMAPÁ

Lídia lobato Leal, UFG

lidialeal@yahoo.com.br

Este estudo apresenta o resultado parcial de uma investigação sobre a utilização das imagens Maracá e Cunani por parte de instituições localizadas no estado do Amapá (Governo do Estado, SEBRAE / AP, imprensa escrita e Banco da Amazônia). Busca compreender como as instituições do Estado do Amapá se utilizam das imagens da cerâmica Maracá e Cunani para, através de recursos midiáticos, logísticos e financeiros, imprimir uma identidade à população amapaense. O objetivo é compreender a utilização destas imagens em seu contexto histórico (séc. XV a XVII) e também seu contexto contemporâneo, bem como refletir a respeito do discurso institucional produzido sobre tais imagens, correlacionando-as com os conceitos de identidade, pós-colonialismo e cultura visual.

O “PROBLEMA ÍNDIO” NA CONCEPÇÃO DOS MURALISTAS MEXICANOS NA DÉCADA DE 1920

Luciana C. Barbosa, UFG

lucianacoelhobarbosa@hotmail.com

A corrente nativista recebeu bastante impulso nas décadas de 1920 e 1930, sob o contexto da Revolução Mexicana. Nesse período a redescoberta e reavaliação das tradições nativas expressas nas artes visuais e na literatura demonstraram a possibilidade de novas abordagens sobre a condição de índios e mestiços na história mexicana. Esta comunicação tem como proposta avaliar as perspectivas distintas em que Rivera em *Dia das Flores* (1925) e Siqueiros em *A Mãe Camponesa* (1929) compreendiam o chamado “problema índio” no México contemporâneo.

A CONSTITUINTE DE 1946: O ESTADO NOVO NO BANCO DOS RÉUS

Mayara Paiva de Souza, UFG

mayaratapajos@hotmail.com

Este trabalho é parte do projeto coordenado pelo professor Dr. Noé Freire Sandes__ *Entre a memória e a história: os exilados da Velha República*__ que visa refletir sobre a experiência política da elite destituída do poder na década de 1930. Captar a percepção do tempo histórico e dos projetos políticos dessa elite por meio da leitura da memória é o objetivo que norteia o trabalho. A análise da experiência desse grupo na constituinte de 1946 é pertinente para a discussão acerca da relação entre história e memória uma vez que demonstra as múltiplas percepções de tempo e o retorno de uma “memória subterrânea” que luta pela sua institucionalização. Pensar a atuação dos exilados da Velha República na Constituinte de 1946 é um campo fértil para se pensar a escrita da história.

HISTÓRIA CULTURA E MODERNIDADE: UMA VISÃO FREUDIANA

Monyke Rodrigues Procópio, UFG

monykepsicohist@hotmail.com

Conceitos como cultura, religião, civilização e modernidade são discutidos nessa pesquisa que tem como referencia três fontes freudianas: *Totem e tabu*, *O Futuro de uma Ilusão* e *O Mal-estar na Civilização*, escritas na primeira metade do século XX. O objetivo do trabalho é compreender Freud como um autor e ator histórico, ao estabelecer um diálogo sobre sua vida e obras. Para tanto, é recorrente na pesquisa os argumentos propostos por autores como Peter Gay e Sérgio Paulo Rouanet.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NUM QUILOMBO DO VALE DO RIBEIRA

Nathércia Pires Silvestre, UNESP

nathercia_silvestre@yahoo.com.br

Este trabalho tem por objetivo investigar o processo de construção/redefinição da identidade étnica do quilombo Morro Seco, localizado no Vale do Ribeira/SP e que vem, a partir da promulgação da Constituição de 1988, no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, afirmar a ascendência negra com o intuito de garantir o direito de propriedade da terra previsto na lei. Também busca averiguar de que maneira a valorização da identidade afrodescendente, por parte desta comunidade, está inserida num processo maior, envolvendo muitas comunidades negras rurais no país, embuídas na conquista da posse formal de suas terras.

A CONSTITUINTE DE 1934: O PENSAMENTO LIBERAL ENTRE A CRUZ E A ESPADA

Noé Freire Sandes, UFG

A Constituinte representou um espaço privilegiado para reordenação da nação cindida pelo movimento revolucionário de 1930. Em meio a um mundo marcado pelo autoritarismo e pela centralização, os liberais buscaram um pacto capaz de atender as demandas centralizadoras presentes sem abrir mão dos fundamentos da ordem liberal representada pelas aspirações federalistas dos Estados. Entretanto, havia claro descompasso entre o espaço de experiência e os horizontes de expectativas dos grupos que se enfrentavam no interior da Assembléia. O descompasso sugerido se traduziu em instabilidade política percebida no golpe como estratégia política que acabou resultando na instalação da ditadura, o Estado Novo.

AS REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA E O MOVIMENTO AMBIENTALISTA: OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS E A QUESTÃO AMBIENTAL

Rafael Gonçalves Borges, UFG

rafagb.jc@gmail.com

Este trabalho pretende responder ao desafio de pensar a sociedade e seus processos a partir de seus novos paradigmas, buscando a desnaturalização de fatos aparentemente naturais. O que se pretende desnaturalizar é a crescente preocupação contemporânea e global com as questões relativas à preservação ambiental. Importa-nos o estabelecimento de novos movimentos sociais no cenário brasileiro a partir da década de 1980, e de que modo eles transpuseram os limites da esfera do diletantismo e da excentricidade e se colocaram no posto de ponto fulcral na pauta de discussão de reuniões de líderes globais. Tendo em vista que tais movimentos inserem-se na perspectiva do chamado Terceiro Setor, importa perceber de que modo tem se legitimado essa noção tripartite da realidade social, em que Sociedade Civil, Mercado e Estado são separados, evidenciando uma nova concepção política desses movimentos.

MITO E IDENTIDADE: A MINEIRIDADE EM XICO REI

Renata Kelly de Almeida Gonçalves, PUC-MG

renakalmeida@yahoo.com.br

A comunicação pretende discorrer sobre as conclusões obtidas na pesquisa de iniciação científica, financiada pelo PROBIC/ PUC Minas desenvolvida no ano de 2006, que teve como objetivo analisar a construção histórica do mito Xico Rei a partir da obra “História Antiga das Minas Gerais” de Diogo de Vasconcelos. Procuraremos demonstrar a relação entre o discurso da ideologia da mineiridade e o mito Xico Rei, apontando a semelhança entre os mesmos e consequentemente a contribuição da historiografia regionalista, elaborada no início da Primeira República, para a construção e manutenção dos “mitos de fundação” que atualmente podem ser associados às identidades regionais, especialmente em seu caráter ideológico.

IMPrensa E POLÍtica EM TORNO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA CAPITAL FEDERAL (1904-1910)

Rosimar de Lemos Pires, USS

rosemarlemos@click21.com.br

Essa comunicação tem como proposta de pesquisa uma análise da imprensa como agente de formação da opinião pública e sua posição política acerca dos movimentos sociais do início do século XX (Revolta da Vacina, Campanha Civilista e Revolta de Marinheiros contra castigos corporais). Considerando esses órgãos de comunicação como reflexo e guia, pretendemos construir um ambiente teórico utilizando conceitos de Jean-Jacques Becker que discute a existência de uma opinião pública estática e de outra dinâmica no sentido de delimitarmos as dimensões assumidas pela imprensa nessa conjuntura de transição política e

de instabilidade social. Acreditamos ser necessário ainda, para tal empreendimento, uma análise das características de cada movimento acima citado, bem como de seus desdobramentos, para então elaborarmos uma análise dentro do contexto abordado.

PAULO DUARTE: A ESCRITA MEMORIALISTA COMO CONTINUAÇÃO DA LUTA CONSTITUCIONALISTA

Sherloma Starlet Fonseca, UFG

sherloma@hotmail.com

A análise das *Memórias* de Paulo Duarte, um combatente na revolução constitucionalista, é um esforço para lançar luz a versões obscurecidas pela história nacional. Esta iniciativa se desenvolve num momento em que a história aproxima-se dos arquivos pessoais e escritos autobiográficos, tomando-os como fonte para o estudo do político, mas dando visibilidade aos excluídos da história, permitindo um novo olhar para as elites políticas e intelectuais. Ao escrever a sua obra memorialista, Paulo constrói a identidade de si e dos derrotados no conflito armado em oposição às representações históricas de Getúlio Vargas como líder revolucionário.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL EM TEMPOS AUTORITÁRIOS: A AÇÃO DOS INTELLECTUAIS NO SETOR CULTURAL (1966-1975)

Tatyana de Amaral Maia, UERJ

tatyanamaia@yahoo.com.br

A proposta deste trabalho é discutir a ação dos intelectuais no setor cultural durante a ditadura civil-militar, investigando como as políticas culturais propostas neste período enfatizavam o papel da memória e da identidade nacionais como elementos-chaves na consolidação da modernidade e do desenvolvimento do país. Busca-se compreender como os intelectuais da ABL e do IHGB no MEC, através do Conselho Federal de Cultura, incorporaram aspectos do regionalismo e do otimismo ultraconservador, presentes no pensamento social brasileiro entre as décadas de 1920 e 1970, às ações estatais. Assim, a valorização da cultura nacional ocorreria através das comemorações de centenários, das manifestações folclóricas e da reformulação das tradicionais instituições de cultura, consideradas os espaços referenciais da identidade nacional.

FESTAS: LINGUAGENS, CULTURA E TRADIÇÕES SIMPÓSIO TEMÁTICO XIV

Coordenadores

Carlos Eduardo dos Santos Maia (IESA)
Mônica Martins da Silva (CEPAE / UFG)

MEMÓRIA DO MORAR E DO COMEMORAR: A CASA RURAL GOIANA E AS FESTAS.

Adriana Mara Vaz de Oliveira, UCG
amvoliveira@uol.com.br

A casa espacializa o tempo de duas maneiras – no cotidiano e no fora do comum. No cotidiano abarca-se a casa na sua rotina, envolvendo seus usos e funções, destacando a alimentação, os hábitos e os costumes domésticos, o abastecimento, a manutenção, o trabalho e outros. Na apreensão do extraordinário na utilização da casa, verificam-se aqueles eventos que saem da rotinização costumeira, como as festas, as doenças, o nascimento, a morte. Desse modo, pensa-se como Certeau & Giard (1996), que avaliam os espaços mediante os gestos, práticas e relatos, pois é somente a partir das memórias, com suas dobras, irrupções súbitas, falhas e repetições como refletiu Cauquelin (1982), que esses espaços se preservam. Nesse sentido, investiga-se a casa rural goiana do século XIX, dando ênfase para os momentos das festas. Para alcançar esta memória do morar e do comemorar, os diários, as memórias e a literatura foram perscrutados e confrontados com os elementos fornecidos pelos inventários, pelos levantamentos arquitetônicos realizados e pelas fontes impressas e manuscritas. A tessitura proposta na construção desta memória tem o propósito de confrontar relatos e experiências e de preencher as ausências ou descontinuidades presentes em qualquer um deles. O espaço desta casa referencia a memória do lugar, pois muito mais que suporte da memória individual, é suporte da memória de todos.

A TEATRALIDADE DA DORMIÇÃO DE MARIA: A PROCISSÃO DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE, EM SÃO CRISTÓVÃO NO SÉCULO XIX.

Ane Luíse Silva Mecnas, UFS
Magno Francisco de Jesus Santos, UFS
anemecnas@yahoo.com.br / cajaibasergipe@yahoo.com.br

A cidade de São Cristóvão durante o século XIX tinha o seu cotidiano marcado por uma série de celebrações religiosas. O calendário religioso da Velha Capital era repleto de festas e procissões que mobilizavam a população católica da Província. O presente estudo busca compreender os elementos teatrais da procissão de Nossa Senhora da Boa Morte, realizada na segunda metade do século XIX, por negras alforriadas, vindas da Bahia. A reflexão tornou-se possível através da análise da imagem na referida procissão e do relato da mesma constante no Anuario Christovense de Serafim de Santiago. O estudo da referida procissão contribuiu para a reflexão acerca da multiplicidade étnica da sociedade brasileira durante o período imperial, mostrando a necessidade da realização de estudos envolvendo os aspectos culturais e religiosos para melhor compreender a memória coletiva.

MÚSICA, DANÇA E OS CARNAVAIS DOS ANOS 20 E 30 EM BELÉM.

Antonio Maurício Dias, UFPA

makosta@bol.com.br

O texto trata dos carnavais dos anos 1920 e 30 em Belém considerando a convivência de práticas carnavalescas populares e aristocráticas no carnaval de rua, quer na disposição visual dos participantes, nas danças e ritmos musicais adotados ou nas formas de festejar coletivamente. Tais expressões festivas conviviam com práticas repressoras e disciplinadoras das manifestações populares promovidas pelas autoridades públicas e incentivadas por parcelas da elite intelectual local. Ao mesmo tempo, outros mecanismos de diferenciação social eram exercitados nos festejos. Pretendemos, neste texto, discutir as dimensões de transformação das práticas carnavalescas no início do século XX, a partir das expressões mais próximas do entrudo até àquelas inseridas no modelo carnavalesco mais contemporâneo.

SOLTANDO O VERBO: RATOS E URUBUS, DIRETAMENTE O POVO ESCOLHIA O PRESIDENTE!

Carlos Eduardo Santos Maia, UFG

carlmaia@uol.com.br

O desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro é uma festa que exemplifica aquilo que Marcel Mauss denominou de “fato social total”, já que aí se exprimem, de modo entrelaçado, as instituições econômicas, jurídicas, religiosas, políticas, etc. Em sua dimensão simbólica, o desfile se serve de uma infinidade de linguagens que estabelecem a comunicação entre os atores sociais implicados; já que, como exara Ernst Cassirer, a linguagem é um fenômeno fundante do homem como ser simbólico e social. Nota-se no desfile o recurso a linguagens não verbais como a sonoridade instrumental, a dança, os gestos, a cromaticidade, entre outros; bem como a linguagens verbais expressas nos sambas de enredos. Neste trabalho, exploraremos como o desfile de escola de samba, enquanto “fato social total” e, por isso, fundador de uma ampla rede que mobiliza simultaneamente diversas instâncias institucionais, acompanhou o movimento de redemocratização brasileira, manifestando os anseios da sociedade em seus sambas de enredo.

FESTA E CIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENTENDIMENTO DAS ESPACIALIDADES CONTEMPORÂNEAS.

Carmem Lúcia Costa, UFG

clc@innet.psi.br

O presente texto é parte de uma reflexão onde analisamos a importância das festas na construção de espacialidades urbanas no Brasil, mais especificamente a Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário em Catalão, no interior de Goiás. A análise busca explicar as transformações, persistências e deteriorações na produção desta festa e qual a sua relação com a construção do modo de vida urbano em Catalão, no interior de Goiás. No trabalho procuramos desenvolver a tese de que as festas são importantes práticas socioespaciais de construção da sociabilidade no campo e nas pequenas cidades no interior do Brasil, sendo que as festas compõem um espaço-tempo marcado pela reunião de pessoas para festejar, o que aparece como condição de reprodução da vida e, também, do capital. Para a realização da pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico, onde as principais matrizes foram obras de Henri Lefebvre, Guy Debord e Ana Fani Carlos. Outros autores que trabalham com o tema também foram pesquisados. Realizamos ainda uma pesquisa em fontes documentais e orais que iluminam o uso da cidade para a festa.

FESTAS COMO FORMA DE IDENTIFICAR A CULTURA SERTANEJA EM GOIANIA.

Clarissa Valadares Xavier, UFG

clarissa.valadares@gmail.com

A cultura sertaneja no estado de Goiás é amplamente divulgada e difundido, assim as festas que ocorrem em Goiânia e que possuem temática relacionada com esta cultura sertaneja, servem para analisar como o povo goiano se comporta com esta rotulação cultural a que lhe é atribuída. O objetivo deste artigo é analisar a percepção dos frequentadores destas festas quanto à cultura sertaneja e a importância destas manifestações culturais para a preservação do “sertanejo raiz”. Para atingir o objetivo se utilizou formulários fechados aplicados durante e no espaço de acontecimento das festas. Ao total foram analisadas 2 festas com temáticas sertanejas, o que possibilitou concluir que as pessoas se identificam com o sertanejo e consideram essencial essas festas.

AS FESTAS ESCOLARES E A CULTURA CÍVICA NO COLÉGIO SALESIANO DE SANTA TERESA EM CORUMBÁ-MS (1972-1987).

Celeida Maria Costa de Souza Silva, UNICAMP/ UCDB.

celeidams@uol.com.br

Esta pesquisa tem como objeto, o estudo das festas escolares e a cultura cívica no Colégio Salesiano de Santa Teresa, localizado em Corumbá-MS. Partimos do pressuposto de que o Estado através dos programas de ensino para as instituições escolares, veiculava a “memória histórica desejável”. Assim, não podemos analisar a organização das festas escolares e do culto cívico, no interior das instituições escolares como um processo “natural e inocente”, “desinteressado e imparcial”, uma vez que é concebido para ter efeito sobre as pessoas, produzindo processo de seleção, de inclusão/exclusão e de legitimação de certos grupos sociais e idéias. Investigamos que instrumentos foram usados pelo Estado para legitimar a “tradição nacional” e regional no interior das instituições e pretendemos entender como as relações de poder se manifestam no interior das instituições educacionais.

O REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: QUANDO OS ESPAÇOS PÚBLICO E O PRIVADO SE (CON)FUNDEM

Dalva Maria Soares, UFV

dalvamsoares@terra.com.br

O objetivo desse trabalho é evidenciar como o espaço urbano é apropriado pelos sujeitos que vivem a manifestação do *Congado* durante os dias de festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, o qual teve origem em uma investigação de natureza qualitativa e caráter etnográfico, que exigiu da pesquisadora uma aproximação do Reinado da Guarda de Congo Feminina do Bairro Aparecida, em Belo Horizonte, e tornou possível concluir que a festa do Congado amplia, reinventa e recria o espaço urbano para a vivência dos festejos e para a devoção, trazendo os moradores e seus convidados para a rua, fazendo com que o bairro deixe de ser apenas um espaço funcional de residência e constitua-se como espaço de interações afetivas e simbólicas, carregadas de sentido.

TOLERÂNCIA E TENSÕES NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM MONTE ALEGRE DE GOIÁS

Estael de Lima Gonçalves, UCG

estaellima@yahoo.com.br

A comunicação examina as relações entre a Festa de Nossa Senhora do Rosário e o Reinado da Cachaça na cidade de Monte Alegre de Goiás. Apresentarei a partir das reflexões/revisões de CHARTIER sobre as relações entre cultura erudita e cultura popular durante a Idade Moderna, assim como a partir de outros autores no âmbito da História Cultural.

AS PASTORINHAS: AUTO TEATRAL QUE COMPÕE AS FESTAS DO DIVINO EM PIRENÓPOLIS.

João Guilherme Curado- UFG

Tereza Caroline Lôbo -UFG

terezacarolinelobo@hotmail.com / joaojgguilherme@hotmail.com

As Pastorinhas foram introduzidas no Brasil pelos jesuítas no século XVI. Bailado folclórico de origem portuguesa é dramatizado principalmente por moças e se caracteriza por representações coloridas, movimentadas com cantos e danças. Em Pirenópolis, esse auto natalino, compõem os festejos do Divino Espírito Santo desde a década de 1920, reunindo no teatro a comunidade local num indício claro da importância desse evento na socialização dos grupos envolvidos. Propomos uma ação reflexiva no intuito de compreender a complexidade da cultura pirenopolina partindo do estudo da revista As Pastorinhas entendida como forma de memória coletiva que se impõe como marco para referir-se à tradição cultural reconhecida e mantida pela comunidade local, sendo definida como um lugar onde essa reflete suas religiosidades, festividades, dogmas, preconceitos e a sua tradição marcadamente rural e conservadora.

A FOLIA DE REIS EM SÃO BRAZ DE MINAS. O IMAGINÁRIO RELIGIOSO, A MIGRAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES LOCAIS.

João Venâncio Machado de Ourofino, UnB

jourofino@terra.com.br

Este projeto de pesquisa pretende um olhar sobre a festa da Folia de Reis em São Bráz de Minas e a devoção da comunidade local, propõe a retomada deste campo de estudos através da história oral e a memória com a realização de entrevistas, análise de fotografias. Trabalhar com o tempo presente, as transformações do mundo rural local e as migrações. Em torno de ocasiões festivas, enxergam-se os elementos de uma cultura em sua expressão mais eficaz, no interior destas práticas festivas coletivas e ricas de dimensões simbólicas e sentidos históricos, procura-se investigar justamente o movimento, no qual, determinados repertórios culturais são perpetuados, reelaborados, re-significados ou transformados (por vezes, definitivamente abandonados). Perceber a construção e o real do imaginário, modos de usar, de elaborar representações, de assimilar elementos culturais ou religiosos em determinada comunidade.

DA COZINHA PARA A MESA: RELATOS SOBRE O SHABAT ENTRE JUDEUS EM BELÉM DO PARÁ

Larissa Maria de Almeida Guimarães ,UFPA

laralube@yahoo.com.br

O trabalho busca examinar a alimentação entre judeus e as regras alimentares judaicas num contexto amazônico, mas precisamente em Belém do Pará, através da festividade do shabat, o qual é realizado semanalmente. Levando-se em consideração as leis de Cashrut (“apto” ou “apropriado” de acordo com a lei religiosa), contidas no Pentateuco, os judeus têm um código de restrições alimentares que viabilizam sua pureza corporal e integridade espiritual, abençoando a Deus por meio de seu corpo. As comidas apresentadas no “cerimonial” de shabat obedecem não apenas a estas leis escritas sagradas, mas também às vivências e contextos em que estes judeus se inserem. Através dos relatos “sobre a mesa”, atravessando a “cozinha judaica”, buscarei analisar como diferentes famílias lidam com a alimentação e se relacionam em torno da mesa de shabat.

A FESTA DO CARREIRO EM ORIZONA: CULTURA E TRADIÇÃO NO COTIDIANO RURAL

Maria Idelma Vieira D'Abadia e Maria Geralda de Almeida, UEG/ UFG
mariaidelma@pop.com.br / mgdealmeida@gmail.com

O uso do carro de boi como instrumento de trabalho da zona rural no Brasil foi até poucas décadas um dos principais meios de transporte de carga. Esse estudo tem como objetivos compreender a resistência de certas tradições no campo e analisar a produção da *festa* como instrumento de resgate cultural do cotidiano do carreiro. A metodologia utilizada baseia-se nos relatos orais dos organizadores; na observação direta com registro escrito, fotográfico e vídeo do evento, bem como o depoimento dos participantes. Diante da investigação realizada até o momento percebe-se que a Festa dos Carreiros em Orizona, desperta nas gerações passadas de carreiros intensas emoções e contribui para o interesse dos jovens e crianças em conservar a tradição do carro de boi no município.

A DIFUSÃO IDEOLÓGICA NAS DATAS COMEMORATIVAS DO ESTADO NOVO

Mariana de Castro Schwab, UFG
schwabmariana@yahoo.com.br

Nesta comunicação serão analisadas três datas comemorativas do Estado Novo (1937-45), o aniversário de Getúlio Vargas em 19 de abril, o dia do Trabalho em 1º de maio e o aniversário da instituição do Estado Novo em 10 de novembro. A partir das comemorações organizadas pelo Estado nestas datas serão observados os encontros do Chefe da Nação, Getúlio Vargas, com a população e a difusão da ideologia do Estado Novo nestas festividades.

MEMÓRIA E ESPACIALIDADE NA FESTA DO ROSÁRIO

Marisa Barletto, UFV
Patricio Pereira Alves de Sousa, UFV
barletto@ufv.br / patricioalves@yahoo.com.br

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa que busca apreender a constituição de espaço e tempo social num distrito da cidade de Viçosa – MG, a partir da memória do grupo de Congado. A presente comunicação se propõe a dar destaque ao evento festivo tanto como um momento de excessos que o “desloca” da ordem social instaurada, quanto das formas sociais que se reproduzem e se perpetuam no espaço festivo. A Festa do Rosário está, assim, sendo analisada como um re-fazer da paisagem local a partir da apropriação, re-significação e também reprodução de lugares, que por sua vez são resultantes da disputa simbólica pela demarcação do espaço. Ao analisar o percurso realizado, a dança e planejamento da festa, entendemos que estes estão carregados de simbolizações impressas no espaço, constituindo a paisagem, e dão suporte à memória étnica e religiosa de parte dos afro-descendentes de Viçosa - MG.

CONGADAS DE CATALÃO: FESTAS, CULTURAS E REPRESENTAÇÕES.

Mônica Martins da Silva, UFG
moniclio@uol.com.br

As congadas fazem parte dos festejos de Nossa Senhora do Rosário de Catalão e ao longo do século XX tornaram-se o maior evento festivo da cidade aonde culturas e tradições atávicas são atualizados a partir do processo de construção de diferentes representações e identidades da festa.

CULTURA CIGANA NA CONTEMPORANEIDADE: TRADIÇÕES E TRANSFORMAÇÕES

Natália Dias ad-Víncula Veado, UFSC
natyadv@yahoo.com.br

Este trabalho em andamento, analisa os ciganos no sul do Brasil a partir de uma perspectiva etnográfica. Para isso serão estudados determinados grupos ciganos, na tentativa de perceber como se inserem em uma sociedade sem abrir mão de suas tradições, e como eles se vêem inseridos com sua própria cultura que não se dilui com a nossa. Procura-se analisar suas regras, formas de viver e se relacionar dentro dos grupos e fora deles. O desenvolvimento desta pesquisa baseia-se em primeiro lugar, numa revisão bibliográfica, enfatizando as obras específicas sobre a temática cigana. Por fim, serão realizadas e analisadas entrevistas com ciganos que atualmente vivem no Brasil, utilizando-se a metodologia da história oral.

NA CIDADE DE GOIÁS HISTÓRIA E RELIGIOSIDADE: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O BACALHAU E A FESTA DE NOSSA SENHORA DA GUIA. 1890 A 1970

Raquel Miranda Barbosa Bueno, UCG/UEG

O tema proposto tem como objetivo discutir a história do Bacalhau e sua principal manifestação religiosa representada na Festa em alusão a Nossa Senhora da Guia, padroeira do distrito. O culto mariano ali praticado traz consigo o caráter popular do catolicismo engendrado dentro de práticas e rituais que configuram a perpetuação de tradições e representações populares que explicitam o teor das festas religiosas existentes em Goiás. O distrito do Bacalhau guarda parte significativa da história da cidade de Goiás, pois, seu contexto interage com o período de formação da capitania envolvendo-se diretamente em toda a construção histórica da cidade de Goiás não se furtando as características singulares implícitas no seu espaço. A discussão sobre a festa de Nossa Senhora da Guia vem integrar o campo de estudos sobre a religiosidade popular em Goiás que tem um sentido uníssono, o sagrado e o profano como prática comum nas festas religiosas católicas.

ABREM-SE AS CORTINAS, ACENDEM-SE AS LUZES NO PALCO: UM ESTUDO DE *BUMBA, MEU QUEIXADA* (1979) DO GRUPO UNIÃO E OLHO VIVO.

Roberta Paula Gomes Silva, UFU
betaufu@yahoo.com.br

O objetivo desta comunicação é tecer algumas considerações acerca da peça teatral *Bumba, meu queixada* (1979), do grupo União e Olho Vivo. Para isso, analiso as várias temáticas abordadas ao longo da estrutura dramática – acidentes de trabalho, diferença salarial, movimento grevista, organização sindical e exploração patronal – com o intuito de inseri-las nas discussões que permeavam a conjuntura social do país no momento de sua produção. Busco também refletir sobre a noção de teatro popular e de engajamento na década de 1970 com o propósito de entender como essas questões estão presentes na narrativa de *Bumba, meu queixada*.

A MISSA E A ORAÇÃO DA ROSA MÍSTICA: MANIFESTAÇÕES DO SAGRADO EM ITAGUARU-GO.

Rodrigo Emídio Silva, UEG
resgeo@bol.com.br

A religiosidade é uma manifestação humana, sendo assim cultural, que transforma os espaços geográficos. Lugares são cultuados como sagrados por um grupo social. Nesse bojo, em Itaguaru – Go, o Grupo de Oração da Rosa Mística, ritual ocorrido nos espaços domésticos, e a Missa são rituais católicos que recriam alternâncias simbólicas e subjetivas entre os fiéis e os espaços. Nos espaços da casa e da Igreja predomina-se um tempo ritualizado, mítico e

cíclico (ELIADE, S/D, p. 35). Para casa predomina-se um tempo ritmado pelo cotidiano, para as práticas litúrgicas nos espaços da Igreja o tempo é ritualizado nas figuras do universo simbólico da religiosidade católica, ou seja, a missa é um tempo ritualizado que celebra os mitos.

GIRO DE FOLIA REIS: TRADIÇÃO, DEVOÇÃO E FESTA POPULAR.

Tito Oliveira Coelho, SME-Goiânia

titocoelho2000@yahoo.com.br

O giro de folia de Reis resgata a história dos reis magos do Oriente que fizeram longa viagem em busca do Menino Jesus. Sabe-se que as folias eram manifestações festivas em Portugal, mas chegando ao Brasil adquiriram características religiosas. As folias são “fenomenações” vindas de Minas Gerais e Bahia para Goiás com a abertura das fronteiras nos anos de 1940, sendo as folias do Espírito Santo as mais antigas. Religiosidade se confunde com festividade já que contam com grande comedoria, dança de catira e forró. As folias que se manifestam em Goiás e mais especificamente em Goiânia são de estilo mineiro e baiano, que através destes criou-se o estilo goiano. Os giros são realizados do dia 26 de dezembro ao dia 06 de janeiro com saída, almoço e jantar no pouso até chegar e realizar os rituais de entrega da folia com uma festa final. Os ritos religiosos se confundem com os festivos já que contam com grande comedoria, dança de catira e forró. Em Goiânia, na segunda quinzena do mês de janeiro os foliões realizam grande encontro na Praça da Matriz de Campinas. Em 2007 a Cia. de Catireiros e Foliões Estrela do Oriente e os Reizeiros da Bahia tiveram participação efetiva na I Procissão dos Tambores em Goiânia, realizada do dia 07 de abril no Sábado de Aleluia. Por fim concebe-se o giro de folias como devoção e culto aos santos Reis e ao Menino Jesus, mas uma festa também, uma vez que sacralidade (devoção e fé) e profanidade (a festa) não se excluem.

SESQUICENTENÁRIO E MÍDIA: A CONSTRUÇÃO DO HOMEM MODERNO.

Virgínia Lages, UFG

virginvich@gmail.com

Dos vários suportes usados para dar um sentido às comemorações do Sesquicentenário de Independência, a visualidade (isto é, o amplo uso de recursos visuais) exerceu uma marcante presença. Refiro-me aqui, especialmente as campanhas publicitárias que veicularam em empresas de comunicação de massa, numa verdadeira empreitada visual para a construção de novos sujeitos político-culturais. Entretanto, estas imagens não são apenas representações da realidade aos olhos, elas apresentam também a nova forma que assume o homem moderno na relação entre máquina, nação e política. Procuo nesta comunicação refletir sobre as relações de poder traçadas entre Governo Militar e mídia, a partir das edições especiais preparadas para as comemorações do sesquicentenário das revistas *Veja* e *O Cruzeiro*.

GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SIMPÓSIO TEMÁTICO XV

Coordenadora
Maria Lúcia Vannuchi (UEG)

REVISITANDO A QUESTÃO DO GÊNERO NA LITERATURA: MANSFIELD, WOOLF E BRONTË.

Eduardo Rodrigues de Souza,, UFU
heregeu@gmail.com

Neste trabalho empreendi uma análise de textos literários de autoria feminina no contexto da literatura de língua inglesa dos séculos XIX e XX, e ainda a maneira pela qual se deu, no âmbito da crítica literária, as reflexões acerca da questão de gênero (masculino ou feminino) e seu caráter determinante na constituição da chamada literatura feminina. Partindo da perspectiva teórica dos estudos comparados de literatura, tratamos nesse trabalho da análise de obras das seguintes autoras: Katherine Mansfield, Virgínia Woolf e Emile Brontë.

O ADÉ UMBANDISTA: REFLEXÕES SOBRE O HOMOSSEXUAL NA UMBANDA

Elaine de Meireles Ferreira, UEG

Rogério Gomes Pereira Júnior , UEG

shivadandara@gmail.com / rogheriogomis@yahoo.com.br

Voltando o olhar para as religiões de matriz africana, atenta-se em um fenômeno social ocorrente neste: O grande interesse de indivíduos de orientação homossexual no culto aos orixás. O objetivo dessa comunicação é apresentar apontamentos da pesquisa recentemente iniciada que tem por foco a cidade de Anápolis e a Umbanda. Ressaltando a estigmatização dos homossexuais em outras denominações religiosas. Essa pesquisa propõe-se a sugerir reflexões para tal fenômeno.

QUESTÕES DA HONRA E DE “DEFESA SOCIAL”: DISCURSO JURÍDICO E REPRESENTAÇÕES DO PAPEL FEMININO E DO MASCULINO NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Eliane Martins de Freitas, UFG

emartinsdefreitas@yahoo.com.br

A presente pesquisa, que compõem o projeto “*Corpos marcados: reflexões sobre gênero, violência e direito das mulheres*”, visa discutir a atuação do Poder Judiciário nos casos em que esta instância foi chamada a intervir em processos envolvendo homens como agressores e mulheres como vítimas, seja nos crimes contra a pessoa seja nos crimes contra a honra (ou chamados “crimes sexuais”). Interessa-nos, compreender as construções elaboradas pelos juristas brasileiros, na primeira metade do século XX, em torno dos papéis sociais do feminino e do masculino. Tal recorte justifica-se pela intensa preocupação que os juristas da chamada Escola Positiva de Direito demonstraram com relação à proteção e normatização do comportamento feminino, bem como pela influência que esta Escola tem ainda nos dias de hoje na organização jurídica brasileira.

AS MULHERES NO CONGRESSO NACIONAL: LINHAS SOBRE A ATUAÇÃO PARLAMENTAR DAS SENADORAS (1987 – 2003).

Fabírcia Faleiros Pimenta, UnB.

fabricia.pimenta@yahoo.com.br

O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados da investigação feita por meio da análise da ação política da bancada feminina no Senado Federal, espaço institucional historicamente marcado pela maciça e predominante atuação masculina. Identifiquei, por meio dos pronunciamentos e matérias legislativas, elementos indicadores da natureza de sua participação no campo da política brasileira. A perspectiva adotada para este texto será balizada por uma abordagem teórica orientada pela História das Mulheres, um solo epistemológico que atenta para a pluralidade de interpretações e, entre seus múltiplos eixos de análises, sobre a presença de mulheres na arena política. Os resultados da pesquisa oferecem uma visão panorâmica das áreas de interesse da bancada feminina no Senado Federal e sugerem a existência de continuidades, descontinuidades ou mesmo rupturas entre tais interesses e as reivindicações históricas dos movimentos feministas no Brasil.

ENTRE A POLITIZAÇÃO E A DESPOLITIZAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO FEMININO: UM LUGAR DE MULHER NA HISTÓRIA

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima UNESP / UEG

ffpalima@uol.com.br

Este trabalho tem como objetivo investigar e compreender, entre os lugares história, política, gênero feminino e mídia, o movimento da construção da identidade da mulher política no Brasil. Buscamos problematizar as noções de sujeito, numa perspectiva sócio-histórica, observando algumas interdições e permissões discursivas mobilizadas pela mídia que caracterizam a mulher na política. Propomo-nos analisar reportagens sobre o discurso político feminino, veiculadas na mídia impressa, que apresentem, segundo as relações desiguais entre os gêneros, como o poder opera na produção da identidade feminina. Interpretar esse discurso é entender, também, que a linguagem pode ser vista sob o efeito da representação do feminino, que atravessa fronteiras e redefine cronologias em função da experiência histórica da mulher na política.

UM "IMPROVÁVEL" ENCONTRO: OS COMÉRCIOS E OS TRABALHOS DAS MULHERES EM GOIÁS-1830-1890)

Hugo Leonardo Cassimiro, UCG/CNPq

gu_temporal@yahoo.com.br

Até pouco tempo não era raro ouvir nos corredores das universidades afirmações da não existência de fontes em que as mulheres dos sertões goianos oitocentistas surgissem de forma outra que não como restritas ao lar. Os olhares, ao que parece, não iam ao encontro destes registros. Parte das fontes não requer grandes esforços de pesquisa, nesse caso os inventários de fazendeiras. Outras parte nos exige paciência e persistência, como os registros de taverneiras. Propomos aqui apresentar as fontes para a pesquisa dessas mulheres, bem como o que elas já revelaram no percurso desta investigação sobre a inserção das mulheres na economia agropastoril e no comércio de Goiás no século XIX. Onde trataremos das falas, do trabalho e da interpelação à justiça. Um "improvável" encontro tornado provável.

MULHERES CHEFES DE DOMICILIO E SUAS IDENTIDADES

Iolene Mesquita Lobato, UFG

iolenelobato@ig.com.br

O presente trabalho apresenta-se como um espaço de reflexão à respeito das questões de gênero e de formas de representação das relações sociais do sexo, pontuando a questão da

identidade social feminina frente à sua inserção no mercado de trabalho e como esta influenciou na organização das famílias e dos domicílios.

INTERFACES DA EDUCAÇÃO FEMININA: ARTICULANDO A CONSTRUÇÃO DE FEMINILIDADES

Joseanne Zingleara Soares Marinho, UFPI
joseannezsm@gmail.com

Este artigo propõe uma análise da construção da feminilidade na formação de moças que estudaram na Escola Normal de Teresina durante as décadas de 1930 e 1940. É necessário perceber que essa instituição era um espaço atravessado pelas relações de gênero, possuindo por isso condição privilegiada para a elaboração de um tipo de educação diferenciada para o público feminino em relação à educação dos homens. Isso acontecia porque se acreditava que existiam atributos “naturais” que direcionariam as jovens para funções específicas ao próprio sexo, preparando as normalistas para exercerem os papéis de professora abnegada, mas também de esposa dedicada e mãe competente. Esses eram papéis considerados adequados e por isso valorizados socialmente, legitimando práticas concebidas naquela época como inerentes à própria natureza da mulher.

FEMININO: REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM MAFALDA E MAITENA

Julieta Vilela Garcia, UFG
juvgarcia@hotmail.com

Pensando a História e sua escrita, através dos discursos, da sua materialidade e das diversas instâncias da existência humana, notamos que a representação é muitas vezes, arbitrária, indeterminada e ligada a relações de cultura e poder. Dentro dessa perspectiva, as Histórias em Quadrinhos, como representação histórica dos anos 1960 e 1980, tem em Mafalda e Maitena uma fonte, cuja interpretação, de uma leitura que não se pretende única, reflete os efeitos de sentidos produzidos, muitas vezes fixados e limitados acerca da mulher, o que impede a construção de uma nova história. A análise de enunciados e de acontecimentos discursivos nos faz pensar os entremeios e o não-dito. A proposta é contribuir nos estudos do gênero, da construção da identidade, do poder e do imaginário, acerca dos movimentos sociais, com base no recorte da história das mulheres.

ALCEU PENNA E A MODA NO BRASIL DAS DÉCADAS DE 1940 E 50

Juscelina Bárbara Anjos Matos, UFG
Míriam Costa Manso M. de Mendonça, UFG
babimatos@yahoo.com.br

Um breve olhar sobre as publicações nas décadas de 1940 e 50 que tratavam de temas do universo feminino nos leva a conclusões o papel da mulher na sociedade brasileira, na época em questão. Temas como família, comportamento, sexualidade, trabalho eram abordadas, em geral, como forma de marcar as diferenças existentes entre os sexos e o papel que cada um deveria representar. Mas, em meio a esse discurso quase consensual, surge uma voz destoante. Era a seção “As Garotas”, publicada na revista O Cruzeiro, assinada por Alceu Penna, que se contrapunha a essas expectativas sociais e difundia novas tendências de comportamento, moda e liberdade feminina. O objetivo deste artigo é discutir a influência que teve a Revista O Cruzeiro, em particular, a coluna “As Garotas”, no comportamento de moda feminino, como difusora de tendências e novos padrões de beleza no Brasil, nas décadas de 1940 e 50.

E OS HOMENS ONDE ESTÃO?: CONSTRUÇÃO DO MODELO DE MASCULINIDADE PELA IGREJA CATÓLICA EM MEADOS DO SÉCULO XX

Luciana de Lima Pereira , UFPI

cianamhb@gmail.com

Apesar de todos os dizeres da instituição clerical sobre o comportamento masculino e feminino tido como “moderno” e a-católico, as mulheres teresinenses eram maioria nas audiências dominicais católicas e nos “rituais” promovidos pela Igreja Católica local, em meados do século XX. A instituição clerical em Teresina, pretendendo aumentar nos jovens da capital um sentimento religioso e amalgamar os fiéis aos princípios cristãos e morais, criou em 1949 a União dos Moços Católicos (U.M.C.), que tinha como objetivo recuperar os jovens seduzidos pelas opções de lazer e de prazer ligados ao mundo moderno e “profano”, e formadores da “juventude transviada”. Nesta perspectiva, este trabalho pretende analisar as prescrições e as representações do modelo de masculinidade construída pela Igreja Católica em meados do século XX, lançando mão do referencial teórico em torno da temática gênero e representação social.

COMPORTAMENTO E JUVENTUDE: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS ANOS SETENTA

Márcia Castelo Branco Santana. Instituição UFPI

marcinhacbs51@hotmail.com

Os anos setenta emergem como uma época de propostas diversas no que concernem as experiências vivenciadas por homens e mulheres, principalmente no período da juventude, o que possibilitou a formação de novas configurações de gênero. Nesse sentido, o comportamento das jovens ganha facetas múltiplas que são representadas a partir de diferentes discursos. Tendo como foco de reflexão esses pontos a proposta do presente trabalho é investigar como as jovens teresinenses de classe média foram representadas no discurso do Jornal O Dia no que se refere às questões de lazer, namoro, casamento e família. As fontes documentais utilizadas foram às crônicas e notícias veiculadas no jornal O Dia entre os anos de 1970 e 1979.

“A CONSTRUÇÃO DA MULHER SUBMISSA NAS RELAÇÕES DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS”

Maria Clarice Rodrigues de Souza, UFU

mariaclarice1@yahoo.com.br

Ao mencionarmos o papel da mulher submissa construído culturalmente nas representações sociais compreendemos que as desigualdades existentes entre homens e mulheres sejam elas no campo real ou simbólico se deve a discriminação histórica existente contra as mulheres. A necessidade de se estudar historicamente o porquê foi e ainda é cultuado às mulheres um papel de submissão tem ganhado relevância nas pesquisas, na qual nos incluímos ao pesquisarmos sobre a violência contra as mulheres. O enfoque aqui dado será o da construção da submissão feminina, que se faz pertinente e necessário. Procuraremos retratá-lo em sua dimensão relacional não só com os homens, mas também e principalmente com a sociedade e o poder, através de práticas cotidianas que moldam as significações presentes na vida de homens e mulheres perpassados de geração a geração em determinadas sociedades.

REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER NO CONTEXTO DA LUTA PELA LEGALIZAÇÃO DO DIVÓRCIO NO BRASIL: 1950-1977

Maria Isabel de Moura Almeida, UFG

mabelmoura@yahoo.com.br

A questão do divórcio mobilizou as forças da sociedade brasileira ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970. Ao tentarmos apreender a natureza do embate entre divorcistas e antidivorcistas nos brotou a percepção de que dois grandes temas mobilizadores da luta é a vitimização e a estigmatização da mulher. Através de uma profusão de imagens e conteúdos foram sendo construídas representações sociais sobre a mulher e os papéis tradicionais a ela atribuídos, dificilmente compatíveis com a situação de divorciada.

O REFORÇO DA DOMINAÇÃO MASCULINA NAS PROPAGANDAS DO SÉCULO XX E XXI

Marina Roriz Rizzo Lousa, UFG/FCHF

marinaroriz@hotmail.com

O trabalho consiste em um paralelo entre o capítulo A mulher e o Homem, do livro Sobrados e Mucambos, de Gilberto Freyre, o livro A dominação Masculina, de Pierre Bourdieu e propagandas dos séculos XX e XXI. O objetivo deste trabalho é analisar, a partir do estudo de propagandas dos séculos XX e XXI, quanto e como a sociedade brasileira atual se modificou quanto a definição de papéis masculinos e femininos e como, a partir destas redefinições, se estabelecem as relações de dominação contemporâneas.

SENHORAS DONAS: ECONOMIA E CULTURA MATERIAL EM TERRAS MARANHENSES - 1755-1822

Marize Helena de Campos, USP

marizehc@usp.br

O estudo tem como foco, o Maranhão colonial, especificamente entre 1755 – 1822, anos que o caracterizaram como grande centro produtor e exportador algodoeiro. Interessa-nos investigar, naquele contexto, como viviam as mulheres, que por tanto tempo "balançaram sonolentas" nas redes da historiografia tradicional, do que constava seu patrimônio e por quais mecanismos era transmitido. Os Testamentos e Cartas de Sesmarias, pilares da pesquisa, trazem informações detalhadas sobre exposto e permitem criar um quadro de maior visibilidade acerca do objeto e do período. As impressões recolhidas até agora, e das quais priorizou-se o fundo econômico, permitiram iniciar um traçado que, para além de seus perfis pessoais, contemplam seus bens e seus legados, os quais, não raro, eram destinados a mulheres pertencentes ao núcleo familiar, ou próximas a ela. (Palavras-chave: Hist. Econômica; Hist. do Maranhão; Hist. das Mulheres)

A PERSONAGEM ZAHARA COMO PONTO DISCURSIVO E HISTÓRICO NO FILME, MÁ EDUCAÇÃO, DE PEDRO ALMODÓVAR, SOB A ÓTICA DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Naira Rosana Dias da Silva, UFG

nairapequi@yahoo.com.br

O cineasta espanhol, Pedro Almodóvar, estreou em 1980, ano em que a Espanha vivia um momento de liberdade. Antes disso, o cinema espanhol na década de 70, cultivava filmes com parábolas políticas e outros com tendências européias, sendo que, esse cinema era nomeado pejorativamente de “espanholada” devido ao seu caráter tradicional, populista e de temas limitados durante o franquismo, a transição e também na democracia. Em sua película, *Má Educação* (2004), Almodóvar se inspira no gênero de *Film Noir* e cria a personagem da mulher fatal, que é um dos elementos característicos deste gênero cinematográfico, no papel

de um travesti, focando momentos que datam nos anos de 1968, 1977 e 1980, com importância na atuação das personagens. Esse estudo trata da figura da mulher fatal, fazendo uma abordagem histórica, de gênero e da linguagem cinematográfica e visual a respeito dessa figura dramática.

FORA DA VIDA: AS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES DA FAMÍLIA FLEURY GODOY NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O XX.

Rafaella Sudario R. Franco, UnB
sudariofranco@hotmail.com

No presente trabalho objetivamos analisar a produção ficcional e não ficcional de Augusta Faro e suas filhas Maria Paula e Nita Fleury; mulheres pertencentes a família Fleury Godoy. As experiências que constituíram estas mulheres são percebidas através da leitura de suas obras; estas experiências possibilitam a leitura e interpretação do conjunto de representações e do imaginário instituído. Essas mulheres, pertencentes a uma família de elite do interior do Brasil, publicaram livros de contos, crônicas, poemas e reminiscências. A partir desta produção bibliográfica tentaremos compreender a experiência em que viveram essas mulheres e as representações que teceram o imaginário em que elas estavam inseridas. Augusta Faro e suas filhas escreveram artigos para jornais e revistas na passagem do século XIX até a década de 60 do século XX.. Engendradas nas relações sociais, viram na literatura, local de fala e espaço de resistência.

MULHERES INVENTARIADAS DE VILA DO CARMO: DONAS DE BENS E ESCRAVOS, 1713-1745.

Regina Mendes de Araújo, UFJF
rearaujo33@yahoo.com.br

A presente proposta pretende-se lançar luz sobre as mulheres que viveram em Vila do Carmo buscando traçar o perfil econômico e social. Para tanto, tomaremos os inventários que se encontram na Casa Setecentista de Mariana que abarcam os anos de 1713 a 1745. Também serão utilizadas as listas dos *Quintos Reais* que se encontram no Arquivo Público Mineiro. A partir da documentação buscaremos reconstruir o cotidiano dessas mulheres analisando quem eram e como se inseriam no mundo do trabalho. O conceito de gênero que baliza a presente proposta e orientar a metodologia e o diálogo entre as fontes procurando perceber os elementos que constituem as relações sociais existentes entre mulheres e homens estando assim, mais capacitado para entender as relações de poder no universo minerador da Vila do Carmo.

A PARTICIPAÇÃO DA MULHER PARAGUAIA NO CONFLITO DO PRATA. CARVALHO,

Rodrigo Brandão, Universidade Católica Dom Bosco
robracar@pop.com.br

Pretende-se através desta pesquisa, promover uma discussão sobre a participação das mulheres em linha de combate na Grande Guerra do Paraguai. Em grande parte das obras publicadas sobre histórias de guerras, encontramos o sexo masculino como único detentor de honras e mérito pela sua participação, ou seja, a presença do sexo feminino é colocada num segundo plano, atuando como enfermeiras, companheiras e esposas que ajudavam na elevação moral da tropa para evitar a deserção, auxiliando no equipamento bélico e muitas vezes pegando em armas. Assim, acreditamos que possamos contribuir para o debate historiográfico, na medida que buscamos um novo olhar sobre as fontes, os objetos, e a participação da mulher em ambiente hostis, totalmente encenado pela figura do homem

MIGRAÇÃO FEMININA E TRABALHO DOMÉSTICO: AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO NA CULTURA DOS TRABALHADORES RURAIS DO NORTE DE MINAS GERAIS

Rosana de Jesus dos Santos, UFU
catleyaselvagem@hotmail.com

Durante a Busca de dados para elaboração de monografia de conclusão de curso, na qual versava sobre o cotidiano das empregadas domésticas em Montes Claros no período compreendido entre 1960 e 1980, constatei que, a maioria das mulheres focalizadas, tanto nos processos crime, quanto nas entrevistas, possuíam uma origem comum, tinham migrado da zona rural desta localidade e de outros municípios. Nesse sentido o trabalho tem como objetivo analisar a migração feminina do campo para a cidade e o conseqüente ingresso no trabalho doméstico, como um aspecto da cultura dos trabalhadores rurais, calcado nas construções de gênero. O trabalho doméstico remunerado na cidade, representaria para esses grupos familiares uma estratégia de sobrevivência e por ser considerado como uma aptidão natural da mulher não a desviaria de seu destino 'natural' o exercício futuro da função de mãe e dona de casa.

VOCE NÃO PASSA DE UMA MULHER: OS LIMITES FEMININOS NA OBRA DE MARTINHO DA VILA (1969/1979).

Tatiana Luiza Souza Coelho, UCG
tati_lu13@hotmail.com

Baseada nessa nova perspectiva da História Social buscou-se como objeto de estudo a música para apresentar como a imagem feminina vem sendo construída e idealizada ao longo do tempo (1969/1979) na obra de Martinho da Vila. As representações sociais constituem-se como forma peculiar de apreender características cotidianas, culturais e também econômicas de uma determinada sociedade, dando margem à compreensão de seu contexto social. As representações são fenômenos sociais que, se entendidas a partir do lugar de onde são produzidas, podem ser consideradas fonte de conhecimento. Nesse sentido o trabalho em questão traz a cena o estudo dos símbolos construídos na música de Martinho da Vila, revelando seus significados socialmente elaborados, frutos da construção de uma realidade social machista.

TECNOLOGIAS DE GÊNERO NA ESCOLARIZAÇÃO GOIANA DO SÉCULO XIX

Thiago Fernando Sant'Anna, UFG
tfsantanna@yahoo.com.br

Na Província de Goiás entre 1835 e 1892, produziu-se uma legislação acerca da instrução pública norteadora das práticas de escolarizar, sob parâmetros diferenciados, meninos e meninas. O conjunto de leis, decretos e demais disposições normativas da legislação provincial funcionava como parte de uma tecnologia escolar capaz de definir, designar, normatizar a escolarização das meninas e dos meninos. Tratavam-se, portanto, de tecnologias de gênero que, na acepção de Teresa de Lauretis, podem ser definidas como "técnicas e estratégias discursivas por meio das quais o gênero é construído". Como poderosas máquinas de fabricar representações sociais que presidiam as práticas de escolarizar, produzindo efeitos nos corpos, comportamentos e subjetividades, estas tecnologias definiam que aos meninos ser-lhes-ia ensinado a ler, a escrever e a contar, enquanto que às meninas, reservar-lhes-ia também o escrever com letra legível (ortografia), o falar adequadamente (prosódia) e o cuidar bem da casa, da família e das crianças (deveres domésticos). Nosso objetivo, como base em perspectiva teórico-metodológica pautada pelos Estudos Feministas e de Gênero, é analisar tais representações sociais de gênero.

HISTORIA DOS SABERES E DAS CIÊNCIAS

SIMPÓSIO TEMÁTICO XVI

Coordenadores

Marlon Salomon (UFG)

Eduardo Sugizak (UCG)

Priscilla de Lima Alonso (UFG)

ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE GOIÁS: HISTÓRIA DE UMA CLASSE EM BENEFÍCIO DA COLETIVIDADE

Ana Carolina Bragança de Abreu, UFG

ana_historia@hotmail.com

A Associação Médica de Goiás emerge em 1950 como um espaço estratégico de produção do saber sobre as endemias rurais e seu *locus*, o Brasil Central. Um processo que se estabelece por meio de uma complexa rede de relações que envolve o (re) reconhecimento do interior do Brasil como um *hinterland*. A estruturação de uma classe médica em Goiás tem como finalidade o mapeamento distributivo dos médicos que atuam na região, o intercâmbio desses profissionais e a divulgação de suas pesquisas por meio da Revista Goiana de Medicina. Nesse momento, emerge um conjunto de modalidades que viabiliza a investigação clínica de doenças elevadas à categoria de calamidade continental, ao mesmo tempo, que colabora para o estriamento do espaço de atuação da doença. O auspício de alcançar uma civilidade definida pelo nacionalismo médico da época justifica a atuação associativa de sanitaristas e clínicos no Brasil Central.

GIRALDA SEYFERTH E O DISCURSO DA PERSISTÊNCIA DA IDENTIDADE TEUTO-BRASILEIRA, ATRAVÉS DO CONCEITO DE ETNICIDADE

André Fabiano Voigt, FURB/UFSC

voigtandre@hotmail.com

O presente estudo pretende analisar a interpretação de Giralda Seyferth acerca da persistência da identidade teuto-brasileira, através do conceito de etnicidade, proveniente das teorias de Fredrik Barth. A identidade teuto-brasileira seria, de acordo com a autora, a natural expressão da etnicidade daqueles grupos.

BIENAIIS DO MERCOSUL EM CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: ESTADO E MERCADO NUM PROJETO ALINHADO

Bianca Knaak, PPG-HIST/ UFRGS e FAV/UFG

bknaak@hotmail.com

A comunicação pretendida é parte de minha tese doutoral sobre as relações de Estado e mercado na construção de identidades culturais a partir da experiência das Bienais do Mercosul. O desenvolvimento de políticas públicas para as artes, com guinadas e tropeços de mercados e estados, vem sendo norteado pelo amadurecimento de um sentimento comum e internacional de que o “espaço cultural” é um território importante de disputa de poder e hegemonia. Assim sendo, neste texto, estaremos tratando também de mecanismos sociais engendrados para a construção de realidades identitárias, onde a afirmação corrente de que o poder faz cultura e que a cultura estabelece o poder atualiza uma questão recorrente, e há

muito preocupante, para a qual os circuitos culturais e artísticos, nos moldes da Bienal de Artes Visuais do Mercosul, configuram cenários privilegiados.

CIENCIA, IDEOLOGIA E HISTORIA: FOUCAULT E VEYNE ENTRE O DISCURSO E A PRÁTICA NAS RELAÇÕES HISTÓRICAS

Carlos Roberto M. B. Abdalla, UFG
arqueologia.olhar@gmail.com

O presente trabalho tem por objetivo reunir alguns aspectos políticos e sociais que envolviam a tematização da medicina no pensamento de Foucault, a formação dos discursos que cercaram o campo do saber clínico e que perpassavam por estruturas e relações com instituições políticas e econômicas.

Foucault mostra onde as relações históricas que envolvem ciência e ideologia, podem obscurecer os objetos científicos, e onde Paul Veyne vê a ideologia como um sistema “harmônico” de dissimulação.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE VIDA EM HISTÓRIA DA BIOLOGIA

Eduardo Sugizaki, UFG e UCG
sugizaki@terra.com.br

Pretende-se apresentar uma reflexão sobre a história da biologia tal como a entende François Jacob em *A lógica da vida. Uma história da hereditariedade*. Cabe perguntar as razões pelas quais esse autor considera o conceito de vida tão fundamental para o nascimento da biologia e constrói uma história do desenvolvimento da biologia no século XX como abandono silencioso desse conceito. A questão parece interessante porque Georges Canguilhem, em relação a esse tema, parece ter outra compreensão do desenvolvimento da biologia no século XX. Em última análise, o conceito de vida, tal como a compreendeu uma época que deu nascimento à biologia, ainda é o operador da unidade e da especificidade dessa região do saber? Embora essa pergunta não possa ser respondida a contento, pretende-se apresentar elementos que, ao menos, demonstrem sua relevância.

ESPAÇO DO SABER HISTÓRICO SOB O OLHAR DA ARQUEOLOGIA

Elisa Di Garcia, UFG
colominha@yahoo.com.br

Com o objetivo de pensar a constituição e a transformação do saber sobre a história, esta comunicação buscará apresentar como a arqueologia do saber de Michel Foucault permite situar o espaço deste saber, e perceber a historicidade da própria história e as funções que ela pôde desempenhar. Sendo assim possível, na configuração deste espaço, localizar tanto a possibilidade de emergência das análises que pretendem validar este saber, desde o século XIX, por meio de um estatuto de cientificidade, quanto as mutações do saber histórico na prática e no discurso dos historiadores, no decurso do século XX, com os efeitos que acarretam para a configuração deste campo.

EXTRAVAGÂNCIAS NA PEDAGOGIA DO SÉCULO XIX

Fernando Vojniak, UFSC
fernandoh0@yahoo.com.br

O século XIX é o momento de grande profusão de teorias no campo da pedagogia. A aclamação pela instrução do povo provocou o aparecimento de uma extensa gama de teses e antíteses no campo da pedagogia. Joseph Jacotot na França, Almeida Garret e Antônio da Costa em Portugal e Augusto Coelho primeiro em Portugal e depois no Brasil. Em Pindorama, além do desembarque do positivismo em vários campos das ciências e da pedagogia, eram apresentadas volumosas abordagens pedagógicas para atender às

necessidades de desenvolvimento da instrução nacional. Neste ensaio, procuramos compreender aquele importante momento que parecia lançar as bases epistemológicas da pedagogia e que, seguramente, ainda hoje povoa as práticas docentes.

MÍDIA E CIÊNCIA: DIVULGAÇÃO E VULGARIZAÇÃO CIENTÍFICAS

Gildesio Bonfim de Oliveira, UFG; Rosana Horio Monteiro, UFG

gilxbonfim@yahoo.com.br; rhorio@gmail.com

O objetivo deste trabalho é perceber e entender a relação entre mídia e ciência, a partir da inserção de fatos e eventos científicos em discursos midiáticos, tendo como "corpus" para análise reportagens sobre o tema, veiculadas no Jornal Nacional (Rede Globo). Assim, entendemos a mídia televisual como uma ponte entre o conhecimento, descobertas, teorias e fatos relacionados à ciência e o público; ou como elo entre academia e comunidade não científica. Nesse aspecto, perguntamos: como a ciência é representada na televisão e como se dá a percepção da ciência no cotidiano? O foco da análise é o discurso midiático, construído a partir da relação entre imagem e texto. Para tanto, tomamos como referencial teórico as idéias de Charaudeau (2006) sobre os dispositivos cênicos da informação midiática.

VERDADE E TEMPO

José Ternes, UFG

joseternes@hotmail.com

Para a Epistemologia Histórica, praticada na França desde as primeiras décadas do século XX, a ciência moderna significou uma revolução profunda na própria natureza do conhecimento: a verdade não é mais um dado *a priori* que caberia representar numa linguagem fiel à ordem do mundo, mas passou a ser função do sujeito cognoscente: “nada é dado, tudo é construído”, vemos em Bachelard. O que significou, também, mudança radical na concepção do tempo, e na função do historiador. O tempo será definido pelo acúmulo das verdades. O historiador muda de estatuto: torna-se juiz. A nova história é uma história julgada.

NA ORDEM DO SABER: A ARTICULAÇÃO ENTRE O CIENTÍFICO E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Josiane dos Santos Lima, UFG

josianereal@hotmail.com

No presente trabalho assumiremos a perspectiva de que os espaços sociais, dentre eles o de produção do saber, são constituídos historicamente e implicam numa existência por meio de práticas discursivas e não-discursivas ao longo do tempo, envolvendo processos de institucionalização e legitimação de alguns discursos, tendo em vista que os enunciados não circulam aleatória e livremente, conforme aponta Foucault em “Arqueologia do Saber” (2004). Dessa forma, propomos tomar como pano de fundo para nossa reflexão a relação existente, na contemporaneidade, entre o discurso da ciência, e sua notória legitimação como produção do saber, e o discurso da divulgação científica, e seu “simples” papel informativo. Assim, buscaremos alcançar, pela análise de textos do cotidiano como o jornalismo científico, uma problematização acerca do papel da ciência e o possível deslocamento do saber científico para a informação científica.

O “ADMIRÁVEL MUNDO NOVO” DOS BIOETICISTAS BRASILEIROS: ENTRE A REDENÇÃO E A CATÁSTROFE

Laura de Oliveira, UFG

historilaura@yahoo.com.br

Nas últimas décadas, o desenvolvimento das chamadas biotecnologias tem sido visto, ao mesmo tempo, como promessa de vitória da ciência sobre a perecibilidade do corpo e como indício de que o domínio técnico provocará a desumanização do homem. Na literatura e nas

artes, cientistas são representados como maus ou loucos e seus laboratórios, como verdadeiros templos de horrores. Ao mesmo tempo em que os tecno-profetas anunciam um futuro em que a ciência e a técnica conseguirão superar os limites do corpo e solucionar os problemas decorrentes da sua fragilidade, os biocatastrofistas alertam para o desacato à “natureza” e à “dignidade” humanas. Embalada por esse sentimento, a Bioética surgiu legitimada pela memória recente do holocausto, quando cientistas alemães, amparados pelo regime nazista, teriam realizado experimentações iníquas com os judeus. A frieza de Eichmann no seu julgamento seria, para esses biocatastrofistas do fim do século, o maior indício do caráter inumano que a ciência estava tomando. É objetivo deste trabalho avaliar o tratamento dado à ciência no discurso dos bioeticistas brasileiros no final do século XX, percebendo a maneira como a promessa redentora da ciência é considerada frente à catástrofe humana que a Bioética anuncia. Pretende-se apresentar essa discussão à luz da obra ficcional de Aldous Huxley, o “Admirável Mundo Novo”, de 1932.

SABER POPULAR *VERSUS* SABER CIENTÍFICO NO PERÍODO EPIDÊMICO DE GRIPE ESPANHOLA DE 1918.

Leandro Carvalho Damacena Neto, UEG e UnUCSEH
lcdneto@yahoo.com.br

No presente trabalho irei analisar o período epidêmico de gripe espanhola, no ano de 1918. A medicina científica comemorava as grandes descobertas da bacteriologia, a sociedade médica e parte da população tinham no seu imaginário que a humanidade estava livre das doenças que as acometiam desde tempos remotos, além disto tinham à crença que a medicina seria a “salvadora da humanidade”. A moléstia de influenza espanhola veio juntamente com a população questionar essa crença na medicina científica, pois o saber médico oficial se tornou impotente para solucionar a crise sanitária que o desafiava. Pretendo analisar a “medicina popular”, ou seja, as práticas e os saberes populares no período epidêmico de 1918, sendo que, grande parte da comunidade médica clínica, rejeitava as práticas da medicina popular, considerando os curandeiros e benzedeiros como charlatães que se aproveitavam do leigo para obter vantagens pecuniárias, vendendo remédios ineficazes e placebos. Irei dar ênfase na “tensão” entre o saber médico-oficial e o saber popular. Antes mesmo de se referir ao saber popular como fala impotente diante do discurso competente, manifesto pela medicina científica, temos de perceber que a população mostrou-se cética diante de um discurso que proclamava o “fim das enfermidades”. A sociedade buscou força, crença e esperança na memória popular, ou seja, na tradição, tão desacreditada pela modernização em curso naquele período. As práticas populares de cura, permitiram que a população acreditasse de novo na possibilidade de sobrevivência, foram elas, que constituíram o imaginário de grande parte da população sobrevivente do flagelo de gripe espanhola no ano de 1918.

UM OLHAR SOBRE A EPISTEMOGRAFIA

Leonardo de Melo Rodrigues, UFG
leonardorodriguesbrasil@yahoo.com.br

Esta comunicação quer tratar de alguns pressupostos que incentivam uma práxis específica de produção científica: a epistemologia histórica. Além de trabalhar alguns pontos restritos de tal disciplina, o conceito, o acontecimento, o erro e a recorrência, que são suas linhas fundamentais para a produção da racionalidade científica; gostaríamos também de trabalhar esta disciplina no interior de um campo mais extenso: a epistemografia. Visto que a epistemologia, então, é um nível de tal campo, mostraremos como a arqueologia, no sentido foucaultiano, conecta-se com a epistemologia neste campo de pesquisas. A questão já não é mais os critérios de cientificidade, mas a constituição de campos de saber. É a hipótese que

exploraremos é a de que a força deste projeto epistemográfico reside na efetividade do projeto da história, da história-efetiva.

ANTES DO DEPOIS: OS LIMITES DA HISTÓRIA DA ARTE DIANTE DOS RECENTES PROGNÓSTICOS SOBRE A MORTE DA ARTE

Luís Edegar de Oliveira Costa, UFG
luisedegar@gmail.com

No pensamento sobre a produção artística no final dos anos 1960 e nos anos 1970, prognósticos sobre a morte da arte reaparecem com diferentes ênfases e posicionamentos. Os que analisam esse fato como algo positivo – Arthur Danto e Hans Belting – acreditam que ele impõe às análises sobre as imagens da arte uma abertura. E essa abertura seria sintomática de que a história da arte passaria a ter de responder a outras exigências para as quais a sua constituição enquanto disciplina é um obstáculo. Nesse contexto, a comunicação vai tratar dos limites da história da arte a partir de imagens da arte contemporânea e de posições teóricas que enfocam a definição do estatuto dessa disciplina e da constituição de sua escrita.

MARIA BEATRIZ NASCIMENTO: NOVAS REPRESENTAÇÕES NEGRAS DENTRO DO FAZER HISTORIOGRÁFICO (1974 - 1990)

Maria Gorete de Sousa Araújo, UFG
mgdsaraujo@gmail.com

Esta apresentação se trata do resultado parcial de uma monografia de final de curso intitulada “Maria Beatriz Nascimento: Novas representações negras dentro do fazer historiográfico (1974 - 1990)”. Nesta monografia analisei a obra da historiadora e ativista do movimento negro Beatriz Nascimento. Ela foi escolhida por mim como objeto de meus estudos, por ser negra, mulher e historiadora e ativista. Características que a tornam uma intelectual militante objeto de minha pesquisa. Após análise das fontes percebi que Nascimento motivada pela procura de uma representação humanizada da(o) negra(o) no Brasil, recorre aos signos que sua corporeidade lhe acarreta. Assume seu local de fala, assim sendo, desenvolveu um novo método historiográfico no qual a subjetividade é utilizada para mediar o conhecimento.

A HISTÓRIA E O ARQUIVO

Marlon Salomon, UFG
marlonsalomon@gmail.com

Em nossa contemporaneidade, o arquivo se tornou objeto de uma dupla desvalorização. De um lado, as políticas culturais, ao atualizarem a velha condenação platônica da escrita como letra morta, definiram que a história de que se trata de promover em seu interior é aquela das paredes-símbolo, identificadas como o testemunho vivo do passado da comunidade. De outro, através da incorporação no campo historiográfico da dicotomia entre prática e teoria da história, identificou-se o trabalho de arquivo ao circuito cego e irrefletido da repetição do mesmo, sob a promessa de liberação por meio das luzes da ciência régia. O arquivo não é apenas o instrumento de inteligência da história. É o próprio dispositivo que permite à história a repetição da diferença. Nossa comunicação é o esboço de algumas idéias em torno deste dispositivo e desta dupla desvalorização.

AMBIENTALISMO, TURISMO E PATRIMÔNIO: INTER-RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO IMAGÉTICO DISCURSIVA DO CERRADO

Natália Rodrigues de Souza, UFG
arima_nrs@hotmail.com

Esta comunicação objetiva discutir como o espaço sócio-natural conhecido como cerrado é reconhecido imagético e discursivamente até dado momento histórico como sertão, um espaço

que precisa ser transformado para ser produtivo e passa a ser reconstruído como cerrado. Entendendo-se cerrado como um espaço que ganha visibilidade a partir de uma nova rede discursiva, da qual destacamos estes três discursos: ambientalismo, turismo e patrimônio que o apresenta como espaço dotado de potencialidades e particularidades.

MULHERES SOB O ESTIGMA E SOB AS PRÁTICAS AMBIGÜAS DOS MÉDICOS HIGIENISTAS

Priscila de Lima Alonso, UFG e USP

prilonso@terra.com.br

Através do presente estudo, pretendemos analisar a influência dos médicos higienistas na construção do papel e da identidade da mulher. Enfocaremos o período instaurado com o advento do Império até os primórdios da República brasileira, no qual cidades como Rio de Janeiro e São Paulo passavam por momentos de grande urbanização e crescimento populacional. Nesse contexto, a atuação dos médicos-higienistas foi fundamental para auxiliar a promover a instauração de uma nova ordem (sociedade moderna). Buscava-se a construção do que seria a mulher ideal. Através dos ditames dos médicos-higienistas, procurava-se banir socialmente aquelas mulheres que não apresentavam comportamentos aceitáveis. Nossa ênfase recairá sobre mulheres supostamente loucas, que eram internadas em hospícios, e sobre mães solteiras que abandonavam seus filhos na Roda dos Expostos.

O IMPERATIVO DE RESPONSABILIDADE E ÉTICA NA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA: O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

Rafael Gonçalves Borges, UFG

rafagb.jc@gmail.com

O presente trabalho compreende um dos pontos de destaque de uma pesquisa mais ampla a respeito do estabelecimento na contemporaneidade de um discurso em favor da preservação ambiental. A idéia é não somente de inserir tal discurso em um contexto mais amplo a respeito do surgimento de um imperativo de responsabilidade e ética na ciência, mas também de identificar as especificidades da constituição de um campo de saber, qual seja, o das ciências ambientais. Para tanto, importa-nos identificar o nascimento de conceitos e métodos próprios do respectivo campo, cuidando em evidenciar as particularidades de sua constituição em um cenário mais amplo.

FIGURAÇÕES DE SABERES. DAS IMAGENS MÉDICAS ÀS IMAGENS ARTÍSTICAS

Rosana Horio Monteiro, UFG

rhorio@gmail.com

A proposta desse trabalho é apresentar algumas reflexões iniciais de uma pesquisa que investiga a relação entre arte e ciência a partir do estudo de produções artísticas que se apropriam de imagens médicas. Como as imagens de raios X, de endoscopia, ultra-som, tomografias, entre outras, interagem com uma rede de interpretações culturais e são reutilizadas fora do contexto médico? Como o conhecimento científico é representado nas artes? Como os conceitos de público e privado são (re)significados? Como os corpos cientificamente medicalizados são (re)construídos no contexto artístico? O foco desse trabalho é, sobretudo, o entendimento da imagem médica enquanto artefato cultural.

GILBERT SIMONDON E O HUMANISMO TÉCNICO

Sávio Laterce, UFRJ

saviolaterce@ig.com.br

A comunicação a ser apresentada tratará da renovação do humanismo trazida pela idéia de individuação técnica de Gilbert Simondon, filósofo francês da segunda metade do século XX.

Esse novo humanismo, que mistura potencialidades criativas do homem e saber histórico dos objetos (chamado pelo autor de cultura técnica), é o que estou nomeando aqui como humanismo técnico.

ESPAÇOS DO SABER: O CASO DO SEU MECO.

Suely Lima de Assis Pinto, UFG/CAJ

suelylimajatai@yahoo.com.br

A investigação deste tema compreendeu como se processa o aprendizado de uma pessoa, que *a priori*, possuía um conhecimento científico apreendido fora da escola. Analisou-se por meio de um estudo de caso – história oral de vida, de Binômio da Costa Lima (“Seu Meco”) – a singularidade de seu saber diversificado e científico e as experiências vivenciadas no seu cotidiano que influenciaram a apreensão deste saber. Desvelar como este conhecimento se efetivou constitui o maior interesse deste estudo. Sua história de vida proporcionou uma retomada de saberes construídos, por meio do ensino informal, e principalmente, dos caminhos para uma educação carregada de significados. Os seres humanos produzem conhecimento ao longo de sua historicidade, e este conhecimento será repassado na sua dimensão social e cultural, nos diferentes processos de socialização constituindo, assim, a sua educação.

UM CAMINHO PARA SE ESTUDAR AS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA COMO DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA MEDICINA (1890-1940)

Vanda Arantes do Vale, UFJF e UFMG

vandaval@acessa.com

Este texto tem como objetivo expor o instrumental teórico, condutor da pesquisa - Pedro Nava, cronista de uma época: medicina e sociedade brasileira (1890-1940). Pedro Nava (1903-1984) foi médico no período de 1927 a 1983. Aposentando-se do serviço público em 1969 iniciou a redação de sua obra literária, seis livros de Memórias, publicados no período de 1972 a 1983. Interessa-nos nas Memórias e escritos naveanos os aspectos relacionados com a Medicina. Os textos de Eric Hobsbawm - *Sobre História*, Ludwick Fleck - *A organização e o desenvolvimento de um fato científico* e Pierre Bourdieu - *Os usos sociais da ciência, por uma sociologia clínica do campo científico* - são fundamentais na construção de um caminho teórico onde se busca desvelar as relações medicina e sociedade brasileira no período de 1890-1940.

FOUCAULT, O CORPO E A FILOSOFIA

Vinicius Vieira Brito, UFG

brito.vini@gmail.com

Nesta comunicação, mostrarei como o conceito de corpo, em Michel Foucault, se relaciona com o campo filosófico francês da primeira metade do século XX. Para isso, proponho o seguinte recorte: 1- analisarei o corpo na obra de Maurice Merleau-Ponty, partindo da discussão que este promove retornando à Descartes e se aproximando das discussões promovidas pela psicologia e pela biologia, que o permitem ‘enraizar o homem no mundo’ e conceber o corpo organismo como algo ligado ao mundo por uma rede de significações originárias; 2- tratarei do corpo na obra de Georges Canguilhem, que constrói sua filosofia a partir das relações estabelecidas entre o vivente, entendido como uma vida que possui corporeidade, e o meio, que obriga os viventes à utilizarem suas capacidades normativas e inventarem novas formas de vida; 3- em seguida, mostrarei como Foucault, em sua obra, se opôs à maneira como Merleau-Ponty pensou o corpo e como a obra de Canguilhem, com sua filosofia do erro e da vida, foi importante para as reflexões desenvolvidas por Foucault.

HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA E AFRO-AMERICANA SIMPÓSIO TEMÁTICO XVII

Coordenador

Léo Carrer Nogueira (UEG/UFG),
Josilene Silva Campos (UEG/UFG)
Eliesse Scaramal (UEG)

ÁFRICAS: OLHARES E SILÊNCIOS NO IMAGINÁRIO COLETIVO

Adriana Hassin, UFRJ
ahassin@gmail.com

Na contramão dos conhecimentos de pluralidade cultural africana, o imaginário social aponta à conservação de um olhar simplificador do continente. Este trabalho visa debater os mecanismos de construção do imaginário coletivo da África, investigando os olhares que ao continente são destinados. Uma abordagem a partir de fontes orais revela que, via meios de comunicação de massa, um imaginário de em miséria, desordem e guerra civil, para além das epidemias que dizimam a população, é consolidado. Dos poucos olhares que fogem à vitimização continental, imagens o enunciam de modo exótico ou folclórico. Neste sentido, a mídia funda olhares que, na construção da identidade africana, mantém-se cegos às outras Áfricas. Propomos o resgate dos circuitos de produção destes olhares para que o imaginário da África seja reinventado, dando existência às Áfricas cujas vozes, caladas, demandam estudos e novos olhares.

VIDA E MORTE DE SENHORAS AFRICANAS NO SÉCULO XIX

Andrea Luiza Bonfim Santos, UFF
andrea.liberdade@gmail.com

Esta comunicação pretende analisar os vestígios e indícios referentes às africanas, libertas, que viveram no Recife oitocentista, onde serão discutidas possibilidades sobre suas maneiras de bem viver e bem morrer. Neste percurso será privilegiado o debate em relação às suas disposições testamentárias e redes de convivência, cujos ecos encontram-se registrados em documentação cartorial. A reflexão desenvolvida terá como fio condutor pensar a escravidão a partir dos fragmentos preservados sobre o escravismo desenvolvido por estas ex-escravas na província de Pernambuco. Nesta prática discursiva, haverá o esforço de dar visibilidade ao processo de re-significação de suas vidas, bem como dos que com elas conviveram. Estaremos, dessa maneira, trabalhando com a política do dia-a-dia, com as redes e labirintos do que imaginamos terem sido suas micro-relações cotidianas naqueles tempos do império.

A CUMPLICIDADE DA IGREJA NA IDEOLOGIA ESCRAVISTA NO PERÍODO COLONIAL – 1600-1700

Christie Hellen Tôres de Souza, Universidade Católica Dom Bosco
chris_hellen@hotmail.com

Os portugueses ocuparam as terras litorâneas; eliminaram, escravizaram ou assimilaram as populações nativas do Brasil; impuseram uma economia escravista e latifundiária voltada à produção de mercadorias. O tráfico negreiro forneceu a mão-de-obra necessária à colônia para produzir as matérias-primas. Por três séculos e meio, a produção escravista regeu a sociedade. A Igreja, enquanto instituição de poder, legitima a escravidão, e se torna uma instituição escravista e cínica, aliada e beneficiada pelo regime escravocrata, garantindo o apoio moral as atrocidades que se cometiam contra os negros escravos.

SANTO ANTÔNIO DE GOIÁS - RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA SOB AS MARGENS DAS RELIGIOSIDADES

Daiane Aparecida Tonaco, UFG
daianetonaco@yahoo.com.br

Esta comunicação tem como objetivo proporcionar uma breve reflexão sobre o encobrimento das religiões de matrizes africanas em Santo Antônio de Goiás. Para apreender o encobrimento dessas religiões realiza-se o mapeamento do território do sagrado. Sendo que a organização desse território obedece a uma hierocracia, a qual é representada pela igreja católica, porém esse domínio vem sendo ameaçado por comunidades evangélicas. Portanto, observa-se a presença e o conflito entre ambas, e concomitantemente a marginalização das religiões afro-brasileiras, que por sua vez não aparecem nesse cenário, como acontece com as outras. Contudo, esse trabalho se baseia nos estudos subalternos da perspectiva pós-colonialista, no qual pretende-se cruzar dados dos arquivos administrativos, fontes iconográficas, literárias e, sobretudo fontes orais.

KAYA, A ÁRVORE DA VIDA: O USO DE CANNABIS ENTRE OS RASTAFARIS JAMAICANOS

Danilo Rabelo, CEPAE/CECAB-UFG
rabelodanilo62@yahoo.com.br

Na Jamaica, a partir da década de 1940, os rastafaris passaram a usar a Cannabis Sativa como erva sagrada em seus rituais e no cotidiano. As implicações sociais e identitárias variam da simples transgressão e resistência ao caráter simbólico e religioso propriamente dito. Nessa apresentação vamos analisar como essas práticas e representações ordenam a cultura híbrida dos rastafaris.

PEQUENO COMÉRCIO E ETNICIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO DE VILA RICA, 1720-1800.

Débora Cristina de Gonzaga Camilo, UFOP,
deboracgcamilo@yahoo.com.br

Este trabalho tem por objetivo discutir a formação de um comércio étnico a partir da ação de negras de tabuleiros e vendeiras em Vila Rica nos anos de 1720 a 1800. As mulheres, foco da documentação estudada eram as grandes promotoras do pequeno comércio cotidiano, o qual compreendia corpos e produtos. A herança africana que, na formação da América portuguesa teria se manifestado através de religiosidades, modos de fazer, falar e aqui, comerciar, têm peso importante quando se trata de compreender as formas assumidas pelo pequeno mercado: "transgressões" às leis, festas, ajuntamentos e trocas étnicas. Assim, este trabalho pretende dialogar com as atuais perspectivas dos estudos historiográficos, procurando entender como a existência de um mercado étnico promoveria trocas identitárias e/ou a transposição das mesmas.

CHANGÓ EL GRAN PUTAS DE MANUEL ZAPATA OLIVELLA E A NARRATIVA DA DIÁSPORA AFRICANA

Dernival Venâncio Ramos Junior, CECAB-UFG
dernivaljunior@gmail.com

O escritor Manuel Zapata Olivella (Colômbia, 1920) escreveu ensaios, contos e prosa jornalística. Sua obra de maior, porém, é Changó el gran putas, de 1982. Livro que se apresenta como uma narrativa africana para o tráfico escravo e a resistência negra à escravidão. Os escravos seriam os filhos de Changó exilados por este na América, onde devem lutar pela liberdade. O romance está dividido em cinco partes, cada uma delas está

localizada num lugar no quais africanos e afro-descendentes lutam pela sua liberação e contra a escravidão. Nigéria, Brasil, Colômbia, Jamaica, Haiti, Estados Unidos são cenários da luta dos filhos de xangô durante os quintetos anos de escravidão atlântica. O livro quer inscrever e autorizar, assim, dentro arquivo cultural caribenho uma Narrativa africana/afro-descendente para a diáspora africana, numa afronta às Narrativas Imperiais, autorizando uma Narrativa negra da diáspora.

OS PIONEIROS, A FORMAÇÃO DO CORPO SOCIAL E A CONDIÇÃO DO ESCRAVO NA REGIÃO DO SUDOESTE GOIANO, UM OLHAR PARA AS HERANÇAS DA CULTURA NEGRA NA FORMAÇÃO DA MENTALIDADE DA SOCIEDADE JATAIENSE

Diovana Ferreira de Oliveira, UFG - Campus Jataí
diovana18@hotmail.com

Apesar de poucas, as pesquisas realizadas em relação à História de Jataí estão basicamente voltadas a História dos Pioneiros. Nós, no entanto, buscamos em tais trabalhos a influência e a contribuição dos negros que aqui viveram e fizeram parte da construção da Micro-história jataiense. Homens, mulheres e crianças que viveram na condição de cativos, continuam vivos na memória e na mentalidade da nossa população. As antigas brincadeiras, cantigas de roda, os doces e quitandas, a concepção da vida pelas mãos das parteiras ou ainda, a lida com o gado mantém vivo o espírito de força e comodidade que o negro representou na formação da vida social jataiense.

AS ATIVIDADES COMERCIAIS EXERCIDAS PELOS ESCRAVOS NA COMARCA DO RIO DAS MORTES NO PERÍODO DE 1808 A 1821 QUE POSSIBILITARAM A COMPRA E A COARTAÇÃO DE SUA LIBERDADE

Elisa Vignolo Silva, UFOP
elivig@hotmail.com

Visto que um cativo geralmente não recebe remuneração pelos serviços prestados, estudar a origem de sua renda, possibilitará o entendimento das estratégias de resistência empregadas pelos africanos e afro-descendentes escravizados na Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais. A presente comunicação tem como proposta apresentar o estudo da origem da renda utilizada pelos escravos para a compra de sua liberdade na comarca em questão. A nossa hipótese gira em torno da existencia de uma economia interna dos escravos que inclui a "brecha camponesa". Estudar as estratégias de resistência dos escravos através de uma economia interna à escravidão, torna o tema socialmente relevante, uma vez que deixaremos de lado a idéia, recorrente na historiografia, do escravo vitimizado e passaremos a entendê-lo como um sujeito capaz de elaborar estratégias para a superação da escravidão.

CANDOMBLÉ NAGÔ DE SALVADOR: IDENTIDADE E TERRITÓRIO NO OITOCENTOS

Érika do Nascimento Pinheiro Mendes, UERJ/FPP
erika_npm@yahoo.com.br

O século XIX foi o momento de uma redefinição étnica em Salvador. Em função das guerras em solo africano, que levaram à desagregação do Império Iorubá, muitos nagôs (iorubás) foram feitos cativos e enviados para o Brasil. Além de guerrear eles viveram, na paz, as tradições de seu povo, a filiação étnica, a formação familiar, política, religiosa etc. Uma vez no Novo Mundo, a identidade étnica continuaria a ser um guia de organização social e, principalmente, religiosa. A constituição do candomblé nagô, no século XIX, pode ser entendida como a formação de um território-religioso que amalgamou os iorubás provenientes de diferentes localidades da Iorubalândia. Assim como significou, também, a

reterritorialização desses grupos na diáspora. Foi a fundação de um território especificamente negro no espaço urbano de Salvador.

A MISTIÇAGEM COMO PROJETO IDENTITÁRIO PARA A AMÉRICA LATINA EM JOSÉ DE VASCONCELOS

Gustavo de Oliveira Araújo, UFG
gustavooliveiraaraujo@hotmail.com

Vimos, na última década do século passado, o aparecimento de muitas interpretações, questionamentos e teorias a cerca do continente latino-americano e sobre quem são os latino-americanos. Com isso, tem-se uma revisão conceitual para estabelecer critérios da diferença latino-americana e para formular um sentido “homogêneo” à nossa cultura. Assim, o conceito de mestiçagem torna-se princípio de “reivindicação da identidade cultural americana” e, conseqüentemente, ocorre “um reexame dos valores da cultura européia... além de uma certa valorização das culturas indígenas”. Junto com a idéia de mestiçagem está a de integracionismo entre as nações e a valorização do outro, reconhecendo, assim a alteridade do continente mestiço. Essa comunicação tem como objetivo analisar as idéias do mexicano José Vasconcelos Calderón acerca da mestiçagem no continente latino-americano.

EM MEIO AOS DEBATES SOBRE A QUESTÃO RACIAL: UMA ABORDAGEM EM RELAÇÃO A CONCEITOS COMO IDENTIDADE, RAÇA, ETNIA E RACISMO

Heloisa de Souza Oliveira, UFU
hs100_oliveira@yahoo.com.br

Ao se tratar de questões relativas ao negro, encontramos durante as leituras conceitos que podem ser considerados palavras-chaves para a discussão das relações sociais entre negros e brancos tais como raça, identidade, etnia e racismo. Tais conceitos têm a ver com fatores que levaram a formação de uma identidade brasileira, e mais tarde levaram os movimentos sociais a se organizarem. O trabalho tem como intuito perceber como esses conceitos se tornaram mais dinâmicos e polissêmicos diante das transformações que estão ocorrendo atualmente.

A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Isabella Pereira Pimentel, UFG
isabellapimentel86@gmail.com

A nossa comunicação tem por finalidade apresentar o projeto: "Construir um conto para desconstruir a discriminação" – O uso da história e da literatura no ensino fundamental". Este projeto tem por objetivo analisar – a partir da Lei 10.639/2003, que determinou a obrigatoriedade do ensino de História da África e da cultura Afro-Brasileira - a relação entre História e Literatura a partir da construção e utilização de um conto: Zumib. O universo fantasioso e colorido de uma criança direcionado para o público infanto-juvenil do ensino fundamental é desenvolvido como uma estratégia didática para desconstruir o preconceito, a discriminação e o racismo. Para além disso, a interdisciplinaridade como objeto de estudo e ensino na formação do adolescente é o pressuposto básico da aprendizagem da leitura e de múltiplas visões de mundo.

A DESAFRICANIZAÇÃO DA ÁFRICA: O OUTRO PÉ DA SEREIA DE MIA COUTO

Josilene Silva Campos, CieAA-UEG/UEG
josiueg@yahoo.com.br

A presente comunicação tem como objetivo apresentar a idéia de desaffricanização presente na obra “O Outro Pé da Sereia”, do escritor moçambicano Mia Couto. Esse conceito presente na referida obra perpassa pelas discussões sobre a exotização, essencialização, folclorização e vitimização com que o continente africano e suas múltiplas culturas e povos continuam

sujeitos, não somente do olhar ocidental, mas dos próprios intelectuais nativos que se debruçam sobre questões referentes a esse continente, muitas vezes usando discursos nativistas e xenófobos. Dessa forma, o autor propõe uma nova leitura que se afaste do discurso Ocidentalista, pan africanista e da negritude, em busca da auto afirmação, autonomia e consolidação das nações africanas em especial de Moçambique.

SINCRETISMO PARA RECONCILIAR OU BURLAR, FACILITAR OU ENGANAR

Josué Tomasini Castro UNB

josué@portoweb.com.br

Em antropologia, desde pelo menos Herskovits, os processos sincréticos têm sido analisados de várias formas, sob diferentes perspectivas teóricas. Desde o culturalismo funcional do tipo "esconder da perseguição" que percebia o sincretismo como um produto de estratégias - conscientes ou não - para reconciliar (mesmo que tacitamente) universos simbólicos diametralmente opostos, passando pelo viés marxista do tipo "eterno confronto" que percebia o fenômeno como um eterno processo dialético de subversão, jogo estratégico e burlo ao poder dominante. O trabalho é uma tentativa de problematizar o termo a partir da temática da religião, isto firmado em experiências de campo na África e leituras sobre o Brasil.

A CONSTRUÇÃO DO MITO DIABÓLICO DE EXU

Léo Carrer Nogueira, CieAA-UEG/UFG

leocarrer2@yahoo.com.br

A figura de Exu presente no imaginário popular atual é permeada por um profundo negativismo. É constante sua associação ao diabo cristão, colocando aqueles que lhe prestam culto nas religiões Afro-Brasileiras como adoradores do demônio. No Brasil o orixá Exu vai passar por um longo processo de ressignificação, onde assumirá diferentes formas nos diversos tipos de cultos praticados pelas religiões Afro-Brasileiras, especialmente no Candomblé e na Umbanda. Esse trabalho, portanto, tem o objetivo de analisar este longo processo de ressignificação sofrida pelo Orixá Exu, sua associação com o Demônio e como esta associação é mantida viva ainda hoje.

PENSANDO A ESCRAVIDÃO NA OBRA LITERÁRIA “O MULATO”

Leudjane Michelle Viegas Diniz, Universidade Federal de Uberlândia

leudmichelle@yahoo.br

Essa comunicação tem por objetivo levantar algumas problemáticas sobre a relação entre literatura oitocentista e escravidão. Temos como foco em nossa análise, da obra “O mulato” do maranhense Aluísio Azevedo que escreve em fins do XIX, num momento em que a sociedade brasileira vinha questionando instituições como a monarquia e a escravidão, tidas como empecilho para que o Brasil se tornasse civilizado. Reforçando e de certa forma legitimando essas idéias, o pensamento científico, era fortalecido pelas recém chegadas idéias positivistas e evolucionistas, que influenciavam também a escrita literária, esse era o caso de obras naturalistas como “O mulato”. Desse modo, abordaremos representações da escravidão construídas em fins do século XIX, por “intelectuais” como Aluísio Azevedo que utilizavam a linguagem literária como forma de crítica social.

A CULTURA NEGRA PRESENTE NA CIDADE DE GOIÁS

Marcos Vinicius Campelo Junior, UEG

campelo12@hotmail.com

Na antiga Vila Boa de Goyaz era erguida pelos negros a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em 1733. Concomitante com a Igreja dos Pretos havia a Irmandade dos Pretos. A igreja ficou servindo aos fiéis e era nesse ambiente que acontecia várias manifestações

culturais negras, como danças, cantoria, e confraternizações pertinentes. Estas manifestações aconteciam na festa de louvação a virgem do Rosário. Nesse momento em que os rituais africanos se exibiam na porta da velha igreja sob os sons de atabaques que saudavam a santa, os frades dominicanos em conjunto com os brancos da elite local se sentiram incomodados com o movimento da irmandade e a Igreja dos Pretos e demoliram-na para a construção de outra. Essa pesquisa tem por objetivo mostrar o traço mais expressivo da contribuição da cultura negra na cidade de Goiás.

CULTURA JEJE NA DIÁSPORA: MARANHÃO E JAMAICA

Maristane de Sousa Rosa, Universidade Estadual do Maranhão
maristanerosa@hotmail.com

A diáspora africana em muito contribui para a formação das manifestações artísticas no Brasil, especialmente no Maranhão, nele constituindo uma das mais importantes sociedades pluriétnicas do mundo e um dos maiores berços culturais transatlântico. Os povos da Costa da Mina trouxeram instrumentos musicais, coreografias rítmicas, a metalurgia, o conhecimento arquitetônico para a construção das igrejas e dos casarões de pedra e cal em São Luis. Essa pesquisa utiliza narrativas de J. Lorand Matory, Peter Burke, Eric Hobsbawm, para inserir a dinâmica da cultura jeje que atravessou o Atlântico em meados do século XVII consolidando elementos musicais de resistência negra na Jamaica e reafirmação de identidade no Maranhão.

A DINÂMICA DE CONSTRUÇÃO E (DES)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO DO CEDRO POR MEIO DA IDÉIA DE MESTIÇAGEM.

Murilo Borges Silva, UEG - Quirinópolis
muriloborges.historia@gmail.com

Esta pesquisa objetiva uma reflexão acerca da identidade quilombola em Goiás, revisando a historiografia tradicional, que por vezes exclui o negro do processo de construção da sociedade. Para fundamentar este estudo tem-se como referência as obras de José Martiniano Silva, Mary Baiocchi, Clóvis Moura, Kabengele Munanga, Roberto Cardoso de Oliveira, entre outros. Intenta-se aplicar os pressupostos da étno-história, utilizando o método etnográfico, contrapondo identidade étnica e mestiçagem. Portanto estão sendo realizadas pesquisas na comunidade remanescente de quilombo do Cedro, no município de Mineiros, as quais são fundamentais no processo dialético da mestiçagem como alteração da identidade étnica local, tendo em vista as categorias de tempo e de espaço que são estratégias para se compreender como e de que forma se construiu e desconstruiu a identidade étnica na comunidade. Palavras chaves: quilombo, identidade étnica e mestiçagem.

EM BUSCA DA NAÇÃO: INTELLECTUAIS, IDENTIDADE E MEMÓRIA EM A GERAÇÃO DA UTOPIA DE PEPETELA

Neilson Silva Mendes, UEG
neilson.mendes@gmail.com

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a relação entre história e literatura. Postula-se aqui a exploração do problema da identidade nacional angolana; o documento usado é o romance A Geração da Utopia de Pepetela, de 1994. O ponto de partida é a idéia de Anderson de que os romances enquanto narrativas são de fundamental importância para a construção das identidades nacionais. Eles narram experiências importantes do ponto de vista social de modo a compartilhar tais experiências com um universo de leitores que "são" de concidadãos do autor e do narrador - e imaginativamente dos personagens. E é isso que está em questão no Estudo da obra de Pepetela, ou seja, como esse autor através de sua literatura aponta a construção da nação angolana.

SÚCIA: RECRIAÇÃO DE REFERÊNCIAS IDENTITÁRIAS AFRICANAS, EM NATIVIDADE, TO.

Noeci Carvalho Messias, UFG
noecicarvalho@yahoo.com.br

No cenário da pequena cidade de Natividade, os moradores locais participam o ano inteiro de celebrações, festas e folguedos que simbolizam espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, entretenimento e da vida cotidiana. A proposta do presente trabalho é refletir o importante papel desempenhado pela dança súcia dentro daquele contexto e do processo de reconstrução das identidades negras no estado do Tocantins, uma vez que essa dança integra muitos dos espaços festivos na referida cidade. A súcia é uma dança identificada pelos seus dançarinos e dançarinas como sendo de origem africana que no contexto da realidade tocantinense tem sido ressignificada, historicamente, num processo tenso de continuidade e recriação de referências identitárias africanas.

FAZENDA BABILÔNIA: VISÃO SIMBÓLICA DA ESCRAVIDÃO

Núbia Graciano Salerno, UCG
historiadora_go@hotmail.com

Essa comunicação tem como objetivo discutir a influência da cultura africana na fazenda Babilônia, antigo Engenho de São Joaquim, do final do século XVIII, localizada na cidade de Pirenópolis. Pretende-se ressaltar a concepção de escravidão dos visitantes da Fazenda Babilônia relativa aos ícones escravistas, presentes no interior dessa fazenda. A partir da realização de entrevistas orais, percebemos a influência da Historiografia Tradicional Escravista, no processo de pré-visitação. Observa-se, que o visitante após conhecer o local, passa a ter outra representação social da imagem do negro, do sincretismo religioso e das demais manifestações culturais que envolvem o processo escravista brasileiro.

AS DIFICULDADES DO PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO EM ANGOLA.

Rodrigo de Souza Pain, UFRRJ
rodrigo_pain@ig.com.br

O trabalho pretende apontar os novos caminhos desenvolvidos pela sociedade civil angolana após a passagem da Primeira República, inspirada dos ideais marxistas e leninistas de Partido Único centralizador e economia planificada, para a Segunda República, já ligada à economia de mercado, com sistema multipartidário. Assim, o trabalho pretende explicitar as adversidades advindas das diversas realidades sociais, políticas e culturais do espaço territorial angolano resultante do processo de colonização, para a formação e consolidação da democracia e da sociedade civil em Angola. Para isso foi utilizada uma revisão da bibliografia atualizada sobre o tema e entrevistas em Luanda, concluindo-se que o poder político e administrativo angolano é muito centralizador e inibe a participação da sociedade civil em políticas públicas.

REFLEXÕES SOBRE A CULTURA AFRICANA E AFRO-AMERICANA: DIFERENÇA E HIBRIDISMO

Suely de Oliveira Santos, SEE-GO
suely_san@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo analisar as transformações da cultura africana no mundo Atlântico. Percebe-se que desde a diáspora africana nas Américas, houve a negação da identidade do afro-descendente no sentido de descaracterizar sua cultura. Ademais, faz-se necessária a desconstrução de "preconceitos" que perpassam os longos séculos de opressão e escravidão. Enfim, há de se ampliar as discussões acerca dessa temática, uma vez que, a perda

da cultura africana na travessia transatlântica assinala que a estrutura social africana foi completamente desagregada pela escravização e a migração.

REMANESCENTE QUILOMBOLA: SUJEITO E INTERESSE POLÍTICO.

Sueny Diana Oliveira de Souza, Universidade Federal do Pará

suenyhist@gmail.com

As fugas foram adotadas pelos escravos como prática de resistência, a partir das quais os fugitivos se estruturaram no interior das matas em quilombos e estabeleceram ali verdadeiras organizações políticas e sociais, mantidas ainda hoje por seus descendentes. O presente trabalho tem como foco de estudo as Comunidades Remanescentes Quilombolas de Paca e Aningal, localizadas no município de Viseu-PA, e tem o intuito de discutir a organização política dessas Comunidades Remanescentes Quilombolas, tais como as relações estabelecidas entre estas e a sociedade envolvente, enfatizando o sentido do ser quilombola e a importância política em se auto-definirem como tais. Palavras-Chaves: Remanescentes - Quilombolas – Política

HISTÓRIA E MÚSICA: MEMÓRIA E IDENTIDADES EM DEBATE SIMPÓSIO TEMÁTICO XVIII

Coordenadores

Maria Amélia Garcia de Alencar (UFG)

Sebastião Rios (UFG)

DIALOGISMO E POLIFONIA NA MÚSICA POPULAR: APROPRIAÇÕES E REAPROPRIAÇÕES DE SENTIDOS

Adalberto Paranhos, UFU

akparanhos@triang.com.br

Ao tomar como ponto de partida as contribuições de Mikhail Bakhtin, eu me proponho, neste trabalho, incursionar por um estudo de caso de dialogismo aplicado à música popular. Primeiramente, examinarei duas composições nas quais o diálogo que vincula uma a outra põe em destaque as marcas lingüísticas que as aproximam. Procurarei mostrar de que forma uma canção romântica teve alguns de seus elementos apropriados e ressignificados ao ser submetida, noutra canção, a um processo de politização inesperada. Em seguida, analisarei como, na regravação de uma mesma composição, esta foi atingida por golpes de irrisão que retiraram a chão sobre o qual ela se assentava, num caso explícito de polifonia e reapropriação de seu sentido. Em meio a isso, se verificará, no dizer de Bakhtin, que “a segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos.”

REPÚBLICA BOSSA NOVA: ENCONTRO ENTRE MÚSICA E POLÍTICA (1956-1960)

Adriana Evaristo Borges, UFG

adryanaborges@yahoo.com.br

Os anos que compreendem 1956-1960 significaram grandes mudanças políticas, econômicas e sócio-culturais para o Brasil. A mudança na perspectiva política alcançada no governo de Juscelino Kubitschek e a ascensão do movimento bossa nova nesse período sugerem um diálogo entre música e política, uma concordância em termos de urbano e modernidade entre a elite artístico-cultural produtora da bossa nova e o governo JK. Embora o conceito de música agregue em si aspectos harmônicos, melódicos e mesmo emocionais, interessa para esta análise o corpo textual, a letra da música. Desta forma, pretendo nesta comunicação, pensar a partir da análise das músicas como o movimento bossa nova traduz em suas letras a política de JK e uma releitura da sociedade traduzida na imagem de um “novo” brasileiro e um “novo” Brasil.

COMO UM MÚSICO, VESTIDO DE BANDIDO, FORTALECE UM PRESIDENTE: O CASO DE LUIZ GONZAGA

Adriana Fernandes, UFG

afernand@terra.com.br

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a superposição de signos encontrada na performance de Luiz Gonzaga nos anos de 1950, quando o músico trajando roupas de vaqueiro nordestino, mas que eram amplamente conhecidas como trajes de cangaceiros, pode promover o nacionalismo de Getúlio Vargas e conseqüentemente reforçar esta ideologia de maneira subliminar. Com o presente trabalho fica clara a inserção política que a música tem e que esse recurso tem sido usado correntemente já há algum tempo e muitas vezes sem que, mesmo os músicos tenham consciência disso. Também é uma forma de mostrar o papel social

exercido pelo músico e sua atividade, desmistificando uma suposta autonomia e independência do fenômeno artístico em relação ao meio social.

AS VÁRIAS FACES DE UMA CANÇÃO: DESLOCAMENTOS E NOVOS SENTIDOS

Aluísio Brandão, UFU

aluisiobrandao@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma discussão acerca dos desdobramentos e diferentes sentidos que uma canção pode assumir a partir das alterações de elementos que compõem sua musicalidade. A aceleração, a desaceleração rítmica da voz e dos instrumentos musicais na execução no cantar e no tocar uma mesma canção enfim, a performance vocal/instrumental, são exemplos de elementos, capazes de transformá-la deslocando-a para outro sentido que se afasta do sentido inicial registrado em sua gravação inaugural. Disso se pode concluir que a canção popular não deve ser analisada como se fosse portadora de um significado único, indiferente ao contexto musical e histórico em que ela ressurgiu. Pelo contrário, ela carrega não só as marcas de seu tempo como, mais especificamente, das apropriações e reapropriações materializadas em gravações posteriores.

HISTÓRIA, MEMÓRIA, ESQUECIMENTO: OS (RES) SENTIMENTOS NAS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA (1964-1985)

Andréa Landell Martinelli, UFU

de_martinelli@yahoo.com.br

Este trabalho teve como objetivo pensar os diversos tipos de sentimento que são geradores do ressentimento (este no plural) surgido no período da Ditadura Militar no Brasil através do exercício da memória e do esquecimento, estimulados pela história oral e pela produção musical desse período que vai de 1964 a 1985. Para tal, escolhi pessoas que vivenciaram de forma diferenciada os “anos de chumbo”, melodiando a memória delas com as canções de Chico Buarque de Holanda, que foi um compositor que conseguiu sintetizar de forma transparente e clara as angústias de seu tempo e de sua geração, silenciada a ferro e fogo pelos militares.

GONZAGUINHA E IVAN LINS: ENTRE ARTE, ENGAJAMENTO E MERCADO

Andrea Maria Vizzotto Alcântara Lopes, UFPR

aloandrea@hotmail.com

A partir dos anos 60, a música popular brasileira esteve no centro de um debate estético-ideológico, que questionava os limites da canção popular e a função do artista na sociedade. Começa a nascer uma canção “engajada” que acreditava na eficácia da palavra poética como transformadora da sociedade. Esse conceito, de “engajamento artístico”, tem sido amplamente utilizado, na historiografia, para definir a produção artística desse período. O que se propõe, aqui, é ampliar a discussão para além desse conceito, observando as contradições e tensões existentes na produção cultural de dois artistas, Ivan Lins e Gonzaguinha, normalmente identificados com o “engajamento”, na década de 70, deslocando o foco de análise para o sujeito criador, o artista, procurando entender como ele constrói sua obra e, ao mesmo tempo, restituir o caráter polissêmico existente nas manifestações culturais.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA JUVENTUDE URBANA NAS COMPOSIÇÕES DE RENATO RUSSO

Cristiano Vinicius de Oliveira Gomes, UFG

viniciuscristiano@ig.com.br

As composições de música e o movimento roqueiro da década de 1980, do qual Renato Russo fez parte, constitui um caminho de análise atencioso às novas perspectivas da pesquisa

histórica. Possibilitar uma análise que dialogue estreitamente com o conceito de identidade cultural, muito caro à Sociologia e à Antropologia, oportuniza a interdisciplinaridade de enfoques de perspectivas científicas afins. Essa pesquisa tem por fim, a título indiciário, analisar e problematizar as letras de Renato Russo, as quais, por sua grande recepção no público jovem, sinalizaram uma projeção identitária no sujeito-histórico pertencente, sobretudo à juventude urbana e às vicissitudes que contextualizaram esse estágio da modernidade, tomando como referência a revisão paradigmática do último quartel do século XX.

HISTORIAS QUE O POVO CANTA

Déborah Teodoro Arantes de Rezende, UCG

deborah.arantes@hotmail.com

O presente artigo tem como objetivo fazer algumas reflexões sobre o conhecimento de história, cantado nas diversas modalidades musicais. A música será aqui analisada como uma excelente ferramenta na construção do Ensino de História, sendo assim a utilizaremos com um precioso recurso didático. Para a discussão deste nos apoiamos dentre outros na leitura da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em especial no de apresentação dos Temas Transversais e Ética. Este artigo faz-se importante, pois, visa acima de tudo, possibilitar um conhecimento mais amplo da diversidade musical que podemos trazer para o dia-a-dia da sala de aula.

ROCK: ROCHA FUNDAMENTAL OU ROCHA DE TROPEÇO?

Dráulio Carvalho Assis UFG – JATAÍ

draulioassis@gmail.com

Neste trabalho pretendemos fazer uma pesquisa a partir dos estudos de Roberto Muggiati sobre a história do rock, principalmente o seu início dos anos 50 à 70. Nosso foco de pesquisa será a força que provem do Rock que segundo o autor surgiu fora do contexto político e militar, porém acabou sendo tragada pelo sistema. Queremos analisar este processo no contexto de criação de um mundo alternativo criado paralelo ao mundo “real” e que acabou entrando em contradições e desvirtuando-se de sua força inicial e para isso nos valeremos também das teorias de Nietzsche sobre o niilismo extremo que pode levar a autodestruição.

PROVOAÇÕES E INOVAÇÕES: A FUNÇÃO EXPRESSIVA DAS TÉCNICAS TROPICALISTAS

Eduardo Kolody Bay UnB

edukolody@gmail.com

Esta comunicação visa discutir aspectos da produção musical tropicalista, relacionando as inovações técnicas surgidas no período em questão com as novas possibilidades expressivas utilizadas pelos integrantes do movimento. Pretende-se focar especialmente o grupo musical Os Mutantes e o maestro Rogério Duprat, buscando compreender as relações dinâmicas que podem ser estabelecidas entre os diversos elementos das canções tropicalistas – como letras, arranjos orquestrais, efeitos de sonoplastia, escolhas de timbres, entonações e performances – com a pluralidade de significados político-culturais representados em suas obras.

CANTANDO A MORTE E A DOR: A MÚSICA CATÁSTROFE EM GOIÁS

Eliézer Cardoso de Oliveira, UEG-Anápolis

ezi@uol.com.br

O objetivo desta comunicação é analisar um gênero musical pouco abordado nos estudos acadêmicos: a música que tem como tema as catástrofes. A pesquisa empírica se baseou na

análise das músicas produzida por uma banda goiana denominada HC-137, cujo nome e a maior parte das letras são inspiradas no Acidente Radioativo (com o Césio-137) ocorrido em Goiânia em 1987. Uma das conclusões da pesquisa é a de que a catástrofe não é apenas negativa, sendo também fonte inspiradora de inspiração estética. Portanto, o trabalho se insere na interconexão entre dois temas bastante importantes para a História cultural: estética e história.

CANTANDO UMA POLÍTICA COTIDIANA: RAUL SEIXAS DIANTE DOS DEBATES EXISTENCIAIS DOS ANOS 1970

Emília Saraiva Nery, UFPI
emilia.nery@gmail.com

Este trabalho estuda a inclusão de Raul Seixas nos grandes temas nacionais dos anos 1970, procurando analisar suas letras de músicas a partir de uma interlocução com a política da época. Para problematizar esse debate, destaca-se, por um lado, um protesto político de possível transformação de modos de existência do cotidiano através do questionamento dos pressupostos básicos da cultura estabelecida tais como: a razão, a ciência e o partido político. Por outro lado, observa-se um projeto político de valorização da espiritualidade, dos segredos místicos, vislumbrados pelas drogas, e o senso de comunidade. A opção política de por a cultura e a diversão em combate é analisada a partir das críticas do compositor às condições de vida da sociedade burguesa, especialmente, a adesão da classe média à uma política de incentivo do consumo de bens duráveis proporcionada pelo período do chamado Milagre Econômico Brasileiro.

O RASQUEADO MATO-GROSSENSE: PRÁTICA IDENTITÁRIA E MEMÓRIA SOCIAL

Flávio Roberto Gomes Benites, UNEMAT
frgbenites@gmail.com

O rasqueado é a “música popular mato-grossense que tem as suas origens nos ritmos que formaram a música popular brasileira” (Zuleica ARRUDA, *O que é o rasqueado cuiabano?* 2007, p. 21). Sob a perspectiva dos Estudos Culturais e foucaultianos, estudaremos o rasqueado (letra e música) como um *arquivo* em que estão imbricadas diversas práticas sociais (danças, festejos, linguajar, culinária...) como manifestação da identidade mato-grossense. Nesse sentido, defendemos a idéia de que o rasqueado é um *acontecimento*, um efeito do hibridismo de diferentes práticas que se interpõem e instituem, via memória social, o *status* da identidade mato-grossense. Como recorte, analisaremos as músicas: “Pixé”, “Rasqueado do pau rodado”, “Pau fincado” e “É bem Mato grosso”.

CAPOEIRA ANGOLA: MÚSICA E IDENTIDADE

Getson Lima Amoras, UFG
getsonlima@bol.com.br

Capoeira Angola é um fenômeno de cultura popular, na qual percebemos que há outra lógica racional reinante responsável por forma diferenciada de se relacionar com o sagrado e o profano, tempo e espaço, saberes e a natureza. Contra-hegemônico. Aspecto este, estudado por meio da memória, da oralidade e da ritualidade. A música é um elemento essencial deste Universo. Exerce função de coordenação e ordenação do ritual. É elemento importante no processo de transmissão e manutenção das representações coletivas. Cantar na roda de capoeira é trazer o passado com toda sua força de ordenação do presente, é relembrar conjuntamente e reafirmar conteúdos para a existência. Assim, este trabalho busca apresentar a função dos cantos na roda: ao mesmo tempo em que sintetizam as representações simbólicas, mantêm e dão ordem ao rito, preservando-o.

1967: A MÚSICA E O SONHO INACABADO-TRANSCENDENTE-PSICODÉLICO DE UMA GERAÇÃO.

João Bosco Ferreira Brandão, UFG

jbfbbrandao@yahoo.com.br

A geração “flower power” queria mudar o mundo com suas idéias e ideais. Os compositores, músicos e arranjadores criaram obras de arte movidas à criatividade e ácido lisérgico. Muitos dos álbuns lançados neste ano transcenderam e transformaram o comportamento social influenciando o estilo de vida, a moda, ou seja, a sociedade. Neste trabalho estaremos analisando cinco obras musicais lançadas no ano de 1967, nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil, que quebraram as barreiras marcando com notas e dissonâncias a história da música popular, bem como seu desdobramento na sociedade.

O MACHETE E O VIOLONCELO: GÊNEROS MUSICAIS E IDENTIDADE SOCIAL NA PROSA DE MACHADO DE ASSIS

Jordão Horta Nunes, UFG

jordao@fchf.ufg.br

Há na prosa de Machado de Assis referências a diversos aspectos da arte ou da estética musical cuja análise histórica e sociológica nos permite reconstruir traços específicos da cultura e da sociabilidade no Rio de Janeiro Imperial. Tal temática já foi trabalhada por críticos como Wisnik (2004) e Avelar (2006). Por outro lado, são bastante conhecidas as obras que aliam a análise estético-literária à história da formação social brasileira, como em Faoro (1974), Santiago (1978), Schwarz (1977), Bosi (1982) e Gledson (1986). O objetivo aqui é analisar a construção da identidade social relacionada a elementos da prática musical (criação, recepção, execução, profissionalização) na sociedade carioca da época, com base principalmente na interpretação de alguns contos de Machado de Assis, como “O machete”, “Um homem célebre”, “Cantiga de esponsais” e “Trio em La menor”.

A MÚSICA REGIONAL COMO COMPONENTE DA MÉMORIA COLETIVA DA CIDADE DE MONTES CLAROS-MG

Mary Aparecida de Alencar Durães, UFU.

mary.minas@yahoo.com.br

Objetiva-se neste trabalho, uma maior compreensão da dimensão social e cultural do Norte Minas Gerais através da análise das letras das canções do grupo Raízes. Como fontes de análise estão sendo utilizadas músicas, jornais das décadas de 1970 e 1980, entrevistas com ex-integrantes, LPS e reportagens de revistas da época. O grupo Raízes marcou presença na música popular brasileira e regional da década de 1970 e 1980, em Montes Claros e região. Esta pesquisa tem como foco principal a percepção de que a música regional vem resistindo em meio às barreiras impostas pela indústria cultural e vem sendo conservada pela tradição oral, transgredindo normas e leituras anteriores feitas e impostas pelo mundo globalizado.

COTIDIANO JUVENIL, IDENTIDADES E ROCK’N’ROLL NA DÉCADA DE 50 : UMA ANÁLISE A PARTIR DO RITMO E DAS COMPOSIÇÕES

Marcelo Vieira Magalhães, UECE

mvieiramagalhaes@yahoo.com.br

Os anseios e as práticas vividos por parte da juventude brasileira na década de 50 podem ser revelados através das letras e do ritmo rock’n’roll. Acusado por muitos de ser um gênero musical sem futuro no Brasil, de não passar de uma moda efêmera e de suas composições serem “açucaradas” e de não refletirem a realidade brasileira vivida de então ou de ser somente uma cópia tosca do que era feito nos Estados Unidos, o trabalho se propõe a rever

essas afirmações e demonstrar o quanto as letras e o ritmo do rock podem nos revelar sobre o cotidiano juvenil brasileiro dos anos 50 e 60.

CANTANDO SEU TEMPO: ELIS REGINA E AS QUESTÕES DE ENGAJAMENTO (DÉCADAS DE 1960 E 1970)

Mateus de Andrade Pacheco, UnB
mateusandpac@gmail.com

Nesta comunicação, dedico-me à análise da trajetória da cantora Elis Regina considerando-a à luz de um cenário marcado pela presença do engajamento político e social no campo das artes. Pretende-se refletir sobre como o Brasil, as questões que envolviam seu cotidiano, ou mesmo os posicionamentos da cantora em relação a debates como os que envolviam a idéia de defesa da música nacional, foram apresentados em seu repertório e em suas entrevistas. Pensar em tais questões, a partir da análise de uma trajetória individual, nos permite refletir sobre outras, como a da existência de diferentes possibilidades de engajamento. É interessante destacar que, permeando essas reflexões, uma outra se impõe: a importância de se pensar no papel da intérprete na composição dos sentidos atribuídos às canções as quais empresta sua interpretação.

AS DIFERENTES NOÇÕES DE MUDANÇA DENTRO DA MÚSICA CAIPIRA: UMA REFLEXÃO DA OBRA DE TIÃO CARREIRO

Rainer Gonçalves Sousa, UFG
rainersousa@gmail.com

Partindo das obras que apontaram as mais perpetuadas definições do sertão brasileiro, buscamos nesse trabalho contemplar em que medida tais definições influenciaram a significação da música caipira. Em outro instante, analisamos como as narrativas que se propuseram contar a trajetória da música caipira problematizam as diferentes mudanças ocorridas em tal estilo musical, quando o mesmo começa a ser registrado pelas gravadoras e alcança os meios de comunicação. Com isso, procuro desconstruir “as narrativas da mudança” baseado nas questões que o etnomusicólogo Bruno Nettl levantou ao defender que o conceito de mudança – dentro de um estilo musical – perpassa por várias definições e significados. Por fim, fazemos uma pequena reflexão sobre elementos musicais e extra-musicais da obra de Tião Carreiro, considerado por muitos um representante típico da chamada música caipira “de raiz”.

CRÔNICAS CANTADAS: O RAP E AS EXPERIÊNCIAS SOCIAIS “MARGINAIS” NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Roberto Camargos de Oliveira, UFU.
robertocamargos@yahoo.com.br

A experiência social brasileira dos últimos 15 anos mostra um país em tensão: de um lado os integrados, de outro, os que estão supostamente à margem, mas que, na verdade, sofrem na carne os efeitos de uma “integração perversa” à ordem social capitalista. Independentemente disso, os diversos sujeitos históricos se viram em meio a transformações sociais intensas com a vigência das políticas neoliberais, as quais, direta ou indiretamente, atingiram todo o espectro da vida social. Nesse contexto, ao enveredar pelos caminhos das relações entre os estudos históricos, da cultura e da música, analisamos no rap como alguns segmentos e sujeitos sociais constroem percepções e representações que exprimem uma postura crítica ante a hegemonia do modelo neoliberal. Em muitas músicas dos rappers, temos uma dimensão das relações de poderes no bojo do Brasil contemporâneo, nas quais se expressa o questionamento da legitimidade da perpetuação do *status quo*.

MÚSICA, LITERATURA E IDENTIDADE AMAZÔNICA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Tony Leão da Costa, UFPA
leaodacosta@yahoo.com.br

No século XX artista, como músicos e poetas, vêm se destacando na construção de imaginários sociais sobre a região amazônica. Pretendemos nesta comunicação falar sobre esse olhar artístico e por vezes “etnográfico” que músicos e poetas fazem desta região, a partir da produção artística em Belém do Pará no período entre as décadas de 1930 e 1960, fase de efervescência das idéias modernistas. Tentaremos mostrar como esses intelectuais ocupam papel central na construção de imaginários a partir das artes, e que, de certa forma contribuem para caracterizar o regional amazônico até os dias de hoje, assim como mostrar como músicos e literatos estão muito próximos nesses projetos de criação/reprodução de imaginários sobre essa região.

TROPICALIA: IMAGEM E SOM

Victor Creti Bruzadelli, UFG.
victor_creti@hotmail.com

Em 1968 é lançado o explosivo disco “Tropicália ou Panis et Circenses” que reunia artistas do grupo tropicalista. Esse grupo de artistas defendia uma nova estética e uma nova atitude perante a arte. Apropriando-se de aspectos de outras formas de arte como o cinema novo, a *pop’art*, o concretismo e a antropofagia, além da assimilação de guitarras e baixos elétricos e procedimentos da música de vanguarda, fazem uma verdadeira “revolução musical”. A imagem conquista nesse movimento um papel central, expressa tanto nos *happenings*, nos vestuários e, principalmente, na capa dos discos. O presente trabalho busca ver o papel adquirido pela imagem nesse movimento e como a capa do disco-manifesto busca fazer uma síntese de todo o movimento.

ENSAIO GERAL DA TRAMA: O ESPETÁCULO DA IMAGEM

Wellington Diniz de Oliveira, Escola de Música de Brasília
welldiniz@gmail.com

O trabalho aborda a música instrumental como representação de uma poética sugestiva. A delicada questão do som como representação, sobretudo se considero única e exclusivamente a música instrumental, já que a ausência de seu elemento mais visível e concreto – o texto – acaba por comprometer ainda mais sua morfologia representativa. Quando o susto passa, ao nos defrontarmos com a audácia desta temática, a primeira coisa que nos salta aos olhos é a presumível impossibilidade do som em dizer algo, criar um significado concreto, um discurso. O que nos leva de maneira premeditada, a crer que a análise musical estaria restrita aos seus aspectos puramente formais, morfológico. Sendo, assim, difícil uma investigação histórica. Porém, o que se nota é a onipresença sonora na construção de um imaginário social qualquer.

HISTÓRIA E RELIGIOSIDADE SIMPÓSIO TEMÁTICO XIX

Coordenadores:

Eduardo Gusmão de Quadros (UEG / UCG)

César Eduardo da Silva Pereira (UCG)

O CANGAÇO E A RELIGIOSIDADE POPULAR NORDESTINA

Antônio Fernando de Araújo Sá, Universidade Federal de Sergipe

afsa@ufs.br

Dentro da rica tradição oral do cangaço no Nordeste brasileiro, chamou-me a atenção a forma como o cangaço foi incorporado na religiosidade popular. Ao ler a historiografia sobre o tema, percebi que essa dimensão do cangaço não tem sido abordada de forma satisfatória pelos historiadores nacionais. Entretanto, é necessário compreender como o cangaço se fez presente no cotidiano daqueles que viveram e fizeram a história, mas também como eles recriaram o seu universo cultural.

Assim, pretendemos discutir, através de fotografias e entrevistas realizadas na região onde Lampião morreu, como a religiosidade popular transformou tanto cangaceiros, quanto soldados volantes em lugares religiosos nas estradas sertanejas, onde são depositados ex-votos que representariam as “graças” alcançadas.

DIMENSÕES DA VIDA DEVOTA NA CAPITANIA DE GOIÁS

Bruno Valério Vieira, UEG

brunoabc_3@hotmail.com

A ocupação do espaço geográfico e a formação da população da Capitania de Goiás, esteve ligada a mineração onde os interesses da Coroa Portuguesa deveriam ser respeitados. Para que tal autoridade não fosse questionada, o controle do clero era importante, o rei era responsável pela nomeação do clero e também pelo zelo da fé cristã na colônia. Portanto as ligações Igreja e Estado, sociedade e festas caracterizou a formação da Capitania de Goiás, e a análise dessas relações é importante para a compreensão daquela sociedade e os posteriores reflexos do processo histórico goiano.

PRIVILÉGIOS E DINÂMICA SOCIAL: A NOBREZA CAMARÁRIA NA VILA BOA DE GOIÁS

Carla Correia, UFG

carla.correia18@hotmail.com

O objetivo dessa comunicação é analisar os processos de estruturação e reprodução da nobreza da terra (adquirida por riqueza ou ofício) em oposição à nobreza natural (herdada do sangue) através de fatores concorrentes à ativa participação na vida governativa da Vila: prestígio, distinção e honra. Essas qualificações garantiram aos nobres da Capitania de Goiás a participação em algumas Irmandades como a de Nossa Senhora da Lapa cujo critério de ingresso dos irmãos era o da limpeza de sangue. A linguagem religiosa unificava as práticas sociais promovendo a construção de identidade entre os associados, promovendo, pelo lado da observância católica, a coesão social. Unidos por um destino comum firmam a autenticidade da sua linhagem espiritual e hierárquica.

HEREGE É O OUTRO! CONFLITOS RELIGIOSOS NA CIDADE DE GOIÁS (1890 A 1930)

César Eduardo da Silva Pereira, UCG
cesarduoca@yahoo.com.br

Este é o resultado de uma pesquisa realizada na cidade de Goiás, que tem como objetivo principal analisar os vários conflitos religiosos envolvendo católicos e protestantes que aconteceram durante os anos de 1890 a 1930. Com a chegada dos protestantes à Cidade de Goiás, no final do século XIX, a hegemonia católica da região foi abalada. A partir de então, surgiram vários conflitos entre católicos e protestantes, em busca da imposição de seus valores sobre a sociedade. Esses conflitos envolveram seus principais líderes e representantes na região. Neste trabalho levantamos os principais conflitos e os analisamos através do conceito de representação formulado por Roger Chartier, que afirma que toda religião toma formas concretas numa tal sociedade e não pode ser estudada separadamente de um contexto social. Assim compreenderemos porque é que um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, seus valores e o próprio domínio.

QUIS UT DEUS: A IRMANDADE DE SÃO MIGUEL E O ENQUADRAMENTO RELIGIOSO NOS GUYAZES

Cristina de Cássia Pereira Moraes, UFG

A primeira Irmandade ereta nos *Guayazes* foi a de São Miguel e Almas. Consoante o que se lê no primeiro *Termo de Compromisso* de 1733, aprovado pelo bispo diocesano do Rio de Janeiro em 1738, os devotos de São Miguel resolveram se unir numa Irmandade e, na capela construída em louvor de Santa Ana, em 1727, mandaram edificar um altar e com *toda a decência possível nelle colocarão a imagem do Glorioso Sancto elhe entrarão a render osculos devidos a sua veneração*. Essa irmandade é no mínimo peculiar, dentre as demais associações religiosas fundadas na capitania de Goiás, pelo fato de ter sido uma das primeiras a se organizar e agregar os *homens bons* do local, os quais se contentaram em mandar construir um altar lateral para o seu orago. Para mais, ela também desempenhou a função de *Misericórdia*, o que não existiu em Goiás, senão a partir da metade do século XX. Nosso objetivo nessa comunicação é analisar o enquadramento religioso dos habitantes de Vila Boa na dita associação. Com efeito, inspirados no mandamento evangélico da Caridade, cuidavam especialmente dos despossuídos da sociedade, mas também oravam em sufrágio das almas do Purgatório.

VILA BOA E PECADORA: OS DESAGRAVOS DO VIGÁRIO JOSÉ ANTUNES DE NORONHA (1772-1795)

Eduardo Gusmão de Quadros, UEG/UCG
eg.quadros@brturbo.com.br

A Capitania de Goiás aguardava a chegada do novo governador, Luís da Cunha Menezes, quando o vigário da igreja matriz de Vila Boa resolveu escrever à Rainha. Essa carta, de tom notadamente pessoal, traz uma série de críticas às práticas religiosas dos fiéis, acusa os desvios comportamentais da população e critica os responsáveis pela administração. Visivelmente triste, e se sentido inútil, o padre chega a pedir ao Conselho Ultramarino sua transferência. Analisaremos que valores nortearam seu relato e qual projeto ele defendia junto à metrópole.

IGREJA FORA DA SACRISTIA: A AÇÃO POLÍTICA DE FRADES DOMINICANOS EM OPOSIÇÃO AO REGIME MILITAR ENTRE 1968-1969.

Emanuela Antunes Bezerra, PUC-MG

manutub@ig.com.br

A proposta de comunicação para o III Simpósio Internacional a ser realizado em UFG, versa sobre a ação política de frades dominicanos no centeio das manifestações políticas e sociais nos anos de 1968 e 1969 do regime político militar brasileiro. Os aspectos abordados buscam compreender a Igreja Católica em tempo de renovação eclesial e teológica, dado o contexto do Concílio Vaticano II e Medellín, a materilização da fé a partir da práxis política dos dominicanos em oposição a ditadura militar, assim como a ofensiva dos militares aos dominicanos. Dessa maneira, analisar de forma sistemática, sob a luz do conhecimento histórico, a ação dos frades dominicanos é profícua na medida em que tal atuação desencadeou um novo olhar da Instituição Católica em relação ao Regime Militar que de entusiasta assumiu uma postura questionadora.

A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO NA CIDADE DE GOIÁS

Germana de Oliveira Fogaça, UEG

germaninha@hotmail.com

A partir de documentações impressas e iconográficas, a pesquisa discorre sobre a festa do Divino Espírito Santo na Cidade de Goiás e suas particularidades como a devoção popular, as músicas, as orações e os relatos dos devotos.

Tradição trazida pelos portugueses em 1834, através do Presidente de Província José Rodrigues Jardim, a festa é tradicional em várias localidades do Centro-Oeste. Festa religiosa que acontece no domingo de pentecostes, sempre cinquenta dias após a páscoa, em comemoração a vinda do Espírito Santo. A festividade é repleta de manifestações populares como a dança dos tapuios e do congos que se integram com cerimônias religiosas.

NA TRILHA DO TRANSGRESSOR: UM MILENARISTA EM SERGIPE DO OITOCENTOS

Glêyse S. Santana, Universidade Federal de Sergipe

gleysesantana@uol.com.br

Sob uma perspectiva das ciências em religião e dos estudos culturais, esta comunicação pretende promover uma abordagem analítica do fenômeno milenarista, que teve como palco o município de Frei Paulo, no Estado de Sergipe. Iniciando-se na antiga São Paulo, esse movimento alcançou os sertões sergipano e baiano. O trabalho centra-se na análise do conjunto de cartas enviadas (ao seu rebanho) pelo padre Felismino da Costa Fontes (o pregador do fim do mundo), escritas num intervalo de 1892 a 1907, quando do seu internamento no Asilo São João de Deus, sob o manto da loucura. Unindo-se hierarquias religiosa e civil, o movimento foi combatido sutil e duramente

CAPITANIA DE GOIÁS: MINEIRAÇÃO E DEVOÇÃO.

Isiquiel Divino de Santana, UEG.

isiquielsantana@hotmail.com

O desenvolvimento econômico da capitania de Goiás, e o conseqüente aumento populacional, estiveram ligados à mineração, e, submetidos à religião católica romana, que atendendo a interesses portugueses, cooperou para formação de um tipo de religião que estava a serviço da exportação do ouro. Uma religião onde a participação popular se fazia presente, mesmo em um ambiente de controle social e religioso, ou até mesmo por isso.

A DEMITOLOGIZAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO: A CONTRIBUIÇÃO DE RUDOLF BULTMANN PARA A HISTORIOGRAFIA

Makchwell Coimbra Narcizo, UFG

Makch01@hotmail.com

Rudolf Bultmann marcou seu nome entre os teólogos mais importantes do sec XX com a teoria da demitologização do Novo Testamento, teoria que balançou o mundo teológico. Entretanto, o nome de Rudolf Bultmann é um dos mais execrados no ambiente religioso além de ser extremamente contestado em alguns círculos acadêmicos, mesmo com sua incontestável contribuição para a legitimação do pensamento religioso, dando a esse autonomia e credibilidade. No presente trabalho analiso a importância do pensamento bultmaniano para o pensamento religioso e a contribuição que esse deu para a aproximação entre história e fé. O trabalho do referido autor é extremamente importante para que se quebrem alguns preconceitos que vigoram no ambiente acadêmico em relação à religiosidade.

O IMAGINÁRIO E O MEDO NAS IGREJAS (PÓS)MODERNAS

Pedro Antonio Chagas Cáceres, UCG E OBJETIVO

logos71@hotmail.com

O medo é uma das paixões humanas, uma paixão que para muitos é desprezível, mas não podemos negar que, indiferentemente à época, à cultura, à sociedade ou à crença, o ser humano sempre temeu o conhecido e principalmente o desconhecido. Vários mecanismos foram desenvolvidos para, de alguma forma, apaziguar, dominar, acalmar os raios e trovões, as secas periódicas, o ataque de pragas, de inimigos humanos ou espirituais, enfim, as diversas ameaças que assombravam e ainda ameaçam o cotidiano dos indivíduos. Ter medo é, em certa medida, uma forma de relação com o mundo de descobertas e conquistas, uma maneira de o homem conviver da melhor forma possível com o natural e com o metafísico. Essa relação que se manifesta no imaginário dos crentes, ocupa um importante espaço na construção histórica de nossa época, principalmente no que diz respeito ao crescente universo *neopentecostal*.

A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA NA POLÍTICA DE JATAÍ-GO

Samuel da Costa, UCG

samueldacosta@bol.com.br

O presente trabalho reconstrói o cenário de Jataí-GO, palco de acontecimentos gloriosos, a maioria respaldada pela religiosidade de seu povo, enfocando sua formação, seus pioneiros, aspectos gerais como a economia, a política, a sociedade e a cultura, lançando um olhar especial sobre a influência que a Igreja Católica exerceu na construção e formação da identidade do povo e dos costumes jataienses. São feitos que pela sua relevância merecem a devida rememoração como implantação da imprensa de rádio (Rádio Difusora de Jataí), a atuação social voltada para a assistência a portadores de Hanseníase com a criação de um bairro de casas doadas para estes, assim como a construção e manutenção de clínicas médicas e escolas seculares (Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho) entre outros feitos.

A CIVILIZAÇÃO CATÓLICA: PROJETO ROMANIZADOR E PENSAMENTO CATÓLICO NA IMPRENSA LUDOVICENSE DE FINAIS DO SÉC. XIX

Wheriston Silva Neris, Universidade Federal do Maranhão

wheristonneris@yahoo.com.br

O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações da igreja católica com a intelectualidade ludovicense no final do séc. XIX. Analisando os discursos do periódico católico: *Civilização* (1880-1890), foi possível compreender que a Igreja plasmou um projeto

de reformas que não estava dissociado das relações sociais que se estabeleceram com o desenvolvimento do pensamento moderno. Dessa forma, participando “do inconsciente cultural captado por intermédio de suas aprendizagens intelectuais e, em especial, por sua formação escolar” (BOURDIEU, 2004), a intelectualidade católica não somente defendeu os princípios estabelecidos pela hierarquia eclesiástica, como também pretendeu construir uma concepção de progresso, civilização e ordem coerentes com os princípios do catolicismo romanizado.

HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADES NA IDADE MÉDIA

SIMPÓSIO TEMÁTICO XX

Coordenadores:

Dulce Oliveira Amarante dos Santos (UFG)

Elby Aguiar Marinho (UFG)

TEMPLARIOS – O MITO DO JULGAMENTO INJUSTO

Ademir Luiz da Silva, UFG/UEG

ademir.hist@bol.com.br

Um dos mais fortes arquétipos do imaginário ocidental é o réu condenado injustamente. O celebre processo contra os cavaleiros Templários insere-se nesta tradição. Envolveu altos interesses políticos econômicos e religiosos, resultaram na dissolução da ordem. Rapidamente, ganhou força a versão de que o Templo teria sido vítima de uma conspiração, orquestrada por grupos que cobiçavam seus bens e temiam seu poder. Na verdade trata-se de um caso controverso. Os especialistas se dividem. Ao passo que alguns estudiosos defendem a tese de que os Templários foram realmente vítimas de uma conspiração, outros especialistas desmistificam esta versão e defendem as razões de Felipe IV, conhecido com o Belo, e do papa Clemente V, para perseguirem o templo com se fazia com qualquer heresia potencialmente perigosa à civilização judaico-cristã ocidental.

O IDEAL DE REI CRISTÃO E A PRÁTICA DAS VIRTUDES NO *SPECULUM REGUM* DE FREI ÁLVARO PAIS (1270-1349)

Armênia Maria de Souza, UFG

armenia1004@yahoo.com.br

O Espelho dos Reis (*Speculum Regum*) é uma das obras mais relevantes de frei Álvaro Pais (1270-1349). Escrito em 1341, em homenagem ao rei castelhano Afonso XI (1311-1350), obteve enorme destaque entre as obras do gênero de *espelhos de príncipes* medievais. Para além de um tratado de cunho eminentemente político, essa obra apresenta informações concernentes ao imaginário e ao cotidiano das cortes castelhana e portuguesa da primeira metade do século XIV. Nessa comunicação, pretende-se analisar a construção imagética em torno de Afonso XI, apropriado como modelo de rei cristão para frei Álvaro. De acordo com o referido documento, tratar-se-á de enfatizar e avaliar as referências às virtudes cardeais (prudência, temperança, justiça e fortaleza), com as quais os soberanos deviam estar munidos para bem governar os seus súditos.

DRÁCULA E O MITO DO VAMPIRO

Arturo Branco, UFG

orcbruto@yahoo.com.br

Hoje em dia, Drácula é um ícone da cultura pop mundial, e seu nome é quase um sinônimo da palavra vampiro. Vlad Tepes Drácula foi, no entanto, um governante da região da Wallaquia, no sul do que hoje é a Romênia, no século XV. Vitorioso ao combater os turcos e saxões, foi difamado por estes últimos, tendo seu nome vinculado, em panfletos difamatórios, ao mito dos vampiros e mortos-vivos, o que, aliado ao romance de Bram Stoker, no final do século XIX, serviu para perpetrar a figura vampiresca deste personagem real da Idade Média.

A FONTE DA VIDA

Beatriz Botelho Menezes Lima, UnB

bibiasorria@gmail.com

Por meio da análise particular da “Fonte da Vida” retirada do folio 3v. do Evangeliário de Godescalco, percebe-se a iluminura carolíngia tanto como fonte documental como simultaneamente expressão artística. A compreensão das formas e signos presentes na imagem é estruturada em contínuo diálogo com o texto, com o que motivou a confecção do manuscrito e em especial com o *locus* histórico em que se deu a sua produção.

SEXUALIDADE FEMININA E MISOGINIA MEDIEVAL NOS SABERES MÉDICOS MEDIEVAIS

Catarina Stacciarini Seraphin, UFG

cathystacciarini@hotmail.com

No período medieval, a discussão sobre sexualidade mesclava-se aos textos religiosos. Eram os homens, monges e eclesiásticos que discursavam essencialmente sobre sexo, embora em tese não possuíssem vida sexual, assim escrevendo com pouco conhecimento do assunto. Contudo, aspectos da sexualidade eram também discutidos em tratados médicos medievais. A noção de sexualidade, na Idade Média, está inserida em uma concepção hierárquica de valores, na qual os *virgines* ocupavam o nível supremo, sendo o exemplo a ser seguido; os *oratores* ligados à renúncia ou à continência possuíam maior autoridade que os *conjugati*. A presente comunicação visa discutir e apresentar aspectos da sexualidade feminina e a relação desta com a misoginia medieval por intermédio da análise dos tratados médicos medievais do século XIII.

A RECEPÇÃO DO MANUAL EYMERICHIANO NA ESPANHA CATÓLICA APÓS SUA REEDIÇÃO POR FRANCISCO DE LA PEÑA

Daiany Sousa Macelai de Oliveira Gomes, UFG

daianysmacelai@yahoo.com.br

A astúcia dos inquisidores, a esperteza dos questionamentos aos suspeitos, a desconfiança, a certeza da culpabilidade dos indivíduos, as provas, a tortura e, por fim, a confissão acompanhada da devida punição eram elementos cotidianos na estrutura do tribunal inquisitorial. O herege rompe com uma “ordem natural” estabelecida pela cristandade católica. Porém, para as análises do Santo Ofício na Idade Moderna, interessa-nos, compreender de que maneira se deu a receptividade do manual eymerichiano na Espanha católica através das interpretações de Francisco de La Peña, comentarista do Manual a partir de sua reedição no século XVI. Entendemos que o Tribunal da Inquisição deve ser analisado dentro de seu contexto social e imaginário, sendo lugar privilegiado de investigação histórica do cotidiano religioso.

CIVILIZAÇÃO

Domingos de Jesus Costa Pereira Filho, UFMA

df_d_latinos@hotmail.com

Este trabalho trata de analisar a formação do conceito da palavra “civilizado” em seu contexto na Idade Média, em que, no século XVIII, se transformou no substantivo “civilização”. Essa análise é baseado no livro “*O Processo Civilizador*” de Norbert Elias em que demonstra através das maneiras de comportamento, o processo que se deu a sociedade europeia para se mostrar distinta. Também associa o livro de Elias com o de Fernand Braudel, “*Escrito Sobre a História*” que analisar o desenvolvimento, transformação, afirmação e negação que se deu a palavra civilização. No entanto utilizando desse livro argumentos de defesa a uma nova

palavra, civilizações, livre das amarras etnocêntrica em que a palavra “civilização” esta submetida.

SAÚDE E HIGIENE NA OBRA MÉDICA DE PEDRO HISPANO (SÉCULO XIII)

Dulce O. Amarante dos Santos, UFG

doas@prppg.ufg.br

O século XIII foi um divisor de águas na história da arte de curar, da prática e do exercício das profissões médicas. Pedro Hispano foi um dos físicos preocupado, no conjunto de suas obras, com a manutenção e preservação da saúde. Nesse sentido, escreveu o *Livro da Conservação da Saúde (Liber de conservanda sanitate)*, um regimento de saúde talvez para o imperador Frederico II, da Sicília. Pedro Hispano declara no prólogo: “mais útil prevenir do que uma vez contraídas {as doenças} andar a pedir auxílio.” A concepção de saúde utilizada era a do galenismo medieval, uma retomada da teoria hipocrática dos humores, na qual o desequilíbrio provocava as doenças. Pedro Hispano retoma a noção de compleição medieval, ou seja, a mistura das qualidades dos humores: fria, quente, seca e úmida. O regimento prescrevia dieta alimentar, banhos, sono entre outros.

O BESTIÁRIO NA COLÔNIA: O IMAGINÁRIO MEDIEVAL NA CRONÍSTICA SOBRE O BRASIL DOS SÉCULOS XVI E XVII

Eduardo Vieira Gervásio, UFG

eduvieiraufg@bol.com.br

O presente estudo se dedica a analisar a influência e a disseminação do imaginário bestiário medieval na cronística sobre o Brasil dos séculos XVI e XVII. Nesse sentido, analisamos cronistas do período colonial dentre eles Fernão Cardim, Pero de Magalhães Gândavo e Ambrósio Fernandes Brandão, verificando como esses autores recorreram à literatura dos bestiários medievais para compreender e descrever a fauna exótica do Novo Mundo descoberto. Tal discussão surge dos atuais estudos sobre as relações entre história e literatura, sua ordem retórica, ideológica e política, utilizando-se da metodologia comparativista e dos ensinamentos neo-historicistas e dos estudos culturais.

UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE O IMAGINÁRIO NO *ESMERALDO DE SITU ORBIS* DE DUARTE PACHECO PEREIRA

Elby Aguiar Marinho, UFG

professorelby@yahoo.com.br

Duarte Pacheco Pereira foi um navegador e explorador português que além de grandes feitos no processo de expansão marítima européia, escreveu uma obra extraordinária e símbolo da modernidade nascente desse período: o *Esmeraldo de Situ Orbis*. Este tinha como objetivo central servir de roteiro na navegação da costa africana aos pilotos portugueses, tal como fora pedido à Duarte Pacheco Pereira por D. Manuel. Porém, tal obra se faz interessante pela grande diversidade de temas, dos quais buscarei extrair, de maneira mais específica, o imaginário que cercava esse navegador que produzia em um período de tantas transformações como era o da passagem do medievo ao mundo moderno. Isso será possível por se tratar de um livro escrito por um europeu formado dentro da forte mentalidade medieval, mas que se deparava com realidades jamais imaginadas em suas explorações.

O *LAPIDÁRIO* DE AFONSO X: MAGIA E SEXUALIDADE NO SÉCULO XII

Halyne Alves Goulart, UFG

lynneuau@hotmail.com

Estudar os livros I e II do *Lapidário* afonsino é aprender muito mais do que só sobre pedras, é conhecer as crenças e as relações humanas do século XIII. É possível assim observar, entre as

muitas temáticas a serem ali abordadas, como as regras da Igreja eram burladas no que tange a sexualidade (contracepção). sem nunca deixar passar despercebida a crença no poder dos astros sobre as pedras e o poder destas sobre o homem, numa espécie de magia astral.

A ESPIRITUALIDADE NA FORMAÇÃO DA PRIMEIRA CRUZADA

Inaê Murrieta Costa, UnB
nanacosta84@hotmail.com

Em 1095, o Papa Urbano II profere um discurso chamando à Guerra Santa. O final do século XI, marcado por fome, guerra e perspectivas escatológicas foi propício para que esse discurso gerasse grande fervor religioso no ocidente, dando início a uma guerra que duraria 200 anos e modificaria as relações entre Ocidente e Oriente. No intuito de dialogar com a História da Arte, procuraremos explicar, nesta exposição, o papel da espiritualidade e do imaginário popular na formação do movimento cruzadista por meio das iluminuras de Jean Colombe Bourges e dos relatos de Foucher de Chartres.

BETSABÉIA, DA ILUMINURA À GRAVURA

Isabel Candolo Nogueira, UnB
icandolo@yahoo.com.br

A pesquisa tem como tema a representação de Betsabéia partindo de um recorte iconográfico situado entre o final do século XIV e o início do século XVI. Busca-se vislumbrar o percurso da imagem da iluminura à gravura contextualizando as transformações estéticas ocorridas em função de uma mudança no modo de produção imagética.

O SACRAMENTÁRIO DE GELLONE

João Felipe Belo Rodrigues de Souza, UnB
jfelipebelo@yahoo.com.br

Esse manuscrito foi provavelmente copiado e iluminado no convento de Chelles, pouco antes do ano de 800. A importância de um sacramentário se encontra na necessidade de um império cristão em rezar a mesma liturgia e demonstra a importância da reforma litúrgica empreendida no século VIII. O Renascimento Carolíngio não foi exclusividade de monges; monjas também foram baluartes de uma cultura eclesiástica, como a abadia feminina de Chelles, cuja abadessa, Gisele, era irmã de Carlos Magno e filha espiritual do monge Alcuíno, um dos homens mais próximos do imperador e um grande empreendedor do Renascimento. O monastério vive uma intensa vida intelectual, em parte, uma iniciativa da abadessa Gisele, que intensifica os trabalhos de cópia onde as monjas assinam o que é produzido.

AS REPRESENTAÇÕES DO CORPO FEMININO NO DISCURSO MÉDICO DO SÉCULO XIII

Lidiane Alves de Souza, UFG
ldn21@hotmail.com

As intervenções médicas sobre as mulheres sempre foram um campo de atuação exclusivamente feminina. Transmitindo seus conhecimentos em círculos fechados, frequentemente familiares, as mulheres figuraram durante longo tempo como legítimas guardiãs de seus 'segredos'. A sistematização do saber médico representou uma tentativa de abertura na transmissão deste saber. Esta por sua vez, esbarrou em impossibilidades intelectuais e culturais, fazendo com que se produzisse, em torno do corpo feminino, um saber pouco preciso, permeado de mitos, concepções errôneas, e na maior parte das vezes discriminatórias. Assim, a presente comunicação tem como objetivo analisar as representações do corpo feminino construídas pelo discurso médico do século XIII, assim

como perceber de que forma estas representações corroboravam e legitimavam o discurso misógino produzido pela Igreja.

A ILUMINURA CAROLÍNGIA - O EVANGELIÁRIO DE CARLOS MAGNO

Luciana Borges Luz, UnB

luciana.luz@gmail.com

O manuscrito iluminado na Idade Média deve ser observado como uma arte em particular. A presença de inúmeros detalhes e simbologias, tão presentes no cotidiano medieval, se mostra pelo diálogo entre texto escrito e figura, onde a ausência de qualquer uma das partes torna difícil a compreensão da mensagem por completo. O *Evangeliário de Carlos Magno* é um fantástico exemplo da produção da renascença carolíngia e envolve todos os aspectos que neste período se enaltecia: a fusão da arte cristã antiga e o estilo artístico bizantino.

CRISTÃOS, MUÇULMANOS E JUDEUS ENTRE O DIÁLOGO E O CONFLITO NA IBÉRIA MEDIEVAL

Maria do Carmo Parente Santos, UERJ

beccaria10@yahoo.com.br

A invasão árabe da Península Ibérica no ano de 711 e a formação dos reinos cristãos no norte do território peninsular fez com que judeus, cristãos e muçulmanos tivessem de conviver no mesmo território. Tal situação marcou profundamente a sociedade tanto da Califado de Córdoba quanto a dos reinos cristãos, pois a tolerância dos governos de uma ou outra fé em relação aqueles considerados infiéis insere-se num processo em que as razões políticas contaram mais do que as motivações religiosas. O tema de nosso trabalho é uma reflexão sobre as estratégias de acomodação dos elementos das três religiões como resposta às mudanças políticas dentro do espaço em que habitavam.

A ILUMINURA MEDIEVAL: O TEXTO E A IMAGEM

Maria Eurydice de Barros Ribeiro, UnB

maeurydice@yahoo.com.br

No início dos anos 80, Jacques Le Goff prefaciando o conjunto de ensaios reunidos com o título de *Imaginário Medieval*, definiu o imaginário como uma dimensão da história, afirmando que devido a fluidez da noção (de imaginário), seria necessário ao menos, precisar aos conceitos de representação, fantasia e simbólico. Insistindo na clareza e rigor no uso destes conceitos, Le Goff sublinhou a necessidade de os diferenciar da concepção de ideologia. Neste mesmo prefácio, que lamentavelmente não foi incluído na versão portuguesa, o historiador determina que a história do imaginário privilegia como fonte as obras literárias e artísticas, documentos difíceis ao historiador. Desde a sua criação em 1992 o Programa de Estudos Medievais – PEM, tem incorporado as imagens visuais ao corpus documental das suas pesquisas. Ciente das dificuldades impostas ao historiador têm-se buscado na *Historia da Arte*, em particular em Warburg e Panofski, a metodologia que permita a “leitura” do documento visual, evitando a leitura simplificadora freqüentemente feita por historiadores que estão presos a visão superada pela história da arte, de que a arte seria um mero reflexo da sociedade. As comunicações que se seguem apresentam os as pesquisas de Beatriz Botelho, Inaê Murieta, Isabel Icandolo, João Felipe Souza, Luciana Luz e Thiago Borges resultantes de discussões realizadas no PEM.

LA MUERTE DE ARTURO POR THOMAS MALORY E GUILHERME O MARECHAL,
POR GEORGES DUBY – UM PANORAMA SOBRE A CAVALARIA MEDIEVAL

Márcia Maria de Medeiros, UEMS

marciamaria@uems.br

O presente resumo pretende traçar um paralelo entre o texto histórico e o texto literário analisando as questões discursivas que fazem parte de um e de outro demonstrando como cada um deles trata do fenômeno da cavalaria, enquanto elemento construtor de um caráter identitário. Para tanto, optou-se pelo texto de Thomas Malory, *La muerte de Arturo*, em contraponto com o texto de Georges Duby, *Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo*. Partindo do processo de análise dos dois textos, demonstrar-se-á onde existe a interação do discurso histórico e do discurso literário e de que forma o segundo pode servir de instrumento e fonte de pesquisa para o primeiro.

A POLÍTICA EXPANSIONISTA PORTUGUESA NO SÉCULO XV: O GOVERNO DE D.
AFONSO V (1448-1481)

Rayssa Guimarães Naves, UFG

Esta comunicação tem por objetivo realçar a política expansionista empreendida por D. Afonso V (1448-1481) destacando seu reflexo econômico.

A EPOPÉIA MARÍTIMA PORTUGUESA: A OCUPAÇÃO DO ARQUIPÉLAGO DA
MADEIRA NO SÉCULO XV

Renata Cristina de S. Nascimento, UFG

rntcrsss@terra.com.br

O objetivo desta comunicação é analisar a atuação da Casa do Infante D. Henrique na exploração das terras conquistadas, de modo especial às ilhas da Madeira e Porto Santo. Neste espaço é que se define, para a maioria dos historiadores, a colonização do tipo moderno, quando a terra passa a ser objeto da fixação de pessoas que foram conhecer as capacidades agrícolas e mercantis da nova região.

O HOMEM DOS PARADIGMAS EM MUTAÇÃO: A MENTALIDADE E A
IDENTIDADE DO MERCADOR EM PORTUGAL NOS FINAIS DA IDADE MÉDIA

Rodrigo da Costa Dominguez, Universidade do Porto – Portugal

rddominguez@uol.com.br

À luz dos conceitos de Gurevic, Filipe Themudo Barata, Marco Tangheroni e de John Day acerca dos mercadores, este trabalho tem como proposta compreender o processo de formação e maturação de algumas características essenciais do homem de negócios: a flexibilidade, a agilidade, a personalidade empreendedora e a disciplina fazem deste personagem medieval um objeto de estudo extremamente interessante e importante para a compreensão do desenvolvimento comercial europeu – mais especificamente, português – nos finais da Idade Média, em especial nos séculos XIV e XV. Sua identidade, assim como sua mentalidade, destacam-se em meio a uma população com uma carga razoável de limites ideológicos e materiais que se impunham pelas circunstâncias daquela época.

NARRATIVAS DA EXPANSÃO PORTUGUESA EM ÁFRICA: A CRÔNICA DO CONDE
D. DUARTE DE MENESES (SÉCULO XV)

Sylnier Moraes Cardoso Instituição, UFG

sylnier7@hotmail.com

Três das quatro crônicas de Gomes Eanes de Zurara tratam da expansão portuguesa. A Crônica do Conde D. Duarte de Meneses, objeto de nosso estudo, teve por pretensão realçar o “perfil ideal” de nobreza no século XV, inserida no contexto da reconquista em África.

O MAPA DO SALTÉRIO E A ESPIRITUALIDADE DE SEU TEMPO

Thiago José Borges, UnB

tborges_unb@hotmail.com

Datado de meados do século XIII, o Mapa do Saltério é um dos primeiros mapas medievais que representam Jerusalém no centro do mundo. Esta nova essência da cartografia medieval refletia perfeitamente bem o modelo teológico-geográfico posto em voga pela cristandade ocidental, materializando tardiamente uma espiritualidade que desde o século IV vinha sendo preliminarmente edificada. As imagens que compõem os longos traços deste *mappamundi* são norteadas pela notável influência da espiritualidade de seu tempo. Ao percorrermos estes traços encontraremos personagens e acontecimentos que estão dissociados no tempo e no espaço. No entanto, muito mais que uma simples representação da geografia do espaço físico, a cartografia medieval foi um instrumento didático e doutrinário que exaltava as perspectivas escatológicas da fé cristã.

FRONTEIRAS POLÍTICAS, RELIGIOSAS E DE COSTUMES DA ARÁBIA À PENINSULA IBÉRICA

Waléria Caldeira de Paula, UFG

waleriacaldeira@yahoo.com.br

Este estudo tem por objetivo analisar o Islamismo como um dos fatores mais importantes na caracterização e reconfiguração territorial, social, cultural do Oriente, especialmente no Ocidente. Assim sendo procuraremos mostrar expansão das fronteiras políticas, religiosas e de costumes iniciadas a partir da revelação da doutrina islâmica ao Profeta Maomé e sua difusão entre os povos árabes que até então não formavam uma unidade política, social e religiosa.

HISTÓRIA, PODER E AÇÃO SOCIAL

SIMPÓSIO TEMÁTICO XXI

Coordenadores:
Cláudio Lopes Maia (UFG)
David Maciel (UCG/UFG)

O GOVERNO DE JUSCELINO KUBITSCHKEK – UMA DISCUSSÃO INICIAL

Ângela da Silva Félix, UCDB
angela@cdb.br

Este estudo tem o objetivo de analisar o governo de Juscelino Kubitschek –JK (1956-1961), uma tentativa de desfazer o mito em que ele se transformou. Até hoje JK é visto como um homem audacioso, determinado, um visionário. O presidente que ousou duvidar da vocação agrária do Brasil, trazendo a industrialização, desenvolvendo o país, o presidente que construiu Brasília. Este trabalho almeja mostrar os dois lados de seu governo, destacando pontos que geralmente são esquecidos pela mídia. Quais conseqüências a ousadia de JK teria trazido para o país? Teria sido em seu governo a intensificação da dívida externa? Brasília e o plano de Metas teriam sido investimentos muito caros, que a economia brasileira não foi capaz de suportar? Juscelino Kubitschek: um presidente estrategista que transformou o país, ou um governante que ousou demais e para cumprir o lema de sua campanha “50 anos em 5” entregou o país ao capital estrangeiro? Estes e outros questionamentos direcionam o nosso olhar.

ARTE MODERNA E IDENTIDADE NACIONAL: MÉXICO E BRASIL (1920-1950)

Bárbara Lopes Moraes, UFG
blopesmoraes@yahoo.com.br

De 1920 a 1950 tem-se o surgimento de movimentos intelectuais e artísticos na América Latina que buscavam elaborar o conteúdo que julgavam necessário para a formação de uma cultura pretensamente nacional. Essa política de cunho nacionalista exigia a construção de mitos e heróis que permitissem a corporificação de sentimentos de coesão e união. Os heróis, particularmente Zapata e Tiradentes, receberam novas leituras com os pintores modernos. Este trabalho busca compreender, portanto, como a proposta de uma cultura e crítica nacional esteve limitada por conta de apoio e financiamento por parte dos governos e elite de cada um dos países analisados e também como estas iniciativas de construção de identidade nacional por parte da arte moderna latino-americana passaram por processo de valorização em períodos posteriores.

ESTADO E QUESTÃO AGRÁRIA EM GOIÁS, DÉCADA DE 50 E 60

Cláudio Lopes Maia, UFG/CAC
maiaclaudio@yahoo.com.br

A questão agrária em Goiás, nas décadas de 50 e 60, foi marcada por duas questões: a presença de uma grande fronteira aberta à ocupação e a forte atuação do Estado, com políticas de ocupação agrícola, representadas pela criação de Colônias agrícolas (a partir de ações do governo federal 1941-1954 e depois com ações do governo estadual 1962-1964), a construção de Brasília e a construção de rodovias (a execução das obras de construção do cruzeiro rodoviário de Juscelino Kubitschek). O objetivo desta comunicação é discutir a inter-relação entre estes dois elementos básicos da questão agrária em Goiás e de como eles são

fundamentais para a compreensão do processo de ocupação da fronteira agrícola e dos conflitos sociais surgidos em torno da questão da propriedade da terra.

“*QUE NI SUEÑE EN SACARNOS DE LA CALLE*”: SURGIMENTO E LUTA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES DESEMPREGADOS NA ARGENTINA CONTEMPORÂNEA.

Danúbia Mendes Abadia, UFG

danubiaassis@yahoo.com.br

O surgimento da organização e atuação política dos/as trabalhadores/as desempregados/as na Argentina remonta-se a segunda metade dos anos 1990, constituindo-se como reação às políticas neoliberais implementadas pelo governo Menem que impulsionou políticas de reforma estrutural do Estado através de medidas de regulação e privatização. Os custos da fragmentação social, concentração de renda e empobrecimento da população começam a gerar um cenário de incerteza, descontentamento e contestação social que dá lugar ao que se tem denominado *la nueva protesta social argentina*. Assim, os movimentos estabelecem, para além das lutas e protestos nas ruas, ações no seio das comunidades que estão envolvidos, elementos importantes na construção de novas práticas cotidianas daqueles sujeitos excluídos do processo formal de reprodução do capital. Tal configuração gerou uma mudança significativa no país com relação à produção de novas formas de resistência e de participação política.

AS REFORMAS NEOLIBERAIS E A AUTOCRACIA BURGUESA NO BRASIL

David Maciel, UCG/UFG

macialdavid@ig.com.br

A implantação da hegemonia neoliberal no Brasil, exigiu a ascensão ao governo de uma orientação política afinada com os princípios doutrinários do livre-mercado e do antiestatismo, ligados aos interesses do grande capital, e a realização de uma série de reformas institucionais, que redefiniram a ossatura do aparelho de Estado, reforçando seu caráter autocrático-burguês. Tais reformas foram criadas para favorecer a mobilidade do capital diante do Estado e de toda e qualquer forma de controle mediada pela esfera de representação política e não pelo mercado, impondo constrangimentos estruturais de ordem política e jurídica inscritas na materialidade do Estado, que imunizam em relação aos mecanismos democráticos todo um elenco de decisões importantes, submetidas a processos de tipo privado e neocorporativista, baseados nas relações diretas entre capital e Estado. Deste modo, a forma democrática do Estado assume muito mais a função de “carapaça” legitimadora de um sistema político fundamentalmente autocrático-burguês.

OCUPAÇÃO FAZENDA CAVEIRINHA (GOIÂNIA): ARQUIPÉLAGO DE MEMÓRIAS: 1979-1989

Edmar Aparecido de Barra e Lopes, UEG/UNICAMP

edclio@terra.com.br

Este estudo desenvolve uma análise do movimento de luta por moradia na “*Ocupação Fazenda Caveirinha*” em Goiânia, entre 1979 e 1989. Visando, de um lado, problematizar aspectos da memória oficial da cidade de Goiânia, de outro, conferir visibilidade a outras memórias “silenciadas” do urbano. A pesquisa pretende - deste modo - somar-se a outras reforçando a compreensão histórica do processo de produção do espaço como um dinâmica múltipla, conflitiva e diversamente vivenciada.

POLÍTICA E MOVIMENTOS SOCIAIS EM PIRENÓPOLIS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Elisa Silva Caetano, UFG

elisafchf@hotmail.com

A presente comunicação visa propor um debate sobre movimentos sociais e políticos na cidade de Pirenópolis nas décadas de 1920 e 1930. Utilizaremos, para tanto, um documento cedido pelo Arquivo Nacional, do Rio de Janeiro. A partir disso, demonstraremos como os conflitos locais podem refletir as crises políticas de outras regiões, ou seja, como as questões políticas nacionais (movimento social messiânico e movimento social anti-comunista) influenciam nas ações sociais de pessoas comuns no interior de Goiás.

O PENSAMENTO LATINO AMERICANO EM JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI.

Fábio Vieira Peixoto, UFG/UEG

fabiovpeixoto@yahoo.com.br

Análise do pensamento revolucionário e intelectual do comunista peruano José Carlos Mariátegui, mostrar a importância que ele desempenhou para formação e criação do marxismo no Peru e na América Latina no início dos anos 20.

A contribuição e desenvolvimento da teoria marxista na América Latina possibilitou a formação de uma classe proletária e a construção de uma ideologia política-conscientizadora. O marxismo defendido por Mariátegui se apresenta com uma proposta de solução dos males do Indo – América e da classe indígena peruana ao conceber a proposta de criação do “comunismo-incaico”.

O DISCURSO DE RACIONALIDADE DO CAPITAL, O ESTADO E O TRABALHO DOCENTE

Fernanda Ferreira Belo Rodrigues, UFG/CAC

ffbello@hotmail.com

O presente trabalho resulta de uma pesquisa realizada no programa de Mestrado em Educação concluído em 2006 onde se investigou a ação sindical dos trabalhadores em educação pública de Goiás no período compreendido entre os anos de 1988 e 2004, tendo como referência de análise a aprovação da Constituição Federal brasileira e a intensificação do discurso de racionalização do capital. Este texto é um recorte dessa pesquisa e objetiva analisar o discurso de racionalização do capital na sociedade contemporânea, que tem resultado em reformulações nas estruturas do Estado e do trabalho. Nesse sentido, recorre-se à Antunes (2002, 2004, 2005), Bhir (1999), Braverman (1987), Hobsbawm (1995), Chauí (1978), Mészáros (2002) como suporte teórico. A metodologia utilizada refere-se à pesquisa qualitativa (Lüdke 1996:11), com procedimentos de observação, entrevista semi-estruturada e análise documental.

FERNANDO COLLOR DE MELLO: PODER E DISCURSO 1989-1992.

Fernanda Soares Borges, UEG

fernndasoes9@hotmail.com

Neste trabalho será analisado a forma com a qual o presidente Fernando Collor de Mello conquistou tanta popularidade no período eleitoral 1989, apresentando, a despeito disso, uma forte rejeição popular após ser eleito. Até então, nunca um político brasileiro havia usado os instrumentos midiáticos de maneira tão eficiente como o Collor. O discurso midiático foi um instrumento fundamental na campanha eleitoral de Collor. A mídia construiu um *salvador da pátria*. Por isso, este trabalho busca entender como a mídia vinculou a legitimação do poder ao discurso na construção do imaginário político brasileiro, conferindo adesão ou rejeição a determinadas idéias, valores, ou mesmo, pessoas. As estratégias de marketing foram

ênfatazadas pelos meios de comunicação, contribuindo desta forma pra construção do político jovem e destemido.

O DUALISMO: UMA VELHA NOVIDADE NA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DO GOVERNO LULA

Fernando Viana Costa, UFG
fviana21_@hotmail.com

As políticas educacionais implementadas pelo Estado Brasileiro, ao longo de sua formação, estiveram subordinadas aos interesses do capital. O dualismo, que divide as oportunidades de acesso e os programas dos cursos, é uma marca de continuidade destas políticas, sendo iniciada sua fase constitucional moderna no governo Vargas, com ênfase na “(re) formação dos trabalhadores do Brasil” e na formação dos “condutores da nação”. Perpassando lutas contra a hegemonia do capitalismo, num contexto de ditaduras, colapso das experiências socialistas e reestruturação produtiva do capital, as políticas educacionais nos países de capitalismo periférico, em particular as voltadas para o ensino superior, adentram a década de noventa sob novas orientações, aprofundando o dualismo, e, no início do século XXI, são implementadas no Brasil por um novo aliado: o governo de Lula da Silva.

ENTRE SABER E PODER: OS CONFLITOS AGRÁRIOS NO NORTE GOIANO A PARTIR DOS DISCURSOS DE JOSÉ FERNANDES SOBRINHO

Flávia Pereira Machado, UEG
terraliberdade@yahoo.com.br

O memorialista, literato e militante do Partido Comunista do Brasil, José Fernandes Sobrinho, revela em suas memórias e documentos sua participação ativa no movimento de Trombas e Formoso ocorrido na região norte de Goiás em meados da década de 1950. A partir do levantamento de documentos, discursos e imagens organizadas e/ou elaboradas pelo mesmo, pretendemos recompor as lutas políticas, assim como o reordenamento do mundo social agrário a partir da expansão do capitalismo no campo brasileiro. As experiências vivenciadas por José Fernandes Sobrinho possibilitaram a este a construção de uma imagem do seu tempo, articuladora de identidades que entrecruzam o pessoal e o político, neste sentido, analisaremos em seu discurso a busca de uma orientação em meio a conflitos que marcaram a sua época.

ITAPURANGA TAMBÉM É BRASIL GRANDE.

Ismar da Silva Costa, UFG/CAC
ismarcostago@yahoo.com.br

No presente simpósio temático procuro discutir como a administração de Warner Carlos Prestes, nos anos de 1969/1972 e 1976 a 1982, em Itapuranga-Go, foi marcada pela presença do discurso característico do regime militar brasileiro, centrado na idéia da ordem, do progresso e do desenvolvimento. Nessa perspectiva busco compreender os atos de urbanização da cidade, as modificações de ruas, praças como símbolos afirmativos de uma nova ordem política, que culminaria da reestruturação do poder local.

À ESQUERDA NA REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

Ítalo Bruno Paiva Gonçalves, UFG
italobrun@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar as contribuições teóricas do português marxista Francisco Martins Rodrigues sobre a Revolução dos Cravos em Portugal (1974/1975), onde esteve presente. Centrarei em discutir como a esquerda, no caso, o Partido Comunista Português (PCP) de Álvaro Cunhal e o movimento popular estavam presentes neste pequeno

intervalo de tempo entre o 25 de abril de 1974 a 25 de novembro de 1975, momento posterior ao fim do governo de Marcelo Caetano.

TÍTULO: UM MAPA IDEOLÓGICO INSTITUCIONAL DA EXTREMA – ESQUERDA MARXISTA PORTUGUESA (1964 – 1976)

João Victor Nunes Leite, UFG
teteucompany@hotmail.com

A presente comunicação tem por objetivo, apresentar uma introdução de caráter mais descritivo as movimentações políticas e ideológicas das lutas antifascistas em Portugal, no período de 1964 a 1976, período demarcado por duas circunstâncias macro-conjunturais, na primeira (o das lutas clandestinas em Portugal e no exílio contra o fascismo) como o momento em que se define a criação e organização de vários grupos marxistas (quase todos maoístas) em oposição direta às práticas do fascismo salazarista-marcellista assim como também em oposição à esquerda moderada centrada nos projetos do Partido Comunista Português; em segundo lugar, uma descrição macro-conjuntural da fragmentação institucional da extrema-esquerda (maoísta e conselhistas) no período revolucionário do imediato pós-25 de abril (até novembro de 1975) em especial a atuação da UDP (União Democrática Portuguesa) e a do coletivo autogestionário – Combate.

USOS DO CONCEITO DE *MODERNIDADE GOIANA* COMO MECANISMO DE ORGANIZAÇÃO E MANIFESTAÇÃO ESTUDANTIL NA DÉCADA DE 1960.

Keides Batista Vicente, UEG
keidesbatista@gmail.com

Nos embates políticos sobre as dualidades futuro–passado, moderno–tradicional, novo–velho, progresso–atraso travados nos anos de 1930 em Goiás, Goiânia se torna a materialização simbólica dos sentidos positivos contidos nos termos futuro, moderno, novo e progresso. A cidade surge no imaginário dos goianos como materialização simbólica da modernidade e do Estado, e a arquitetura e a urbanização são os exemplos desse processo, percebidas na divisão espacial e na construção de praças, ruas, prédios e monumentos. Na década de 1960, período de novas construções na cidade, como a criação da universidade pública e outra particular, a organização espacial do centro da cidade será usada por movimentos sociais como mecanismo para tornar públicas as insatisfações e impetrar as reivindicações dos grupos organizados. Dentre esses grupos, o movimento estudantil goiano usou as imagens de poder e representação da arquitetura e urbanização do centro como artifício e busca de materialização do que reivindicava. Esse imaginário em torno da arquitetura e urbanização de Goiânia percorre o espaço temporal e remonta às memórias dos ex-militantes estudantis na década de 1990, quando são entrevistados.

O EXÍLIO DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL: MOMENTO DE REDEFINIÇÃO DA MILITÂNCIA.

Lorenna Burjack da Silveira, UFG
lorenaburjack@yahoo.com.br

A ditadura militar no Brasil inaugurou um período marcado pela repressão de grupos, partidos políticos e indivíduos que não compartilhavam dos ideais e projetos militares para o país. Assim, muitos desses indivíduos optaram ou foram forçados viver na clandestinidade (geralmente atuando nos grupos de guerrilha) ou partir para o exílio. Para os militares o exílio era um meio de afastar e anular a oposição. Esta comunicação propõe uma discussão acerca do exílio como um momento de luta contra o regime militar ou como um momento de preparação para isso, seja através de treinamento guerrilheiro ou através da publicação de denúncias na imprensa internacional pelos exilados.

ESTADO E EDUCAÇÃO NO BRASIL A HISTÓRIA DE UMA APROPRIAÇÃO

Luiz Carlos Bento, UEG

luizc.bento@yahoo.com.br

Esta comunicação pretende desenvolver uma discussão acerca das relações institucionais que permeiam a relação, Estado e Educação no Brasil. Dando ênfase aos períodos marcados por fortes traços de transição políticas que dentro de uma leitura gramsciana podem ser conceitualizados de revolução passiva. A reorganização das elites no poder é sobretudo marcada por uma interferência direta nos modelos de escolarização da população, alterando a ótica das elites em transição em relação à educação. Em linhas gerais, nosso intuito é discutir o sistema escolar brasileiro, com ênfase nos anos 30 e 70 a luz do conceito de *aparelho ideológico*, buscando pesar os pontos positivos e negativos em relação a este viés de interpretação teórica.

PRÁTICAS COTIDIANAS, AÇÃO SOCIAL E AS RELAÇÕES DE PODER.

Luiz Carlos do Carmo, UFG/CAC

lzcarmo@uol.com.br

A formação da população brasileira é marcada pela presença de povos vindos de diferentes partes do mundo. Daí, a sua composição plural. Com os anos, e com as distintas maneiras de ver e de ser de cada um dos grupos populacionais, combinou-se elementos diversos e conduziu-se aos desígnios que dão os contornos da sociedade conhecida. A proposta desta comunicação é partilhar elementos, debater aspectos de uma compreensão acerca da maneira como o Estado brasileiro inseriu-se numa dinâmica maior, e á sua maneira teceu estratégias para lidar com os distintos modos de ser e de querer ser brasileiro. Para isto, analiso partes das pesquisas a respeito da presença e da atuação da população negra em algumas localidades da região central do Brasil e das políticas de tratamento, dos movimentos de enfrentamento, defesa de sentidos, nas construções da memória dentre outros elementos da vida diária.

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CAMPUS AVANÇADO DE CATALÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – 1983 -2002

Maria José da Silva, UFG/CAC

mjsilva1960@yahoo.com.br

O presente trabalho trata-se da história do Campus Avançado de Catalão da Universidade Federal de Goiás (CAC/UFG) entre nos anos 1983 a 2002. Analisamos a trajetória institucional do CAC no âmbito de sua relação com a UFG e Prefeitura Municipal de Catalão para, assim, compreender o processo de implantação e estruturação de cursos nesse Campus da UFG no município de Catalão. Sendo assim, partimos da história político-institucional que deu origem ao CAC/UFG – a criação do CAC e, seguimos analisando o processo de implantação de cursos no CAC (1986-1996) e, prosseguimos analisando o movimento político nas instâncias institucional e sindical do CAC então forjador de uma dada reconfiguração acadêmico-científico, administrativo e sindical do CAC/UFG.

MOVIMENTOS SOCIAIS NA BOLÍVIA E A CENTRAL OPERÁRIA BOLIVIANA (C.O.B.)

Mariana de Castro Schwab, UFG

schwabmariana@yahoo.com.br

Recentemente na Bolívia têm acontecido alguns movimentos sociais reivindicando direitos da população, e contra medidas neoliberais prejudiciais ao país. Dois movimentos importantes são as chamadas Guerra da Água em 2000 e a Guerra do Gás em 2003. Estes movimentos serão usados como exemplo para mostrar a força dos movimentos sociais na Bolívia e a

importante participação da Central Operária Boliviana (C.O.B.) nestes eventos. Este tema faz parte do projeto de iniciação científica “O Movimento Operário Boliviano e a revolução de outubro de 2003: identidade e etnicidade” iniciado em 2006.

HIISTÓRIA/VELHICE

Maria Teresa Ribeiro Prudente

mariaterp_@hotmail.com

Problema social e político em relação ao aumento da população de idosos no Brasil; quais perspectivas futuras e presentes vividas pelos idosos no Brasil em relação às mudanças sociais e cotidianas para ter longevidade saudável e aceitação nas sociedades.

O PODER DOS OLIGARCAS NA REPÚBLICA DO CAFÉ

Marielly Parrela Andreu Fernandes, UCDB

mariparrela@gmail.com

Pretende-se através deste estudo iniciar uma discussão relacionada à atuação dos políticos da República dos Oligarcas com o desenvolvimento do país proporcionado pela economia cafeeira. Feita uma análise das transformações econômicas e sociais resultantes da produção cafeeira - entre elas, criação das linhas férreas, urbanização, subsídios para a industrialização - pontuaremos o crescimento restrito e limitado do país decorrente do monopólio dos “barões de café” na política, fundamentado no poder de poucos e manipulado por seus interesses próprios. Onde o restante da população era excluído do jogo democrático vigente.

EZLN: DO LEVANTE À TRANSFORMAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO – 1994

Martha Melo Carvalho, UFG

marthaufg@yahoo.com.br

Dentre inúmeros movimentos sociais que constroem a luta cotidiana no enfrentamento direto com as seculares relações de produção no campo, que determinam o acúmulo de capital conseqüente da expropriação de camponeses e indígenas, o Exército Zapatista de Libertação Nacional – no México – será o tema desta comunicação. Desta forma, a função é entender o papel do levante zapatista na transformação do discurso político em discurso poético e o uso radicalmente criativo do uso da guerra, que rompe com todas as referências anteriores da esquerda estalinista ou fundamentalista. A análise desse discurso político será baseada nos comunicados dos neozapatistas publicados no período de 1994, ano do levante armado.

O PCB: AS CONTRIBUIÇÕES POLÍTICAS DAS TESES FEUDAIS EM NELSON WERNECK SODRÉ E ALBERTO PASSOS GUIMARÃES NA FORMAÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA BRASILEIRA.

Paulo Winicius Teixeira de Paula, UFG

paulowinicius@gmail.com

São objetivos deste trabalho: compreender as ferramentas teóricas utilizadas pelos dois autores que culminaram em suas respectivas teses sobre a Formação Econômica e Social do Brasil e seus projetos de transformação da realidade brasileira; Demonstrar como a relação teoria e prática estava imbuída nos dois autores, e como aliavam a interpretação historiográfica com a luta política militante e também verificar a presença e relevância das teses dos autores na tática e estratégia das organizações políticas de esquerda em particular o PCB. O trabalho visa comparar as análises apresentadas pelos dois autores, além de várias obras que versam sobre o assunto, documentos e publicações.

NEOLIBERALISMO E MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS EM GOIÁS.

Pedro Ivo Jorge de Faria, UCG

pedroturkomenistao@hotmail.com

O trabalho apresentado a seguir pretende compreender e avaliar o processo de luta pela

moradia , em específico o movimento sociais da região leste de Goiânia, como um mecanismo que a sociedade civil criou para fazer frente ao processo de exclusão do modelo econômico adotado, bem como mostrar a importância desses instrumentos coletivos no espaço político brasileiro. As associações de bairros ganham uma importância no contexto sóciopolítico de Goiânia, a partir da década de 80. Estas entidades foram de fundamental importância para o desenvolvimento de movimentos sociais ligados a luta pela moradia, envolvendo diversas perspectivas e caminhos, cada uma com características específicas, mas que ajudaram a formar um quadro maior de resistência e organização coletiva no Brasil.

POR UMA BREVE DISCUSSÃO DO CONCEITO DE ESTADO EM POULANTZAS

Rodolfo Belchior Fernandes de Paula, UFG/UEG

rodobel1981@hotmail.com

O presente trabalho visa propor uma discussão sobre o conceito de Estado, apresentado pelo marxista Nicos Poulantzas. Esta discussão se relaciona ao nosso objeto de pesquisa que consiste em debater o papel do Estado Militar, pós-64 no Brasil, e sua atuação na promoção de uma modernização para o setor agrícola nacional.

Na análise do papel do Estado, Poulantzas apresenta quatro noções, ou em outras palavras, dois elementos-chaves e duas outras funções: “autonomia relativa” e “unidade política”; “acumulação” e “legitimidade”, respectivamente.

HISTÓRIAS, BIOGRAFIAS E LUGARES: AS NARRATIVAS LOCAIS E A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DOS LUGARES

SIMPÓSIO TEMÁTICO XXII

Coordenadoras:

Cintya Maria Costa Rodrigues (UFG)

Telma Camargo da Silva (UFG)

CONSTRUINDO A APRESENTAÇÃO DE SI: ZITO – DE REI A SÚDITO DA BAIXADA

Alessandra Siqueira Barreto, UFU

alessandrabarre@fafcs.ufu.br

Este trabalho pretende apresentar a construção narrativa sobre o mesmo sujeito – José Camilo dos Santos, o Zito – a partir de duas perspectivas: sua biografia (autorizada ou encomendada?!) e de entrevista que realizei com ele e com pessoas próximas a ele sobre sua trajetória. Zito é um político de destaque na Baixada Fluminense e operacionaliza em seus discursos e apresentação de si imagens e sentidos que também dizem respeito ao que seria a Baixada: pobreza, nordestinos, violência, trabalhadores, selfmade men, entre outros. Dese modo, destacaremos como a construção narrativa de sua biografia tenta a todo momento fazer a sua ligação com o “seu lugar” e “seu povo”, a Baixada. E, por outro, através das entrevistas, perceber as nuances de uma personagem que joga com suas possibilidades de pertencimentos, imagens e de vinculações a fim de estar apto a permanecer no mundo da política.

A CONSTRUÇÃO DO VALE DO ARAGUAIA A PARTIR DE VALDON VARJÃO

Aline Lopes Murillo, UFG

alinemurillo@gmail.com

O presente trabalho focaliza as obras do escritor local Valdon Varjão, objetivando compreender a trajetória desse escritor local e a construção dos lugares inscritos em sua literatura. Valdon Varjão, ao longo de sua trajetória, escreve a história da região do Vale do Araguaia, a qual se constitui como espaço de fronteira, onde o rio Araguaia aparece simbolicamente como limite de passagem entre lugares. Nessas literaturas locais o autor é tomado pela beleza do espetáculo; nesse momento, fora do espaço, libertado das normas sociais, o escritor vive a experiência enquanto transcreve a sua própria identidade. Sendo assim, o modo de conhecimento não se reduz à faculdade de observação, mas também se configura na experiência vivida. Portanto, o escritor local “conta” a sociedade e a faz falar.

LUGARES DO TRABALHO: LUGARES DO TRABALHO: OS SINDICATOS PORTUÁRIOS SANTISTAS E A CULTURA DO TRABALHO PORTUÁRIO

Carla Regina Mota Alonso Diéguez, FESPSP

carlaregina@fespsp.org.br

O presente trabalho visa discutir a construção do sindicato como local de irradiação da cultura do trabalho, com foco nos sindicatos portuários da cidade de Santos/SP. Isto, pois, a hipótese suscitada é de que os sindicatos auxiliam na consolidação e propagação da cultura do trabalho portuário. Este local físico torna-se local simbólico para os trabalhadores, devido ao sistema de closed-shop, no qual apenas trabalhadores sindicalizados tem direito a uma vaga no mercado de trabalho. Este sistema foi utilizado pelos trabalhadores portuários brasileiros até a década de 1990. Para compreendermos como é construída a importância simbólica do sindicato na solidificação da cultura do trabalho, o artigo traz uma breve discussão sobre a

história do “close-shop” e posteriormente discute a questão com base em entrevistas realizadas com trabalhadores portuários da cidade de Santos/SP.

TEXTOS, LUGARES E VIDA: ENTRELAÇAMENTOS SIGNIFICATIVOS DA CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DO SUDOESTE DE GOIÁS.

Cintya Maria Costa Rodrigues, UFG

rodriguescintya@uol.com.br

Este trabalho é um fragmento do estudo que debruçou-se sobre uma vertente da literatura, mais precisamente, sobre os textos que trazem a referência de lugares como espaços simbólicos de reconhecida especificidade cultural, com o objetivo de compreender a construção do sudoeste de Goiás e o entrelaçamento dessa construção com a trajetória de escritores. Trata-se da análise das trajetórias de escritores, focalizando duas dimensões apresentadas pelas suas narrativas: as suas experiências com a construção da história e literatura locais e as suas relações com os interlocutores e testemunhas nesse processo de escritura. Ao escreverem as histórias dos lugares, os escritores sudoestinos goianos acionam as marcas culturais e a vontade coletiva de afirmação das histórias dos grupos e dos sujeitos envolvidos, promovem o interesse pela restituição da memória dos lugares e deslocam o foco da história para os locais onde ela se enuncia.

NARRATIVAS DE VIDA, NARRATIVAS DE HISTÓRIAS: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, TRAJETÓRIA E PROJETO A PARTIR DE PIERRE BOURDIEU, GIOVANNI LEVI E GILBERTO VELHO.

Cristina Dallanora, UFSC

dallanora.cristina@gmail.com

Este trabalho pretende analisar as relações entre história e memória, trajetória individual e projeto a partir de alguns autores que se dedicaram ao tema. Os textos “A ilusão biográfica” de Pierre Bourdieu, “Usos da biografia” de Giovanni Levi e “Memória, identidade e projeto” de Gilberto Velho discutem (com semelhanças e diferenças) de que forma os indivíduos articulam memória e projeto atribuindo um sentido à sua trajetória de vida. É comum encontrarmos nos escritos de memórias, em depoimentos ou discursos um “fio condutor” que procura mostrar o processo de evolução de si atribuindo inteligibilidade à sua trajetória. Esta discussão nos interessa por sugerir um caminho diferente do simples relato ordenado da vida ou da experiência dos indivíduos, provocando uma reflexão sobre como escritores e intelectuais constroem e legitimam suas narrativas.

ESPAÇO PRISIONAL: UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA E DE MORTE

Cristina Leite Lopes Cardoso, UNIRIO

criskikacardoso@yahoo.com.br

O presente trabalho visa analisar fragmentos de memória de um antigo presidiário do Rio de Janeiro, último remanescente de uma das quadrilhas mais conhecidas de assaltantes de bancos do país, que, tendo permanecido quase ininterruptamente no cárcere desde a década de 70, acabou falecendo em meados do presente ano. Com auxílio de bibliografia relacionada à memória, ao espaço e à identidade social, conjugada à observação participante e relatos de história de vida colhidos ao longo de uma pesquisa realizada no espaço prisional onde o personagem principal deste trabalho cumpriu grande parte da sua pena, pretendemos verificar como este lugar interferiu em sua vida, alterando a sua identidade e, de alguma maneira, influenciando também em sua morte.

A ATUAÇÃO DOS NÃO-ÍNDIOS JUNTO AOS BORORO ORIENTAIS NO PROCESSO DE (RE)OCUPAÇÃO DA ANTIGA REGIÃO LESTE DE MATO GROSSO.

Dannyely Messias de Souza, UFMT

dannyely.ufmt@gmail.com

Esta comunicação propõe discutir como os índios Bororo e seus territórios eram compreendidos pelas autoridades mato-grossenses e quais os projetos realizados na Província para (re)ocupação desses espaços. A versão predominante na historiografia e na literatura antropológica atesta que o atraso no “povoamento” da região se explicaria pela presença “bravia” dos Bororo além de ter sido esta uma área que até então oferecia poucos atrativos econômicos. Na passagem do século XIX para o XX as migrações se intensificaram e fazendeiros vindos de Goiás e Minas Gerais passaram a ocupar vastas extensões de terra, ao passo que os Bororo seriam “pacificados” num primeiro momento pelas Expedições Militares e logo em seguida pelos Missionários Salesianos.

ARDUÍNO BOLIVAR: UM BREVE PERFIL BIOGRÁFICO

Fabiola Fabiana Braga de Castro, PUC-MG

fabiolafabiana@yahoo.com.br

Arduíno Bolivar, intelectual, professor, tradutor e burocrata, foi importante figura na cidade de Belo Horizonte na primeira metade do século XX. Através do perfil biográfico de Bolivar, podem ser identificados muitos momentos da vida da cidade e seus habitantes. A convivência de Bolivar com os modernistas mineiros e sua participação na elite belorizontina revelam aspectos das relações de poder existentes na cidade àquela época. O principal objetivo deste trabalho é construir este perfil biográfico de Bolivar situado no contexto político e cultural da cidade de Belo Horizonte. Para a realização deste trabalho foram pesquisados os documentos do Fundo Arduíno Bolivar, pertencente ao Centro de Memória da PUC-Minas e documentos da Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, onde está localizado o acervo de Carlos Drummond de Andrade. Foram utilizadas também entrevistas orais com contemporâneos de Bolivar.

JOAO: NOTAS PARA UMA BIOGRAFIA DE PERTO E DE DENTRO

Fernando Firmo Luciano, UNB

ffirmo@bol.com.br

Joao foi um dos personagens mais enigmáticos que conheci durante meu trabalho de campo. Falo de uma pessoa cuja self characterization aponta para um “marginal” dentro de um grupo indígena (Cinta-Larga) que correu o mundo. Quando o encontrei morava em uma barraca de lona no acampamento de sem-tetos Grajaú, Goiânia. As narrativas de Joao o insere em contextos multi-situados: grandes guerras (Malvinas e Iraque), um acidente radioativo (Goiânia, 1987) e, sua saga como trabalhador de empreiteiras na construção de barragens no sul do país e alhures. Suas inquietações pela ausência de um sobrenome é outro assunto de suma importância que o faz refletir sobre um possível erro da engenharia social do Estado no processo de “nomação” (registro civil) de um indígena. Depois de correr o mundo e realizar um projeto (a conquista de uma moradia popular) resolveu entrar para um mercado novo e em expansão: a coleta de materiais recicláveis. No intuito de evitar tropeços ao escrever estas notas biográficas, centro-me em descrever como elas foram relatadas (o que explica o affair pela perspectiva de perto e de dentro). Em linhas gerais, o que proponho é: seguir pessoas e objetos para falar de seus relacionamentos e; tratar a descrição como o lugar dos testes de uma empreitada etnográfica.

A RÉGUA E O COMPASSO: A FRONTEIRA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MATO-GROSSENSE.

Gilmara Yoshihara Franco, UFGD

gilmara_franco@yahoo.com.br

O presente trabalho objetiva apresentar uma análise da obra *As Raias de Mato Grosso* (1926), do escritor Virgílio Corrêa Filho, onde a fronteira aparece como um dos referenciais da identidade local. De grande significado na historiografia regional, a obra, que trata do processo de formação histórica dos limites físicos de Mato Grosso ao longo dos períodos colonial e imperial, apresenta também dimensões simbólicas, por heroificar a atuação dos bandeirantes e dos chamados defensores fronteiriços. A análise deste trabalho de Corrêa Filho permite entender ainda a construção de uma narrativa que buscou garantir à Cuiabá uma hegemonia histórica frente às demais cidades de Mato Grosso, mediante a caracterização de um sentimento de “cuiabanidade” que buscou vincular a história de Mato Grosso à história daquela cidade.

DOMINGOS RAMOS PACÓ, PROFESSOR BILÍNGUE E INTÉRPRETE DO ALDEAMENTO MISSIONÁRIO DO ITAMBACURI, MG.

Isabel Missagia de Mattos, UCG

belmissagia@gmail.com

O estudo da trajetória do intérprete e professor bilíngue do aldeamento do Itambacuri (1873-1917) Domingos Ramos Pacó (1869-1930), autor de uma minuciosa descrição da história e da vida social da missão indígena, revela aspectos diferenciados do destino dos índios ali aldeados. Instruído pelos missionários, Pacó tornou-se secretário e ecônomo do aldeamento ao longo de 18 anos, sendo demitido após a revolta indígena de 1893. Profundamente decepcionado, ele escreveu o manuscrito *Hámbric anhamprá ti mattâ nhiñchopón?* (1918), no qual teceu críticas severas à política dos missionários, que passou a não reconhecer a identidade indígena dos aldeados, em consonância com os interesses nacionalistas da nascente república. Os descendentes de Pacó se encontram atualmente na zona rural do município de Campanário, MG, se autodesignam Mucurim e reivindicam ao Estado reconhecimento étnico e direito às políticas públicas diferenciadas.

NOTAS SOBRE O VÍDEO DOCUMENTÁRIO “GUERRA E PAZ NO SERTÃO DOS GERAIS”

Leandro Caitano de Magalhães, UFG

Érica das Neves França, UCG

namoralcomigo@gmail.com

ericabaiana@gmail.com

O Oeste da Bahia compõe uma região filha do bioma Cerrado, conhecido localmente como Gerais. Depois da fase de apogeu econômico e cultural no início do século XX, essa região vem sofrendo – desde a década de 1970 – fortes conflitos ideológicos quanto ao uso das terras e bens naturais.

No caso do município de Correntina, essa guerra de viveres passa desde o processo de grilagens das terras devolutas até a chegada das monoculturas do agronegócio exportador na região - incluindo os problemas ambientais acarretados com essa ocupação.

O vídeo documentário “Guerra e Paz no Sertão dos Gerais” mostra o palco da forte e bela cultura regional das comunidades tradicionais do Cerrado baiano em contraponto ao projeto “modernizador”.

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: TRAJETÓRIA (AUTO)BIOGRÁFICA DA ESCRITORA FRANCISCA CLOTILDE (1862-1935).

Luciana Andrade de Almeida, UFC

luciana.andrade@gmail.com

A diversidade e os níveis de tensão presentes na trajetória de vida e nos escritos de Francisca Clotilde (1862-1935) revelam as várias contribuições que legou e os muitos interesses que a mobilizaram. Ela fez parte do movimento abolicionista e do grupo de cearenses precursoras da escrita feminina, em um tempo em que o ato de escrever, em si, implicava transgressão. Teria figurado em clubes literários e produziu sonetos, contos, críticas literárias, propagandas. A pesquisa se ancora no estudo biográfico da escritora e observa evidências pessoais que perpassam sua vida e escrita em jornais e romances, considerando que a experiência do sujeito e o cotidiano não são desvencilhados de aspectos sócio-históricos. Há que se problematizar silêncios e vozes deixados, memórias em disputa, analisados como permissão: ela oculta e mostra aspectos que nos permitem ver como quer ser mostrada e como quer ser lembrada.

LEMBRANÇAS DE UM TRISTE FIM: HISTÓRIA E MEMÓRIA DA FESTA DE SÃO JOSÉ EM CAMPO DO BRITO

Magno Francisco de Jesus Santos, UFS

Ane Luíse Silva Mecnas, UFS

cajaibasergipe@yahoo.com.br

anemecnas@yahoo.com.br

Todos os anos, no dia 19 de março, é realizada a festa de São José dos Montes em Campo do Brito, Sergipe. A festa constitui uma romaria de âmbito local, para a qual convergem romeiros de municípios circunvizinhos. A capela de São José dos Montes é apenas uma Santa Cruz de beira de estrada, erguida para relembrar uma morte trágica, mas que no decorrer do século XX se tornou um centro de romaria. O propósito desse estudo é compreender o processo de formação do santuário de São José na Serra dos Montes. A pesquisa foi desenvolvida com base na realização de entrevistas com romeiros. Com isso, pôde ser constatada uma relação entre a morte trágica de uma criança e a formação de um santuário de âmbito local. Neste sentido, podemos dizer que a festa de São José pode ser lida como um documento, por ter surgido para relembrar uma de suas maiores tragédias.

PRÁTICAS COLETIVAS E IDENTIDADE: UM ESTUDO DE CASO DO BAIRRO GUARANI EM UBERLÂNDIA-MG

Maria Carolina R. Boaventura, UFU

marolaventura@hotmail.com

A ênfase deste trabalho está nas práticas coletivas da Associação feminina do Bairro Guarani – AFEGU e, conseqüentemente, no bairro Guarani, situado no setor oeste da cidade de Uberlândia, MG. Nessa perspectiva, portanto, almeja-se dar visibilidade, primeiramente a um bairro periférico da cidade que abriga uma associação que visa antes de tudo o “bem familiar”. Entendendo-se que este “bem familiar” se aplica não só à necessidade de famílias específicas, mas sim a uma família chamada: comunidade do bairro Guarani.

Pretende-se, ainda, observar como questões referentes à cidadania e, por conseguinte, à comunidade, são vivenciadas na prática, ou seja, perceber como certos atores sociais através de uma coalizão institucional definem e classificam problemas de ordem prática, além de analisar como constroem uma identidade específica em face da ausência do Estado.

NARRATIVAS E TESTEMUNHO: A RECONSTRUÇÃO DA SOCIALIDADE NO CINEMA BRASILEIRO

Maria Luiza Rodrigues Souza, UFG
mariluizars@yahoo.com.br

Neste trabalho discuto como as biografias de Paulo Lins (roteirista) e Lúcia Murat (roteirista e diretora) do filme *Quase dois irmãos*, contribuíram para a realização de uma obra testemunhal que trabalha a reconstrução artística de eventos violentos. Ao inserirem suas memórias como sobreviventes de diferentes experiências traumáticas, a miséria e o autoritarismo ditatorial, deram vazão a um filme cujo teor testemunhal trabalha eventos-limite. Paulo Lins viveu a violência da miséria e Lúcia Murat a violência ditatorial como militante e presa política torturada. Suas experiências de vida permitiram, através da arte, narrar configurações da sociedade brasileira. A discussão é feita tomando-se o caráter intertextual entre a narrativa fílmica e a memória de vida dos artistas em foco.

A NARRATIVA E A CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO

Maria Noemi de Araújo, UFSCAR
noemi.araujo@globo.com

A história da psicanálise nos mostra a importância da construção do Caso Clínico como um dispositivo, inventado por Freud, de transmissão do ensino da psicanálise. Tanto Freud como Lacan se utilizaram, cada um a seu modo, do Caso para desenvolver a teoria psicanalítica. Sabe-se que é nesse instante que o analista conta a história do espaço físico, do seu lugar (enquanto experiência), do sintoma, da doença e do mal estar do sujeito, não só no espaço como no tempo. Não por acaso, geralmente a narrativa de um sonho ou de uma experiência do analisando inicia-se por “eu estava num lugar...”; “no lugar havia...”. Ou seja, é no caso clínico que o analista dialeticamente concebe o espaço analítico em relação ao lugar em que ele se dá. Na construção do caso, conta-se com a narrativa, com a teoria e com a subjetividade do analista que, ao reordená-las, faz recortes e intervenções. Um caso clínico é, para o praticante da psicanálise, uma narrativa histórica em que cada um (analista e analisando) empresta sua subjetividade para a constituição do que cada Caso tem de singular.

NAS MARGENS DO TOCANTINS: MIGRAÇÃO E CONTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE IMPERATRIZ-MA (1950-60).

Renildo Carneiro Santos, UFMA
renildocarneiro@hotmail.com

A cidade de Imperatriz - MA localiza-se às margens do rio Tocantins que separa os estados do Maranhão e Tocantins, acima da confluência com o rio Araguaia. Até a década de 1950, a cidade que contava com pouco mais que três ruas, servia como ponto de passagem de migrantes nordestinos que se dirigiam aos garimpos e zonas de extrativismo vegetal do Pará. A partir desta década, a cidade recebe um grande fluxo de migrantes oriundos de outros estados do nordeste e, em grande quantidade, da região do “Japão Maranhense”, em busca de “terras libertas”. Pretende-se estudar através da memória de agentes dessa migração, essencialmente camponeses que acabam se estabelecendo na cidade, que, após o início da década de 1960, com a construção da rodovia Belém-brasília e a implementação dos grandes projetos agro-pecuários, sofre aumento considerável das suas proporções, as novas relações entre cidade/campo e sujeitos/lugares.

A NARRATIVA COMO ASSOCIAÇÃO LIVRE

Ruskaya Rodrigues Maia, EPB

ruskaya.maia@gmail.com

Bem antes da psicanálise existir sabe-se que falar faz bem, falar produz efeitos terapêuticos. Isso não foi uma descoberta de Freud. Mas a psicanálise foi o primeiro campo do saber a postular os efeitos da linguagem sobre o sujeito de forma sistemática e rigorosa como um fundamento essencial da prática clínica e, além disso, com a criação de algo novo: a originalidade freudiana propõe a associação livre ao paciente. Aceitar a associação livre é falar sem saber o que diz, buscando o sentido do que é dito. é abandonar a posição de mestre do seu discurso e aceitar que se é fundamentalmente desorientado com relação a seu desejo. Pois, só assim, a partir da narrativa constituída como associação livre, daquele que se deita e fala no divã surge uma entidade inédita, o sujeito do inconsciente.

HISTÓRIA LOCAL, UMA INTERFACE ENTRE OS TRABALHOS NO BRASIL E NA EUROPA, COMPARAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES.

Sandra Cristina Donner, ETFGS

scdonner@yahoo.com

A pesquisa em História Local já possui um campo consolidado na Europa, especialmente na Escandinávia e na Inglaterra. Nesses países, as reflexões acerca do embasamento teórico e metodológico estão muito desenvolvidas, enquanto que, no Brasil, esta proposta historiográfica está iniciando.

Esta comunicação pretende apresentar uma comparação entre os estudos sobre História Local na Europa e no Brasil, buscando contribuições e delineando propostas para futuros trabalhos. Dentro do quadro teórico escolhido, estão os estudos de Local Historisk nos institutos noruegueses e na Universidade de Oxford, na Inglaterra. No caso brasileiro, serão analisados os estudos desenvolvidos no Rio Grande do Sul nos últimos dez anos.

A PRAÇA COMO LUGARES DE MEMÓRIA E DE HISTÓRIA

Sandra Pereira Tosta, PUC - MG

sandra@pucminas.br

Esse artigo resulta de etnografia realizada no bairro Petrolândia - região operária da Grande Belo Horizonte - entre os anos de 1995 e 1997. A história desse lugar foi reconstituída através das narrativas em grupo ou individuais de seus primeiros moradores e sem elas as muitas versões que convergem para a fixação da memória e da história da gente e do lugar não teria sido possível. Dessas narrativas participam religiosos da igreja católica local, pois, a presença dessa instituição entrelaça-se às múltiplas vozes que, ao evocarem o passado, rememoram processos de luta entremeada de conquistas e derrotas. Uma dessas conquistas foi a posse da Praça Petrobrás, no centro do bairro e símbolo mais expressivo de um modo de organização de populações pobres e de um modo de ser igreja.

A FABRICAÇÃO DO BANDEIRANTE: A IMAGEM DE BERNARDO SAYÃO NA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DA COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE GOIÁS

Sandro Dutra e Silva, UNIEVANGELICA/UNB

sandrodutra@unievangelica.edu.br

Este trabalho tem como finalidade a discussão acerca da imagem mitificada de Bernardo Sayão e sua representação simbólica na Cang – Colônia Agrícola Nacional de Goiás (1941-1953). A construção da imagem pública de Sayão teve início com sua nomeação para a fundação e administração da Cang na década de 1940. Sayão exerceu ainda os cargos de vice-governador de Goiás, diretor da Novacap, vindo a falecer em 1959 na construção da rodovia

Belém-Brasília. Objetivamos discutir as narrativas dessa imagem a partir de fontes que o caracterizam com Bandeirante do século XX, bem como a repercussão na memória e imaginário da Cang. O arcabouço teórico que sustenta essa discussão encontra amparo nas concepções de Burke sobre os mecanismos ideológicos de fabricação da imagem, bem como nas assertivas de Bourdieu acerca do sentido da imagem como poder simbólico e a sua influência nas práticas sociais.

COLECIONADO CARTÕES POSTAIS: OS LUGARES CONSTITUÍDOS EM CONTEXTO DE ISOLAMENTO

Telma Camargo da Silva, UFG/FAGO

tcamargo@uol.com.br

Na procura da re-significação da biografia pessoal, algumas pessoas atingidas pela radiação decorrente da ruptura, em 1987, de um aparelho de radioterapia contendo césio-137, em Goiânia, se tornaram guarda-memória do desastre. Dentre os arquivos encontrados durante a minha pesquisa de campo doutoral, realizada de 1996 a 1997, o acervo constituído por Luz se destaca por agrupar, entre outros documentos, uma coleção de cartões postais de paisagens urbanas reunida em 1987, quando ela estava isolada no Hospital Naval Marcílio Dias, no Rio de Janeiro. Este texto discute as seguintes questões: que lugar/es se constrói, em contexto de segregação, o olhar pousado sobre uma coleção de imagens de cidades? Por que colecionar cartões postais enquanto vítima de um desastre radioativo? Assim, este trabalho analisa as representações engendradas pela constituição de arquivos pessoais em situação de desastre.

OS KADIWÉU NO SÉCULO XIX: RESSIGNIFICAÇÃO ESPACIAL E SIMBÓLICA

Valéria Nogueira Rodrigues, UFMT

val_hist@yahoo.com.br

No final do século XVIII os índios Guaikurú, após inúmeros conflitos com os luso-paulistas, assinaram um acordo de paz que levou muitos destes índios a viverem em nascentes núcleos populacionais, como Albuquerque. Muitos, porém, como os Kadiwéu, buscaram refúgio em regiões mais interiores do Pantanal o que os obrigou a uma ressignificação do espaço. Ao longo do século XIX mais uma vez estes entraram em contato com outras práticas culturais, resultado da presença de fazendeiros na região, do aumento de núcleos populacionais, e ainda da Guerra do Paraguai. Estes acontecimentos marcaram a vida destes índios e os levaram, através do processo de transculturação, a uma transformação cultural e simbólica que envolve questões como alteridade, identidade e memória, compreendidas numa perspectiva da produção social de lugares e da ressignificação de experiências vividas.

IMAGENS DA CIDADE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES

SIMPÓSIO TEMÁTICO XXIII

Coordenadores:

Marcos Antônio de Menezes (UFG)

Rafael Alves Pinto Júnior (CEFET)

A CIDADE COMO PALCO

Adriana Hassin - UFRJ

ahassin@gmail.com

O presente trabalho visa discutir os aspectos simbólicos da construção de Brasília, cidade erigida como metáfora da modernidade e símbolo do país. cidade, surgida antes em sonho e metáfora do que em projeto ou matéria, teve sua discursividade expressa em fotografias publicadas nas revistas **O Cruzeiro** e **Manchete**, que fizeram de seu *nascimento* o emblema de uma época e o marco de uma geração. O sonho encarnado de Brasília se fez realidade enquanto cidade e conquista. A grandiosidade do sonho fez de Brasília mais do que uma cidade; fez da cidade o palco de encenação do progresso, no qual os atores foram seus próprios espaços. A cidade se fez memória e identidade da Nação. Nas fotoreportagens publicadas, a cidade se fez palco de si mesma.

CIDADES MODERNAS, SOLIDÕES E SIMULACROS VISUAIS

Aguinaldo Rodrigues Gomes, FCU

aguinaldorod@gmail.com

A cidade contemporânea se apresenta como território de embates políticos, sociais, culturais e de representação. Para além, teve seu território unificado pelo modo de produção capitalista e sua extra-territorialidade, levando ao processo de banalização do espaço e mesmo das relações. A cidade se configura como espaço inóspito que encerra os indivíduos em suas casas e apartamentos, pequenos territórios de vaga segurança. Apartados fisicamente uns dos outros, desde meados da década passada, os indivíduos se lançaram na criação de novos territórios, agora virtuais e ali se relacionam entre si. Ou criam simulacros de relações. A compreensão deste processo é o objeto desta comunicação.

A VIDA SOCIAL DA CIDADE NA POESIA DE ANTONIO FRANCISCO

Alessandro Teixeira Nóbrega, UFRN

nobrega_alessandro@yahoo.com.br

Pesquisa desenvolvida no Programa de Doutorado em Ciências Sociais (UFRN). Objetiva analisar a concepção do cordelista Antonio Francisco sobre a vida social, estabelecendo como temas o progresso e o meio ambiente, a diferença do espaço urbano do rural, dentre outros. Antonio Francisco foi imortalizado pela Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), ocupando a cadeira referente a Patativa do Assoré. A pesquisa está em andamento. A análise dos seus livros e cordéis, pode-se afirmar no momento, que o poeta canta o progresso como algo que destrói a natureza e degrada a qualidade de vida do homem. Um progresso que muda as paisagens, os valores, condutas e costumes. As brincadeiras antigas e simples deixadas de lado pelos jogos em vídeos, as árvores devastadas para a passagem das estradas, os rios poluídos pelo crescimento urbano.

GOTHAM CITY: UMA CIDADE DE FEIÇÕES SOMBRIAS

Alice Fátima Martins, FAV/UFG

profalice2fm@gmail.com

Nas narrativas de muitas histórias em quadrinhos e filmes de ficção científica, as cidades tornaram-se personagens indispensáveis, muitas vezes centrais. O objetivo, neste estudo, é discutir feições, paisagens e ambiências sócio-culturais articuladas na conformação da cidade ficcional Gotham City, que figurou inicialmente em publicações da editora norte-americana DC Comics, sendo incorporada, posteriormente, por filmes de aventura e ficção científica. A partir de referenciais teóricos da Cultura Visual, Gotham City será contextualizada entre as cidades imaginárias da cultura contemporânea, na busca de compreender relações entre aspectos nela representados, das cidades e de suas representações visuais.

O GUAÍBA E AS MARGENS DA ARTE: MARCAS DA BIENAL DO MERCOSUL NA CIDADE DE PORTO ALEGRE

Bianca Knaak, PPG-HIST/UFRGS

bknaak@hotmail.com

A comunicação pretendida participa minha tese doutoral sobre as relações de Estado e mercado na construção de identidades culturais a partir da experiência das Bienais do Mercosul. Com ocupação de espaços, até então inóspitos para a apresentação artística, notadamente situados às margens do lago Guaíba, cartão postal da cidade, bem como das esculturas públicas e ou intervenções urbanas, “doadas” a Porto Alegre ao término de cada edição, discutiremos como o evento se torna indelével e insubstituível na opinião pública porto-alegrense, interferindo na paisagem e instalando seu próprio acervo público/privado na orla do Guaíba. Para tanto valorizo os registros da mídia que, divulgando o evento e suas doações, também evidencia estratégias, veladas ou programáticas de políticas públicas para a construção de identidades.

A CONTRIBUIÇÃO DO ESTILO ART DÉCO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE URBANA DE GOIÂNIA

Carla Lopes Garcia, UFG

karla-brito1979@bol.com.br

O estilo art déco é um estilo arquitetônico disseminado em todo país mas foi em Goiânia, que o seu reconhecimento foi relevante, através do tombamento de 22 prédios públicos (conjunto da praça cívica, Avenidas Araguaia, Tocantins, Paranaíba, Ahanguera e Campinas), foi reconhecido em 2002 como maior acervo construído em unidade nesse estilo, com aval do IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional). Esse estilo está profundamente ligado a história da construção da nova capital, idealizada por Pedro Ludovico Texeira com ares de modernidade e monumentalidade, embasadas em uma identidade urbana de imponência política, reformulando conceitos de poder através da arte. O art déco é um estilo francês, que teve sua apresentação formal na Exposição Internacional das Artes Decorativas e Industriais Modernas, em abril de 1925, em Paris na França. Goiânia então assume uma identidade moderna, rumo ao futuro através do art déco, projetada por Atílio Correa Lima e Armando Augusto de Godói, a cidade criava um elo de ligação do Brasil com o Mundo, exorcizando anos de atraso.

PARIS E MARCEL PROUST: A REPRESENTAÇÃO DOS HÁBITOS DA METRÓPOLE FRANCESA A PARTIR DE EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

Carlos Augusto da Silva Rosa, UFG

carlosliteratum@yahoo.com.br

O romance *Em Busca do Tempo Perdido* quase pode ser considerado uma sátira de costumes. Uma sátira porque sua dualidade entre tragédia e comédia percorre todas as páginas nas quais, mais que analisar, o autor estabelece uma verdadeira topografia dos costumes na cidade de Paris, seja nas festas da aristocracia e da burguesia, seja nas largas avenidas nas quais descobre os contornos do amor e vê os hábitos que delinearão a sua vida adulta, dividido entre os caminhos que já dividiam sua vida desde a infância: a aristocracia e a burguesia, além de mostrar o mundo que se fecha e que se abre com a grande Guerra assolando a então capital do mundo.

O ACESSO UNIVERSAL E A CONSTRUÇÃO DE NOVOS OLHARES. A DIGITALIZAÇÃO DOS ACERVOS DOCUMENTAIS E FOTOGRÁFICOS (SÉC. XIX E XX) DA CIDADE DE ITABIRITO E REGIÃO.

Carmem Marques Rodrigues - UFMG

carmem_cahis@yahoo.com.br

O projeto “Um pico no circuito da estrada real. Produzindo o acesso universal às fontes de três séculos (XVIII, XIX e XX) da história da cidade de Itabirito e região.” tem como principal objetivo redescobrir, através da documentação cartorial e de negativos da cidade de Itabirito e região, a história da localidade em seus aspectos físicos (antigas casas, ruas, festas..) e sociais (quem eram as principais famílias, os homens mais poderosos, quando aconteciam os casamentos, qual era a taxa de natalidade, de mortalidade...). Numa união entre a análise de textos e imagens, produzidos por moradores da região, é possível redesenhar a história da localidade que por muito tempo foi obscura para os próprios moradores. O projeto, através da digitalização, pretende proporcionar aos moradores, pesquisadores e professores um meio direto de reflexão sobre a história de sua região.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E MUSEUS: RESGATE DA IDENTIDADE CULTURAL DA CIDADE

Carolina Oliveira e Oliveira, UFG

carolinajti@yahoo.com.br

Este trabalho pretende analisar a importância da organização de exposições em museus para o resgate da cultura da cidade, tendo como objeto de pesquisa, a exposição permanente “Empório Serrana”, elaborada pelo Museu Histórico de Jataí Francisco Honório de Campos e aberta ao público desde maio de 2005. A exposição expõe peças e produtos que eram utilizados nas antigas casas de comércio, na primeira metade do século XX, época que a maior parte da população da cidade vivia no campo e produziam quase tudo que precisavam para sobreviver. No entanto, estes espaços tinham a sua importância, pois possuíam variados artigos para a venda como ferragens, chapéus, café, querosene, armarinho, entre outros, organizados geralmente em um cômodo, que servia de ponto de encontro, para uma conversa, para deixar recados, entre outros serviços. Este estudo faz parte de um trabalho realizado para fins de avaliação da disciplina de História e Teoria Interartes, do Programa de Pós-Graduação em História, e foi orientado pelos professores Márcio Pizarro Noronha e Marcos Antônio Menezes.

A CONSTRUÇÃO DA MUDANÇA DA CAPITAL DO ESTADO DE GOIÁS

Clarismar Gomes de Abreu, UFG

clarismargomes@yahoo.com.br

O presente trabalho pretende discutir aspectos daquilo que defino como construção da mudança da capital do Estado de Goiás que ocorre num momento onde para que a idéia da mudança da capital, desenvolvida pelo grupo que alcançou o poder político pós-30, alcançasse a materialidade necessitava dessa construção inicial da mudança num discurso de

defesa da necessidade, viabilidade e pertinência desta. Apesar de que podemos perceber motivos outros além destes justificativos que também podem ter contribuído para o desenvolvimento dessa idéia da mudança.

CIDADE E FOTOGRAFIA: ANOTAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES E O CONSUMO DO VISÍVEL

Demetrius Gomes Galvão, UFP

poetaskladestino@yahoo.com.br

Esse artigo pretende explorar a relação entre cidade, fotografia, subjetividades e produção de sentidos no cotidiano a partir do consumo do visível da cidade de Teresina, feita por seus caminhantes. Nesse percurso, pretende-se trabalhar com as imagens fotográficas produzidas para o Salão Municipal de Fotografias de Teresina, abordando a fotografia no contexto dos estudos visuais, explorando-a como artefato histórico, como canal de expressão e como um produto sócio-cultural. Assim, articulando as fotografias com a discussão que percebe a cidade, em parte, sendo produzida pelos poderes normatizadores que seguem uma racionalidade panóptica, e de outra, pelas as práticas cotidianas de usos da cidade, que jogam com o acaso e criam “linhas de fugas quebradas”. Essa é uma perspectiva que tenta vislumbrar a cidade como um lugar em que o fato e a imaginação se fundem.

IMAGINÁRIOS URBANOS E “ARTE NA CIDADE””: UM ESTUDO DE CASO

Dino Giovanni Gozzer Carbonel, UFU

gozzercarbonel@yahoo.com.br

Esta comunicação discute o processo de construção de imaginários urbanos a partir da pintura mural do artista plástico Caetano de Almeida, proposta durante a programação do evento artístico "Arte na Cidade" e instalado na Biblioteca do campus Umuarama da Universidade Federal de Uberlândia. A discussão focará, simultaneamente, a subjetivação do artista e a do fruidor, ou seja, o diálogo estabelecido entre os códigos pictóricos representados e sua decodificação. Entender a trama subjetiva dos imaginários urbanos significa encontrar afinidades gestuais e imagéticas entre o produtor e o fruidor. Particularizar a análise dos processos de produção artística e de fruição torna-se o ponto de partida para entender as empatias de grupo, da identidade coletiva na cidade, espaço multicultural por excelência, lugar de territorialidades culturais coexistentes.

FORÚM 2004 E PLANO 22@, DIFERENTES DOMÍNIOS NA CONFORMAÇÃO DA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Eline Maria Moura Pereira Caixeta, UCG

elinecaixeta@yahoo.com.br

No contexto de reflexão, que entende a cidade contemporânea como metrópole difusa, sem limites claros e em permanente processo de transformação, sobressai o caso exemplar de Barcelona, cidade que tem demonstrado uma vocação de renovar-se ao longo da história. Desde o Plano de Idelfons Cerdà (1859) para o Ensanche, até os dias de hoje, a cidade tem passado por um processo de constante e gradativa mutação, repensando seus espaços, sem comprometer a gênese de sua estrutura histórica e afetiva. O objetivo deste trabalho é analisar duas intervenções ocorridas em um momento de mudança de orientação delineado a partir de 1997, quando o modelo de intervenção centrado em formalizar conceituações e discussões sobre a “urbe”, passa a ser substituído por outro modelo, mais fragmentário e arbitrário, tendo por base o objeto autônomo, o projeto assinado por arquitetos globais e midiáticos.

CORPO, HISTÓRIA E CIDADE: GOIÂNIA UM DIÁLOGO POSSÍVEL.

Fabiana Alzira Ramos, FAV/UFG

fabialazira@hotmail.com

Este trabalho tem como objetivo fulcral narrar a história da cidade a partir da construção do corpo moderno, dialogando como a sua expressão interferiu na vida do cotidiano na cidade de Goiânia no século XX. A história da cidade aqui será apresentada pela cultura corporal do povo goianeses: das mulheres e dos homens. O trabalho discutiu questões como: os projetos urbanísticos e arquitetônicos de Goiânia, tinham conexão com o corpo humano? Qual a relação entre corpo e a cidade? O espaço proporciona o corpo se tornar passivo ou não? Esse recorte se limita a uma pesquisa de cunho bibliográfico utilizando como referencial teórico, autores que discutam o corpo e a cidade em uma perceptiva histórico-cultural.

REPRESENTAÇÕES DA METRÓPOLE EM *A TERRA DESOLADA* (1922), DE T. S. ELIOT, E EM *A PONTE DO BROOKLYN* (1930), DE HART CRANE

Flávio Pereira Camargo, UEG

camargolitera@gmail.com

A representação simbólica da cidade na história da humanidade, desde a Babel bíblica, remete-nos, segundo Pesavento (2002, p. 09), a uma imagem da cidade como centro de conflito entre os homens, pois a *urbe* é o local, por excelência, da agitação, do aglomeramento, da concorrência, do desenvolvimento; enfim, de uma eterna competição entre os homens. Se “a cidade é o objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros” (PESAVENTO, 2002, p. 09), temos, pois, a construção de um imaginário social sobre as cidades. Qual seria então, o imaginário social sobre a cidade moderna em T. S. Eliot e em Hart Crane? Eis a questão que tentaremos responder ao longo de nossa análise.

AS ESTAÇÕES NA MEMÓRIA DO IMIGRANTE: A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DE SÃO PAULO

Givaldo Ferreira Corcinio Junior, Valéria Cristina Pereira da Silva - UFT

givaldo@gmail.com

O trem tornou-se um elemento praticamente indissociável da imagem de São Paulo. As estações ferroviárias paulistanas constituíram-se como símbolos particulares da cidade, introduzindo uma relação dialética entre o dentro e o fora. Revelaram-se como um ícone da modernidade, sendo lugar de passagem, de despedidas e de chegadas. Elas concentravam em suas estruturas mais do que desenhos arquitetônicos ou artísticos. Estavam nelas também desenhos de desejos, sonhos, esperanças, emolduradas pela fuligem da “Maria Fumaça”, imprimindo na linha do horizonte o negativo fotográfico que revelou no imaginário social a cidade grandiosa, repleta de medos e utopias. Hoje, entretanto, elas situam-se como um elo entre o novo e o velho, construindo assim uma teia de sentidos composta de ferro, vidro, concreto e nostalgia.

O IMAGINÁRIO PARISIENSE

Idila de Roure Silva Rocha, UFG

idilars@gmail.com

Algumas cidades exercem um determinado fascínio, tal fascínio alimenta o imaginário sobre estas cidades, assim como a construção deste imaginário alimenta tal fascínio. Nessa relação de interdependência busco como objeto Paris, e as relações de poder existentes na construção desse imaginário. Nas obras de Ernest Hemingway e Wilian Wiser (respectivamente Paris é uma Festa e Os anos loucos) sobre suas concepções busco nesta comunicação observar,

pensar e discutir a construção e a consolidação deste imaginário, colocando no centro do palco a segunda metade do século XX

GOIÂNIA – A CIDADE PRÉ MODERNA DO “CERRADO”

Jacira Rosa Pires, UCG

jacira_pires@hotmail.com

As teorias urbanísticas surgidas entre os séculos XIX e XX seguramente são as responsáveis pelo cambio e a maneira de instalar as cidade nessa época. Nossa atenção está centralizada no estudo e forma de interação dessas teorias com a urbanística brasileira no processo de implantação da cidade. Voltamos-nos de maneira especial nas discussões preliminares do Movimento Moderno com a intenção posta na realização da cidade de Goiânia em 1933, como passo inicial e fundamental para explicar as posteriores implantações surgidas sob inspiração do urbanismo moderno, de Brasília em 1960 e Palmas em 1990.

As teorias urbanísticas surgidas entre os séculos mencionados se difundiram por grande parte do mundo e hoje formam parte da nossa realidade urbana, convidando à reflexão para melhor entender como funcionam nossas cidades. A teoria mais carismática em esse momento era a cidade jardim de Howard, ainda que chamasse atenção outras teorias como: a Cidade Linear de Soria, a cidade Industrial de Garnier, o zoneamento do urbanismo alemão; todas elas pressuposto e antecedentes da “nova cidade” que então surgia. Nosso estudo mostra em que medida estas propostas colaboram na estruturação do plano de Goiânia.

«RE-ARQUITETURAS»

José Artur D’Aló Frota, FAV/UFG

arturfav@yahoo.com.br

RE-ARQUITETURAS é uma reflexão crítica sobre o papel dos arquitetos e os *espaços da memória*. Procura refletir sobre a necessidade da evolução na dialética das relações entre a cidade construída e as novas intervenções. Aborda a construção da cidade moderna enquanto um enfrentamento contemporâneo consciente das suas préexistências e neste sentido, se insere dentro das reflexões e análises que procuram uma re-leitura da atuação e do papel do arquiteto ante os novos desafios da sociedade plural contemporânea neste início de século XXI. Projetar, hoje, é atuar cada vez mais no lugar já edificado e neste sentido, a dualidade passado e presente assumem um importante rol interativo. Exemplos recentes, traduzem um processo evolutivo que permite nova visão do fato arquitetônico enquanto ofício que, se por um lado resgata o contato com a história, por outro, não renuncia a sua condição de contemporaneidade.

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO A PARTIR DE SEU PATRIMÔNIO TOMBADO

Julia Wagner Pereira, UNIRIO

juwp2005@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo analisar a cidade do Rio de Janeiro a partir de seu patrimônio cultural tombado. Focando nos bens móveis e imóveis tombados pela Secretaria Extraordinária de Promoção, Defesa, Desenvolvimento e Revitalização do Patrimônio e da Memória Histórico-Cultural da Cidade do Rio de Janeiro – SEDREPAHC pretende-se recuperar a imagem construída da cidade através da seleção dos bens protegidos. Nessa investigação também são analisados os critérios de seleção, os valores apontados e a natureza dos bens protegidos, assim como que história, grupos sociais e acontecimentos foram materializados nesse processo de invenção. A intenção desse trabalho é refletir sobre o tombamento como um processo de construção de identidades e memórias das cidades, tomando como estudo de caso a cidade do Rio de Janeiro.

MULTIPLICITY. CIDADE-CENÁRIO: A METRÓPOLE COMO EXPERIÊNCIA IMAGÉTICA

Lilian do Amaral Nunes, USP

lilianamaral@uol.com.br

MULTIPLICITY, investigação videográfica, fundamenta-se na concepção ampliada da Arte como Experiência, tendo os lugares da cidade - reais e imaginários - como suporte para criações coletivas envolvendo artistas e não-artistas. Do espetáculo à experiência da cidade, passa-se às diferenças entre visualidade e visibilidade, passa-se da cidade ao lugar. Perscruta os imaginários urbanos a partir de experiências acerca da percepção do movimento característico da criação contemporânea e da experiência urbana cotidiana, operando uma distinção entre visualidade e visibilidade, entre recepção e percepção, entre comunicação e informação. Em todas essas diferenças se produzem metamorfoses do olhar.

ESCULTURA, LUGAR DE EXPOSIÇÃO E CIDADE

Luís Edegar de Oliveira Costa, FAV/ UFG

luisedegar@gmail.com

É sobre o lugar de exposição redefinido por algumas esculturas contemporâneas instaladas no espaço público que vai tratar a comunicação que estou propondo. Nesses trabalhos, a cidade é tomada como espaço para estratégias que buscam aproximar arte e vida, destinatária de ações artísticas que são formuladas como intervenções diretas no real. São ações que propõem uma experiência estética aberta, através de uma forma que ainda seria moderna – mesmo que questionem os postulados dessa forma. Para isso vou analisar trabalhos de Richard Serra e me reportar a análises desenvolvidas por críticos e historiadores da arte sobre esses trabalhos e sua repercussão na produção artística contemporânea, sobre o modo como definem o seu estatuto a partir desse lugar de exposição.

GOIÂNIA: MITO OU MODERNIDADE? UM OLHAR PUBLICITÁRIO SOBRE A IDENTIDADE DA CIDADE.

Marcelo Henrique da Costa, Faculdade de Artes Dulcina de Moraes

riccoluz@hotmail.com

O presente estudo foi apresentado como fruto da dissertação de Mestrado em Cultura Visual pela UFG. A publicidade é um importante sistema visual na contemporaneidade. Portanto, uma análise da identidade da cidade de Goiânia é feita a partir da ideologia veiculada através da publicidade feita pela prefeitura municipal entre os anos de 2001 e 2004, da imagem da cidade gerada pelos publicitários e na percepção de seus receptores. Através de uma abordagem da identidade da capital e a partir de uma análise pautada pelo contexto sócio-histórico e cultural de Goiás, chegou-se a conclusão que a capital goiana vive no limiar da modernidade/ruralidade. Goiânia foi uma modernidade possível. Hoje, novos padrões são estabelecidos, até os próprios entrevistados durante a pesquisa se questionam sobre a modernidade da cidade e se realmente querem que ela se modernize, pautando-se pelos grandes centros cosmopolitas, ditos modernos.

GOIÂNIA: PRIMEIRA EXPERIÊNCIA BRASILEIRA DE UNIDADE DE VIZINHANÇA

Márcia Metran de Mello, UCG

marciametran@yahoo.com.br

Esta pesquisa pretende trazer esclarecimentos sobre a primeira tentativa de implantação de uma unidade de vizinhança no Brasil, o Setor Sul, bairro da cidade de Goiânia, pois se considera que até hoje esse experimento não foi suficientemente investigado. Tenciona-se, no âmbito geral, explicitar o pensamento dos urbanistas que mais influenciaram na formação do conceito de unidade de vizinhança. No âmbito local, o objetivo é formar um banco de

depoimentos de pessoas diretamente envolvidas na experiência do Setor Sul, ou seja, seus moradores. Esse acervo deverá ser útil não apenas para a pesquisa em questão, mas para outras que possam advir, tornando-se um ponto de referência para o assunto. Além disso, por meio desse material, espera-se trazer à tona análises que possam elucidar o resultado prático de um projeto que pretendia oferecer uma convivência de qualidade entre seus moradores e o espaço circundante.

CIDADES DAS LETRAS

Marcos Antonio de Menezes, UFG
pitymenezes@terra.com.br

As mudanças na vida social, econômica e política dos séculos XVIII e XIX propiciaram o surgimento da literatura da nascente grande cidade. Todo o espaço urbano é esquadrihado por centenas de olhos atentos e afoitos a descrever tudo o que era movido ou se fazia mover. Surge aí uma plêiade de escritores cuja musa, então, era o novo espaço urbano. Depois de o poeta de *As Flores do Mal* ter traduzido, em versos, as mudanças que a nova cidade do século XIX provocava na alma e no mundo físico, muitos outros se ocuparam de tal tarefa. Mas, ainda assim, a cidade parece ser material inesgotável, sempre passível de novas abordagens – mesmo porque, a nova cidade renova-se a cada dia.

CIDADE E COTIDIANO SOB UMA VISÃO DA INTERNACIONAL SITUACIONISTA

Marcus Vinicius Costa da Conceição, UEG
mvc.costa@gmail.com

A Internacional Situacionista herda de seus movimentos precursores (a Internacional Letrista, o MIBI e a Associação Psicogeográfica de Londres) o estudo da cidade como elemento fundamental da revolução do cotidiano. Para isso desenvolverá durante toda a sua existência (1957 – 1972) estudos ligados a cidade como a Teoria da Deriva, o Urbanismo Unitário, entre outros que “apoiados” pelos estudos de Henri Lefebvre sobre o cotidiano darão um novo sentido para as cidades, se contrapondo ao rumo que a reconstrução européia tomava nesse momento, uma vez que se regia pela lógica do capital.

DA PAISAGEM URBANA AO TERRITÓRIO, DO GUETO AO GUETO

Miguel Rodrigues de Sousa Netto, UFU
miguelrsnetto@hotmail.com

Desde a segunda metade do século XIX a paisagem urbana tem sido modificada violentamente. Sua utilização também foi modificada: os diversos grupos sociais se apropriam e re-significam a cidade continuamente, mesmo que com algumas limitações, a exemplo da calçada usada pelos pobres e a rua tomada pelos automóveis dos integrantes das camadas abastadas. Porém, em algumas oportunidades, os territórios demarcados têm suas fronteiras suavizadas ou suspensas. Grupos habituados a permanecerem em seus bares, restaurantes, cinemas, becos, tomam e transformam a paisagem urbana, a exemplo de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros com suas “paradas”. Trata-se do rompimento do gueto ou da criação de um novo gueto, agora carnavalesado? As apropriações do espaço e as novas territorializações são objeto deste trabalho.

CRÔNICAS, CRONISTA E CIDADE: IMAGENS DO RIO DE JANEIRO NA VIRADA DO SÉCULO XX NAS CRÔNICAS DE OLAVO BILAC.

Radamés Vieira Nunes, UFU
radamesnunes@yahoo.com.br

A presente proposta de trabalho, tem por objetivo a análise minuciosa das crônicas, do príncipe dos poetas e também jornalista Olavo Bilac, publicadas entre 1890 e 1908 nos jornais

e revistas da imprensa brasileira. Essa matéria-prima, para história, foi salva por Antonio Dimas através da publicação das crônicas em dois volumes intitulados *Bilac, o jornalista*. Intentamos através deles perscrutar a cultura política e social no Rio de Janeiro na virada do século XX, período em que ainda eram incertos os novos rumos da República e das reais conseqüências pós-abolição. Além de Discutir a forma como Olavo Bilac viveu e narrou, via crônica, esse instigante contexto marcado por revoltas, disputas e exclusão social; pelo desejo de civilização, progresso, ordem, nacionalismo e modernização na cidade onde ainda eram fortes os traços de herança colonial.

DA UTOPIA COMO GÊNERO LITERÁRIO: UMA REVISÃO DO PROBLEMA

Tarsilla Couto de Brito - Unicamp

tarsillacouto@gmail.com

A palavra utopia surge na história do pensamento ocidental para nomear o texto escrito por Thomas More em 1516. Na mesma época, esse tipo de obra que idealiza uma sociedade perfeita foi amplamente utilizado na Itália - *Mondo savio e pazzo* de Doni (1551) e *La Città Felice* de Patrizi (1553) constituem exemplos disso. No século seguinte, multiplicaram-se os romances de organizações político-sociais - *Histoire comique des États et Empires de la lune* de Cyrano de Bergerac (1657) e *Les aventures de Télémaque* de Fénelon (1699). A partir do final do século XIX, utopia desenvolve um valor negativo de sonho e irrealidade, ao ponto de gerar um outro gênero: a ficção científica de caráter distópico. A *Utopia* de Morus continua sendo referência, mas é preciso avaliar o que permanece de essencial no pensamento utópico, enfatizando as transformações sofridas pela utopia como gênero literário.

A CIDADE ENTRE OS LAÇOS DO TEMPO: UMA MEMÓRIA PARA O FUTURO

Valéria Cristina Pereira da Silva, UFT

vpcsilva@hotmail.com

O presente trabalho busca compreender a cidade de Palmas a partir do imaginário. Palmas, capital do Estado do Tocantins, é uma cidade planejada que surgiu numa condição de compactação temporal. Compreendemos teoricamente esse fenômeno como ausência de tempo. A ausência de temporalidade da cidade projetada/implantada criou um imaginário específico que a coloca numa condição pós-moderna. A imagem da cidade cheia de simbolismos joga com a subjetividade do tempo, num processo antitético lembra o futuro e imagina o passado, pois, a ausência de tempo não é inexistência, apenas é o tempo que não escoou. A imagem da cidade, entretanto, “representa” tempos diversos criados e forjados que ludibriam a percepção e produzem ilusões no qual o objetivo último é dar sentido a cidade.

A MODA BELO-HORIZONTINA: UM ELEMENTO DO AMERICAN WAY OF LIFE.

Virgílio Coelho de Oliveira Junior - PUC-MINAS

virgiliocoelho@yahoo.com.br

Análise da moda belo-horizontina dos anos de 1945 a 1960, buscando relacioná-la com a divulgação do *American Way Of Life* num contexto de expansão do capitalismo norte-americano. Proposta de análise tendo como eixo norteador, o diálogo entre micro e macro histórias através da relação entre contexto mundial dos pós-Segunda Guerra, e o cotidiano da sociedade da capital mineira. As palavras chave dessa pesquisa são: Moda- Capitalismo- Belo Horizonte. Essa pesquisa possui, portanto, como principal objetivo, a verificação de como as transformações ocorridas no cenário mundial nos anos dourados do capitalismo, pôde inferir, em um componente da cultura e cotidiano brasileiros tendo como objeto de estudo a moda de uma das capitais brasileiras, no caso Belo Horizonte.

MORTE, RITUAL DE MORTE E CEMITÉRIOS

SIMPÓSIO TEMÁTICO XXIV

Coordenadores:

Maria Elizia Borges (UFG)

Alcinéia Rodrigues dos Santos (UFG)

IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA EM PARELHAS - RN

Alcineia Rodrigues dos Santos, UFG/UEG

annaneia@yahoo.com.br

Este trabalho se desenvolveu partindo de dois pontos: inicialmente sistematizamos as teorias que fundamentam a categoria da memória e representação social, buscando em outro momento aplicá-las em análise fundindo-a com a empírica. Nesse sentido, fizemos entrevistas com os coveiros a fim de compreender qual a visão que os mesmo tinham sobre a morte e seu ofício. Através das entrevistas feitas com os coveiros José Cândido dos Santos e Francisco das Chagas da Silva, zeladores do cemitério da cidade de Parelhas – RN, buscamos verificar como se processa o entendimento das representações em torno da morte, especialmente através de seu ofício. Suas falas nos permitem pensar as impressões a respeito dessa atividade, a qual reflete um imaginário social e coletivo que retrata a morte como algo de que não queremos falar, sendo observada com estranhamento, mesmo sabendo de sua existência e percebendo que dela não podemos fugir. Apesar da construção de um imaginário em torno da morte e do além-morte com a constante representação dos mitos de assombração, nosso estudo pode constatar que a atividade dos coveiros configura-se como artes, uma ação que aglutina estética e prazer. Os estudos das representações e da memória auxiliam-nos como suporte teórico no que se refere ao imaginário em torno da morte, especialmente em relação às atividades dos coveiros.

A ARTE QUE NASCE DA SAUDADE: A REPRESENTAÇÃO FUNERÁRIA DO CEMITÉRIO ALEMÃO DE FLORIANÓPOLIS (SC)

Alice de Oliveira Viana, UDESC

Elisiana Trilha Castro, UFSC

Em Florianópolis, a instalação de um Cemitério da comunidade germânica no ano de 1925, dentro do cemitério público São Francisco de Assis no Itacorubi, evidencia a criação de um espaço singular que ganha seus próprios referenciais funerários, próximos aos sepultamentos católicos presentes neste mesmo cemitério. Partindo de uma análise deste Cemitério alemão existente nestas condições particulares, a proposta deste trabalho é refletir acerca da representação funerária desta comunidade alemã, suas expressões artísticas e as funções destas no registro da morte, assim como o papel deste local como referencial patrimonial da presença germânica ainda pouco estudada na capital catarinense.

HISTÓRIA ATRAVÉS DA ARTE CEMITERAL

Clarisse Ismério, URCAMP

claismerio@gamil.com

A história da cidade de Bagé, carinhosamente chamada de “Rainha da fronteira”, inicia com a colonização do Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XVII, deste período em diante foi marcada por tempos de luta e paz. Seu passado perpetua-se através de seu patrimônio cultural, no qual encontramos registros de períodos de glória, prosperidade econômica, atuação política e cultural. Nossa pesquisa visa refletir sobre a história da cidade através da arte cemiteral, pois o cemitério da Santa Casa de Bagé possui um conjunto de túmulos de invejável valor histórico e artístico. Em seu “acervo” existem túmulos de figuras notórias da sociedade, mausoléus de famílias tradicionais e, de heróis da Revolução Farroupilha e Guerra do Paraguai.

HISTORICIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL SOBRE A CESSAÇÃO DA VIDA

Cleusa Maria da Silva, Colégio Betel

cmsilva@hotmail.com

Trabalho monográfico para conclusão de curso em Geografia na UEG-UnU de Pires do Rio. Visa analisar historicidade da morte e a espacialidade da morte no capitalismo e como está organizado esse espaço em Pires do Rio. Embasado em uma revisão bibliográfica e pesquisa de campo, foi possível notar as mudanças que o espaço da morte sofreu durante os últimos séculos e os novos espaços que foram criados para atender as novas necessidades das atividades mortuárias. Descobriu-se o quanto a morte organiza o espaço da cidade através das relações que estabelece com o capital e o Estado. A Atividade mortuária modifica de acordo com a necessidade do capital para ampliar suas bases de acumulação. Hoje a morte envolve todo um complexo industrial e mercadológico. Alguns traços continuam, mas houve muitas mudanças nas atividades mortuárias recentemente.

RETRATOS DE ANJINHOS: FOTOGRAFIA MORTUÁRIA DE CRIANÇAS EM BELA VISTA DE GOIÁS

Déborah Rodrigues Borges, UFG

deborahborges@yahoo.com.br

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o hábito de fotografar os mortos na cidade de Bela Vista de Goiás entre os anos 1920 e 1960 a partir da análise de retratos de crianças falecidas. A fotografia mortuária é considerada, aqui, como um ritual que mescla o conceito católico da Boa Morte e o das Belas Morte românticas. Em Bela Vista de Goiás, havia o costume de vestir os pequenos defuntos como anjos, numa alusão à crença popular de que as crianças falecidas antes dos sete anos de idade passavam, imediatamente, à condição de entidades celestes sagradas. Assim, a fotografia mortuária infantil carrega certas idéias sobre a morte e a infância e, num contexto familiar, adquire o status de objeto de devoção, uma vez que a imagem mortuária servia como recurso de manutenção da memória desses “anjinhos”.

RITUAIS DE MORTE EM GOIAS NO SÉCULO XIX

Deuzair José da Silva, UEG - Iporá.

deuzair@uol.com.br

A presente comunicação tem por objetivo debater os rituais de Morte na província de Goiás e seu “enfrentamento”. O papel desempenhado pelas Irmandades. A atuação da Igreja e as relações com o conjunto da população. As disposições testamentárias e as encomendações. O terreno e o extra-terreno: dois mundos opostos e complementares. As visões do além. A ritualização tem grande significado para a comunidade, como: 1- proporcionar um bom lugar para o grande significado para o morto; 2- paz e sossego para os vivos, etc. Ao longo do

século a sociedade passa por modificações com a secularização da morte e o surgimento dos cemitérios secularizados.

A BELEZA OCULTA: A ESTÉTICA FUNERÁRIA NA PERSPECTIVA DA ARTE FOTOGRAFICA

Diones Alves, URCAMP

reportrfotografico@ibest.com.br

A presente pesquisa tem por objetivo mostrar a possibilidade de existência de uma beleza oculta no contexto cemiteral. Por meio de materiais imagéticos, buscamos observar as suas possíveis influências no campo das artes e história. Ao analisarmos as imagens pretendemos, a partir das regras de tratamento técnico da fotografia, fazer uma releitura dos símbolos no Cemitério da Santa Casa de Bagé.

A MORTE EM “VENHA VER O POR-DO-SOL” E EM “WERTHER”

Eduardo Rodrigues de Souza, UFU

heregeu@gmail.com

Este trabalho apresenta a questão da morte em “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles e em “Werther”, de Goethe. Em ambas as obras, a morte é retratada como uma solução definitiva para os tormentos emocionais das personagens principais. Fundamentado nos conceitos da literatura comparada, neste trabalho empreendi uma análise, comparando a obra do romancista alemão com o conto de Telles. O ponto de partida é confrontar dois diferentes gêneros literários, romance alemão e conto brasileiro moderno, criados em diferentes momentos da história das literaturas européia e latino-americana.

CEMITÉRIO SANTANA DE INHUMAS COMO LUGAR DE MONUMENTOS-MEMÓRIA

Eurimar Nogueira Garcia, UFG

eurimargarcia@yahoo.com.br

Entendendo como monumento-memória um conceito ligado a uma construção erigida com a função determinada de lembrar alguma coisa a alguém, considerarei assim o Cemitério Santana de Inhumas, principalmente as sepulturas de 1960 a 2004, num embasamento teórico oriundo, de autores como Jacques Le Goff e Peter Burke, procurando compreender que tipo de memória é essa (sacra e/ou profana) e que elementos sociais e materiais permitiram a sua construção. Um outro aspecto que abordo é o antropológico, baseado no conceito comunidade de memória criado por Peter Burke, tento analisar como ocorre a relação dos vivos com seus amigos e ancestrais ali enterrados, comparando o caso inhumense com a tendência contemporânea no Ocidente, sob a ótica Norbert Elias em Solidão dos Moribundos.

UMA VISÃO MEXICANA SOBRE A MORTE RETRATADA EM ALGUMAS OBRAS DE FRIDA KAHLO

Fernanda Rodrigues de Assunção, UFG

fernandaassuncao_86@hotmail.com

A morte no México é tratada de forma particular. Apesar de existir entre os mexicanos o sentimento de angústia perante a morte comum às demais sociedades ocidentais e cristãs, no México, a morte é tida como algo cotidiano e familiar. Existe a concepção dual entre vida e morte em que esta última se apresenta como um momento de passagem para uma vida em outro plano. Essa visão dual vem dos ancestrais pré-hispânicos, sendo que quando os espanhóis chegaram ao México, já havia um culto muito elaborado aos mortos. Na festa conhecida como Festa dos Mortos, é possível notar elementos pré-hispânicos fundidos ao

cristianismo trazido pelos espanhóis. Frida Kahlo usou desta visão popular mexicana sobre a morte para compor muitas de suas telas, sendo que é facilmente notável a forte influência da cultura pré-colombiana em muitos de seus trabalhos.

PRÁTICAS E SIGNIFICAÇÕES DA MORTE INFANTIL NA CIDADE DE GOIÁS NO SÉCULO XIX

Gleidson de Oliveira Moreira, UFG
kareminus@gmail.com

O objetivo desta apresentação é tratar das práticas e dos significados envolvidos em torno da morte infantil na cidade de Goiás no século XIX e das mudanças operadas nesse âmbito. Busca-se analisar como o advento de uma nova configuração político social (transição do período monárquico para a república), acompanhada de uma maior valorização das relações familiares e da veiculação de um novo estatuto para a criança, teria participado das transformações no significado da morte infantil. Nesse sentido, a morte é apresentada como um viés privilegiado para se avaliar a sensibilidade em relação a infância na sociedade vilaboense. Sendo assim, verificar-se-a como, por meio do estudo da morte infantil, é possível constatar nas práticas não verbalizadas na arte cemiteral, as representações da morte de crianças em Goiás.

ALEGORIAS DO CEMITÉRIO DA SAUDADE DE CAMPINAS – SP

Halima Alves de Lima Elusta, UFG
halvesdelima@yahoo.com.br

O Cemitério da Saudade da Campinas – SP pode ser considerado um *museu a céu aberto* por abrigar construções de valor artístico e histórico. Além dessa característica ele é também um reflexo de uma mentalidade do período em relação à morte e aos sentimentos a ela relacionados. O presente trabalho pretende mostrar os principais monumentos, especialmente alegorias, que materializam esse sentimento de dor e perda da sociedade burguesa da cidade até a década de 1940 e contextualizá-los nas demais representações da arte funerária brasileira.

“ÚLTIMAS VONTADES”: RITUALIZAÇÃO DA MORTE E IDENTIDADE RELIGIOSA EM SANTA CRUZ DE GOIÁS (MEADOS SÉCULO XIX)

Hugo Leonnardo Cassimiro, UCG
gu_temporal@yahoo.com.br

Este trabalho resulta do estudo da pesquisa sobre as mulheres sertanejas e sua inserção nas fazendas de criar gado em Goiás, século XIX. Durante este percurso encontramos diversos testamentos permeados pelo discurso de afirmação da religiosidade católica apostólica romana. Estes discursos remetem a um assujeitamento dos corpos e das falas à religião oficial do Império do Brasil, fator de sociabilidade nas vilas como Santa Cruz de Goiás. Nestes ditos documentos encontramos entre as “últimas vontades” a ritualização da morte que se aproxima, são como o último ato social de afirmação da cultura religiosa, um canto final em que as práticas religiosas são exacerbadas em uma enorme quantidade de missas e ritos outros. Revelam também as sensibilidades diante do fatídico desfecho que lhes aguarda, momento oportuno à um pedido de desculpa à esposa, o reconhecimento de filhos e a afirmação da confiança e amizade.

A DESMORALIZAÇÃO DA MORTE POR GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ EM 1909: A MORTE E O CORPO

Leandro Davi Guimarães, UFG

ldguima@hotmail.com

A obra *La hojarasca* é o primeiro alicerce de Gabriel Garcia Márquez ao fundar *Macondo*, cidade fictícia utilizada em outras obras de sua autoria. O primeiro romance do autor conta uma relação complicada entre um médico e a maior polpuação de *Mocondo*. Depois de negar socorro médico a algumas pessoas, o ódio coletivo da cidade condenou o doutor à putrefação a céu aberto, quase toda *Mocondo* desejava sentir o mau cheiro de seu defunto. Tendo como foco a banalização da cadáver, já que o doutor não pôde ser banalizado em vida, teorizar a morte neste caso atípico é no mínimo intrigante. Pretende-se discutir aqui, como que muitos valores sociais atribuídos ao corpo sem vida sejam desmoralizados para a construção de uma metáfora ou de transgressão coletiva.

MORTE E MUMIFICAÇÃO CHINCHORRO

Lívia Marques, UFG

Sendo a morte um tabu e motivo de medo de boa parte da população, viemos nesse ensaio mostrar algumas formas de negação da mesma através de um imaginário pós morte. Através dessas manifestações coletivas diante da morte buscaremos um inconsciente coletivo de negação à morte. Esse imaginário é ritualizado de maneiras diversas entre os povos. De acordo com a cultura, com o eixo orientador mítico teremos um tratamento para o corpo morto. Apoiando-se nessa afirmativa exemplificaremos o ritual mortuário com a cultura chinchorro que mumificavam seus entes de maneira bem particular.

MORTE NAS INSTALAÇÕES DE SIRON FRANCO

Lucia Bertazzo, UFG

lucia.bertazzo@gmail.com

Siron Franco é um artista que sempre trabalhou com imagens do mal. Suas instalações mostram vestígios da violência, representando a tentativa de buscar um sentido a tudo que suscita o mal no homem. Pretendo fazer um estudo da visualidade das grandes desgraças presentes na obra do Siron enfocando principalmente a instalação “Intolerância” que se constituiu de 865 corpos decapitados. Farei um histórico de sua produção nas instalações: “Bandeira de caixões”, “Salvai Nossas Almas”, “Tapete Brasileiro”, “Radiografia Brasileira”. Encontramos nelas 1020 caixões de crianças, roupas usadas, radiografias, jornais, instrumentos usados na tortura e o corpo de uma criança fragmentado.

DISPUTA DOS VIVOS PELOS LUGARES DOS MORTOS – A SECULARIZAÇÃO DOS CEMITÉRIOS PÚBLICOS EM CUIABÁ EM 1901

Maria Aparecida Borges de Barros Rocha, UFMT

mabbrocha@yahoo.com.br

Em Cuiabá, quando se efetua transferência dos enterramentos das igrejas para os cemitérios públicos, estes são entregues pelo Presidente da Província à administração do bispado local, ficando nessa condição desde a inauguração desses cemitérios em 1864 até 1901, quando o Governador do Estado solicita a entrega das chaves dos mesmos, por considerá-los de propriedade do município. Essa solicitação gera intensos conflitos envolvendo a municipalidade, o Governo do Estado e o bispado local que distribui à população panfletos acusando Governo e Município de tentar se apossar dos cemitérios, propriedades da Igreja que teriam sido construídos com ajuda de esmolas e por ela administrados durante todos esses anos. O Município defende seus direitos de propriedade procurando provar investimentos

aplicados no mesmo, essa disputa se intensifica com muitas ramificações envolvendo a legislação em vigor na nascente República.

VIDA E MORTE DO ÍNDIO NAS IMAGENS DO BRASIL NO SÉCULO XIX

Maria Isabel Cardoso Teixeira, UFG

belclio@hotmail.com

O presente trabalho tem como objetivo identificar o olhar dos homens brancos, europeus e brasileiros, sobre os índios através de imagens produzidas no século XIX, observando a construção de imaginários concernentes a estes grupos. Há uma proliferação de figurações de indígenas com a presença dos artistas-viajantes que acompanhavam as expedições científicas européias. Verificamos também que os pintores brasileiros provenientes da Academia Imperial de Belas Artes, em sua maioria, os representavam de uma maneira ímpar, como mortos. Para essa abordagem, centraremos a nossa atenção no quadro “O último Tamoio” do brasileiro Rodolfo Amoedo e em gravuras do príncipe Maximilien de Wied-Newied sobre os puris e os botocudos, enfatizando as diferenciações de representações presentes e elementos do imaginário destes artistas.

CULTURA: LEITURA DO CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO BATISTA

Maria Terezinha da Rosa Cupper, UA/ FAGED/PPGE

proterra99@gmail.com

A comunicação tem como objetivo geral apresentar uma leitura abrangente do cemitério de São João Batista, como local pleno de significações dentro da cidade de Manaus, enquanto construção social necessária em toda e qualquer sociedade como os prédios, praças e ruas. No mesmo, as diferenças étnico-culturais-sociais fazem-se presentes [Cemitério Judeu, etc.]. Nele, em meio a quadras arborizadas, encontram-se mais de 19 mil sepulturas, além de várias peças de arte tumular. Pretende-se ainda valorizar o cemitério como construção material e imaterial, divulgando a inserção do mesmo no circuito cultural urbano como parte do patrimônio histórico da capital amazonense. O cemitério não é apenas uma construção - obra na cidade - é também um local sagrado - cheio de significados. O desafio será ressignificá-lo através da educação, para que as gerações presentes e futuras tenham um outro olhar diante destes locais, onde o sagrado e o profano convivem quotidianamente. Encaminhamento metodológico plural através da pesquisa qualitativa : estudo de caso com enfoque fenomenológico. Uso de imagens.

“PRESENTE DI-GLAUBER:A CELEBRAÇÃO EM MORTE A DI CAVALCANTI”

Rivaldene Rodrigues Natal, UFG

rivaldenenatal@yahoo.com.br

Esta comunicação tem como objeto o documentário “Di-Glauber”, homenagem postúma do cineasta Glauber Rocha ao pintor Di Cavalcanti e filmado em seu velório e enterro. No documentário o ritual de morte é o elemento que fundamenta e estrutura o filme. É através dele que o cineasta expõe sua visão sobre a morte. Tendo como pilar os rituais presentes, pretendo analisar a narração e estilo de montagem do documentário feito bem á maneira de glauber para presentear seu amigo pintor e transformar este evento em um ato festivo.

IMAGENS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE NO CEMITÉRIO DA CIDADE DE GOIÁS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

Samuel Campos Vaz, UFG/UEG

samuvaz@hotmail.com

Este trabalho apresenta algumas considerações que indicam como as histórias reproduzidas sobre o cemitério da Cidade de Goiás representam a dinâmica cultural, as mudanças sociais e

sua continuidade nas representações culturais. As imagens “tumulares”, como referência da cultura material, refletem a história local trazendo novos sentidos e significados. Possibilita entender o imaginário construído pela memória, redefine as identidades e seu processo de mudança. Estes aspectos são percebíveis nas diversificações das imagens a partir das transformações ocorridas na sociedade. Tomando o enfoque da dinâmica cultural que, neste caso, é apresentada pela história narrada, questiona-se então, se reproduzir é tornar-se outro.

O VALOR SIMBÓLICO DOS RESTOS MORTAIS DE DOM PEDRO I NAS COMEMORAÇÕES DO SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL E SUA REPERCUSSÃO NO JORNAL FOLHA DE GOIÁS

Taisy Sosnoski, UFG

thaisy.sosnoski@gmail.com

A presente comunicação visa analisar o papel desempenhado pelos restos mortais do imperador Dom Pedro I, na ocasião das comemorações do sesquicentenário da Independência do Brasil no ano de 72. A vinda dos restos mortais do imperador foi um evento de extrema relevância e amplamente divulgado pelos meios de comunicação. A sua passagem pelos Estados brasileiros foi programada e aguardada pelos governos, enquanto a imprensa cuidava de convocar os patriotas para receber seu imperador que 150 anos depois estava de volta a pátria amada.

MULTIPLICIDADES DA FRONTEIRA NA HISTÓRIA AGRÁRIA BRASILEIRA

SIMPÓSIO TEMÁTICO XXV

Coordenadores:

Arissane Damaso Fernandes (UFG)
Cláudia Graziela Ferreira Leme (UFG)

O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO MATO GROSSO DO SUL: A IMPLANTAÇÃO DA COLÔNIA AGRÍCOLA NACIONAL DE DOURADOS

Anderson Gomes da Silva, UCDB -MS
andersoncaramuru@yahoo.com.br

O objetivo desta pesquisa é o de analisar a construção do Estado de Mato Grosso do Sul e sua relação com a Colônia Agrícola Nacional de Dourados, durante o período de 1943, quando foi instituído pelo Presidente Getúlio Vargas, na região das grandes matas de Dourados. A escolha desse período deve-se ao fato da importância da Colônia Agrícola para o crescimento populacional da região e também ao cultivo de novas terras para agricultura.

FRONTEIRA EM EXPANSÃO, IDEOLOGIA EM EMERGÊNCIA: O CASO DE GOIÁS

Arissane Dâmaso Fernandes, UFG
arissanedamaso@yahoo.com.br

O objetivo deste texto consiste em uma análise, ainda que breve, de como o processo de expansão da fronteira foi impulsionado, dentre outros fatores, por uma ideologia cujos resquícios podem ser vistos ainda hoje. Esse discurso (que permeia o processo de acumulação e expansão capitalista ao interior do Brasil) desembocou na idéia que aponta regiões de economia agropecuária enquanto “atrasadas”.

O SERTÃO

Cláudia Graziela, UFG
claudiahisto@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo apresentar a origem e o significado do termo Sertão. Mostrando-o como uma referência espacial mítica, expressão de uma brasilidade que é colocada a partir do século XIX principalmente pela cultura literária do Romantismo. Mas que aparece em outras categorias como em particular na pintura de Almeida Júnior (1850-1899). Abordará as peculiaridades regionais e as representações realizadas pelo artista do homem e da natureza, em especial na tela “Caipira picando fumo”.

FRONTEIRAS APRÉS-LA-VAGUE: DINÂMICAS DE EXPANSÃO DA ECONOMIA AGRÁRIA EM ÁREAS DE POVOAMENTO CONSOLIDADO NO BRASIL COLONIAL

Diogo de Carvalho Cabral, IFCS/UFRJ
diogocabral@superig.com

O conceito turneriano de fronteira enfatiza os macro-processos “modernos” de povoamento dos territórios do Novo Mundo, alargando o ecúmeno neo-europeu e abrindo espaço para a ocupação agrícola. No caso brasileiro, esses macro-processos estiveram associados às expedições ao “sertão” para o aprisionamento de gentios e procura de metais preciosos mas,

sobretudo, ao desenvolvimento da pecuária. De um ponto de vista mais regionalizado, pode-se vislumbrar um outro aspecto do fenômeno: aquele ocorrente em áreas de povoamento “branco” já consolidado, como em boa parte da costa brasileira (do Rio de Janeiro a Recife) da segunda metade do século XVIII, onde eram típicas paisagens compostas de grandes canaviais roças de subsistência avançando sobre grandes “sertões” florestais interiores.

EDUCAÇÃO NO CAMPO: UM ESPAÇO DE (RE) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E CULTURA DOS ASSENTADOS RURAIS

Elisabeth Maria de Fátima Borges, UEG

bethbraga1@hotmail.com

Embora o problema da educação brasileira não seja apenas do meio rural, neste setor a situação, historicamente, é bem mais grave. Porém estamos vivendo um momento histórico, pois está nascendo um processo de elaboração de um novo modelo de escola do campo. Um processo participativo, construtivo e propositivo, evidenciando as experiências dos movimentos sociais no campo, as universidades vêm se unindo às comunidades de assentados rurais, contribuindo, assim, com este processo de formação de um novo modelo de escola do campo, pautada na realidade na realidade rural, contribuindo para o desenvolvimento sustentável local e principalmente contribuindo para a (re)construção da identidade e da cultura do homem do campo. Nesta comunicação apresentaremos um exemplo desta nova realidade na Escola Pólo Holanda, no Município de Goiás – GO.

A MIGRAÇÃO MINEIRA PARA O VILAREJO DE XIXÁ NA DÉCADA DE 1940 E MEADOS DE 1950: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM POVO MARCADO PELAS DIFERENÇAS

Flávia Nair de Faria Sales, UEG

flavianair@hotmail.com

Ao reconstruir o passado, através de memórias, o homem traz à tona velhos padrões da vida social e seus símbolos, que marcam suas posições de sujeito. Neste caso, ao retratarmos a migração mineira e sua fixação no vilarejo do Xixá-GO e entorno (área rural), por consequência, será comum observar a dicotomia entre “nós” e “eles”. O objetivo desta pesquisa não é somente trabalhar o aspecto migratório que ocorre por volta do decênio de 1940 e leva consigo o impacto do Estado Novo (1937-1945), mas também, como essas duas culturas se interagiram, levando a um ajustamento recíproco entre seus elementos culturais. A Marcha para o Oeste reativou as entradas ao território goiano, determinando a integração capitalista industrial à economia agrária, e a solução para o excedente populacional mineiro foi adentrar as novas fronteiras agrícolas. Para os migrantes mineiros, Goiás tornou-se uma “Terra Prometida”, isto é, a realização dos sonhos de terras férteis e riquezas.

O INTERIOR E A FRONTEIRA COMO ELEMENTOS PARA PROJETOS POLÍTICOS NO SÉCULO XX

George Leonardo Seabra Coelho, UFG

george.coelho@hotmail

Essa comunicação tem o intuito de debater como o interior brasileiro e a “fronteira”, tornaram-se elementos para a elaboração de projetos políticos no século XX. Ou seja, de que forma os governos e a intelectualidade nacional se apropriaram do interior brasileiro, assim como das diferentes fronteiras (social, política, econômica e cultural) para elaborar projetos relativos ao desenvolvimento econômico e a identidade nacional. Nossa abordagem irá avaliar essa questão entre 1940 e 1970, mas realizando uma abordagem que busca relacionar os projetos políticos com a produção historiográfica sobre a idéia de “fronteira”. Assim, acreditamos que essa comunicação possa lançar algumas questões relacionadas às obras de

Cassiano Ricardo e Sergio Buarque de Holanda com a proposta de ocupação do interior do Brasil.

O FETICHE DA FIXAÇÃO: CONDIÇÃO CAMPONESA E MOBILIDADE ESPACIAL NO SUDESTE DO PARÁ

Gil Almeida Félix, ISBE/ INES/ UFF
gilalmeidax@gmail.com

A preocupação com uma suposta “itinerância” de parte dos camponeses foi consagrada como uma referência obrigatória para um conjunto considerável de agentes que intervêm nas chamadas questões rurais na fronteira agrária no sudeste do Pará. Neste sentido, o trabalho analisa de que forma e em quais condições, nos últimos anos, esteve presente uma perspectiva de fixação dos camponeses na região e como esta perspectiva foi consagrada com o advento dos reenquadramentos previstos nos projetos de intervenção de uma série de agentes voltados para a assistência aos então designados “assentados”. O trabalho se baseia em uma pesquisa realizada numa área que integra um Projeto de Assentamento, em 2005, na qual se buscou compreender o processo de ocupação e de territorialização de um conjunto de pequenos produtores e trabalhadores rurais, dentre outros, a partir dos percursos que eles teriam empreendido até aquela situação.

RIO TOCANTINS: UM RIO ESTRADA (1930-1960)

Helani de Oliveira Sousa Azevedo, SEE-GO / EFG
kakau59@hotmail.com

Este artigo busca investigar as atividades comerciais e as representações sociais, culturais, identitárias e fronteiriças do sertanejo, através da navegação nas trilhas do rio Tocantins no período de 1930 – 1960, tomando como referências as experiências partilhadas por aqueles que habitavam suas margens. Visa compreender a relevância que estas atividades comerciais representaram para as comunidades ribeirinhas, ressaltando a importância do rio Tocantins por meio das várias tentativas em se desenvolver uma via de ligação entre o interior e o litoral.

FRONTEIRA AGRÍCOLA: UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO EMPRESÁRIO CAPITALISTA EM PORANGATU- GO (1940-1985)

Jacinta de Fatima Rolim Sampaio, UFG
jfarolim@uol.com.br

Neste trabalho analisa-se a expansão de fronteiras em Porangatu, 1940-1985, examinando as suas distintas etapas: as trajetórias dos produtores na transição da Frente Pioneira para a Fronteira Agrícola, as modificações ocorridas na posse da terra e na estrutura do poder local. Busca-se, também examinar a construção da identidade dos atores envolvidos, particularmente a dos capitalistas.

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA PEDRA: O AVANÇO SOBRE AS TERRAS A'UWÊ EM BARRA DO GARÇAS - MT

Luciene de Moraes Rosa, UFG
luciene-rosa@hotmail.com

A cidade de Barra do Garças-MT, situada no paralelo 16, é considerada como “Porta de Entrada da Amazônia Legal,” e por isso foi alvo dos principais projetos de desenvolvimento do governo tanto dos anos 30 como 70 do século XX. Isso trouxe um grande fluxo migratório para região a fim de se “ocupar os espaços vazios”, mas na realidade esses não eram “espaços vazios” já que estavam habitados pelo grupo indígena A’uwê Uptabi. Este trabalho visa discutir como a representação dos A’uwê Uptabi hoje na cidade é fruto de sua resistência ao

avanço sobre suas terras no passado já que foram considerados na época como grande obstáculo ao tão almejado projeto de desenvolvimento para a região.

TRAJETÓRIAS DE VIDA: A ESCRAVIDÃO POR DÍVIDA NAS AGROPECUÁRIAS DO ARAGUAIA

Maria Aparecida Martins Souza, UFMT
cidastz@hotmail.com

A região do Médio Araguaia, nordeste do Estado de Mato Grosso, entre as décadas de 1960 à 1980, foi selecionada para a instalação de projetos agropecuários financiados pelo Governo Federal, com o intuito de ocupar produtivamente a Amazônia. Neste período um grande número de trabalhadores vindos, sobretudo, do nordeste e de Goiás, são aliciados por fazendeiros e “gatos”, com promessas de boa remuneração e o sonho de uma vida melhor, acreditando num futuro promissor para seus familiares. Esse texto pretende apresentar a dimensão do trabalho escravo em área de fronteira sob o aspecto da degradação humana, capaz de massacrar o corpo e por outro, revelar atitudes e comportamentos com que homens e mulheres têm escapado das perversidades do mundo do trabalho. Esse trabalho possibilita conhecer as trajetórias dessas pessoas, cujas experiências vividas remetem à contínua luta pelo acesso à terra, pela qual vale a vida.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE (SUDECO) E A SUA ATUAÇÃO NAS POLÍTICAS DE MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA EM GOIÁS (1968-1980)

Pedro Marques, UEG
henrihist@hotmail.com

As disparidades existentes entre os setores urbano e rural, em fins da década de 1950, causaram grande preocupação ao Estado brasileiro. Por esse motivo o Estado passou a enfrentar um grande desafio a partir da década de 1960: estabelecer acordo entre os interesses do capital no campo e na cidade. Esta pesquisa busca analisar as políticas de modernização da agricultura no Estado de Goiás, durante o período de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO) no Brasil. A SUDECO foi criada em 1968 e extinta em 1990. Este órgão era coordenado pelo Ministério do Interior, sendo seu principal objetivo promover o desenvolvimento do Centro-Oeste. O processo de modernização da agricultura em Goiás resultou no posterior desenvolvimento da agroindústria, atualmente, uma das principais características da economia do Estado e da região Centro-Oeste do Brasil.

VASTOS SERTÕES

Ricardo Batista de Oliveira, UFOP
ricardooliveiraufop@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo analisar a categoria “sertão”, sua multiplicidade referencial e, sobretudo, as imagens forjadas sobre os indígenas dos “*certoens*” do Rio Doce. Averiguando esta região de fronteira a partir de sua dinâmica social, não nos prenderemos a análise das referidas questões encerradas pelos limites administrativos de Minas Gerais. Pelo contrário, investigaremos um “*vasto sertão*” que ultrapassava as atuais fronteiras administrativas de três capitâneas envolvidas. O Leste de Minas Gerais, o Oeste do Espírito Santo e o Norte do Rio de Janeiro correspondiam a uma área pouco devassada até meados do XVIII. Assim, analisaremos o sertão do Rio Doce como uma área de fronteira ainda ambígua, sobretudo levando em conta que, para os povos indígenas que habitavam esta região, as linhas administrativas não faziam sentido algum.

PRÁTICAS EDUCATIVAS E A IDENTIDADE POLÍTICA DOS “SEM TERRA” NO BRASIL.

Rosivaldo Pereira de Almeida, FE-UFG

historiago@hotmail.com

A presente escrita trata-se de uma análise acerca da constituição da identidade política dos “Sem Terra” pelo processo educativo. Compreendemos que a educação é uma prática social rica e complexa pela qual ninguém escapa. Na relação com os outros e com as organizações sociais ela se efetiva possibilitando a constituição das identidades que por sua vez são construídas a partir das instituições numa perspectiva histórica e sociocultural. Proponho uma discussão acerca das práticas educativas no processo de luta pela terra e o MST e uma outra discussão acerca da categoria identidade e suas relações com os movimentos sociais.

OLHARES SOBRE AS CIDADES: LUGARES DE MEMÓRIAS E DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

SIMPÓSIO TEMÁTICO XXVI

Coordenação:

Maria de Fátima Oliveira (UFG/UEG)

Noeci Carvalho Messias (UFG)

TOMAR DOS TEMPLÁRIOS

Ademir Luiz da Silva, UFG/UEG

lorddusseldorf\carfax

A primeira visão que o viajante tem ao chegar em Tomar é impressionante. Há uma vila, um rio, o Nabão, é um monte que domina a paisagem. Nele há um castelo. Parece inexpugnável. Um castelo Templário, sede da confraria em Portugal de 1160 até 1312, edificado com a missão de ser a cabeça principal da defesa da linha do Tejo, contra o avanço muçulmano, durante a Reconquista. Mesmo após o fim do Templo, em meados do século XIV, os monumentos templários seguem dando identidade à cidade de Tomar. Se o imaginário urbano é alicerçado por seu suporte visual, nada é mais visível ali do que a presença de uma torre de pedra cortando o céu, com toda a memória de uma vasta coleção de histórias agregada a sua simples visão. A torre perdeu sua função, e pode ter seu valor estético questionado, mas não pode ser desagregada de seu valor histórico; que, na realidade, tende a crescer com o tempo.

IDENTIDADE POSTIÇA: A ARQUITETURA DE OSCAR NIEMEYER NAS CIDADES BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

Adriana Mara Vaz de Oliveira; Elane Ribeiro Peixoto; Márcia Metran de Mello, UCG

marciametran@yahoo.com.br

É instigante observar como as cidades contemporâneas envolveram-se com os debates dedicados à questão da identidade, na medida em que ganharam autonomia em relação ao seu contexto nacional. A Paris de Mitterrand e a Barcelona das Olimpíadas ofereceram exemplos singulares de fortes imagens urbanas. Para elas concorreram arquitetos renomados, que propuseram a revalorização de sua história e novas obras espetaculares que lhes asseguraram muitas páginas da imprensa. No contexto brasileiro, uma particularidade está em curso: trata-se dos novos projetos de Oscar Niemeyer. A partir do final dos anos de 1980, com a construção do Memorial da América Latina, em São Paulo, o arquiteto tem sido constantemente solicitado por cidades de menor relevância, que num derradeiro esforço, procuram singularizar-se com centros culturais, memoriais e monumentos de autoria do centenário Niemeyer.

O CINEMA E A CIDADE: MEMÓRIA E PRÁTICAS SOCIAIS EM ANÁPOLIS NAS DÉCADAS DE 1930 A 1970

Amanda Alexandre Ferreira Geraldês, UniEvangélica

amandaalexandre@gmail.com

Este ensaio se propõe abordar a relação entre os temas Cinema, Cotidiano e Memória na cidade de Anápolis nas décadas de 30 a 70, a partir do levantamento de fontes documentais, como jornais, revistas, panfletos dos cinemas que atuavam no município e ainda registros fotográficos. Busca-se identificar qual a função social que o cinema exercia na cidade e ainda a relação entre cinema e as práticas sociais em Anápolis naquele período. Este estudo

fundamenta-se nas discussões sobre memória coletiva e nos recursos metodológicos da história oral e iconografia.

CIDADES TROPEIRAS: IDENTIDADES E ARQUITETURA NO CAMINHO DAS TROPAS

Ana Claudia Alves de Aquino Garcia, UFG
historiana_65@hotmail.com

As reflexões presentes nesse trabalho estão inseridas no complexo, amplo e inconcluso tema da identidade. Os apontamentos emergem das intrigantes discussões sobre as identidades no contexto do mundo globalizado ; sobre como o movimento tropeirista que se iniciou no Brasil nas primeiras décadas do século XVIII , prosseguindo por todo o XIX até meados do XX_ contribuiu para a formação de uma identidade tropeira que difundiu-se por todo território,integrando, influenciando, e deixando suas marcas nos hábitos, costumes,valores e tradições de um povo; E sobretudo como, na análise do espaço geográfico brasileiro é possível perceber_ através da arquitetura e do traçado específico de algumas cidades _as marcas desse movimento. A tais reflexões acrescentam-se perguntas em torno da preservação do patrimônio arquitetônico,das políticas de recuperação de áreas históricas voltadas para consumo do “turismo cultural”, e se o exercício da memória histórica e o conhecimento das próprias expressões culturais constituem-se em um sustentáculo da identidade no contexto de crise da pós modernidade.

GOIÂNIA: A CONSTITUIÇÃO DE UMA NOVA IDENTIDADE (1930)

Andreia Silva Lisboa, UFG
andreiaslisboa@yahoo.com.br

A idéia da mudança da capital do Estado de Goiás é pensada desde o século XVIII e XIX, a proposta é retomada com Pedro Ludovico, no início da década de 1930, com a esperança de progresso e estratégia de sobrevivência política. Assim Goiânia vai representar o símbolo de um novo Goiás, moderno. Portanto, o símbolo de uma nova identidade, calcada no projeto nacional pós-30, modernidade em forma de progresso. O presente trabalho propõe analisar a transferência da capital de Goiás e a construção de Goiânia a partir da identidade. Pensando que para formar essa nova identidade modernidade/progresso de Goiânia, foi preciso antes, desqualificar a imagem da Cidade de Goiás (Antiga Capital), lhe conferindo a identidade da decadência e do atraso.

DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA EM “HOLOCAUSTO”, DE CAIO FERNANDO ABREU

Antônio João Galvão de Souza, UFG
antoniojoao1@gmail.com

As relações entre literatura e reescrita da história remetem-nos às transformações sofridas por esta e operadas pelo texto literário. A literatura, quando debruçada sobre a história “vista de baixo”, revê fatos históricos com episódios, personagens e espaços que, fictícios ou não, conduzem-nos imediatamente ao fato ocorrido na realidade, o que amplia as informações sócio-políticas nele contidas. Dentro dessa perspectiva, o contista Caio Fernando Abreu problematiza uma literatura que reverbera uma densa sensação de esgarçamento e sufoco, como percebemos no conto “Holocausto”, conseqüência do cerceamento e da repressão perpetrados pela ditadura militar brasileira. De forma angustiante, sua contística evoca uma temática de errância. Assim, a relevância desse estudo justifica-se pela estreita relação que os contos deste autor mantêm com a memória do sufoco.

VELHOS CURTUMEIROS DA CIDADE DE FRANCA – SP: TRABALHO, CULTURA E EXPERIÊNCIA 1940 – 1980

Aurelino José Ferreira Filho, UVS
aurelinofilho.filho@bol.com.br

Pretende-se refletir sobre experiências de vida e o fazer-se no ofício de curtumeiros, memórias de deslocamentos sociais, de práticas culturais e de trabalho de um grupo de homens que, entre os anos de 1940 e 1970, dirigiram-se de algumas pequenas cidades do sul de Minas Gerais para a cidade de Franca- SP. Sondar-se-á os “caminhos percorridos” por aqueles trabalhadores nas itinerâncias de vida, de práticas de trabalho, religiosas e culturais na aprendizagem de um ofício na cidade. Memórias de velhos trabalhadores no deslocamento social das pequenas cidades sul-mineiras para São Paulo. As perspectivas, promessas e esperanças de uma vida melhor em outra região do país. O que significa indagar sobre aspectos de suas práticas no sul de Minas Gerais, o deslocar-se para São Paulo, o trabalho nas fazendas de café, já em Franca, e nos curtumes da cidade.

PATRIMÔNIO HISTÓRICO EM UBERLÂNDIA NA DÉCADA DE 1980: AGENTES E AS GENTES

Caroline Campos Rizzotto, UFU
carolrizzotto@hotmail.com

O trabalho em andamento através de pesquisa de iniciação científica tem como objetivo desvendar as relações da cidade de Uberlândia com o patrimônio histórico na década de 1980. Compreendendo o que está marcado como símbolos representativos da sua história, como a concepção de patrimônio está presente nas práticas e mentalidades dos agentes culturais desse período e da população. Num período em que é notável o início de uma política cultural para o patrimônio histórico e uma certa ruptura com a mentalidade de destruição irrestrita do passado da cidade.

CENÁRIOS URBANOS: USOS E APROPRIAÇÕES COTIDIANOS DA CIDADE

Corina Maria Rodrigues Moreira, PUCMG
corina@uai.com.br

O trabalho que ora apresentamos refere-se à parte de pesquisa que vem sendo realizada a respeito de como a população que vive e trabalha na Rua dos Caetés, em Belo Horizonte, MG, representa e se apropria desse espaço e das ações de patrimonialização e revitalização nele realizadas pelo poder público municipal. A investigação está focada, neste momento, na observação da ocupação e dos usos cotidianos desse espaço, bem como de suas características urbanístico-arquitetônicas, um dos caminhos encontrados para a composição de um “cenário urbano”, estruturado a partir do arsenal teórico-metodológico a nós disponibilizado pela etnografia, que nos possibilite compreender as configurações mais visíveis desse espaço e das relações que nele – e com ele – se estabelecem, relações estas que engendram as ações e representações que, alimentando umas às outras, conformam a vida na/da cidade.

COLONIZAÇÃO DE JUARA, RELAÇÕES, DISCURSOS, PRÁTICAS E MEMÓRIAS – 1971- 2000

Daniela Alves Braga Sant’Ana, UFMT
danielucbet@yahoo.com.br

A pesquisa que ora desenvolvo evidencia as singularidades do processo de colonização da cidade de Juara, no período de 1971-2000, por meio da revelação de multifacetadas relações, discursos, práticas e memórias, concebidas dentro do projeto político militar-civil de ocupação para a Amazônia. Fomento as análises nas desconstruções, desnaturalizações e deslocamentos que podem ser feitos através de novas leituras no estudo de cidade, com novos

significados múltiplos e complexos de tempo, espaço, relações e estratégias de poder. Utilizo como principais fontes os relatos orais, entrecruzando-os com documentos oficiais e particulares veiculados na época, buscando, assim, as experiências e memórias, analisando as leituras do passado no presente, seus signos, suas invenções. Os aspectos sociais e políticos diluídos nas representações e apropriações dos complexos atores sociais.

CIDADE E PATRIMÔNIO, NOTAS SOBRE JUIZ DE FORA/MG

Daniel Reis, UFRJ/ IPHAN
drreis55@yahoo.com.br

O objetivo desta comunicação é o de expor uma breve análise da categoria patrimônio na cidade de Juiz de Fora. Toma-se como ponto de partida os processos de tombamento local, no intuito de elucidar algumas questões como: qual a relação do patrimônio juizforano com o espaço urbano da cidade? Que narrativa de passado e concepção de história estão colocadas em jogo? Como são operadas as antinomias entre os ideólogos do patrimônio local e os agentes do mercado; entre narrativas do passado e da memória contrapostas às narrativas de progresso; entre direito público e privado? Como a categoria patrimônio é formulada e desliza em meio a tais questões? Pretende-se então, refletir sobre os diferentes discursos, embates e interações que circundam os processos de construção de um passado local e suas relações com a urbe.

A POEIRA DOS EMPREGOS DE UMA MINERAÇÃO EM MINAS GERAIS E A GERAÇÃO DE CONFLITOS AMBIENTAIS

Dayse de Souza Leite, UFSJ
daysesl2004@yahoo.com.br

A pesquisa busca investigar e analisar os possíveis conflitos ambientais protagonizados entre a Mineração Ômega LTDA, localizada na cidade de Santa Cruz de Minas, e atores sociais – moradores do entorno, órgãos públicos, empresa, imprensa e ex-funcionários – que, em condições assimétricas de poder, disputam a atribuição de usos e significados às determinadas condições naturais territorializadas. Os conflitos são ocasionados pela poeira gerada nas atividades extrativas, que prejudica bairros do entorno e funcionários. Através da reconstituição dos processos de ocupação dos territórios envolvidos na dinâmica, usamos como metodologia básica para consecução dos objetivos, a pesquisa documental em arquivos de órgãos públicos e privados e realização de entrevistas com todos os grupos sociais envolvidos na questão. Ressalta que a empresa está inserida numa Área de Proteção Ambiental – APA.

A IMAGEM DOS GOIANOS FACE AO ACIDENTE RADIOLÓGICO COM O CÉSIO-137 (1987)

Eduardo Gomes dos Passos, UFG
edupbrturbo@hotmail.com

Esta proposta busca compreender o acidente radiológico em Goiânia em diferentes dimensões, incluindo as discussões sobre as identidades na pós-modernidade. Nesse cenário, analisa as reflexões sobre a identidade goiana, acirradas no contexto do acidente, ou seja, objetiva perscrutar a visão da própria sociedade e também externas, que reverberaram em períodos de exclusão. Os desdobramentos deste acidente geraram reações fora e dentro do país, frutos do desconhecimento e receio quanto à extensão da radiação. Tal evento produziu vítimas diretas, tanto do acidente quanto da desinformação, e vítimas indiretas, a sociedade goiana em geral, discriminada devido ao receio de contaminação. Com relação às vítimas diretas, o poder público teve papel de destaque, ao omitir informações sobre a gravidade do acidente, ampliando o número de vítimas. Diante disso, a história da ciência moderna desde

Descartes até os nossos dias, merece ser refletida, enfatizando a concepção de saber enquanto poder/status dentro de uma sociedade.

CULTURA HISTÓRICA E IDENTIDADE EM MACUNAÍMA, DE MÁRIO DE ANDRADE

Fernando José da Silva e Alvim, UFG
fjalvim@hotmail.com

Percebemos na obra de Mário de Andrade o início da tentativa, no Brasil, de uma reflexão consciente que procurava integrar as pesquisas artística e científica. Começamos por refletir sobre o paradigma narrativista e suas contribuições tanto à ciência da história como ao fazer literário. Buscamos, assim, aproximações e distanciamentos destas duas formas de escrita, a da historiografia e a da literatura. Para isso começamos a refletir sobre a função social dos discursos histórico e literário, sobre seus impactos pragmáticos e intencionais dentro da cultura na qual são produzidos. Ao observar estes impactos na cultura surge a necessidade de um diálogo mais próximo e explícito com a sociologia e a antropologia. A reflexão se fixa na forma como os discursos histórico e literário constroem consciência e cultura históricas. Como eles interferem criando e re-significando a existência por meio de construções meta-narrativas e processos simbólicos de identificações coletivas.

VARGAS FANTASIA OU REALIDADE - UM ESTUDO SOBRE O DISCURSO DA IMPRENSA LOCAL

Juliana Rossi, UFU
rossijuliana@yahoo.com.br

Este trabalho é resultado da pesquisa que realizo intitulada ““Vargas: fantasia ou realidade?” Análise sobre a(s) construção (ões) da imagem de Getúlio Vargas e a sua(s) representações na imprensa uberlandense no período de 1930 a 1937.”, estudo em que analiso a relação da representação da imagem de Vargas com a imprensa local tentando entender como o discurso jornalístico constrói e reconstrói essa representação. O jornal que utilizo como fonte é o Tribuna - o jornal independente, um jornal regionalista que possui periodicidade, organização, além do vínculo que este possui com o poder público local assumindo, de uma certa forma, um discurso liberal progressista em favor de tudo que possa trazer "melhorias" para a cidade. Assim, através do estudo dos elementos do jornal ligados ao cenário político do período e procuro entender como são construídas as representações de Vargas aos leitores desse jornal.

A AÇÃO MODERNIZADORA SOBRE A “CIDADE DE TUMULTOS”: O CONTROLE DOS MOVIMENTOS E DOS COMPORTAMENTOS SOCIAIS

Lea Maria Carrer Iamashita, UNB
leacarrer@yahoo.com.br

O artigo trata da modernização da cidade do Rio de Janeiro no Primeiro Reinado e das práticas vivenciadas pelos segmentos das camadas subalternas da sociedade, particularmente indivíduos livres, libertos e escravos que sobreviviam às custas do trabalho praticado nos espaços das ruas da cidade. A análise é centrada na aplicação dos aparatos jurídicos criados para a disciplinarização social, como a nova configuração das Posturas Municipais, dos Termos de Bem Viver e dos Termos de Segurança, que buscavam transformar a “cidade de tumultos” na “cidade orgânica”.

CAOS E MODERNIDADE: IMPRENSA, HONRA E FAMÍLIA NA CIDADE DE GOIÂNIA

Lívia Costa, UFG
livicosta@gmail.com

Ao perscrutar a imprensa escrita goianiense das primeiras décadas da cidade de Goiânia, percebe-se que havia uma preocupação da parte dos jornais em denunciar problemas sociais como o da criminalidade urbana, do menor abandonado, da prostituição e da impunidade. Tais problemas eram notificados como negatividades da vida cidadina, que contrapunham o progresso e os ideais modernos propostos pelo poder público. Eles eram apreendidos como uma ameaça à honra cívica e das próprias famílias goianienses. Os periódicos registravam e debatiam as reclamações familiares acerca da falta de ação do Estado e da polícia diante desses fenômenos sociais. Nesse sentido, nota-se um mecanismo social entre as esferas institucionais da família, do Estado e da Imprensa. Parte-se do pressuposto, que os jornais se constituíam como um meio de exercício de vigilância e controle acerca dessas esferas, demarcando limites dos padrões de condutas que deveriam prevalecer nos espaços que comportavam a cidade.

BRAGANÇA: MARCOS DE MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE (1990-2000)

Luciana de Fátima Oliveira, UFG
lucaco@correioweb.com.br

O objetivo desta comunicação é apresentar as imagens da cidade de Bragança, localizada no estado do Pará, como lugar de memória na formação do que se conhece como “identidade bragantina”. A cidade de Bragança teve seu desenvolvimento a partir do rio Caeté que foi seu vetor de penetração, tanto dos desbravadores como dos colonizadores, por volta de 1622. Sua formação teve início em um espaço que hoje é conhecido como bairro da “Aldeia”, e que até pouco tempo tinha como símbolo uma casa dos “índios tupinambá”. A cidade esteve inserida em diversos acontecimentos históricos os quais, proporcionam a seus moradores orgulho de origem.

TESSITURAS DE IDENTIDADES – O PODER EM SUAS MÃOS

Luciana de Maya Ricardo, UFG
luciana.maya@gmail.com

O foco desta comunicação está na discussão sobre as identidades que formam a cultura brasiliense, sobretudo o cinturão de segregação cultural e exclusão social que existe no Distrito Federal. As reflexões apresentadas resultam de pesquisa desenvolvida junto a um grupo de moradores do Varjão/DF, abrigada pelo Programa de Pós Graduação em Cultura Visual (FAV/UFG). O trabalho têxtil artesanal funciona como pretexto para desvelar os referenciais identitários, marcas de resistência das pessoas e suas comunidades, no trabalho de reaproveitamento de materiais urbanos objetos de descarte. Nesse processo, busca-se refletir, também, os perfis que se conformam a partir do trabalho de tecelagem artesanal que o grupo vem desenvolvendo.

PEDRO AFONSO: A CIDADE FORA DO LUGAR

Maria de Fátima Oliveira, UFG/UEG
proffatima@hotmail.com

Pedro Afonso é uma cidade tocantinense localizada à margem direita do rio Tocantins. Surgiu como aldeamento indígena em meados do século XIX e situa-se a 173 km de Palmas, capital do Estado. Esta comunicação aborda um período conturbado da história da cidade nas primeiras décadas do século XX, com base na documentação da época, em memorialistas locais e no romance histórico do escritor goiano, Eli Brasiliense, segundo a qual a onda de violência teria “tirado a cidade do lugar”. Busco na encruzilhada entre história, memória e literatura, decifrar e interpretar este período da história da cidade.

PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE CACHOEIRINHA-TO: MEMÓRIAS DE UMA CIDADE E DE UMA EXPERIÊNCIA

Napoleão Araújo de Aquino, UFT

napoleao@webmail.uft.edu.br

Cachoeirinha-T0 localiza-se na região conhecida como Bico do Papagaio, extremo norte do Tocantins. Refere-se ao trecho de transição entre o cerrado e o adensamento da floresta amazônica, tendo recebido bastante influência histórico-cultural dos estados do Maranhão e Pará. Conhecida como “Cidade de três ruas”, Cachoeirinha, com menos de três mil habitantes, teve a louvável iniciativa de elaborar seu Plano Diretor Participativo, com suporte técnico do Grupo Neucidades/UFT. Instrumento este, obrigatório apenas para municípios acima de vinte mil habitantes. A presente comunicação revela aspectos das memórias da própria cidade sobre si mesma, através de falas de alguns de seus moradores, e memórias da experiência de elaboração do referido instrumento legal.

RUÍNAS DA IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS: NO FOCO DOS OLHARES

Noeci Carvalho Messias, UFG

noeci2005@yahoo.com.br

Localizada no sudoeste do estão do Tocantins, Natividade é uma cidade que guarda na sua arquitetura colonial marcas de um passado distante. Aliada a importância história, vez que sua origem remonta ao período mineratório, no século XVIII, a cidade possui um conjunto arquitetônico de profunda singularidade. Casarios, igrejas e ruínas centenárias credenciam Natividade como um patrimônio cultural valiosíssimo. A inacabada ruínas da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos é considerada uma símbolo de intenso significado para os nativitanos. Nesse sentido, a proposta deste trabalho é refletir a importância desse bem cultural – a ruínas da igreja – como um espaço socialmente construído, e que possui importante lugar na memória dos moradores locais.

FRAGMENTOS DO ESPAÇO MODERNO EM GOIÂNIA: A HISTÓRIA URBANA ATRAVÉS DO DESENHO E DO PROJETO DA CIDADE

Rafael Alves Pinto Junior, CEFET

rapjr_arq@yahoo.com.br

Este estudo objetiva analisar o desenho (representação gráfica) da cidade de Goiânia, desde seu traçado inicial, buscando entendê-lo como base iconográfica do espaço urbano e como fonte historiográfica para compreender seu desenvolvimento. Assim, a soma da representação gráfica e dos projetos serão fontes de análise que nos pode levar a entender, em cada período de sua história, seu processo de urbanização. Pretende-se analisar como o desenho urbano inicial do traçado urbano de Goiânia se constituiu num elemento ao mesmo tempo fundador de uma memória espacial e de uma identidade urbana.

CAMINHOS CULTURAIS NA IDENTIFICAÇÃO DO ILHÉU (FLORIANÓPOLIS 1970 – 1990)

Rafael Damaceno Dias, UFPR

rafaelcielo@yahoo.com.br

Nas últimas décadas do século XX os moradores de Florianópolis se viram envolvidos em profundas alterações que se desdobraram do plano urbano ao demográfico o que os obrigou a repensar os termos que até então ordenavam sua sociabilidade e sobretudo, a reorganizar sua identidade. Há evidências de que nessa reorganização os designativos até então desclassificantes – ilhéu, mané da ilha – alçaram uma nova condição, passando a remeter a uma identidade social desejável notadamente para as camadas sociais médias e altas da

sociedade florianopolitana. Pretende-se discutir aqui essas evidências a partir dos textos escritos entre as décadas de 1970 e 1990 por dois dos mais importantes cronistas sociais de Florianópolis do período: Beto Stodieck e de Cacau Menezes.

NAS SENDAS DA CIVILIZAÇÃO: O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DE SÃO PEDRO DE UBERABINHA

Sandra Mara Dantas, UNESP

sandra.dantas@netsite.com.br

No início do século XIX as incursões em direção do extremo oeste da província de Minas Gerais deram origem a vários agrupamentos populacionais que se tornaram arraiais e alguns deles, desenvolvendo-se, lutaram por galgar a categoria cidade. Por essa época, sertanistas vindos do norte da província apossaram-se de terras devolutas das quais nasceu o arraial de São Pedro de Uberabinha. Como uma espécie de “processo civilizador” os moradores do pequeno arraial passaram a executar uma série de práticas que viabilizasse a transformação do lugar de um aspecto rústico e monótono, em uma cidade que primava pelos modos civilizados, caracterizando-os como indivíduos coadunados com os paradigmas da modernidade. Portanto, analisar o processo de transformação do arraial em cidade e as implicações daí advindas é o objetivo dessa comunicação.

MENINA DOS OLHOS QUE O MORRO ESCONDEU, UM OLHAR SOBRE O COTIDIANO DO BAIRRO JARDIM SANTO EXPEDITO NA CIDADE DE CAMBUÍ - MG 1994-2006

Thiago Leandro da Silva, UNIVAS-MG

bricolagem@yahoo.com.br

O presente trabalho, busca compreender experiências de vida, de trabalho e o cotidiano de homens e mulheres, migrantes pobres do bairro Jardim Santo Expedito em Cambuí, sul de Minas Gerais. Como vivem, como trabalham, como exercem as mais variadas atividades informais de ganhos no bairro e fora dele – como catadores, prestadores de serviços, pedreiros, no comércio, como domésticas entre tantas outras ocupações. Compreendendo suas formas de inserção/ participação na cidade, suas práticas de sociabilidades, religiosidade e lazer. Pretende-se, portanto entender as práticas de sujeitos comuns como importante categoria social, envolvendo suas práticas culturais, formas de sociabilidade e solidariedade, táticas diárias de desenvolvidas cotidianamente no enfrentamento das dificuldades encontradas.

PLURALISMO RELIGIOSO E CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES

SIMPÓSIO TEMÁTICO XXVII

Coordenadores:

André Luiz Caes (UEG)

Allysson Fernandes Garcia (UEG/UFG)

PLURALISMO RELIGIOSO E CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES: ALGUMAS REFLEXÕES

André Luiz Caes, UEG

caesananda@bol.com.br

O campo religioso brasileiro tem passado, nas últimas décadas, por uma intensa reconfiguração, caracterizando-se, cada vez mais, pela diversidade de opções religiosas. O último Censo do IBGE (2000) obteve 35 mil diferentes respostas à pergunta “qual a sua religião?”. Estas, depois de analisadas foram reduzidas a 500 e, por fim, reagrupadas, formaram uma tipologia de 144 diferentes religiões no país. Diante desse fato indagamos: como esse quadro interfere na constituição de identidades? A partir de recentes abordagens sobre o pluralismo religioso no Brasil, esta comunicação apresenta algumas reflexões sobre essa questão.

O ENSINO RELIGIOSO E A LEI 10.639: DIVERSIDADE OU DOGMATISMO?

Allysson Fernandes Garcia, UFG/UEG

allysson.garcia@gmail.com

Pretendemos nessa comunicação apresentar uma discussão inicial sobre o ensino religioso nos estabelecimentos de ensino público no Brasil, e em particular da rede estadual de Goiás à luz do presente. Para tal reflexão confrontamos leis e projetos de leis que procuram legislar sobre a questão. Como parâmetro, porém, utilizamos a lei 10.639 que estabelece a obrigatoriedade da incorporação do ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares. Neste sentido procuramos demonstrar a tênue linha que separa os discursos e práticas educativas do respeito à diversidade, da afirmação de dogmas e do absolutismo da verdade única.

A ASSEMBLÉIA DE DEUS E AS TRANSFORMAÇÕES DAS IDENTIDADES RELIGIOSAS EM GOIÂNIA

Danyllo Di Giorgio Martins da Mota, IHGG

dandigiorgio@bol.com.br

O objetivo central desse trabalho é refletir sobre os conflitos relacionados à identidade religiosa e às suas transformações tendo como objeto central a Igreja Assembléia de Deus de Goiânia no período entre o final da década de 1980 e os dias atuais. É necessário esclarecer que o recorte temporal não pode ser considerado com tamanha exatidão, pois seu objetivo é apenas localizar temporalmente o início de um processo de transformações na Igreja devido ao surgimento de novas denominações, chamadas neopentecostais, que tiveram grande importância na transformação das relações de alteridade e identidade entre os membros da Assembléia de Deus e os membros de outras denominações religiosas protestantes e católicas.

EMPRÉSTIMOS CULTURAIS ATRAVÉS DAS IMAGENS NO MÉXICO

Domingos de Jesus Costa Pereira Filho, UFMA

df_d_latinos@hotmail.com

O presente trabalho trata de uma análise, através dos paradigmas da nova história cultural, das relações que as imagens têm com a colonização do México e com a cultura atual dessa sociedade. Parte-se do contato da cultura religiosa européia com a aborígene. É a partir desse ponto que se inicia os empréstimos culturais através das Imagens. Trazendo manifestações e transformações às luzes da modernidade, observa-se que o povo mexicano transformou-se em um consumidor de imagens, passando a fazer parte de sua realidade cotidiana e que se faz presente nos dias atuais. Estendendo essa linha de raciocínio, percebemos que a origem da cultura iconográfica dos mexicanos ocorre de forma paralela com a dos brasileiros, que assim como eles, têm uma “cultura de imagens” fortes.

CATÓLICOS CONTRA PROTESTANTES NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE(1850-1950)

Elias Oliveira Pinheiro, UEG – UnU. Morrinhos

eopinheiro@hotmail.com

Durante a segunda metade do século XIX e início do século XX o Brasil se tornou palco de um intenso conflito religioso entre a hierarquia católica, que buscava defender a hegemonia religiosa da Igreja, e os ministros protestantes, que acreditavam haver espaço para o protestantismo no campo religioso brasileiro. O debate travado entre ambos repercutiu na sociedade brasileira contribuindo na construção de uma identidade demonizadora do “outro” e sua religião. Por meio de documentação contemporânea a esse conflito, bem como pesquisa bibliográfica existente sobre o tema, procuramos abordar os diversos aspectos que influíram diretamente na construção desta identidade.

A DIVERSIDADE RELIGIOSA EM CROMÍNIA (GO)

Gilda Martins Alves, UEG – UnU. Morrinhos

gildacrominia@hotmail.com

O crescimento do pluralismo religioso é uma característica marcante do campo religioso brasileiro nas últimas décadas, fato confirmado pelos dados do Censo realizado pelo IBGE no ano 2000. A partir das pesquisas e reflexões já existentes sobre o fenômeno do pluralismo religioso no Brasil, apresentamos uma análise da diversidade religiosa na cidade de Cromínia (GO), município com 4 mil habitantes que se divide entre 11 diferentes denominações religiosas, fator que exerce efeitos importantes na vida política, social e cultural da localidade.

A CONTRIBUIÇÃO DO LIBERALISMO TEOLÓGICO PARA A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO RELIGIOSO PLURALISTA

Isaias Lobão Pereira Júnior, Faculdade Evangélica de Brasília

isaiaslobao@uol.com.br

Pode-se caracterizar o Liberalismo Teológico como um conjunto de idéias e doutrinas que têm por objetivo assegurar a liberdade individual inclusive no campo moral e religioso. Preconiza o direito ao indivíduo de adotar idéias e posições avançadas. É contrário a qualquer tipo de intolerância. Admite maior amplitude na esfera das opiniões pessoais. O Liberalismo Teológico foi um desenvolvimento da teologia alemã posterior ao iluminismo. Os liberais estavam decididos a reconstruir a fé cristã à luz do conhecimento moderno. Eles procuraram articular o cristianismo em termos da cultura e dos pensamentos modernos. Pretendo apresentar um panorama das idéias e pensadores liberais e sua contribuição para o surgimento do pluralismo religioso.

A SEICHO-NO-IE DO BRASIL E A “CONSTRUÇÃO DO VERDADEIRO PARAÍSO”: A INTEGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL.

João Paulo de Paula Silveira, UFG.

olhossujos@hotmail.com

Os imigrantes japoneses, até o término da Segunda Guerra Mundial, representavam o Brasil enquanto lar provisório. O Japão, em oposição, era o “lugar poético” para onde ambicionavam retornar e (re) construir uma nova vida. A derrota japonesa em 1945 instala a crise identitária na colônia e o sonho de retorno se esvazia. Simultaneamente, emergem novas contingências, os japoneses e sua descendência estavam envolvidos em várias atividades no país e vivenciavam diversos níveis de interação sócio-culturais. A Seicho-no-Ie do Brasil, expressão religiosa nipônica que ganha vigor a partir de 1950, emerge como lócus de negociação entre as duas tradições e viabiliza a *integração* (WATCHELL, S/D, p 198) do japonês na sociedade brasileira através da re-semantização de símbolos de pertencimento ao Brasil no período militar.

AS AMEÇAS À CIVILIZAÇÃO CRISTÃ: ESPIRITISMO E PROTESTANTISMO

Luciana de Lima Pereira, UFPI

cianamhb@gmail.com

Dentro do universo religioso, a tentativa da igreja católica em constituir-se como única instituição religiosa válida para a “salvação dos homens” se deu através da condenação de todas as outras religiões. No Brasil, em meados do século XX, a igreja católica via dois movimentos religiosos se configurarem como potenciais adversários no mercado religioso: o Espiritismo e o Protestantismo. O presente trabalho visa demonstrar como a igreja católica construiu um conjunto de representações acerca do espiritismo e do protestantismo com a finalidade de reafirmar uma identidade para os católicos e para a própria instituição eclesiástica, visando manter um monopólio religioso frente a um campo religioso cada vez mais heterogêneo. Lançando mão do referencial teórico em torno da temática identidade e representação social, e de fontes hemerográficas através de *O Dominical*.

UMA DAS FASES DA ORIENTALIZAÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO OCIDENTAL: O MOVIMENTO NEO-SANNYAS DE OSHO-RAJNEESH

Rafael Francilino Ribeiro, UEG - Morrinhos

caputino20@hotmail.com

A partir da década de 1960 a cultura ocidental e, dentro dela, o campo religioso, sofreu mudanças significativas, produzidas pelos movimentos denominados Contracultura e Nova Era. Esses movimentos, ao estabelecerem severas críticas tanto aos sistemas de valores das religiões tradicionais como aos pressupostos da ciência e da racionalidade moderna, possibilitaram a emergência de inúmeras novas perspectivas de experiências religiosas e culturais na sociedade. Entre essas novas perspectivas destaca-se a entrada das práticas e conceitos religiosos, científicos e terapêuticos ligados ao mundo oriental. Nesta comunicação abordamos essas mudanças a partir das propostas trazidas pelo movimento Neo-Sannyas do mestre indiano Osho-Rajneesh, conhecido pelos métodos e discursos críticos aos paradigmas da cultura ocidental.

O MOVIMENTO RELIGIOSO SANTO DAIME E SUAS MANIFESTAÇÕES EM GOIÁS

Rafael Jesus de Andrade, UEG –Morrinhos.

rafaeljandrade9@gmail.com

O Santo Daime foi criado por volta de 1930 em Rio Branco (AC), num momento em que o Brasil vivia intensas mudanças nos campos econômico, cultural, social e religioso. Naquele contexto o Santo Daime pode ser interpretado como uma reação a essas mudanças, pois

valorizava antigas práticas religiosas da cultura e crença do povo, utilizando ainda a Ayahuasca – bebida ligada ao xamanismo amazônico – como ponto de partida para seus ritos. A partir da década de 1970, após a morte de seu fundador, o movimento se espalhou por todo Brasil, encontrando grande aceitação nos meios urbanos. Esta comunicação apresenta algumas reflexões sobre a presença do Santo Daime em Goiás, analisando sua mudança das cidades ligadas ao movimento místico para um atual crescimento nos principais centros urbanos.

A ORGANIZAÇÃO DO ESPIRITISMO NA NOVA CAPITAL DE GOIÁS

Victor Creti Bruzadelli, UFG.

victor_creti@hotmail.com

O espiritismo se autodefine como um uma religião, que abriga, ainda, aspectos científicos e filosóficos, formando uma tríade coesa buscando a “evolução espiritual” através de diversas encarnações. Essa religião nasce na França do séc. XIX e, nos séculos seguintes, vai se expandir por todo o mundo e, principalmente, pelo Brasil, país que receberá o título de “capital do espiritismo”, por ser o país com o maior número de adeptos dessa religião no mundo. Com a construção da nova capital de Goiás, busca-se um novo jeito de ser moderno, incluindo, muitas vezes, novos hábitos religiosos, dentre eles o espiritismo, daí essa doutrina alcançar, já no início de Goiânia, um grande número de adeptos. O presente trabalho busca demonstrar como a comunidade espírita se organiza na nova capital para se transformar numa comunidade organizada, buscando sua expansão e passando a ser “vista com bons olhos” pelas demais comunidades religiosas.

CEB'S: IDENTIDADE, ORGANIZAÇÃO E MISSÃO NA CIDADE DE PONTALINA – GOIÁS 1975 – 2006

Wilsano Pereira de Souza, UEG – UnU. Morrinhos

will_pnn@hotmail.com

Nossa pesquisa se caracteriza pelo estudo das Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's) na região rural da cidade de Pontalina, a partir da constatação de uma mudança positiva ocorrida tanto na mentalidade e no relacionamento das famílias participantes das Ceb's, quanto na nova vivência religiosa em que é percebido uma possível eclesiogênese ou um novo jeito de ser Igreja. No entanto, mesmo com esse resultado já perceptível, ocorre uma desvalorização do trabalho dessas comunidades perante a sociedade e até entre membros do próprio grupo. Essa situação tem resultado na diminuição da expectativa de duração das comunidades. Buscamos neste estudo, problematizar a questão da secularização da vida religiosa, fator causador da falta de interesse, e resgatar os aspectos positivos dessa proposta eclesial para a sociedade.

SAÚDE, DOENÇAS E POLÍTICAS DE INTERVENÇÃO NO ESPAÇO URBANO E RURAL

SIMPÓSIO TEMÁTICO XXVIII

Coordenadores:

Sônia Maria de Magalhães (PRODOC-UFG)

Robson Mendonça Pereira (UEG)

LINGUAGEM CORPORAL E A DOMINAÇÃO SOCIAL: O REGISTRO SOMÁTICO DO SOFRIMENTO HUMANO

Cícero José Alves Soares Neto, UFU

ciceroalves@prove.ufu.br

Objetiva-se entender a linguagem corporal como expressão das estratégias de dominação social na realidade contemporânea, ou seja, visa-se entender o significado do registro somático como mecanismo da correlação de forças sociais na sociedade. Busca-se, em última instância, identificar a origem social do adoecer humano. Enfim, a intenção é desvendar o campo simbólico da mensagem somática como canal de manifestação do que acontece entre a sinalização corporal e a dominação social. Desta forma, busca-se apreender o fetichismo da linguagem somática, identificando um mapeamento corporal como um canal de compreensão das estruturas de mando na realidade social, sob a ótica da Filosofia Oriental, a partir da Medicina Tradicional Chinesa, sob o paradigma do “Chi”.

BONFIM: O LUGAR DA LEPRO

Cidinalva Silva Câmara, UFMA

cidinalvasilva@yahoo.com.br

Nossa pesquisa se propôs a analisar os discursos que estavam subjacentes à criação do asilo-colônia do Bonfim (em São Luís-MA), criado em 1937, para internar os leprosos do estado. Para tal, nosso recorte histórico vai desde as últimas décadas do século XIX até a data de criação do asilo, uma vez que este foi um período na história de nosso país marcado por discursos e práticas higienistas, em que foi implementada uma verdadeira marcha contra lepra nl. Nossa análise se fundamenta em relatórios da secretaria de saúde do estado e em jornais.

A EXCLUSÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES PORTADORES DE ANEMIA FALCIFORME

Eulange de Sousa, UFG

eulange@gmail.com

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi conhecer a influência da anemia falciforme no cotidiano das crianças e adolescentes portadores de tal doença segundo a concepção dos mesmos. Para tanto, se realizou uma pesquisa, desenvolvida à luz do referencial qualitativo, adotando uma abordagem sócio-histórica. O universo da pesquisa foi constituído por crianças e adolescentes portadores de anemia falciforme, atendidos pelo Hospital das Clínicas da UFG. Utilizou-se de análise estatística e de conteúdo para interpretação dos dados encontrados. A pesquisa indicou que a anemia falciforme interfere significativamente no cotidiano de seus portadores provocando a vivência de um processo de exclusão parcial ou total dos espaços, grupos e atividades presentes no cotidiano de crianças e adolescentes.

EPIDEMIAS E ESTRADAS: A VARÍOLA EM GOIÁS NO SÉCULO XX

Eliézer Cardoso de Oliveira, UEG

ezi@uol.com.br

O objetivo desta comunicação é analisar a relação entre o desenvolvimento das vias de comunicação e o advento das epidemias de varíola em Goiás. A hipótese é que o desenvolvimento dos meios de comunicação a partir do final do século XIX, com a aproximação da estrada de ferro e a construção de estradas de rodagens provocou o aumento das epidemias de varíola na região central do Estado, principalmente nas localidades de Campinas e Trindade. Antes disso, havia uma espécie de “quarentena natural” contra a varíola, uma vez que, devido ao longo tempo da viagem, o doente ou falecia ou se curava antes de chegar nas localidades centrais de Goiás. A pesquisa é um contraponto aos estudos de modernização que analisam o advento das vias de comunicação, apenas como impulsionadores do progresso material.

SABER MÉDICO POPULAR E MEDICINA EM GOIÁS

Leicy Francisca da Silva, UEG

leicyf@hotmail.com

Em Goiás nas décadas de 1930/1940 o estado inaugura um projeto de organização da saúde pública. Um dos pontos marcantes da política de reestruturação é a repressão aos saberes e práticas da medicina popular. Nota-se nos jornais e revistas a publicação de artigos para a divulgação de comportamentos que disciplinam a população em relação à saúde e higiene. O estado, por meio do Departamento Sanitário, produz uma legislação cujo fim era a contenção da ação de profissionais considerados charlatães, ou seja, todos aqueles ligados às práticas não científicas de cura. Essa disputa observada nos meios de comunicação e a legislação do estado para a saúde são o foco principal dessa comunicação.

“POUCA SAÚDE E MUITA DOENÇA”: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E MEDICINA-CIENTÍFICA DURANTE A PANDEMIA DE INFLUENZA ESPANHOLA DE 1918

Leandro Carvalho Damacena Neto, UEG

lcdneto@yahoo.com.br

A epidemia de Influenza espanhola de 1918 se constitui um dos maiores enigmas para a medicina científica do século XX. Enfocarei algumas indagações do saber médico do período acerca desta epidemia. Alguns pesquisadores da pandemia de gripe levantam a hipótese que no ano de 1918, a espanhola vitimou cerca de 20 milhões de pessoas em todo o mundo. Nas discussões da comunidade médica acerca desta epidemia, a gripe espanhola foi constantemente confundida com outras doenças como a cólera, dengue e tifo, e apenas no final do mês de junho de 1918 que informações vindas de Londres esclareciam que se tratava de gripe ou influenza. Antes deste esclarecimento os médicos relutaram em considerá-la como sendo uma gripe, classificando-a como catarro epidêmico, enquanto outros diziam ser uma doença já conhecida, ou outra doença não-identificada. Os médicos que a chamavam de “gripe” utilizavam aspas na palavra, devido às informações desencontradas. A gripe era um mal cuja etiologia era então pouco conhecida, doença patogênica de cunho epidêmico menos estudado pela ciência médica do início do século XX, era considerada doença aguda de evolução rápida e geralmente benigna. No presente trabalho irei enfatizar a ineficácia da medicina-científica em plena “era bacteriológica”, no tratamento das pessoas acometidas pela epidemia de gripe no ano de 1918.

UMA PECULIARIDADE BRASILEIRA NA POLÍTICA DE SAÚDE PÚBLICA: O SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE (SUS) E A INCORPORAÇÃO DAS TERAPÊUTICAS ALTERNATIVAS

Lore Fortes, UFRN

loref45@hotmail.com

Inicialmente será apresentada uma breve contextualização da política pública de saúde no Brasil, adotada com o Sistema Único de Saúde (SUS), focalizando um aspecto dessa política: a introdução dos serviços de homeopatia, acupuntura e fitoterapia. A introdução dessas terapias no SUS e a evolução no Brasil representa um caso atípico se comparado com outros países e, no caso da oficialização dessas três terapias alternativas pelo SUS, representa uma peculiaridade do Brasil. Essa política foi apresentada em nível internacional, em 1995, no *First Meeting of International Study of Homeopathy*, realizado em Stuttgart, e como peculiaridade brasileira, foi identificada a introdução da homeopatia no SUS. Representa uma grande conquista social e o reconhecimento por parte do setor público e, portanto, merece uma análise mais aprofundada das Ciências Sociais. O artigo encerra com uma breve abordagem do Hospital de Medicina Alternativa de Goiânia (GO), único na América Latina a oferecer atendimento público em homeopatia, acupuntura e fitoterapia ayurvédica à população de baixa renda.

A GRIPE ESPANHOLA CHEGA A SÃO PAULO: LIMITES DA UTOPIA DA “CAPITAL DO CAFÉ”

Robson Mendonça Pereira, UEG

robsonper@terra.com.br

A versão oficial a respeito da pandemia de gripe espanhola que atingiu a capital paulista em fins de 1918 forneceu uma explicação que comparava a influenza aos surtos de pestes medievais, isentando qualquer autoridade da responsabilidade por um mal que teria acometido todos de forma igual. A estratégia deste discurso, incansavelmente reproduzido, era a de manter intacta a imagem do progresso e da riqueza fornecida pela cafeicultura e pela expansão industrial. Assim, procuramos desenvolver uma análise crítica a respeito desse processo de modernização de feição elitista e da ação da administração pública diante dos enormes desníveis sociais gerados por este processo. Essas contradições do modelo de modernização paulistano tornaram-se mais agudas em episódios como a Greve Geral de 1917 e a pandemia de gripe espanhola de 1918.

EDUCANDÁRIO AFRÂNIO AZEVEDO: O PREVENTÓRIO DE GOIÂNIA

Roseli Martins Tristão Maciel, UEG

roselitristao@yahoo.com.br

O Preventório Afrânio Azevedo, criado em Goiânia na década de 1940, destinava-se ao isolamento dos filhos dos moradores da Colônia Santa Marta. Esta prática foi iniciada no Brasil durante o governo Vargas, na perspectiva da denominada “lepra moderna”, conceito surgido com a descoberta da microbiologia. A abordagem fundamenta-se na bibliografia existente sobre o assunto e nas realizações efetivamente concretizadas, no que diz respeito às políticas públicas higiênicas/sanitárias, ambientais e educacionais direcionadas aos menores nascidos de leprosos que se estenderam por diversas cidades brasileiras. O processo de exclusão familiar e social imposto aos filhos de leprosos teve ampla aceitação da sociedade e fundamentava-se no discurso dos higienistas/sanitaristas difundidos, no Brasil do início do século XX, e utilizado pelo Interventor Pedro Ludovico Teixeira quando da construção de Goiânia.

VISÕES DO SERTÃO: AS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS DESCOBREM AS POPULAÇÕES INTERIORANAS E SUAS MAZELAS

Sônia Maria de Magalhães, UFG-PRODOC

soniademagalhaes@yahoo.com.br

O parecer da Comissão Exploradora do Planalto Central, chefiada por Luís Cruls no final do século XIX, sobre as condições de salubridade do Brasil Central é bastante positivo: “um verdadeiro paraíso”, “em que tudo é belo, agradável”. Contudo, as impressões negativas de Belisário Penna e Artur Neiva sobre essa região — algumas áreas comparadas ao verdadeiro “inferno de Dante” — a partir da campanha empreendida em 1912, teve grande repercussão, tornando-se referência fundamental para se discutir a identidade nacional. A grande mudança analítica presente na análise de Penna e Neiva quando confrontada com a da Comissão Cruls está na atribuição de responsabilidade ao governo pela apatia e pelo atraso do brasileiro. A sua improdutividade passava a ser justificada pela doença, decorrente do abandono das autoridades públicas.

O NEGRO AFRICANO EM VILA BOA DE GOIÁS NOS SÉCULOS XVIII E XIX: SAÚDE E DOENÇAS

Thiago Valério Callefi, UEG

thiagocallefi@hotmail.com

A presente comunicação visa apresentar dados da pesquisa que vem sendo realizada para elaboração de monografia de conclusão de curso de graduação em História, na Universidade Estadual de Goiás, onde discutiremos a saúde e as doenças dos negros que viveram em Vila Boa de Goiás nos séculos XVIII e XIX. Para a realização deste trabalho estão sendo levantados dados nos atestados de óbito e prontuários médicos dos séculos XVIII e XIX, existentes nos arquivos da Diocese e no Arquivo Frei Simão, ambos localizados na cidade de Goiás. A proposta é ampliar o debate sobre as condições de vida do escravo negro em Goiás, uma vez que, a produção historiográfica goiana pouco se dedicou a esta análise, abordando o estado de saúde dos escravos, os tipos de doenças os quais eram acometidos, bem como, a forma como eram tratados em suas convalescenças.

OS PRONTUÁRIOS DO HOSPÍCIO SÃO PEDRO: METODOLOGIA PARA FORMAÇÃO DE BANCO DE DADOS

Zelinda Rosa Scotti, UFPR

zelindars@terra.com.br

Para a confecção de minha dissertação de mestrado *Loucas Mulheres Alemãs: a loucura visitada no Hospício São Pedro (1900-1925)*, defendida em 2002, parte das fontes utilizadas foram prontuários médicos de um hospício. A apresentação dos prontuários do Hospício São Pedro localizado em Porto Alegre/RS, erros e acertos na coleta de dados destes documentos, bem como sugestões para transformar as informações apreendidas em dados para uma escrita histórica, são objeto de atenção deste trabalho.